



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE ENGENHARIA CIVIL,
ARQUITETURA E URBANISMO**

**CARACTERIZAÇÃO DA PAISAGEM CULTURAL DA REGIÃO
DE LIMEIRA (SP) COM BASE NO RECONHECIMENTO E
VALORIZAÇÃO DO SEU PATRIMÔNIO DE ENGENHARIA E
ARQUITETURA RURAL**

Juliana Binotti Pereira Scariato

Campinas

2009

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE ENGENHARIA CIVIL,
ARQUITETURA E URBANISMO**

Juliana Binotti Pereira Scariato

**Caracterização da paisagem cultural da região de Limeira (SP) com
base no reconhecimento e valorização do seu patrimônio de
engenharia e arquitetura rural**

Dissertação apresentada à Comissão de Pós-Graduação da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Campinas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Engenharia Civil na área de concentração de Recursos Hídricos, Energéticos e Ambientais.

Orientador:

Prof. Dr. André Munhoz de Argollo Ferrão

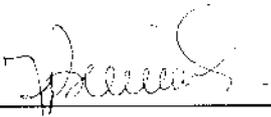
Universidade Estadual de Campinas

Campinas

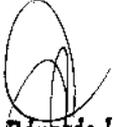
2009

ERRATA

Página	Folha	Onde se lê	Leia-se
ii	(Ficha Catalográfica)	Edson Favero	Edison Fávero
iii	(Folha Aprovação)	Edison Favero	Edison Fávero



Juliana Binotti Pereira Scariato


Prof. Dr. Cassio Eduardo Lima de Paiva
Coordenador de Pós-Graduação
FEC / UNICAMP
Matrícula 24.568-2

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA ÁREA DE ENGENHARIA E ARQUITETURA - BAE - UNICAMP

Sca73c Scariato, Juliana Binotti Pereira
Caracterização da paisagem cultural da região de Limeira (SP) com base no reconhecimento e valorização do seu patrimônio de engenharia e arquitetura rural / Juliana Binotti Pereira Scariato. --Campinas, SP: [s.n.], 2009.

Orientador: André Munhoz de Argollo Ferrão.
Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo.

1. Paisagem - Proteção. 2. Construções rurais. 3. Fazendas agrícolas. 4. Patrimônio histórico. 5. Planejamento territorial. I. Argollo Ferrão, André Munhoz. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

Título em Inglês: Characterization of the cultural landscape of the region of Limeira (SP) on the basis of the recognition and valuation of engineering and agricultural architecture

Palavras-chave em Inglês: Landscape protection, Farm buildings, Farms accounting, Historical property, Territorial planning

Área de concentração: Recursos Hídricos, Energéticos e Ambientais

Titulação: Mestre em Engenharia Civil

Banca examinadora: Edison Fávero, Vladimir Benincasa

Data da defesa: 22/12/2009

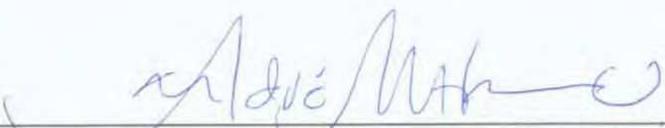
Programa de Pós Graduação: Engenharia Civil

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE ENGENHARIA CIVIL, ARQUITETURA E URBANISMO**

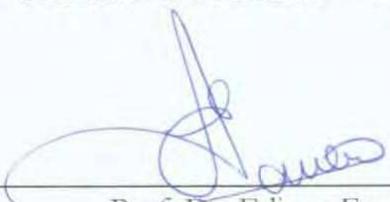
**Caracterização da paisagem cultural da região de Limeira (SP)
com base no reconhecimento e valorização do seu
patrimônio de engenharia e arquitetura rural**

Juliana Binotti Pereira Scariato

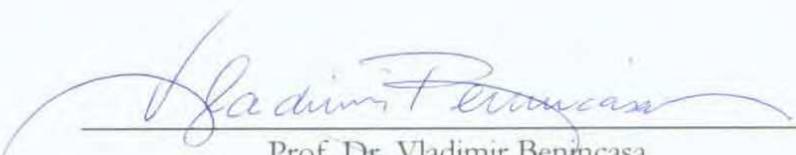
Dissertação de Mestrado aprovada pela Banca Examinadora, constituída por:



Prof. Dr. André Munhoz de Argollo Ferrão
Presidente e Orientador – UNICAMP



Prof. Dr. Edison Favero
UNICAMP



Prof. Dr. Vladimir Benincasa
USP – São Carlos

Campinas, 22 de dezembro de 2009.

Dedicatória

Aos meus pais Leda e Ary Levy,
Ao meu marido Giovanni,
E à minha querida filha Giovanna
Sem o amor e compreensão deles
Nada disto valeria à pena...

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. André Munhoz de Argollo Ferrão, que sem a sua amizade e gentileza em aceitar o meu plano de pesquisa nada disto seria possível. Obrigada pelas orientações e apoio, mesmos nos dias que achava que não haveria tempo suficiente para realizar tudo à que havia me proposto a desenvolver.

Meu muito obrigado ao primo e amigo Paulo Masuti Levy, que apresentou grande parte da documentação consultada, e estava sempre disposto a conversar sobre as fabulosas fazendas históricas e a nossa querida Família Levy. Descendentes dos Levy que chegaram como imigrantes alemães para trabalhar na cultura do café na Fazenda Ibicaba em 1857, assim como eu, Paulo também preserva a tradição e o amor às “coisas” do passado, um exemplo para a sociedade transloucada que não dá valor a mais nada. Juntos cultivamos a certeza de que através dos registros do passado poderemos entender um pouco melhor nosso presente, para assim como nossos antepassados, semearmos a perseverança que os trouxe um dia ao Brasil, com o sonho de um mundo melhor.

Meus sinceros agradecimentos aos proprietários da Fazenda Quilombo, Sr. Francisco Raphael de Araújo Ribeiro, e em especial à sua esposa, socióloga e pesquisadora Maria José de Araújo Ribeiro, de quem cultivo a amizade. Pessoa generosa, que muito contribuiu para a realização desta dissertação. As conversas tranqüilas e o gostoso cafezinho da fazenda, também são parte das minhas lembranças. Além do incentivo, Zezé foi responsável também pelo contato com alguns outros proprietários de fazendas que foram fundamentais para a pesquisa, e também pelo empréstimo de muitos documentos que serviram de consulta para compreender o cenário histórico das “fazendas históricas” pesquisadas.

Ao meu pai Ary Levy Pereira Júnior, responsável pelas histórias da família que tanto me encantavam e são, talvez, as responsáveis pela iniciativa desta pesquisa, que de certo modo, formaram em mim, a curiosidade em saber um pouco mais sobre a nossa própria história. De quem tenho muita admiração. À minha mãe Leda, que sempre me incentivou em meus empreendimentos, dando incentivo em buscar novos horizontes profissionais. Meu muito obrigado pelas longas horas de apoio e ajuda com a minha filha Giovanna, que sem a colaboração deles, seriam necessários longos anos para a conclusão de um projeto como este.

Ao meu marido, amigo e companheiro que sem a sua ajuda, nas atividades corriqueiras da vida diária, sem seu apoio psicológico, e sua contribuição às intermináveis visitas às fazendas, não seria possível finalizar esta dissertação.

E finalmente à minha filhinha Giovanna, a quem dedico esta pesquisa, desculpando pelos dias e noites ausentes, para possibilitar a dedicação quase exclusiva na concretização deste sonho...

RESUMO

SCARIATO, Juliana Binotti Pereira. *Caracterização da paisagem cultural da região de Limeira (SP) com base no reconhecimento e valorização do seu patrimônio de engenharia e arquitetura rural*. Campinas, SP: Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo – UNICAMP, 2009. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, UNICAMP, 2009.

Esta pesquisa tem por objetivo identificar, através de suas paisagens culturais, a arquitetura característica das propriedades rurais de sete fazendas históricas na região de Limeira, formadas a partir do século XIX, localizadas atualmente em quatro municípios, Limeira, Cordeirópolis, Iracemápolis e Santa Gertrudes, pertencentes à Bacia Hidrográfica dos Rios Piracicaba, Jundiá e Capivari. Estas fazendas formam o conjunto de “Fazendas Históricas” do programa turístico da Prefeitura Municipal de Limeira. Para reconhecimento do território pesquisado utiliza-se o Método de Pesquisa Orientada a Processos (Método POP), proposto por Argollo Ferrão (2004), baseado na visão de processos, para compreensão da ocupação territorial destas fazendas. Para a análise destas propriedades, utiliza-se tabelas, mapas, fotos e levantamentos de campo, que permitem identificar a arquitetura rural no processo de desenvolvimento agrícola. Esta caracterização “arquitetônica-ruralista” contribui para o reconhecimento da região como área destinada à preservação de “paisagens culturais”. Com base em estudo realizado para conhecimento da arquitetura remanescente de cada fazenda, realiza-se uma avaliação sobre a ordenação e ocupação deste território rural, facilitando a apreensão dos componentes existentes nos espaços das fazendas, hoje explorados pelo turismo ecológico.

Palavras-chave: Paisagem – Proteção, Construções rurais, Fazendas agrícolas, Patrimônio histórico, Planejamento territorial.

ABSTRACT

SCARIATO, Juliana Binotti Pereira. *Characterization of the cultural landscape of the region of Limeira (SP) on the basis of the recognition and valuation of its patrimony of engineering and agricultural architecture*. Campinas, SP: Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo – UNICAMP, 2009. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, UNICAMP, 2009.

This research has for objective to identify, through its cultural landscapes, the characteristic architecture of the country properties of seven historical farms in the region of Limeira, formed from century XIX, located currently in four cities, Limeira, Cordeirópolis, Iracemópolis and Santa Gertrudes, pertaining to the Hidrográfica Basin of Rios Piracicaba, Jundiá and Capivari. These farms form the set of “Historical Farms” of the tourist program of the Municipal City hall of Limeira. For recognition of the searched territory the Method of Guided Research is used the Processes (Method POP), considered for Argollo Sting (2004), based in the vision of processes, for understanding of the territorial occupation of these farms. For the analysis of these properties, one uses tables, maps, photos and surveys of field, that allow to identify the agricultural architecture in the process of agricultural development. This characterization “architectural-ruralista” contributes for the recognition of the region as area destined to the preservation of “cultural landscapes”. On the basis of study carried through for knowledge of the remaining architecture of each farm, one becomes fulfilled an evaluation on the ordinance and occupation of this agricultural territory, facilitating the apprehension of the existing components in the spaces of the farms, today explored for the ecological tourism.

Word-key: Landscape protection, Farm buildings, Farms accounting, Historical property, Territorial planning.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01 – Mapa de localização de rodovias.....	05
FIGURA 02 – Mapa da Região Administrativa de Campinas.....	05
FIGURA 03 – Mapa de Região Administrativa de Campinas.....	06
FIGURA 04 – Mapa da Macrometrópole Paulista.....	07
FIGURA 05 – Recorte Macrometropolitano – Eixo Piracicaba-Limeira.....	07
FIGURA 06 – Localização da área de estudo da pesquisa na Bacia dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiá.....	09
FIGURA 07 – Adaptação do mapa de relevo do município de Limeira.....	10
FIGURA 08 – Mapa das sesmarias (1823 – 1826).....	10
FIGURA 09 – Mapa do DER (2003).....	12
FIGURA 10 – Estação de Ibicaba.....	13
FIGURA 11 – Estação de Santa Gertrudes.....	13
FIGURA 12 – Modelo de Ficha de Inventário – Portugal	29
FIGURA 13 – Modelo de Ficha de Inventário – IPHAN.....	30
FIGURA 14 – Modelo de Ficha de Inventário – IPHAE – Rio Grande do Sul.....	31
FIGURA 15 – Modelo de Ficha de Inventário – IEPHA/Minas Gerais.....	32
FIGURA 16 – Modelo de Ficha de Inventário – IPAC/Bahia.....	33
FIGURA 17 – Modelo de Ficha de Inventário – INEPAC/ Rio de Janeiro.....	34
FIGURA 18 – Modelo de Ficha de Inventário – CONDEPHAAT/SP.....	35
FIGURA 19 – Modelo de Ficha de Inventário – Prefeitura de Itabirito/MG.....	36
FIGURA 20 – Modelo de Ficha de Inventário – Prefeitura de Piracicaba/SP.....	37
FIGURA 21 – Modelo de Ficha de Inventário – PUC-Campinas/SP.....	38
FIGURA 22 – Modelo de Ficha de Inventário – Prefeitura de Limeira/SP (2008).....	39
FIGURA 23 – Modelo de Ficha de Inventário – CONDEPHALI-Limeira/SP (2009).....	40
FIGURA 24 – Esquema de representação dos níveis de abordagem dos estudos em arquitetura rural.....	54

FIGURA 25 – Abordagem sistêmica e visão de processos.....	55
FIGURA 26 – Adaptação do Método de Pesquisa Orientada a Processos (Método POP).....	56
FIGURA 27 – Modelo de Ficha de Inventário – Base para pesquisa (folha 01/02).....	59
FIGURA 28 – Modelo de Ficha de Inventário – Base para pesquisa (folha 02/02).....	60
FIGURA 29 – Linha do Tempo.....	67
FIGURA 30 – Mapa esquemático de localização das sete “fazendas históricas”.....	159
FIGURA 31 – Croqui da implantação da Fazenda Ibicaba.....	162
FIGURA 32 – Vista geral da fazenda, década de 1920.....	163
FIGURA 33 – Vista geral da fazenda.....	163
FIGURA 34 – Implantação da fazenda.....	163
FIGURA 35 – Antiga casa-sede da fazenda (demolida).....	164
FIGURA 36 – Atual casa-sede da fazenda.....	164
FIGURA 37 – Colônia Vergueiro (demolida).....	164
FIGURA 38 – Carnaval na fazenda, década de 1930.....	164
FIGURA 39 – Vista da garagem e oficinas.....	164
FIGURA 40 – Vista posterior da casa-sede.....	164
FIGURA 41 – Vista do terreiro com casa de máquinas ao fundo.....	165
FIGURA 42 – Tulha nova.....	165
FIGURA 43 – Tulha velhas, com vista das passarelas.....	165
FIGURA 44 – Sistema construtivo “enxaimel”.....	165
FIGURA 45 – Vista interna da casa de máquinas.....	165
FIGURA 46 – Vista da senzala (subsolo das tulhas).....	165
FIGURA 47 – Torre do relógio.....	166
FIGURA 48 – “Locomóvel”, primeiro motor utilizado na fazenda.....	166
FIGURA 49 – Canal, localizado no meio da mata.....	166
FIGURA 50 – Cafezal da fazenda.....	166
FIGURA 51 – Escravos na lavoura de café.....	166
FIGURA 52 – Moeda utilizada na Fazenda Ibicaba.....	166
FIGURA 53 – Processo de secagem do café (terreiro).....	167
FIGURA 54 – Colonos no terreiro da fazenda.....	167
FIGURA 55 – Beneficiamento de café.....	167
FIGURA 56 – Terreiros, canais e peneiras.....	167

FIGURA 57 – Lavagem do café.....	167
FIGURA 58 – Sistema de canais, em ruínas.....	167
FIGURA 59 – Aqueduto para transporte de água e café.....	168
FIGURA 60 – Cocheira e paiol.....	168
FIGURA 61 – Vista geral da garagem.....	168
FIGURA 62 – Escola da colônia.....	168
FIGURA 63 – Vista geral de uma das colônias.....	168
FIGURA 64 – Casa-tipo de uma das colônias.....	168
FIGURA 65 – Croqui da implantação da Fazenda Santa Gertrudes.....	169
FIGURA 66 – Vista aérea da fazenda.....	170
FIGURA 67 – Atual casa-sede da fazenda.....	171
FIGURA 68 – Vista da casa-sede a partir do terreiro.....	171
FIGURA 69 – Vista da casa-sede a partir do lago.....	171
FIGURA 70 – Vista da tulha e casa de máquinas.....	171
FIGURA 71 – Vista das oficinas.....	171
FIGURA 72 – Vista interna da tulha.....	171
FIGURA 73 – Vista da capela.....	172
FIGURA 74 – Vista interna da capela.....	172
FIGURA 75 – Vista do terreiro, com colônia à direita.....	172
FIGURA 76 – Sistema de trilhos para vagonetes.....	172
FIGURA 77 – Vista da colônia.....	172
FIGURA 78 – Vista posterior da casa de máquinas e tulha.....	172
FIGURA 79 – Croqui da implantação da Fazenda Quilombo.....	175
FIGURA 80 – Vista aérea da fazenda, a partir do Morro Azul.....	176
FIGURA 81 – Vista geral da fazenda.....	176
FIGURA 82 – Vista geral da fazenda, a partir do terreiro.....	176
FIGURA 83 – Vista da antiga colônia.....	177
FIGURA 84 – Vista do lavador de café.....	177
FIGURA 85 – Vista geral do terreiro.....	177
FIGURA 86 – Vista do terreiro, ao fundo pórtico de entrada.....	177
FIGURA 87 – Palmeiras imperiais, pórtico entrada.....	177
FIGURA 88 – Alameda da entrada da fazenda.....	177

FIGURA 89 – Casa-sede.....	178
FIGURA 90 – Lateral da casa-sede.....	178
FIGURA 91 – Vista do paiol, atual salão cultural.....	178
FIGURA 92 – Casa do antigo administrador (reformada).....	178
FIGURA 93 – Casa de máquinas e tulha.....	178
FIGURA 94 – Casa de máquinas e tulha, fachada posterior.....	178
FIGURA 95 – Interior casa de máquinas.....	179
FIGURA 96– Vista interna da tulha.....	179
FIGURA 97 – Casa da colônia.....	179
FIGURA 98 – Colônia. Casa geminada.....	179
FIGURA 99 – Oficina.....	179
FIGURA 100 – Lavador de café.....	179
FIGURA 101 – Vista do escritório, com torre sineira.....	180
FIGURA 102 – Vista posterior do escritório.....	180
FIGURA 103– Cocheira.....	180
FIGURA 104 – Placa do Centro de Memória Histórica II.....	180
FIGURA 105– Croqui da implantação da Fazenda Tatu.....	182
FIGURA 106 – Vista da fachada principal da casa-sede.....	183
FIGURA 107– Vista interna de uma das salas da casa-sede.....	183
FIGURA 108 – Vista geral da fazenda.....	183
FIGURA 109 – Ruína da parede da antiga senzala.....	183
FIGURA 110 – Vista das antigas casas de moradia.....	183
FIGURA 111 – Vista da fachada principal da casa-sede da fazenda.....	184
FIGURA 112 – Casa de proprietário.....	185
FIGURA 113 – Casa de proprietário.....	185
FIGURA 114 – Casa antiga de colono.....	185
FIGURA 115 – Vista do conjunto de casas de moradia.....	185
FIGURA 116 – Antiga chaminé.....	185
FIGURA 117 – Fundação da antiga fábrica de aguardente.....	185
FIGURA 118 – Croqui da implantação da Fazenda Morro Azul.....	189
FIGURA 119– Fachada principal da Fazenda Morro Azul.....	189
FIGURA 120 – Detalhe da fachada principal.....	189

FIGURA 121– Lateral da casa-sede.....	189
FIGURA 122 – Avenida Marechal Rondon.....	189
FIGURA 123 – Avenida Dona Laura.....	189
FIGURA 124 – Detalhe da fachada posterior.....	189
FIGURA 125 – Gruta de pedras, vista a partir do salão principal.....	189
FIGURA 126 – Vista interna da grande sala dos fundos.....	190
FIGURA 127 – Vista interna da sala de visitas.....	190
FIGURA 128 – Vista interna da capela.....	190
FIGURA 129 – Detalhe para os móveis de época.....	190
FIGURA 130 – Bandeira da porta de entrada principal.....	190
FIGURA 131 – Bandeira externa (em ferro).....	190
FIGURA 132 – Vista da casa de banho, em ruínas.....	191
FIGURA 133 – Casa de banho, detalhe para a declividade.....	191
FIGURA 134 – Vista da “Casa de banho do Imperador”	191
FIGURA 135 – Detalhe para a banheira de mármore carrara.....	191
FIGURA 136 – Vista de um reservatório de água.....	191
FIGURA 137 – Vista do outro reservatório de água.....	191
FIGURA 138 – Vista do cafeeiro.....	192
FIGURA 139 – Croqui da implantação da Fazenda Itapema.....	194
FIGURA 140 – Fachada principal da casa-sede.....	195
FIGURA 141 – Vista da casa-sede.....	195
FIGURA 142 – Vista do lago Brasil.....	195
FIGURA 143 – Fachada principal da sede.....	196
FIGURA 144 – Detalhe para o alpendre.....	196
FIGURA 145 – Conjunto arquitetônico da fazenda.....	196
FIGURA 146 – Vista lateral da sede.....	196
FIGURA 147 – Lago da sede.....	196
FIGURA 148 – Vista da varanda.....	196
FIGURA 149 – Antiga senzala.....	197
FIGURA 150 – Tulha.....	197
FIGURA 151 – Escritório.	197
FIGURA 152 – Detalhe para o telhado da oficina.....	197

FIGURA 153 – Vista interna da antiga tulha.....	197
FIGURA 154 – Locomóvel.	197
FIGURA 155 – Vista interna da casa de máquinas.....	198
FIGURA 156 – Máquinas de café.	198
FIGURA 157 – Fábrica de pinga.....	198
FIGURA 158 – Interior da fábrica de pinga.....	198
FIGURA 159 – Laboratório.....	198
FIGURA 160 – Torre de prospecção de petróleo.....	198
FIGURA 161 – Croqui da implantação da Fazenda Citra.....	200
FIGURA 162 – Casa-sede da fazenda.....	201
FIGURA 163 – Pequeno museu.....	201
FIGURA 164 – Viveiro de mudas para comercialização.....	201
FIGURA 165 – Castanheira.....	202
FIGURA 166 – Mudas exóticas.....	202
FIGURA 167 – Produção de noz macadâmia.....	202
FIGURA 168 – Viveiro de mudas exóticas e ornamentais.....	202
FIGURA 169 – Espécies arbóreas.....	202
FIGURA 170 – Árvores e mudas exóticas.....	202
FIGURA 171 – Espécie 1.....	203
FIGURA 172 – Espécie 2.....	203
FIGURA 173 – Espécie 3.....	203
FIGURA 174 – Espécie 4.....	203
FIGURA 175 – Mapa da Microrregião de Limeira.....	205
FIGURA 176 – Casa-sede da Fazenda Santo Antonio.....	206
FIGURA 177 – Via Carola – Fazenda Santo Antonio.....	206
FIGURA 178 – Casa-sede da Fazenda Montevidéu.....	207
FIGURA 179 – Casa-sede da Fazenda E mpyreo.....	207
FIGURA 180 – Tulha e casa de máquinas da Fazenda Canguçu.....	207
FIGURA 181 – Fazenda Canguçu.....	207
FIGURA 182 – Fazenda Canguçu	207
FIGURA 183 – Casa-sede da Fazenda Santo Antonio do Valongo.....	207

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Análise comparativa entre os municípios estudados.....	08
---	----

TABELA 2 – Análise comparativa das fichas pesquisadas.....	43
TABELA 3 – Análise comparativa entre as fazendas estudadas.....	66
TABELA 4 – Análise comparativa entre as fazendas estudadas.....	160
TABELA 5 – Análise comparativa entre as fazendas estudadas.....	206

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	01
1.1	Contextualização histórica.....	02

1.2	Localização e dados geográficos.....	04
1.3	Contextualização do recorte territorial.....	11
2	OBJETIVOS.....	14
3	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	15
3.1	Conceitos sobre Arquitetura Rural.....	15
3.2	Conceitos sobre Paisagem Cultural.....	18
3.3	Fichas de Inventário do Patrimônio Cultural.....	26
3.3.1	Modelo de Ficha de Inventário – Portugal.....	29
3.3.2	Modelo de Ficha de Inventário – IPHAN.....	30
3.3.3	Modelo de Ficha de Inventário – IPHAE/RS.....	31
3.3.4	Modelo de Ficha de Inventário – IEPHA/MG.....	32
3.3.5	Modelo de Ficha de Inventário – IPAC/BA.....	33
3.3.6	Modelo de Ficha de Inventário – CONDEPHAAT/SP.....	34
3.3.7	Modelo de Ficha de Inventário – INEPAC/RJ.....	35
3.3.8	Modelo de Ficha de Inventário – Prefeitura de Itabirito/MG.....	36
3.3.9	Modelo de Ficha de Inventário – IPPLAP Piracicaba/SP.....	37
3.3.10	Modelo de Ficha de Inventário – PUC-Campinas/SP (1999).....	38
3.3.11	Modelo de Ficha de Inventário – Prefeitura de Limeira/SP.....	39
3.3.12	Modelo de Ficha de Inventário – CONDEPHALI-Limeira/SP.....	40
4	MATERIAL E MÉTODOS.....	52
4.2	Método de Pesquisa Orientada a Processos (Método POP).....	53
4.3	Ficha de Inventário do Patrimônio Cultural.....	57
5	RESULTADOS.....	65
5.1	Inventário do Patrimônio Cultural das Fazendas – IPAC-Fazendas.....	69
5.1.1	Ficha 001 – Fazenda Ibicaba.....	71
5.1.2	Ficha 002 – Fazenda Tatu.....	89
5.1.3	Ficha 003 – Fazenda Morro Azul.....	101
5.1.4	Ficha 004 – Fazenda Santa Gertrudes.....	115

5.1.5	Ficha 005 – Fazenda Itapema.....	126
5.1.6	Ficha 006 – Fazenda Quilombo.....	132
5.1.7	Ficha 007 – Fazenda Citra-Dieberger.....	150
6	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	157
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	204
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	160

1. INTRODUÇÃO

Tendo em vista a necessidade de reconhecer e valorizar o patrimônio histórico de nossas cidades, pretende-se com esta pesquisa identificar uma pequena parcela do conjunto patrimonial de fazendas históricas reconhecidas no território de quatro municípios vizinhos da Microrregião de Limeira (Limeira, Cordeirópolis, Iracemápolis e Santa Gertrudes), que possuem exemplares significativos da arquitetura rural do interior paulista, erguidos a partir do início do século XIX.

Trata-se aqui da caracterização da arquitetura rural de “sete fazendas históricas” escolhidas para compor o universo deste estudo, por possuírem importância histórica, arquitetônica e paisagística significativas para a região de Limeira. Seis das fazendas pesquisadas compõem o projeto turístico da Secretaria de Turismo “Conheça Limeira – Visita às Fazendas Históricas”, da Prefeitura Municipal de Limeira – SP, sendo elas as seguintes: Fazenda Quilombo, Fazenda Citra-Dieberguer e Fazenda Itapema, localizadas no município de Limeira; Fazenda Morro Azul, no município de Iracemápolis; Fazenda Ibicaba, no município de Cordeirópolis; e Fazenda Santa Gertrudes, no município de Santa Gertrudes. A sétima fazenda, a Fazenda Tatu, embora não faça parte do mencionado programa de turismo, é de grande importância histórica na formação do município de Limeira. Neste contexto, será designado o uso do termo “fazendas históricas” para o conjunto composto pelas sete fazendas relacionadas na pesquisa.

Utilizou-se, para o reconhecimento da arquitetura rural destas fazendas o Método de Pesquisa Orientada a Processos – Método POP¹, desenvolvido por Argollo Ferrão (2004), que se utiliza de quatro níveis de abordagem, desde a escala regional até o chamado nível agro-ecológico,

¹ ARGOLLO FERRÃO, André Munhoz de. *Arquitetura Rural dentro do contexto dos estudos sobre Patrimônio e Paisagens Culturais*. Barcelona [ESP]: ETSAB-UPC, 2004b. 29p. Relatório de Pesquisa de Pós Doutorado.

para caracterizar a ordenação de uma porção territorial através da compreensão dos processos produtivos que ocorrem sobre ela. A aplicação deste método levou à realização de um estudo da arquitetura voltada para o setor agro-industrial na região de Limeira, empregando-se os conceitos de “transdisciplinaridade” e “visão de processos”, que permitem o conhecimento do território a partir de diversas áreas que se correlacionam através do desenvolvimento agrícola: engenharia e arquitetura; ciências agrárias, sociais e econômicas; e das inter-relações entre o ambiente natural e o ambiente construído.

Nesse sentido a percepção da ordenação territorial, através do reconhecimento da evolução arquitetônica ocorrida nas propriedades, permitiu identificar o processo de transformação das paisagens onde estão localizadas. Dentre os objetivos propostos nesta pesquisa estão: a identificação da implantação de cada uma das sete propriedades e dos seus respectivos processos de produção compreendidos no território; o inventário imobiliário das sete fazendas; e a identificação de outras fazendas na mesma região que possam representar um conjunto de paisagens culturais significativas, visando o seu reconhecimento e valorização através de um possível “Parque Patrimonial”.

A partir dos resultados desta pesquisa, identificou-se a formação de um conjunto patrimonial de valor histórico-arquitetônico significativo, formado com base nos processos de ocupação do território de cada uma das sete fazendas, a partir do ciclo do café na região. O reconhecimento do valor cultural das fazendas estudadas, possibilitará o desenvolvimento de atividades econômicas, agro-industriais, turísticas e educacionais nas cidades envolvidas..

1.1. Contextualização histórica

A região de Limeira, assim como outras regiões do estado, teve em seu início o cultivo da cana-de-açúcar como principal atividade agrária, antes mesmo da concessão das sesmarias no estado. Nesta região, segundo o historiador Djama Forjaz (1924), a Sesmaria do Morro Azul² foi uma das

² A Sesmaria do Morro Azul foi demarcada e dividida em 1817, na qual teve partes o Senador Vergueiro, onde funda o Engenho do Ibicaba. (FORJAZ, p.28)

grandes produtoras de açúcar da província de São Paulo no século XIX³. Para o historiador Busch (1967) esta Sesmaria “foi sem dúvida a mais importante em área, qualidade de terras, produtividade e desenvolvimento populacional”⁴, e a partir de meados daquele século, com o cultivo do café, foi palco de grandes avanços tecnológicos da engenharia e arquitetura da produção, resultando num conjunto patrimonial significativo, que compõe a paisagem das fazendas que dela se desmembraram.

Entre final do século XVIII e início do XIX, alguns fazendeiros já plantavam cana-de-açúcar para comercialização nas fazendas abertas na região de Limeira. A partir deste evento iniciou-se o desenvolvimento econômico desta região, que contribuiu para o aparecimento do povoado de Nossa Senhora das Dores do Tatuhiby, que foi elevado à Freguesia em 1831, com a construção de uma capela em louvor à padroeira, dando início à futura cidade de Limeira. A doação das terras para formação da cidade, pertencente ao Capitão Cunha Bastos, fôra lavrada no Engenho do Ibicaba, de propriedade do Senador Vergueiro. Na fazenda do Capitão Cunha Bastos, conhecida como Fazenda Tatu, encontra-se um dos casarões mais antigos da região, construído por volta de 1810-1820, em taipa de pilão.

Para comercialização do açúcar produzido nesta Sesmaria do Morro Azul foi solicitada a abertura de uma estrada que fizesse a ligação da região do Morro Azul com Campinas. Assim a estrada foi concedida pelo Governador da Província, através do pleito de um grupo de fazendeiros, como Bento Manoel de Barros (Barão de Campinas); José Ferraz de Campos (Barão de Cascalho); Brigadeiro Manoel Rodrigues Jordão; encabeçados pelo importante Sr. Nicolau de Campos Vergueiro (Senador Vergueiro). A estrada Campinas-Morro Azul, como ficou conhecida, vai facilitar o crescimento do comércio e alavancar as atividades agrícolas de toda a região, interligando mais facilmente o sertão do Tatuhiby (Limeira) com a Capital da Província de São Paulo.

Desta data em diante deu-se o grande desenvolvimento da arquitetura rural desta região. Alguns dos antigos engenhos foram transformados em produtivas fazendas de café, que possibilitaram o desenvolvimento agrário, e posteriormente, industrial de toda a região. As fazendas de café são as pioneiras no processo de “industrialização”, beneficiado com a vinda dos imigrantes europeus, que vieram trabalhar nestas fazendas, trazendo novas técnicas de produção, como:

³ FORJAZ, Djalma. O Senador Vergueiro. Sua vida e sua época (1778-1859). São Paulo: Oficinas do Diário Oficial, 1924.

⁴ BUSCH, Reynaldo Kuntz. *História de Limeira*. Limeira: Prefeitura Municipal, 1967.

utilização de arado na plantação de café, eixo móvel para carroças e demais utensílios agrícolas. A oficina de Ibicaba fornecia máquinas e instrumentos para toda a região, posto que muitos imigrantes não tinham vocação agrícola, mas eram excelentes artesãos⁵. Por este motivo o café, considerado o “ouro da agricultura”, foi o grande responsável pelo crescimento do estado de São Paulo, proporcionando o progresso da própria nação.

Nestas “fazendas históricas” ocorreram importantes acontecimentos, como o da Fazenda Ibicaba, ao iniciar a implementação da primeira colônia de imigrantes, de cunho particular do Brasil, empreendimento que deu início à preparação do Estado de São Paulo e do Brasil, para a substituição do braço escravo pelo livre. Limeira é conhecida como o “Berço da Imigração Européia de Cunho Particular”⁶ promovida pelo Senador Vergueiro. A vinda de portugueses, a partir de 1840, e posteriormente, em 1847, com a introdução de alemães e suíços inicia-se o processo de colonização da região.

Algumas das fazendas estudadas tiveram importância nacional, devido ao bom relacionamento dos fazendeiros com a aristocracia que se instalava na política do país. A maioria destes fazendeiros possuía título de nobreza, e a região foi visitada inúmeras vezes por grandes personalidades, entre elas Dom Pedro II, a Princesa Isabel e o Conde D’eu. A “Imperial Fazenda Morro Azul”, tombada pelo CONDEPHAAT⁷ (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo), é conhecida como “Fazenda do Imperador”, por D. Pedro II ter ficado hospedado em seu casarão.

1.2. Localização e Dados Geográficos

A cidade de Limeira está localizada a 154 km a noroeste da cidade de São Paulo (via Rodovia Anhangüera SP330), 60,6 km de Campinas (via Rodovia Anhangüera SP330) e 36,7 km de

⁵ Histórico disponível em: <http://www.fazendaibicaba.com.br/historia.html>. Acesso em: set/2009.

⁶ REVISTA-GUIA. Conheça Limeira: Berço da Imigração Européia de Cunho Particular. Limeira: Prefeitura Municipal, 2003.

⁷ KAMIDE, Edna Hiroe Miguita (coord.) *Patrimônio cultural paulista*: Condephaat 1968-1998. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998. p.93 (Processo de Tombamento: Sede da Fazenda Morro Azul. Processo: 00320/73. Tomb.: Res. de 08/01/74. D.O.: 11/01/74)

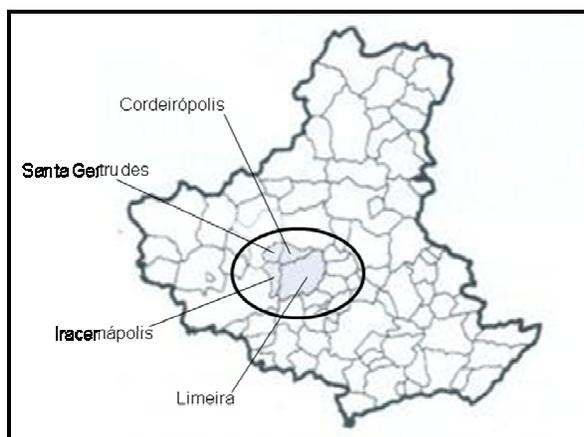


FIGURA 03 – Mapa da Região Administrativa de Campinas, com destaque para as cidades estudadas.
Fonte: Adaptado de Google Maps, 2008

O município de Limeira faz parte ainda do primeiro recorte macrometropolitano do Estado de São Paulo¹⁰, realizado pela Emplasa – Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano S.A., órgão ligado à Secretaria Estadual de Economia e Planejamento do Governo do Estado. Esse novo recorte constitui um conjunto urbano formado pelas três regiões metropolitanas – Grande São Paulo, Baixada Santista e Região Metropolitana de Campinas (RMC) – e mais três eixos: São José dos Campos, Sorocaba-Jundiá e Piracicaba-Limeira, englobando ao todo 102 municípios. Nesse estudo o eixo Piracicaba-Limeira, além das duas cidades, inclui ainda as cidades de Iracemápolis, Cordeirópolis, Santa Gertrudes, Rio Claro, Araras, Leme, Conchal, Mogi-Mirim, Mogi-Guaçu e Estiva Gerbi, e é considerada uma área de forte dinamismo social.

A idéia de “macrometrópole”¹¹ é recente, foi concebida ainda no século 20, e representava na ocasião um “ajuntamento urbano”, que passa a ser uma visão mais regional do planejamento urbano. A Emplasa considera oficialmente, segundo o jornal “Estado de São Paulo”¹² apenas o eixo São Paulo-Campinas, mas a entrada da Baixada Santista, do Vale do Paraíba e da região Piracicaba-Limeira será questão de poucos anos. A conurbação para essas áreas representaria um total de 28 milhões de habitantes.

¹⁰ GAZETA DE LIMEIRA. Limeira, 10 ago. 2008. Disponível em: <http://www.gazetadelimeira.com.br/noticia.asp?ID=8395>

¹¹ Compreende-se como macrometrópole “um conjunto de unidades regionais mais amplos RPIM – Região de Planejamento de Interesse Metropolitano, ou CME – Complexo Metropolitano Expandido, ou Macrometrópole”. Disponível em: <http://www.emplasa.sp.gov.br/portalemplasa/biblioteca%20virtual/catalogo/informacao/1.49%20ACOES.htm>.

¹² ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, ago. 2008.

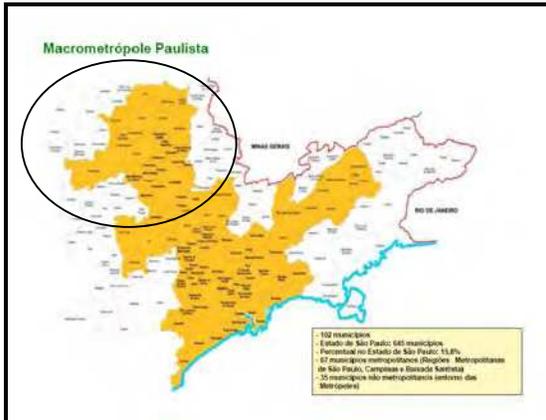


FIGURA 04 – Mapa da Macrometrópole Paulista
Destaque para o Eixo Piracicaba-Limeira
Fonte: Adaptado de Emplasa – Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano S.A., 2008.

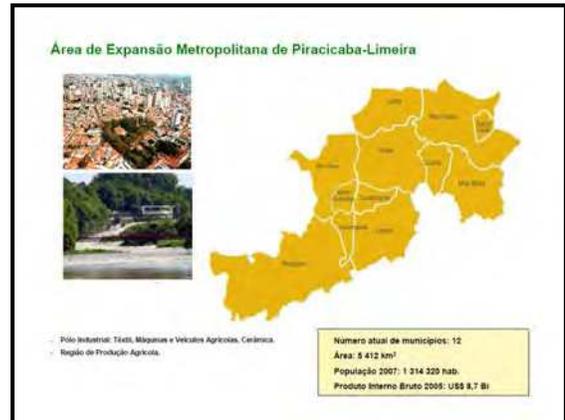


FIGURA 05 – Recorte Macrometropolitano – Área de expansão Metropolitana de Piracicaba-Limeira
Fonte: Adaptado de EEMPLASA – Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano S.A., 2008.

Segundo a Emplasa, a posição privilegiada de Campinas se completa com uma conurbação sem precedentes no Brasil, pois juntamente com as regiões metropolitanas de São Paulo e da Baixada Santista, e os novos eixos de São José dos Campos, Sorocaba-Jundiaí e Piracicaba-Limeira formam um total de 102 municípios. Esses aglomerados urbanos estão sendo reconhecidos pela Empresa Paulista como a primeira macrometrópole identificada no Brasil.

Este órgão estadual fez, em maio de 2008, um novo recorte considerando imagens de satélite que confirmaram que trata-se (devido a distância entre as manchas urbanas) de uma macrometrópole. Segundo o presidente da Emplasa, Jurandir Fernandes, estes municípios aglutinados possuem uma grande força empresarial, destacando-se em logística e tecnologia, sendo responsável por quase 60% do fluxo de mercadorias que circula pelo Estado de São Paulo.

O eixo Piracicaba-Limeira tem uma forte ligação com as regiões metropolitanas através do complexo viário Anhangüera-Bandeirantes, e a Anhangüera é reconhecida como uma “longa avenida urbanizada”. O município de Limeira possui uma localidade estratégica para o escoamento de produção, pois além dessas duas rodovias, a rodovia Washington Luís também corta seu território.

A informação referente identificação da “macrometrópole” reforça a importância da região, com relação ao reconhecimento da importância não só histórica da área, mas do potencial

econômico e tecnológico que poderá beneficiar, no futuro, a introdução de projetos histórico-culturais para os municípios envolvidos.

A localização geográfica das cidades estudadas nesta pesquisa é apresentada na Tabela 1 com suas latitudes, longitudes, áreas dos municípios e números de habitantes, onde também são comparadas as datas de formação dos povoados e criação dos municípios.

TABELA 1
Análise comparativa entre os municípios estudados
Formação dos povoados até fundação dos municípios / Localização geográfica / Altitude / Área quadrada / Número habitantes

Cidades	Formação(1) (povoado)	Distrito(1) (criação)	Fundação(2) (município)	Latitude(3)	Longitude(3)	Altitude (m)	Área (km ²) (3)	População (2007) (3)
LIMEIRA	início séc. XIX	-	. 1826 .	-22,56°	-47,40°	567 (4)	580,98	272.734 hab.
CORDEIRÓPOLIS	1890	1899 - Limeira	. 1948 .	-22,48°	-47,45°	651,13(5)	137,34	19.309 hab.
IRACEMÁPOLIS	1891	1923 - Limeira	. 1953 .	-22,58°	-47,51°	600,74(6)	115,95	18.026 hab.
SANTA GERTRUDES	1821	1916 - Rio Claro	. 1948 .	-22,45°	-47,52°	595(7)	97,69	19.044 hab.

Fonte: Internet

(1) Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/produtos/perfil/perfil.php>>. Acesso em: 20 nov. 2007.

(2) Disponível em: <<http://www.limeira.sp.gov.br>>. Acesso em 25.11.2007.

Disponível em: <<http://www.cordeiropolis.sp.gov.br>>. Acesso em: 25 nov. 2007.

Disponível em: <<http://www.iracemapolis.sp.gov.br>>. Acesso em: 25 nov. 2007.

Disponível em: <<http://www.santagertrudes.sp.gov.br>>. Acesso em: 25 nov. 2007.

(3) Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 17 ago. 2008.

(4) Disponível em: <<http://www.limeira.sp.gov.br/municipio/02.htm>>. Acesso em: 25 nov. 2007.

(5) Disponível em: <<http://www.cordeiropolis.sp.gov.br/link.php?id=3>>. Acesso em: 25 nov. 2007.

(6) Disponível em: <<http://www.iracemapolis.sp.gov.br/dadosgerais.php>>. Acesso em: 25 nov. 2007.

(7) Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Gertrudes>. Categoria: Municípios de São Paulo. Acesso em: 20 nov. 2007.

O desenvolvimento da Tabela 1 foi importante para compreender que, a relação entre as proximidades geográficas e as altitudes, proporcionou desenvolvimentos agrícolas similares, facilitados principalmente pela boa qualidade do solo nesta região.

Também foi possível identificar comparativamente que, a formação dos povoados de Limeira e Santa Gertrudes é contemporânea (mesmo que Santa Gertrudes tenha pertencido à Rio Claro até 1948, a formação de seu povoado foi bem anterior), reforçando a importância histórica das

fazendas, que foram precursoras às próprias cidades, apresentando ainda que os municípios de Cordeirópolis e Iracemópolis foram distritos de Limeira até os anos de 1948 e 1953. Pode-se observar também o tamanho (área) dos municípios, mostrando que a cidade de Limeira possui uma área quase cinco vezes maior que as outras, com um número de habitantes também superior às demais, o que a faz ter uma maior influência sócio-econômica nesta porção territorial.

A região, tomada como universo deste estudo pertence à Bacia Hidrográfica dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiá (Bacia PCJ), e possui uma área de aproximadamente 15.320 km², com 92% de sua área localizada no estado de São Paulo, estando o restante no estado de Minas Gerais. Dos quatro municípios estudados, três deles (Limeira, Cordeirópolis e Iracemópolis) fazem parte da Sub-bacia do Rio Piracicaba, enquanto Santa Gertrudes pertence à Sub-bacia do Rio Corumbataí.



FIGURA 06 – Localização da área de estudo da pesquisa na Bacia dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiá
Fonte: Adaptado do mapa do site.
Disponível em: <<http://www.marcadagua.org.br/imagens/piracicabag.gif>>

O Morro Azul é o divisor de águas destes municípios, sendo responsável pela divisão das sub-bacias. Ele é parte integrante do panorama desta região, marcando o cenário de algumas das fazendas estudadas. Desde o surgimento das sesmarias com o aparecimento dos primeiros povoados

que formaram as cidades, o Morro Azul foi referencial para viajantes e tropeiros durante as viagens pelo interior do estado, sendo reconhecido desde o século XVIII como ícone marcante na paisagem. Ele é o ponto mais alto da região, possuindo 831 metros de altitude¹³, em meio a uma região de depressão periférica. Por este motivo, entende-se que o Morro Azul é parte fundamental na “paisagem histórico-cultural” de algumas destas fazendas, formando um importante panorama visual nesta porção territorial.

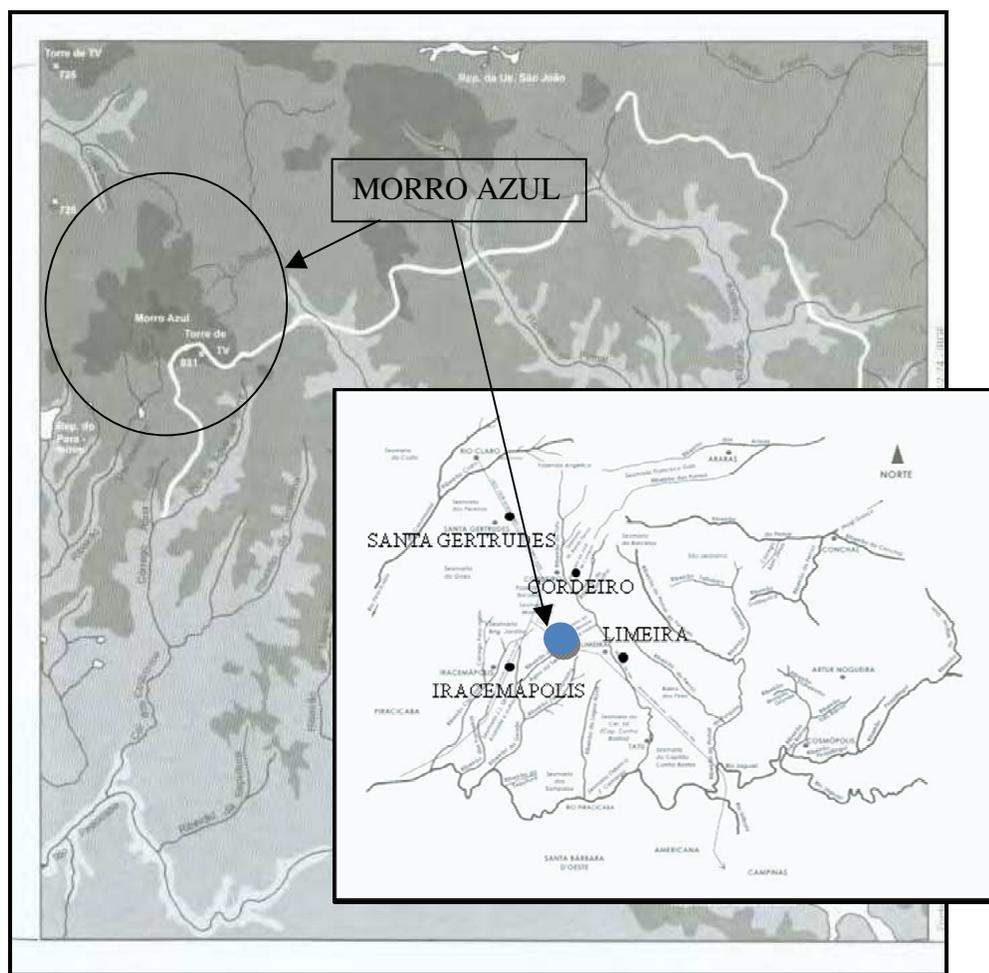


FIGURA 07 – Adaptação do mapa de relevo do município de Limeira, que apresenta altitudes que vão de 500 a 800 metros.

Fonte: REDONDANO (2000, p.45)¹⁴, Dynorah Cappi e outros. *Atlas municipal escolar*. 1a. ed. Limeira: Sociedade Pró-Memória de Limeira., 2000. p.45.

FIGURA 08 – Em destaque: Mapa das sesmarias que originaram os municípios estudados (1823-1826)
Fonte: BUSCH (2000, p.43)¹⁵

¹³ REDONDANO, Dynorah Cappi e outros. *Atlas municipal escolar*. 1ª.ed. Limeira, SP: Unigráfica, 2000.

¹⁴ Ibidem. p.45.

¹⁵ BUSCH, Reynaldo Kuntz. *História de Limeira*. Limeira: Prefeitura Municipal, 2000. p.43.

1.3. Contextualização do recorte territorial

Para a identificação das fazendas pesquisadas, procurou-se nos registros históricos, informações que possibilitassem a compreensão do cenário formado pelo conjunto arquitetônico das construções remanescentes localizadas nas “fazendas históricas”, como elemento de ordenação territorial.

O estudo da hidrografia foi importante para a compreensão do território, uma vez que a implantação das próprias fazendas levou em conta à disponibilidade da água, que era utilizada em várias fases do processo produtivo, e que contribuiu para o sucesso da atividade cafeeira na região. Dentre os processos agrícolas ocorridos nas fazendas foram investigados os mais importantes, desde a formação dos primeiros engenhos de açúcar do século XVIII e início do XIX, passando pela cultura do café até o retorno da cana-de-açúcar como matriz do álcool etanol, nos dias atuais. Além destas atividades agrárias, a região desenvolveu também outros produtos, sendo o ciclo econômico da laranja outro grande marco da agricultura na região, mas que não deixou edificações importantes no território destas fazendas, ao contrário do café.

O universo da pesquisa está relacionado ao projeto turístico implantado pela Prefeitura Municipal de Limeira, pois percebeu-se que era necessário um estudo mais aprofundado sobre as “fazendas históricas” visitadas pelo projeto, que careciam de mais informações a respeito da arquitetura e da paisagem onde estão localizadas. Com o apoio da Embratur – Empresa Brasileira de Turismo (empresa estatal do governo brasileiro) em 1998, o projeto turístico de Limeira passou a fazer parte do programa de turismo rural explorado pela Secretaria de Turismo do município, através da Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo. Esta iniciativa deu-se com o intuito de valorizar o cenário histórico-cultural da região, proporcionando um desenvolvimento turístico-regional sustentável.

O mapa apresentado na Figura 09 adaptado do DER (Departamento de Estradas de Rodagens), apresenta a localização de quatro das fazendas estudadas na região de Limeira, sendo elas: Fazenda Quilombo, Fazenda Santa Gertrudes, Fazenda Ibicaba e Fazenda Morro Azul. Na ocasião (2003) as Fazendas Citra-Dieberguer e Itapema não faziam parte deste programa turístico, pois ainda

não estavam aptas a receber turistas, sendo incorporadas ao projeto somente mais tarde. Já a Fazenda Tatu, embora muito importante historicamente para a cidade de Limeira, ainda hoje não pertence a esse programa, pois o prédio não possui estrutura física para atender a demanda do turismo.

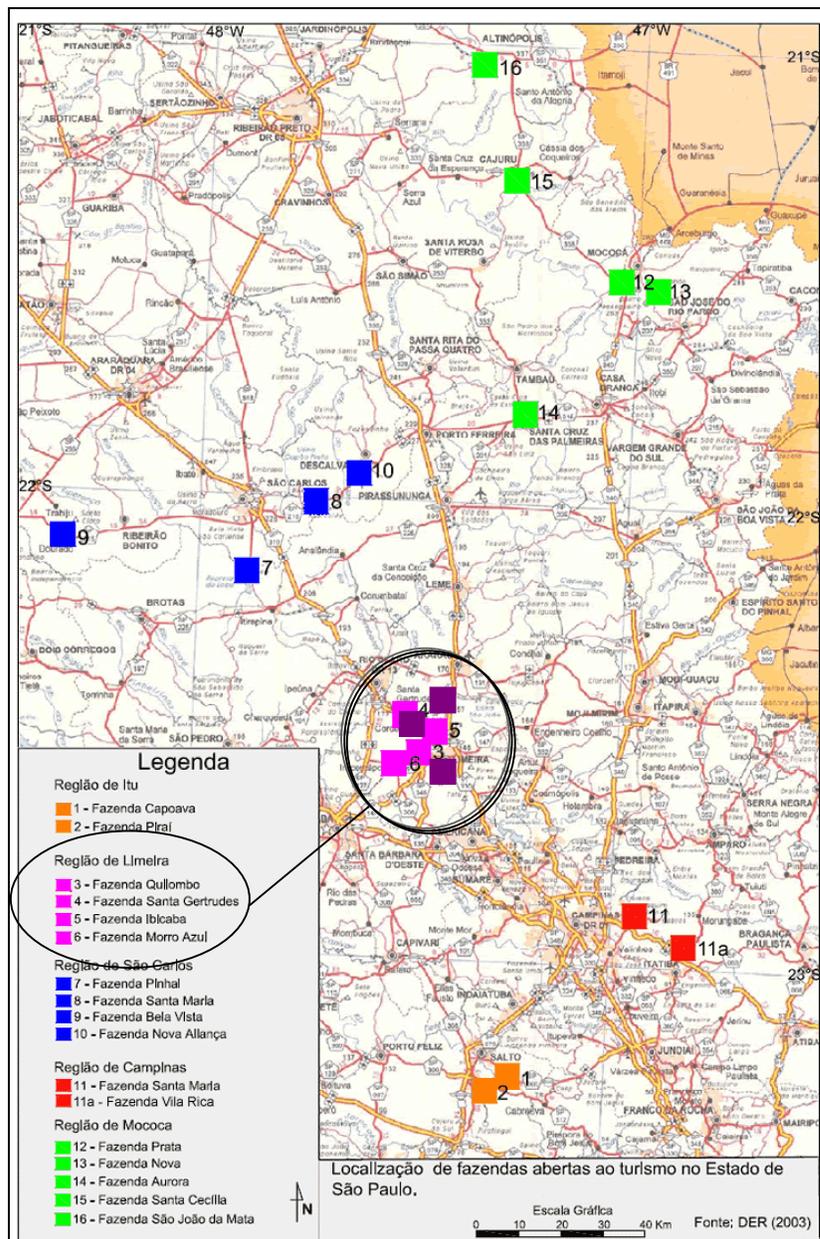


FIGURA 09 – Mapa adaptado do DER.
Localização de fazendas abertas ao turismo no Estado de São Paulo.
Fazendas Citra-Dieberger, Itapema e Tatu.
Fonte: DER (Departamento de Estradas de Rodagem), 2003.

Tem-se ainda na região, a forte presença da ferrovia, que com o desenvolvimento da atividade cafeeira, a partir do quarto quadrante do século XIX, fez com que a linha férrea chegasse aos municípios estudados, para atender a demanda da cafeicultura, possibilitando o escoamento da produção até o porto de Santos para ser exportado. A chegada do trem à região foi financiada por ricos fazendeiros, estando algumas estações dentro das próprias fazendas, como no caso da Fazenda Santa Gertrudes e da Fazenda Ibicaba.

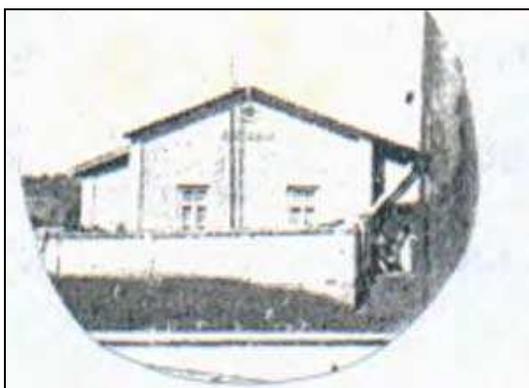


FIGURA 10 – Estação de Ibicaba, (demolida)
Linha-tronco km111,006

Fonte: Disponível em:

<http://www.estacoesferroviarias.com.br/i/ibicaba.htm>



FIGURA 11 – Estação de Santa Gertrudes, 1887 (desativada)
Linha-tronco km125,992

Fonte: Disponível em:

<http://www.estacoesferroviarias.com.br/s/stagertrudes.htm>

A estação de Santa Gertrudes foi aberta em 1887, ainda no município de Rio Claro, para atender principalmente à Fazenda Santa Gertrudes. A estação de Ibicaba foi aberta em 1896, e ficava junto à Fazenda Ibicaba¹⁶. Estas estações não foram consideradas parte do conjunto arquitetônico das “fazendas históricas” nesta pesquisa, por não serem de propriedade das fazendas, mas sim da antiga Companhia Paulista de Estradas de Ferro, e desde 1998 da Rede Ferroviária Federal.

Estas fazendas podem ser reconhecidas como grandes empresas rurais e as contribuições destas “indústrias agrícolas” foram importantes para o desenvolvimento da ciência, da indústria, da arquitetura, da agricultura e da cultura do próprio povo.

¹⁶ O histórico e muitas informações a respeito de antigas estações ferroviárias e ramais férreos estão disponíveis no site:
<<http://www.estacoesferroviarias.com.br>>

2. OBJETIVOS

Neste estudo busca-se caracterizar a paisagem cultural rural das fazendas históricas da região de Limeira, e apresentar resultados que permitam compreender a *arquitetura rural* destas propriedades tal como propõe o Método de Pesquisa Orientada a Processos, servindo como base para futuros projetos de desenvolvimento regional que utilizem os recursos patrimoniais aliados aos recursos ambientais visando a sustentabilidade do patrimônio edificado.

Os objetivos da pesquisa são:

- 1) Identificar e caracterizar as sete fazendas históricas mais representativas da região de Limeira, formadas a partir do desmembramento da antiga Sesmaria do Morro Azul.
- 2) Inventariar a arquitetura rural das sete fazendas históricas mais representativas da região de Limeira, identificadas e caracterizadas nesta pesquisa.
- 3) Identificar um conjunto de fazendas históricas localizadas na Microrregião Administrativa de Limeira, composta por oito municípios (Araras, etc.) visando uma possível conformação de um “Parque Patrimonial”.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Neste capítulo, introduzem-se os conceitos principais utilizados nesta dissertação, através de linhas de pesquisa, metodologias e abordagens que se tornaram fundamentais para a compreensão do universo pesquisado.

A revisão bibliográfica, assim como o levantamento de fichas cadastrais de inventário utilizadas por órgãos de preservação, possibilitou o desenvolvimento de ficha própria para a análise da “arquitetura rural” no processo de reconhecimento das sete fazendas estudadas.

3.1. Conceitos sobre Arquitetura Rural

Pode-se imaginar arquitetura rural como o típico conjunto de construções agrícolas: as coqueiras, os barracões de mudas, as oficinas, etc., mas dificilmente se pensa no contexto dos processos de trabalho agrícola. Encontra-se na história da arquitetura, diversos autores escrevendo sobre a habitação e o modo de morar no período cafeeiro¹⁷ (LEMOS, 1999), mas sem que se tenha uma preocupação maior com o entendimento do contexto agrário como uma unidade de processos produtivos aglutinados, gerando construções únicas, capazes de abrigar atividades específicas que aconteciam dentro das fazendas.

¹⁷ LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. *Casa Paulista: história das moradias anteriores ao eclétismo trazido pelo café*. São Paulo: EDUSP, 1999.

Para Argollo Ferrão (2004b, p.7)¹⁸ o que “se tem chamado arquitetura rural abrange todos os aspectos relacionados ao ambiente rural construído, voltados direta ou indiretamente para a produção, no âmbito dos diversos complexos produtivos que compõem o Complexo Agroindustrial-Comercial, ou o agribusiness de um país ou região”.

Compreende-se o complexo rural como um núcleo industrial, onde a propriedade abrange construções específicas para cada necessidade da produção agrícola, fazendo com que estas construções devam ser edificadas de acordo com o processo produtivo a que se destinam (ARGOLLO FERRÃO, 2004b). No caso da cultura do café, por exemplo, pode-se considerar a “arquitetura rural como a arquitetura da produção cafeeira”, principalmente nas fazendas que possuem uma paisagem significativamente marcada pela passagem deste cultivo sobre o território.

A compreensão do processo de produção agrícola inicia-se a partir da chegada da semente (ou muda) ao campo, passando pela colheita e beneficiamento da produção, tendo como finalidade a comercialização. Todo processo agrícola possui uma arquitetura específica, própria para cada atividade agrária, que Argollo Ferrão (2004b) define como “arquitetura rural”.

Esta conceituação de “arquitetura rural” é relativamente nova, sendo que na literatura é difícil encontrar estudos que trabalham a “arquitetura rural” pelo enfoque da “arquitetura de processos de produção”. As construções rurais raramente tiveram muita importância como “arquitetura”. Para Argollo Ferrão (2004b, p2.):

“a arquitetura rural, e particularmente a arquitetura destinada à produção rural, a qual passamos a chamar de arquitetura agrícola, nunca foi objeto de estudos contínuos e sérios por parte das instituições de pesquisa e desenvolvimento tecnológico voltadas para o setor agro-industrial; e nem tampouco de entidades especializadas em estudos avançados de arquitetura e construção civil.”

Para se compreender a “arquitetura rural”, principalmente quando se pensa o termo “rural”, que não envolve somente a área da agricultura, há que se entender todo o processo de produção agroindustrial.

¹⁸ ARGOLLO FERRÃO, André Munhoz de. *Arquitetura Rural dentro do contexto dos estudos sobre Patrimônio e Paisagens Culturais*. Barcelona [ESP]: ETSAB-UPC, 2004b. 29p. Relatório de Pesquisa de Pós Doutorado.

A arquitetura rural resulta de uma série de processos onde diversas atividades acontecem. O desenvolvimento destas atividades, a partir da Revolução Industrial, vem modificar consideravelmente o desenho nas diversas escalas da arquitetura rural, e isto fica claro quando se enfoca os “processos de produção”.

O progresso científico e tecnológico presente na agricultura induz a projetos específicos para cada demanda, através do uso de materiais alternativos, processos construtivos padronizados, materiais ecologicamente corretos, alta tecnologia, custo baixo de produção e facilidade de manutenção (ARGOLLO FERRÃO, 2004b). Neste contexto, processos são modificados e outros transformados pela nova tecnologia, fazendo com que algumas edificações passem a ser reconhecidas como patrimônio cultural, servindo de “modelo” para determinados processos de produção, referenciando uma sociedade ou grupo de pessoas.

O processo da produção pode ser compreendido no âmbito de um “núcleo industrial”, onde as estruturas edificadas foram construídas para abrigar algum tipo de maquinário, demonstrando assim a existência de um “conjunto arquitetônico industrial”, podendo ser verificada a localização correta de cada equipamento utilizado no processo produtivo.

As construções presentes numa determinada propriedade, juntamente com sua área envoltória (seu entorno) são importantes para a compreensão de cada etapa do processo produtivo correspondente. Elas possibilitam a análise sobre o conjunto das construções rurais, a existência de informações referentes aos respectivos projetos arquitetônicos, tipos de construção, técnicas construtivas e materiais utilizados, etc. A compreensão desses espaços permite descobrir a existência de diretrizes, projetos, ou características arquitetônicas peculiares que produziram edificações expressivas, do ponto de vista arquitetônico ou de engenharia.

A paisagem natural pode ser percebida como espaço único da natureza. A paisagem agrícola como espaço da intervenção humana, conformado pelo desenho da plantação e sua relação com as construções do processo de produção. Para Argollo Ferrão (2004a)¹⁹ deve-se entender o relação entre as construções e a paisagem natural, que compõe o processo de uma produção agrícola. Na arquitetura do café esta relação é muito “visível”, pois são facilmente encontrados os remanescentes

¹⁹ Ibidem. 2004a.

presentes no território desta produção rural: os terreiros, as tulhas, as casas de máquinas, a casa grande, as senzalas, as colônias, e os demais barroços de atividades interligadas ao processo agrário (ARGOLLO FERRÃO, 2004a)²⁰.

Para entender mais claramente todo este processo, analisa-se a ‘arquitetura da produção’ como uma evolução²¹, onde os “processos culturais” e os “processos produtivos” se transformam ao longo do tempo, desenvolvendo-se e modificando-se de maneira progressiva e simultânea, o que Argollo Ferrão (2004^a) chama de “*coevolução*”. Neste sentido, procura-se enxergar as relações entre os processos identificados no campo de estudo. A “integração” entre estes processos é a palavra-chave para o desenvolvimento no campo da “nova arquitetura rural”, com base na formação de um conjunto harmonioso e coerente, que complementa-se para reconhecer e valorizar um patrimônio cultural.

A compreensão dos processos que se realizam sobre uma porção territorial remete ao conceito de “lugar”, que representa, cada vez mais, um desafio para o entendimento contemporâneo, examinando-se os modos de apropriação do espaço, do ambiente, tratando de descobrir os sentidos, não somente sobre a dimensão geográfica.

3.2. Conceitos sobre Paisagem Cultural

O conceito de paisagem cultural vem sendo cada vez mais abordado dentro do meio científico, nas mais diversas disciplinas. No final do século XIX as bases da geografia cultural começaram a serem estabelecidas, quando o geógrafo Ratzel introduz o termo cultura, com a finalidade de estudar as relações entre a sociedade e meio ambiente. Assim, desde os seus primórdios a geografia humana contém um componente cultural (CLAVAL, 1999, p.19-20), constituindo a geografia cultural como um sub-campo da geografia humana, tendo como objeto de interesse a

²⁰ Ibidem. 2004a

²¹ Pode-se compreender “evolução” como o “processo de desenvolvimento e aperfeiçoamento de um saber”; “processo de modificação ao longo do tempo”; “mudança progressiva de posição ou de natureza no espaço e no tempo”. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbeta=evolu%E7%E3o&styp=k&x=13&y=11>.

diversidade do meio ambiente transformado pelo homem (WAGNER & MIKESELL, 1962, cap.VII).

A cultura como objeto de estudo da geografia cultural não tem-se limitado a geografia, devendo-se o progresso das pesquisas realizadas nesse campo, aos movimentos através de fronteiras disciplinares comuns, como a antropologia, arqueologia, ecologia e história. (WAGNER & MIKESELL, 1962, cap.VIII)

No século XX, o geógrafo Carl Sauer (1925)²², da escola de Berkeley propõe um estudo sobre paisagem utilizando as dimensões culturais. Nessa perspectiva de abordagem, era privilegiada a análise das técnicas dos utensílios e das transformações das paisagens, ou seja, dos aspectos materiais, utilizados pelo homem, de forma a modificar o ambiente natural visando torná-lo mais produtivo. A finalidade dos estudos geográficos para Sauer era analisar as paisagens culturais, e a morfologia física deveria ser vista como um meio, transformada pelo agente que é a cultura (SAUER, 1998, p.59).

Aspectos e abordagens sobre paisagens culturais

O termo paisagem cultural passa a ser abordado por Sauer em a “Morfologia da Paisagem” (1925). Para ele, *“uma paisagem cultural é o resultado da ação de um grupo social sobre a paisagem natural”*. A paisagem natural, quando em contato com o homem é modificada. Mediante sua cultura, o homem interfere em sua morfologia, alterando-a ou até mesmo destruindo-a.

“A cultura é o agente; o natural o meio; a paisagem cultural é o resultado” (SAUER, 1925)

O conceito de cultura adotado por Sauer foi baseado nos conceitos dos antropólogos Kroeber e Lowie, o que provocou críticas entre alguns geógrafos adeptos da Nova Geografia Cultural, como a do geógrafo Duncan, com relação ao fato dos geógrafos americanos conceberem o conceito de cultura como *“entidade superorgânica”* (DUCAN, 1980, p.182).

²² SAUER, Carl. SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

Tanto Sauer como seus discípulos partiam do pressuposto da separação entre o indivíduo concebido como um simples *“agente de forças culturais”* (DUCAN, 1980, p.181-184). Nesse sentido era a cultura que determinava as ações dos indivíduos. Os novos geógrafos culturais pregavam que a cultura é diversificada e estava em constante transformação, e criticavam o modo de ver de Sauer, da cultura como elemento global e estático.

“A paisagem é uma forma de processo cultural” (DUCAN, 1994).

Segundo CLAVAL (1999a, p.10), o conceito de cultura proposto por Sauer não só tinha uma visão global e estática, como também não explorava nem interpretava os elementos utilizados por aqueles que são os portadores da cultura.

A obra de Sauer apesar das críticas que recebeu, representa uma grande contribuição ao pensamento geográfico, ao fazer da paisagem um dos seus conceitos-chave, assim como incentivando e divulgando o termo *“paisagem cultural”*.

Durante as décadas de 1950 e 1960, os estudos da paisagem não foram predominantes. Somente na década de 1970 a paisagem volta a ser conceito-chave na geografia, só que inserida em abordagem que considera aspectos subjetivos, ou seja, através da análise do seu significado.

A UNESCO²³ (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) vem retomar as discussões sobre paisagem cultural, em sua convenção de 1972, ocasião em que se determinaram instrumentos para proteger locais naturais e culturais de valor universal, já que era cada vez maior a necessidade de se preservar, com uma sociedade mais complexa e crescendo de forma acelerada, modificando processos sociais e econômicos. Exigiu-se assim a utilização de um conjunto maior de instrumentos urbanísticos, ambientais, jurídicos e tributários para preservar bens, valores e manifestações culturais, como também um novo perfil de comportamento de gestores e cidadãos. A característica fundamental, dos instrumentos de proteção propostos pela UNESCO, é a ocorrência, dentro de uma fração territorial, de um convívio melhor entre a natureza, os espaços construídos e ocupados, os modos de produção e as atividades sociais e culturais.

²³ Disponível em: <http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=29008&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html>

Ao estabelecer os contornos de uma paisagem cultural, suas principais características e atividades, está se reconhecendo e outorgando valor a um sistema de processos e práticas que, para manter esta qualidade, não precisa ser imutável, mas observar preceitos e normas que impeçam a descaracterização, sem restringir sua evolução.

Dentro do foco de discussão acadêmica a paisagem cultural volta a ser discutida na década de 1990. Em outubro de 1992, em La Petite Pierre, na França, houve um encontro para se reescrever as diretrizes operacionais da UNESCO, para que a paisagem cultural fosse incluída dentro do âmbito de patrimônio mundial (FOWELER, 2003). Neste encontro ficou definido que:

Paisagens culturais são ilustradores da evolução da sociedade humana e povoados sobre o tempo, sob a influência de forças físicas, e/ou oportunidades, apresentadas pelo ambiente natural, e uma sucessão de forças sociais, econômicas e culturais, tanto externas quanto internas. As paisagens culturais, para serem denominadas Patrimônio Mundial, devem ser selecionadas (pelo Comitê de Patrimônio) com base na notabilidade de seu valor universal e sua capacidade de ilustrar os elementos culturais essenciais e distintos de certas regiões (UNESCO, 2002).

Para o reconhecimento das paisagens culturais por parte da UNESCO, foi realizada uma conferência, durante a 17ª Reunião da Comissão do Patrimônio Mundial, na Colômbia, onde surgiu a primeira designação de paisagem cultural: o Parque Nacional de Tongarico, na Nova Zelândia.

As paisagens culturais se referem à ação conjunta do homem e da natureza, essa fusão as origina, revelando o desenvolvimento das comunidades humanas, muitas vezes com valores universais excelentes. As classificações segundo a UNESCO (1993) são:

1. Paisagens claramente definidas (clearly defined landscape): são aquelas, intencionalmente concebidas e criadas pelo homem, e que engloba as paisagens de jardins e parques criadas por razões estéticas que geralmente estão associadas a construções ou conjuntos religiosos;
2. Paisagem evolutiva (organically evolved landscape): ocorre através de uma exigência social, econômica, administrativa e/ou religiosa e atingiu a sua forma atual por associação em resposta ao seu ambiente natural. Esse tipo de paisagem pode ainda ser dividida em duas subcategorias: a paisagem relíquia ou fóssil (relict or

fóssil landscape), cujo processo de construção terminou algum tempo passado, mas que ainda é visível como vestígio material; e a paisagem contínua (continuing landscape), como aquela que possui um papel ativo na sociedade contemporânea, associada a formas de vida tradicionais, em que processos evolutivos ainda estão em progressão;

3. Paisagem cultural associativa (associative cultural landscape): paisagem que mostra uma potente associação cultural, religiosa, ou artística, com elementos naturais, mais sem uma clara evidência física, geralmente insignificante ou mesmo inexistentes.

O National Park Service²⁴ é uma entidade que reconhece e ampara paisagens culturais, dando assistência principalmente àquelas ameaçadas de destruição ou estado de decadência. Segundo o National Park Service (1970)²⁵ são definidas quatro tipos de paisagens:

1. Historic Site: paisagem que tem relação com algum acontecimento histórico, uma atividade ou um personagem. Ex: campos de batalha, propriedades e casas presidenciais;
2. Historic Designed Landscape: paisagem projetada por um paisagista, jardineiro, arquiteto ou horticultor, de acordo com certos princípios de desenho, ou seguindo um estilo ou tradições locais. A paisagem pode se associar com uma pessoa, uma tendência ou um acontecimento significativo, ou ilustrar um desenvolvimento importante;
3. Historic Vernacular Landscape: paisagem que evoluiu com o uso do homem, cujas atividades e ocupações lhe deram forma (complexos industriais, assentamentos rurais, paisagens agrícolas);
4. Ethnographic Landscape: paisagens que contêm diversos elementos naturais e culturais, em que seus habitantes reconhecem como recursos patrimoniais (sítios sagrados, estruturas geológicas).

Recentemente as discussões sobre paisagem cultural tomaram um novo fôlego. Em 2001, professores e pesquisadores do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) e da *Universitat Politècnica de Catalunya* (UPC), criaram o Laboratório Internacional de Paisagens Culturais, com o objetivo de desenvolver pesquisas e promoções na área da paisagem cultural. Em 2004, Joaquín Sabaté Bel, professor do Departamento de Urbanismo e Ordenação Territorial da Escola Técnica Superior de

²⁴ Disponível em: <<http://www.nps.gov/>>

²⁵ Disponível em: <<http://www.nps.gov/aboutus/history.htm>>

Arquitetura de Barcelona, pertencente à Universidade Politécnica da Catalunha, introduz novos conceitos sobre paisagens culturais. Sabaté (2004) apresenta um texto intitulado “*¿Paisajes culturales, consecuencia de la postmodernidad?*”²⁶, onde desenvolve os conceitos sobre paisagem cultural e patrimônio cultural.

A idéia de conservar o patrimônio herdado de gerações anteriores é relativamente moderna. A paisagem cultural para Sabaté “*é um âmbito geográfico associado a um evento, a uma atividade ou a personagens históricos, que contém valores estéticos e culturais*”, e ainda a “*paisagem cultural é um vestígio do trabalho sobre o território, algo assim como um “memorial do trabalhador desconhecido”*”. (SABATÉ; FRENCHMAN; SCHUSTER, 2004).

Sabaté demonstra o quanto é importante não só a preservação do patrimônio, como também promover a educação e as atividades recreativas, e dessa forma favorecer um novo desenvolvimento econômico, através das paisagens culturais, já que começam a surgir as “Paisagens da Pós-Modernidade”. Para ele, essas paisagens são consequência sócio-espacial marcada pela crescente globalização, que vem causando o fenômeno de fragmentação (social, de gênero). O resultado seria a proliferação dos “não-lugares” (estações, ferrovias, aeroportos, grandes locais comerciais), em contrapartida aos “lugares” (espaços públicos com um forte peso histórico e identidade). Assim a globalização vem trazer cenários banalizados, por isso a importância de se discutir as paisagens culturais para que a identidade e a memória do território não se percam com o tempo.

Os “não-lugares” para Sabaté possuem relação direta com o fenômeno de fragmentação, onde os espaços públicos relacionados, principalmente à área de transportes, são apenas espaços de passagem, não permitem mais a permanência e a convivência em os indivíduos. São espaços típicos da globalização da vida moderna, que traduzem exatamente a relação do homem com o ambiente nada acolhedor. Em contraponto encontram-se os “lugares”, que são exatamente os lugares que permitem uma relação mais direta com as pessoas. Estes espaços são formados a partir do reconhecimento da sociedade por sua própria história, através de construções representativas da identidade do povo, são os patrimônios históricos com valores estéticos e culturais, as paisagens culturais relevantes, as atividades populares marcantes, etc. São os lugares destinados à

²⁶ SABATÉ BEL, Joaquín. *¿Paisajes culturales, consecuencia de la postmodernidad?* II Seminari Internacional sobre Paisatge. CUIIMPB, 2004.

contemplação, ao lazer, à educação; trata-se da busca por uma identidade própria, herdada pela herança do passado histórico.

Sabaté (2004) apresenta também algumas manifestações que transformam e modificam uma paisagem cultural:

- A gentrificação do centro das cidades, que modificam sua imagem;
- O desenvolvimento de grandes centros comerciais;
- A proliferação de grandes centros cívicos;
- Os processos de remodelação das cidades, através de grandes projetos.

Essas manifestações culturais para Sabaté estão também relacionadas com o fenômeno da globalização, pois a mudança nas “paisagens culturais” são perceptíveis através da “gentrificação”, que faz referência ao grande número de pessoas que passam a usufruir dos mesmos espaços. E para atender à esta nova atitude, muitos espaços são modificados para prestar serviço à um numero cada vez maior de indivíduos, fazendo com que as cidades sofram o processo de “remodelação” com a construção de grandes projetos para acolher a vida moderna.

As paisagens da pós-modernidade também têm muito haver com os fenômenos de fragmentação (social, espacial, de gênero...); com a proliferação de comunidades fechadas e homogêneas desde o ponto de vista étnico e socioeconômico.

A paisagem rural, relacionada a todos os elementos essenciais de sua composição, incorporando o patrimônio histórico-arquitetônico nela inserido, através das antigas sedes de fazendas, instalações e equipamentos destinados à produção, etc., cujo conjunto pode ser chamado de “arquitetura rural”, já é explorada por engenheiros, arquitetos, e historiadores há muito tempo. O patrimônio arquitetônico, identificado neste território, juntamente com o patrimônio industrial existente no meio rural compõe um conjunto ainda mais rico: o identificado como “patrimônio cultural rural” (ARGOLLO FERRÃO, 2004b)²⁷. Neste enfoque Argollo identifica ainda, que os edifícios destinados à produção agroindustrial podem ser classificados como de “arquitetura agrícola ou, mais genericamente, como de “arquitetura (da produção) rural”.

²⁷ ARGOLLO FERRÃO, André Munhoz de. *Arquitetura Rural dentro do contexto dos estudos sobre Patrimônio e Paisagens Culturais*. Barcelona [ESP]: ETSAB-UPC, 2004b. 29p. (Relatório de Pesquisa de Pós Doutorado).

Segundo Argollo Ferrão (2004a e 2004b), ao se estudar a arquitetura rural, há que se abranger um conjunto diversificado de disciplinas de diferentes áreas do conhecimento, através do enfoque “transdisciplinar” e a “visão de processos”, compondo algumas questões sobre:

- planejamento regional ou ordenação territorial tendo em vista as intensas relações entre cidade e campo e a necessidade de se preservar a integridade do espaço não-urbano;
- projeto arquitetônico das construções rurais, suas técnicas construtivas com o emprego de materiais alternativos ou convencionais;
- planejamento do espaço físico (especialmente o espaço produtivo) das propriedades agrícolas;
- estudo dos valores que se pode adicionar aos processos de desenvolvimento rural sustentável das diversas regiões agrícolas de um país ou região, enfocando-se preferencialmente as micro-bacias hidrográficas como unidades de análise e/ou planejamento.

Das questões referenciadas por Argollo Ferrão, o estudo sobre “arquitetura rural” deve levar em conta as diversidades tecnológicas e construtivas encontradas na pesquisa de campo, para compreender os processos realizados no território, pois somente assim os espaços poderão ser reconhecidos para a valoração das “paisagens culturais” intrínsecas nos processos.

No Brasil, o IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (2007)²⁸ inicia a discussão e a preocupação com o patrimônio cultural, reconhecendo que:

“(…) não basta a preocupação de se preservar os edifícios e monumentos, a culinária, as produções artesanais, a dança e a música, isoladamente - o conjunto destas relações é que representa grandes atrativos e potencialidades de crescimento para o turismo”.

A valorização do patrimônio cultural se intensificará com a compreensão dos significados históricos e de seus benefícios sociais e econômicos.

²⁸ RIBEIRO, Rafael Winter. Paisagem cultural e patrimônio. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

Para melhor exercer sua função e proteger a riqueza e a diversidade do patrimônio brasileiro, o IPHAN criou um instrumento para promover a preservação de porções singulares do Brasil, representativas da associação do homem com a natureza. E para isto, estabeleceu a chancela da Paisagem Cultural Brasileira, através da Portaria n.127/2009, de 30 de abril de 2009, apresentando uma forma de proteção para as Paisagens Culturais Brasileiras. O Artigo 1º. define:

“Paisagem Cultural Brasileira é uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores.”²⁹

O IPHAN com o intuito de fortalecer sua tarefa de proteção e valorização do patrimônio cultural brasileiro, promoveu em dezembro de 2009, na cidade de Ouro Preto, o “I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural”, voltado à discussão, reflexão e construção conjunta da Política Nacional de Patrimônio Cultural – PNPC, com o objetivo de buscar desafios, diretrizes e estratégias para a atuação de gestores culturais em todo o país.

O conceito de Paisagem Cultural (IPHAN, 2009) possui a importância de conservar a identidade de um território através da viabilização da qualidade de vida da população e da motivação responsável pela preservação do patrimônio, pois somente assim comunidades de todo o mundo reconhecerão a sua própria história, e passarão a re-valorizar o ambiente que as rodeia.

3.3. Ficha de Inventário do Patrimônio Cultural

A ficha de inventário do patrimônio cultural compreende um conjunto de dados relevantes que organiza informações de registros gráficos, fotográficos e documentais, com o objetivo de sistematizar a identificação dos bens materiais e imateriais, a fim de possibilitar o seu reconhecimento, permitindo a salvaguarda do patrimônio inventariado.

²⁹ Portaria n.127, de 30 de abril de 2009, que estabelece a chancela da Paisagem Cultural Brasileira.

Mais recentemente, com a crescente complexidade das tarefas de gestão do patrimônio cultural e a carência de políticas de preservação que possam atender a necessidade de acompanhamento e avaliação de procedimentos, técnicas, planos e projetos desenvolvidos, o inventário passou a ser reconhecido como um dos mais importantes instrumentos de planejamento e gerenciamento de preservação (FRANCISCO, 2008)³⁰.

O reconhecimento da importância em inventariar o patrimônio cultural pode ser explicado também nas palavras de Vera Milet (2002)³¹:

“[...] levou a que o inventário, na atualidade, seja entendido como um instrumento vivo, em constante atualização, capaz de instrumentalizar o processo de planejamento da conservação, à medida que permite o gerenciamento das informações relativas a valores, estado de conservação, estado de preservação, vulnerabilidade (riscos) e capacidade de carga do sítio. Todos esses elementos são de suma importância para o controle da mudança, para a avaliação e monitoramento do plano de conservação, assim como para o estabelecimento das prioridades de intervenção”.

Portanto, as fichas escolhidas como referência para esta pesquisa, constituem parte dos modelos mais importantes desenvolvidos pelos órgãos de preservação do patrimônio histórico, em nível nacional (IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e estadual (CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo, IEPHA/MG – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, IPAC/BA – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia e INEPAC – Instituto Estadual do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro), além de alguns modelos municipais selecionados pela facilidade de acesso à informação (Itabirito-MG, Piracicaba-SP e Limeira-SP); e ainda foi selecionado um modelo internacional (Portugal), representante de um país de língua portuguesa. Estas “fichas-referência” são utilizadas no âmbito dos seus respectivos órgãos de preservação como um instrumento que marca o início do processo de catalogação e identificação

³⁰ FRANCISCO, Rita de Cássia. Inventário como ferramenta de intervenção: a experiência da cidade de Campinas/SP. *Revista CPC*, São Paulo, n. 6, p.119-141, maio 2008/out. 2008.

³¹ MILET, 2002. p.130 in: FRANCISCO, Rita de Cássia. Inventário como ferramenta de intervenção: a experiência da cidade de Campinas/SP. *Revista CPC*, São Paulo, n. 6, p.119-141, maio 2008/out. 2008.

do patrimônio a que se pretende estudar e/ou preservar. Essas fichas são empregadas, em alguns casos, como ferramenta para a preservação e proteção de bens móveis e imóveis.

Através dos doze modelos analisados nesta pesquisa foi desenvolvida uma tabela comparativa, que constatou a existência de diferentes formas e procedimentos para se preencher uma ficha de inventário patrimonial. Esta análise comparativa pode ser observada nas Figuras de n.11 à n.20 e na Tabela 2.

3.3.1. Modelo de Ficha de Inventário – Portugal

		Page 1 of 8 21 Abr 2009
Quinta Alegre / Quinta do Marquês do Alegrete		
IPA Monumento		
Nº IPA PT031106130070		
Designação Quinta Alegre / Quinta do Marquês do Alegrete		
Localização Lisboa, Lisboa, Charneca		
Acesso Campo das Amoreiras, n.º 94, Charneca do Lumiar		
Proteção IIP, Dec. nº 44 452, DG 152 de 05 Julho 1982 e Dec. nº 129/77, DR 226 de 29 Setembro 1977, Despacho do Ministro da Cultura de 10 Julho 1998 *1		
Enquadramento Urbano, isolado. Quinta com terreno cercado por alto muro, dispondo-se ao longo da Estrada do Campo das Amoreiras e confrontando a Nascente com o aeroporto da Portela. O seu principal acesso é feito junto ao palácio, através de um portão em ferro forjado aberto no muro, com as iniciais "JBA" e a data de "1819", limitado por pilastras em cantaria almofadada, ercimidadas por pináculos. A NO. e SE., rasgam-se portais idênticos, respectivamente de acesso ao pátio e jardim, e a SO., uma janela rectangular de moldura calcária simples, ladeada por duas portas de verga abotida, que acedem a construções em ruína. O extremo O. do muro é marcado por um chanfro onde é visível uma fonte inscrita num arco de volta perfeita e dotada de um tanque rectangular. Frente à zona principal da quinta fica o Campo das Amoreiras, actual jardim público.		
Descrição		
		www.monumentos.pt

FIGURA 12 – Modelo de Ficha de Inventário – Portugal
Fonte: Instituto de Habitação e da Reabilitação Urbana – Quinta Alegre / Quinta do Marquês do Alegrete – Lisboa, Portugal. Disponível em:
<<http://www.scml.pt/default.asp?site=dgip&sub=&id=6&mnu=6&layout=>>

Este modelo de Ficha de Inventário internacional desenvolvida pelo Instituto de Habitação e da Reabilitação Urbana – Quinta Alegre, de Lisboa em Portugal, identifica o imóvel como monumento de proteção, dando sua localização e endereço de acesso. Lista os decretos de preservação, e apresenta uma descrição sobre as características, tipologia, cronologia e outros dados técnicos sobre o bem protegido, além de fotos do imóvel. Esta ficha foi analisada comparativamente com outras fichas de inventário e está relacionada na Tabela 2.

3.3.2. Modelo de Ficha de Inventário – IPHAN


INVENTÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS IMÓVEIS

Identificação

DENOMINAÇÃO	FAZENDA MONJOLINHO		
LOCALIZAÇÃO	Estrada MG -		
DISTRITO	Sede		
MUNICÍPIO	Cachoeira de Minas - MG		
COORDENADAS GPS			
PROPRIETÁRIO	Celso Rosa		
USO ORIGINAL	Residencial	USO ATUAL	Residencial
PROTEÇÃO EXISTENTE	Nenhuma		
PROTEÇÃO PROPOSTA	Tombamento Coletivo Roteiro das fazendas de café		



Fazenda Monjolino, Ipo Carli Pacheco,
05/10/2007

Situação e Ambiente

DESCRIÇÃO

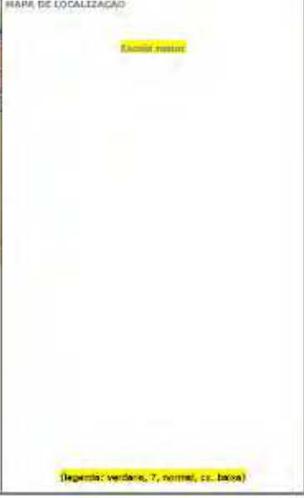
Em nível mais baixo que a estrada, entre esta e o rio Sapucaí Mirim, em terreno quase plano localizam-se a casa-sede e o reitor, sem mais construções auxiliares.

Aos fundos passa o rio Sapucaí Mirim e mais além desta fica a serra.

MAPA DE LOCALIZAÇÃO NA REGIÃO



MAPA DE LOCALIZAÇÃO



Fazenda monjolino

(Legenda: verde=7, normal, c.c. baixa)

Legenda:

- Sedes Municipais
- Sedes Distritais
- Localidades
- Rodovias
- Râveles primários
- Aterros
- Parques

Município de Cachoeira de Minas

FIGURA 13 – Modelo de Ficha de Inventário – IPHAN
 Fonte: IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2008.

O modelo de Ficha de Inventário nacional desenvolvida pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, do Brasil, identifica o imóvel através de fotos, endereço, nome do proprietário, tipo de proteção existente e proposta, além de localização geográfica do imóvel na região onde está inserido. Descreve-se ainda a situação e ambiência da edificação, com apresentação de características, tipologia, alguns dados técnicos sobre o bem protegido. Neste modelo encontra-se a localização do imóvel através das coordenadas de GPS (Global Positioning System). Este tipo de localização não foi encontrado em muitas das fichas pesquisadas. Observar a Tabela 2, que analisa as fichas estudadas.

3.3.3. Modelo de Ficha de Inventário – IPHAE / RS

INVENTÁRIO DOS BENS EDIFICADOS DO RIO GRANDE DO SUL		
MINISTÉRIO DA CULTURA - IPHAN - 12ª SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL - SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO - IPHAE		
1 - IDENTIFICAÇÃO MUNICÍPIO: _____ QUARTERÃO: _____ DENOMINAÇÃO: _____ USO ORIGINAL/ATUAL: _____ ENDEREÇO: _____ PROPRIETÁRIO: _____		2 - FICHA Nº 3 - GRAU DE PROTEÇÃO:
4 - SITUAÇÃO		5 - CROQUI DA PLANTA BAIXA
6 - FOTOGRAFIA DA EDIFICAÇÃO		

FIGURA 14 – Modelo de Ficha de Inventário – IPHAE /RS

Fonte: Ministério da Cultura – IPHAN – 12a. Superintendência Regional Governo do Estado do Rio Grande do Sul - Secretaria de Estado da Cultura.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado – IPHAE /RS

Disponível em: <<http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=paginalInicialAc>>

Outro modelo de Ficha de Inventário pesquisada é a do IPHAE/RS – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul, que apresenta um modelo básico de ficha. Apresenta campos de preenchimento para identificação do imóvel, número da ficha, grau de proteção existente, dados sobre a situação do imóvel, croqui da planta baixa e fotos da edificação. Ainda identificam os elementos construtivos e dados históricos sobre o imóvel, além de referências sobre o entorno do bem. Esta foi uma das únicas fichas pesquisadas que preocupa-se com o entorno do bem a ser preservado. Ver Tabela 2.

3.3.4. Modelo de Ficha de Inventário – IEPHA / MG

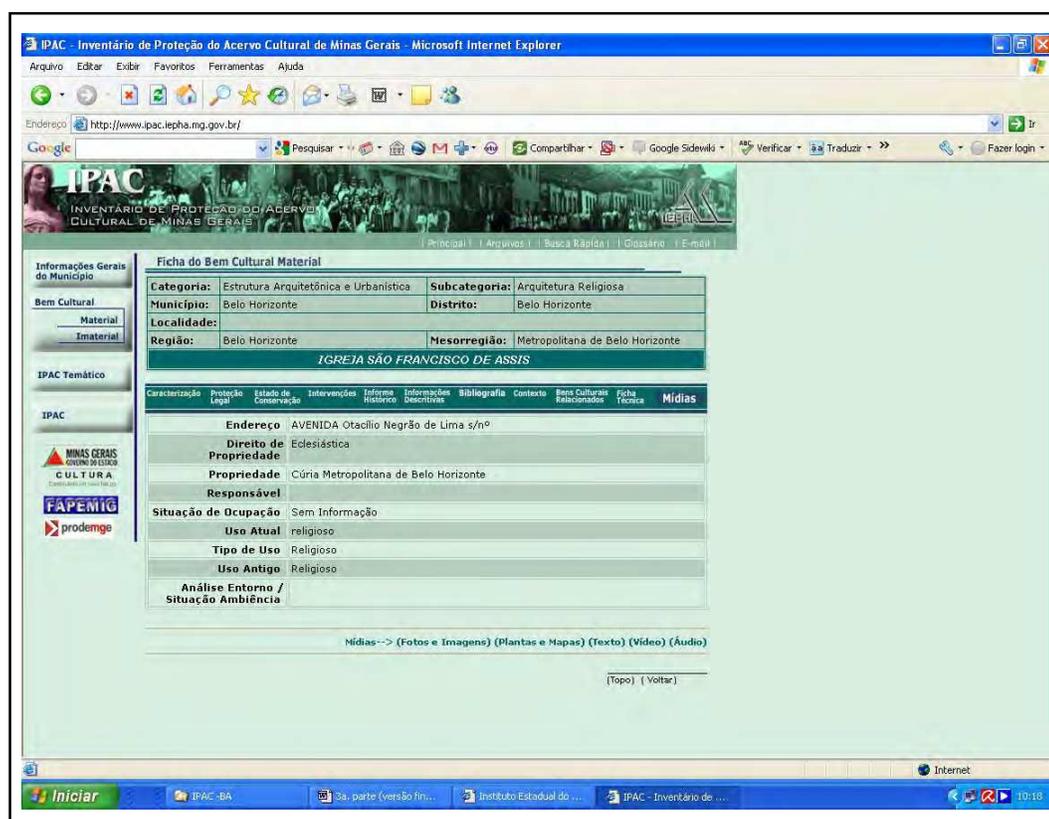


FIGURA 15 – Modelo de Ficha de Inventário – IPAC/MG

Fonte: IEPHA/MG – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais

Disponível em: <<http://www.iepha.mg.gov.br/>>

Outro modelo de Ficha de Inventário estadual pesquisada foi a do IEPHA – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. Das fichas pesquisadas, esta é única que apresenta um modelo eletrônico, disponibilizado para consulta via internet. Este Instituto possui um Plano Estadual de Inventário para o estado, que constitui numa operação com o intuito de cadastrar o acervo cultural, disponibilizando um roteiro para preenchimento da ficha de inventário. Não apresentado porém um modelo-padrão para os municípios. A formatação das fichas fica a critério de cada município, devendo conter as informações necessárias para a identificação do bem. Encontrou-se ainda uma preocupação com a divisão do patrimônio por categorias: Patrimônio Natural, Arqueológico, Sítios Urbanos, Estruturas Arquitetônicas e Urbanísticas, Bens Móveis e Integrados, Saberes, dentre outros. Embora toda esta preocupação com categorias e o grande detalhamento do roteiro, a Ficha disponibilizada para consulta não possui todas as informações necessárias para registro do bem, pois muitas estão ainda sem registro. Ver Tabela 2.

3.3.5. Modelo de Ficha de Inventário – IPAC / BA

REPÚBLICA F. DO BRASIL		INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL		IPAC MONUMENTO		IPAC Nº: BR 20502 - 1.3 - 1.004	
GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA		ORGÃO EXECUTOR SECRETARIA DA CULTURA E TURISMO		CENTRO DE REFERÊNCIA CULTURAL DA BAHIA			
Região: Nordeste		Estado: Bahia		Município: Maracás		Distrito: Maracás	
Localização: Área rural		Denominação: CASA E CAPELA DA FAZENDA CANABRAVA		Cadastro Imobiliário:			
Situação e Ambiente: A Casa da Fazenda Canabrava situa-se numa encosta, numa área agreste, de vegetação predominantemente rasteira. Nas proximidades encontram-se pequenas casas de empregados e, no mesmo alinhamento, a esquerda, um escritório e uma pequena capela. Ao longe, a vista é delimitada pela topografia ondulada recoberta por pastagens. O acesso à fazenda, que dista 10 km de Maracás, é feito inicialmente pela estrada em direção a Planaltino, tomando-se, a seguir, um desvio à direita.							
Época: Século 19 M		I - Início M - meados F - final		Utilização atual: Residência		Área Construída: 535,00 m²	
Descrição: Sítio de fazenda prejudicada por alterações, principalmente no interior. Apresenta planta retangular desenvolvida em dois pavimentos, recoberta por telhado de três águas. A fachada principal possui varanda nos dois níveis, com estílo e grades em madeira. Casa andar possui oito vãos de abertura, com cercaduras em madeira e vergas em arco abatido. O interior passou por reformas com o remanejamento de divisórias e substituição parcial do piso em tijolo, por cerâmica. A capela é constituída de um único espaço, com cobertura em duas águas. Sua fachada é vazada por três portas com vãos em arco abatido e coroada por frontão rematado, flanqueado por colunêtuas. Com piso em tijolo, e parcialmente formada, possui altar com talha neoclássica e um oratório em madeira.							
Estado de Conservação		Estrutura Portante		Elementos Secundários		Cobertura	
A Satisfatório B Medíocre C Ruim		A B C		A B C		A B C	
Em: Out/97							
Proteção Existente: Nenhuma						Proteção Proposta: Tombamento Municipal	
						IPAC 1	
							
		<p>IPAC: Ba LEGENDA/USO ATUAL</p> <p>2 - Sanitário 3 - Quarto 4 - Cozinha 5 - Pátio 6 - Sala de Jantar 7 - Escritório 8 - Sala 9 - Varanda 10 - Vazio</p> <p>TERREO 1º ANDAR</p> <p>0 2 10m</p>					
Observações:						<p>Compilada por: Equipe PEAT Conferida por: Manoel Humberto S. Santos Revisada por: Vivian Lana Costa</p> <p>Data: Out/97 Data: Jan/01 Data: Jun/02</p>	

FIGURA 16 – Modelo de Ficha de Inventário – IPAC / BA
Fonte: Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia
Disponível: < <http://www.ipac.ba.gov.br/>>

A Ficha de Inventário do Estado da Bahia é talvez um das mais antigas utilizadas no país, tendo sido um modelo muito estudado e copiado, conforme podemos confirmar no modelo utilizado no Curso de Especialização “Patrimônio Arquitetônico: Teoria e Projeto”, realizado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-Campinas, nos anos de 1998 e 1999. Possui apenas duas folhas para inventariar o bem, estando na primeira folha a maioria das informações, como denominação e localização do patrimônio, dados técnicos de ambiência, descrição arquitetônica e estado de conservação. Os campos para preenchimento das informações são muito reduzidos. Mesmo a parte gráfica (fotos, plantas e elevações) é muito resumida, não havendo espaço para nenhum tipo de detalhamento. Observar Tabela 2.

3.3.6. Modelo de Ficha de Inventário – INEPAC / RJ

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense		
INEPAC Instituto Estadual do Patrimônio Cultural Secretaria de Estado de Cultura - RJ		Light Companhia de Energia
denominação Fazenda Boa União	códice AIEE - FO2 - Val	
localização Rodovia RJ-153, 2º distrito, Barra Isabel do Rio Preto		
município: Valença época de construção: séc. XIX detalhamento do estado de conservação: no corpo da ficha uso atual / original criação de gado leiteiro / fazenda de colita proteção existente (proposta): reservata / tombamento propriedade: particular situação e ambiência		
Propriedade situada às margens da Rodovia RJ-153, circundada por muros em formato de meia laranja, geografia típica da região, acrescida, neste caso, por trechos esparsos de mata nativa e árvores de médio e grande porte, à volta da casa-sede. Dois córregos compõem o cenário, um paralelo à rodovia e outro aos fundos, no descampado de lateral direita.		
		
		
coordenadas / data arq/pe história / revisão	Arquivo Alberto Africano Magalhães da Silva - nov 2007 Mauro Reis e Rita de Fátima Adriano Howes / Fernando Pozzobon	revisão / data Adriano Taveira - fev 2002

FIGURA 17 – Modelo de Ficha de Inventário – INEPAC / RJ

Fonte: Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

Secretaria de Estado de Cultura – Rio de Janeiro

Disponível em: <<http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/>>

A Ficha de Inventário estadual pesquisada pelo INEPAC – Instituto Estadual do Patrimônio Cultural do Estado do Rio de Janeiro é um das mais completas pesquisadas. Possui a denominação e localização do imóvel em campos distintos, boa qualidade gráfica e visual, e melhor compreensão do bem a ser protegido. Nesta ficha são apresentadas, em campos distintos, as localizações geográficas, com levantamento em curvas de nível, fotos aéreas e fotos da edificação, e ainda na primeira página dados sobre o nome do proprietário, estado de conservação, ano da construção, uso original e atual do imóvel e nível de proteção existente. Suas qualidades podem ser observadas na Tabela 2.

3.3.7. Modelo de Ficha de Inventário – CONDEPHAAT / SP

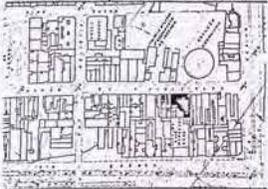
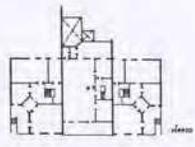
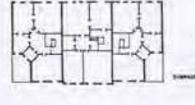
GOVERNO DO ESTADO DE S. PAULO SECRETARIA DA CULTURA		MONUMENTO PALÁCIO DOS CAMPOS ELÍSEOS	MUNICÍPIO SÃO PAULO	CIDADE SÃO PAULO
IDENTIFICAÇÃO / EDIFÍCIO		ILUSTRAÇÃO		
				
SETOR 3 QUADRA 43 LOTE 8, 9 e 10 DENOMINAÇÃO HOTEL MINISTER E CIA. TAPAJÓS LOCALIZAÇÃO Alameda da Piracema, nº 91, 109, 115 NOME DO PROPRIETÁRIO MARIA T. SOUZA LEITE. CIA. DE AUTOMÓVEIS TAPAJÓS S/A e VASCO LOBO PEREIRA MENEZ. USO ATUAL Nº PAV. 1 Área L= 954 C=1410 R. 11 E + 1 pavimento				
SITUAÇÃO / AMBIÊNCIA		PLANTA		
Edificação localizada em lote fronteiro à antiga rodoviária, em quadra onde predominam construções no alinhamento do lote e de gabarito regular baixo na rua. Em decorrência da presença da estação, configurando determinadas atividades (comércio de miudezas, hospedarias, bares), tanto o sobrado inserido como outras edificações na imediação apresentam-se em mau estado de conservação e deterioradas. Construída sobre o alinhamento frontal e lateral tem apenas pequena área ao fundo do lote.		 		
DADOS HISTÓRICO-TIPOLOGICOS				
Conjunto de três sobrados com pórtico de ventilação, originalmente "grupo de casas de aluguel", projetadas por Max Hehl em 1900 para o coronelador Gardin. Os sobrados se fazem por meio de terraços fronteiros subdivididos no corpo do edifício que conduzem à sala de visita (casas das extremas) ou a vestíbulo (casa central). A circulação horizontal e vertical se faz através de vestíbulo central, com portas a 45º em relação às paredes, exceto na casa do meio. A ordenação dos cômodos revela cuidado na distribuição das circulações e compartimentos, não muito comum no início do século. De excepcional as duas casas laterais possuem terraços com acesso pelo sobrado, revelando uma solução construtiva rara na época. Atualmente os dois sobrados são ocupados por hotéis e os restantes funcionam como depósito de Tapajós. A subdivisão do espaço interno dificulta a aprovação do espaço original. Os apêndices de serviço da planta original não foram construídos.				
REFERÊNCIAS: Obras particulares. F. de S. S. v. 4 - 1900: p. 118 - 3 - 46.		LEGENDA: - - - - - JANELA - - - - - PORTA		

FIGURA 18 – Modelo de Ficha de Inventário – CONDEPHAAT / SP
 Fonte: CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo, 2007.

A Ficha de Inventário estadual desenvolvido pelo CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo, apresenta, assim como a do IPAC/BA e a do IPHAE/RS, apenas duas páginas de ficha para preenchimento das informações. A primeira com identificação do imóvel, uma descrição da ambiência da edificação, dados históricos e uma pequena área para a planta da edificação, que mal dá para ser analisada. Na segunda folha encontram-se dados complementares como, estado de conservação, ilustrações, manifestações artísticas e propostas sobre revitalização. Neste modelo de ficha os campos são muito reduzidos para quantidade de dados a serem preenchidos, dificultando uma melhor compreensão do bem, e não possibilita um detalhamento maior. Ver Tabela 2.

3.3.8. Modelo de Ficha de Inventário – Prefeitura de Itabirito / MG

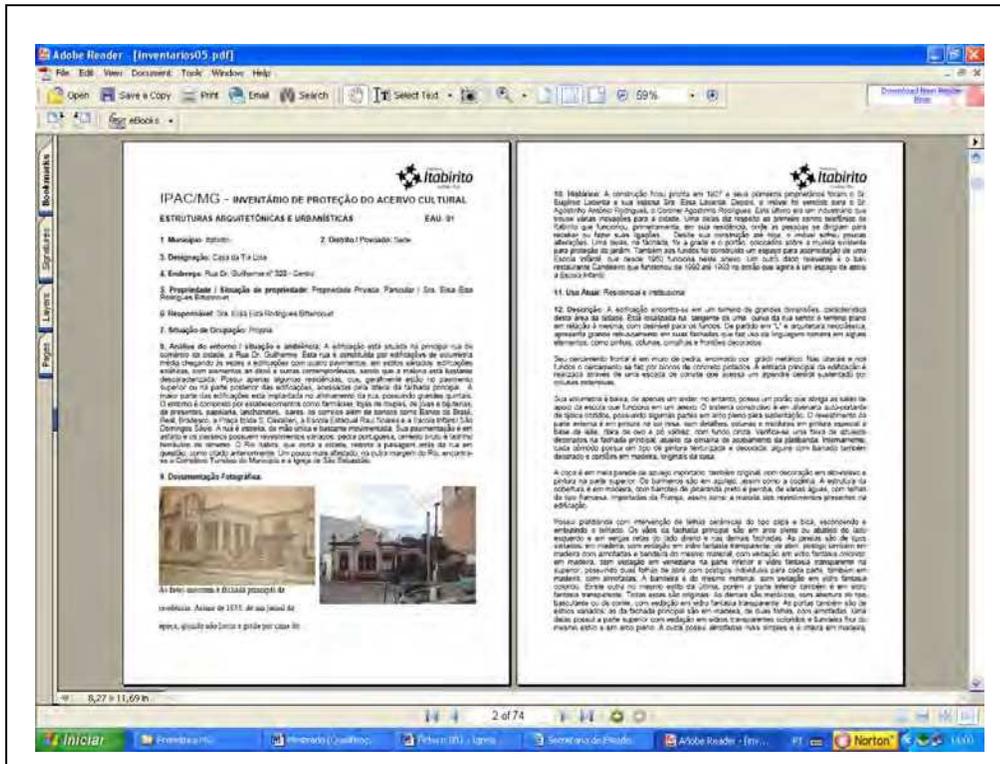


FIGURA 19 – Modelo de Ficha de Inventário – Itabirito / MG
Fonte: Prefeitura de Itabirito – Minas gerais

Além das fichas internacionais, nacionais e estaduais pesquisadas procurou-se estudar algumas fichas desenvolvidas por prefeituras não só do estado de São Paulo, mas também de outros estados. Neste caso, o modelo de Ficha de Inventário apresentado na Figura 16, trata de uma ficha desenvolvida pela prefeitura de Itabirito (MG). Esta ficha se desenvolve num texto corrido e não como uma ficha propriamente. O texto inicial trata da localização, denominação, endereço e nome do proprietário. Depois apresenta uma análise do entorno, documentação fotográfica, histórico da edificação, além de descrição detalhada das características arquitetônicas e urbanísticas do imóvel. Mostra formas de proteção existentes e propostas, dados sobre o estado de conservação, e uma lista de fatores de degradação, sugerindo medidas de prevenção. Há também uma cronologia sobre as intervenções realizadas no imóvel. Nesta ficha já se encontra uma preocupação maior em descrever todo o processo de alteração e não há preocupação sobre a quantidade de folhas que serão necessárias para inventariar o bem. As informações são preenchidas de acordo com o que existe a respeito do imóvel. Observar a análise comparativa desenvolvida na Tabela 2.

3.3.9. Modelo de Ficha de Inventário – Prefeitura de Piracicaba / SP

 Prefeitura do Município de Piracicaba IPPLAP - COOPAC INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL		Nº 09
Endereço: Rua Mano Bortolozzo, s/n (Capela de São Pedro e área envolvente)	BIC nº:	Localização cadastral: S - 11 Q - 12 L - 29
Bairro: Monte Alegre	Região: Leste	Área construída: 695,60 m²
Proprietário: Particular	Data da construção: 1937	Área do Terreno: 1000 m²
Estilo: Neo-românico.		
Dados tipológicos:		
Tipologia: Casa de culto com nave central, transepto, torre central, cúpula e altar-mor.		
Cobertura: Telhas francesas. Cimilha.		
Envazaduras: Arcos plenos.		
Esquadrias: Metálicas.	Estado de Conservação: Bom - Satisfatório - Regular - Péssimo Estrutura: B Cobertura: B Fachada: B Esquadrias: B Pintura: S	
Mérito: Arquitetura de valor excepcional.	Nível de proteção: Tombado pelo CODEPAC - Livro de Tombos - Pg. 05 - Decreto nº 5.458 de 03/07/91.	
Outros: Cúpula metálica, arcos lombardos.	Uso atual: Religioso.	
Obs: Pinturas murais de Alfredo Volpi.	Preenchido por: Marcelo Cachioni Fotos: Victório Jordan Rojas e Walter de Castro Junior Data: 08/2008	

FIGURA 20 – Modelo de Ficha de Inventário – Piracicaba / SP

Fonte: IPPLAP – Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba, 2008. Disponível em:

<http://www.ipplap.com.br/planejando_pthistorico.php>

Outro modelo de Ficha de Inventário municipal pesquisado é o modelo desenvolvido pelo município de Piracicaba, através do IPPLAP – Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba. Este modelo é um dos mais simples e sucintos estudados, pois apresenta o endereço, a localização cadastral (informação municipal), nome do proprietário e data de construção em campos distintos. Nesta ficha encontramos dados sobre a área construída e a área do terreno, informação que não encontramos em outras fichas. Outros campos apresentam de forma bem simplificada e reduzida os dados tipológicos, estado de conservação e níveis de proteção. O preenchimento é simples sem muitos detalhamentos. Apresenta também uma única foto do imóvel. Este modelo completo pode ser encontrado no Anexo G.

3.3.10. Modelo de Ficha de Inventário – PUC-Campinas, Campinas / SP

PUC-CAMPINAS		Curso de Especialização em Patrimônio Arquitetônico: Teoria e Projeto		MONUMENTO		N°	
PREFEITURA MUNICIPAL DE LIMEIRA		Órgão Executor SECRETARIA DA CULTURA, TURISMO E EVENTOS				PROJETO PATRIMÔNIO HISTÓRICO	
Região: Central da cidade		Estado: São Paulo		Município: Limeira		Distrito: Limeira	
Localidade: Rua Alfêres Franco n.11		Denominação: Palacete Levy, localizado no Largo da Boa Morte.		Cadastro Imobiliário:			
Situação e Ambiente: Sobrado, localizado na esquina das Ruas Boa Morte e Alfêres Franco. À frente localiza-se o Largo da Boa Morte, onde está a Igreja do mesmo nome. Edifício muito conhecido, pois pertenceu muitos anos a família tradicional da cidade, a Família Levy, daí como ficou conhecido.							
Época: Século 19-F		I-início M-meados F-final		Utilização atual: Secretaria da Cultura, Turismo e Eventos		Área construída: 654,75m2	
Descrição: Palacete assobradado, construído de tijolos, tendo a entrada principal escadaria de mármore carrara e seis janelas para a Rua Alfêres Franco (Largo da Boa Morte). Para a Rua Boa Morte estão vinte e seis aberturas, sendo uma porta e doze janelas no térreo e três portas-janelas e dez janelas no superior, este todo forrado e assollado. O edifício possui motivos arquitetônicos grego-romanos, pilastras, arquitraves, colunatas e físcas, etc., com perfeição de perspectiva e sombreamento, sugerindo uma ambientação neoclássica. Seus portões são amplos e serviam para abrigar a criadagem e demais serviços domésticos. Ao seu lado existia amplo e belo jardim adornado por nobres palmeiras imperiais que se estendiam por todo o quarteirão, mas hoje nada disso existe. Tratava-se de uma residência conveniente para uma família detentora de grande fortuna.							
Estado de Conservação		A Satisfatório B Mediocre C Ruim		Estrutura Portante A		Elementos Secundários A	
julho / 98		Em:		Cobertura A		Interior A	
						Instalações e Serviços A	
						Salubridade A	
						Grau de Proteção IPAC 1	
Proteção existente: Tombamento Municipal				Proteção proposta: Tombamento estadual			
				<p>Legenda</p> <ul style="list-style-type: none"> 1- Serviços 2- Entrada 3- Quarto 4- Sala 5- Hall de Entrada 6- Dormitório 7- Cozinha 8- Banheiro 9- Sala Principal 10- Cozinha 			
Observações:						Compilada por: data: Conferida por: data: Revista por: data:	
As informações contidas deste lado da ficha são indispensáveis a qualquer medida de proteção. Os dados do verso tem caráter complementar.							

FIGURA 21 – Modelo de Ficha de Inventário – PUC-Campinas, Campinas / SP

Fonte: Modelo de Ficha de Inventário desenvolvido no Curso de Especialização “Patrimônio Arquitetônico: Teoria e Projeto”, realizado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-Campinas, nos anos de 1998 e 1999.

Este modelo de Ficha de Inventário foi utilizado pela pesquisadora durante Curso de Especialização “Patrimônio Arquitetônico: Teoria e Projeto”, realizado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-Campinas, nos anos de 1998 e 1999. O modelo apresentado na Figura 21 foi desenvolvido em sala de aula para demonstrar aos estudantes as formas de preenchimento de fichas de inventário. O modelo foi baseado no modelo de ficha do IPAC/BA e do CONDEPHAAT/SP, embora algumas informações gráficas tenham sido modificadas. O conteúdo, porém não apresenta muitas novidades. Nota-se neste caso, assim como nas Fichas do CONDEPHAAT/SP e do IPAC/BA, que a primeira folha é a principal, sendo a segunda responsável por informações complementares. Observar análise na Tabela 2.

3.3.11. Modelo de Ficha de Inventário – Prefeitura de Limeira / SP

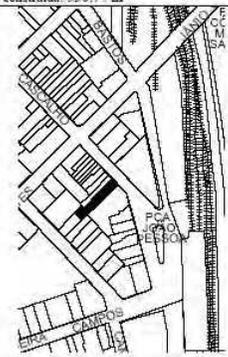
		PREFEITURA MUNICIPAL DE LIMEIRA Departamento de Patrimônio Histórico INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL				Nº DPH – 016		
Endereço: Rua Barão de Cascalho, nº 19 ou 15		Bairro: Centro		Município: Limeira		Folha da cidade: 01		
Proprietário: Virgílio Galzerani Arede.		Endereço do proprietário: Rua José de Alencar, nº 34, Centro		Município/Estado: Limeira-SP		Inscrição cadastral: 0100.022.000		
Data de construção:		Utilização atual: Residência		Área do Terreno: 475,40 m ²		Área construída: 556,74 m ²		
Descrição:								
Estado de conservação: Bom – Satisfatório – Regular – Péssimo		Estrutura Portante	Elementos Secundários	Cobertura	Interios	Instalações e Serviços	Salubridade	Grau de Proteção IPAC 1
Proteção existente:		Proteção proposta:		Compilada por:		data:		
Observações:		Conferida por:		data:				

FIGURA 22 – Modelo de Ficha de Inventário – Limeira / SP

Este modelo de ficha foi o primeiro modelo desenvolvido pela autora da pesquisa, no início das atividades de coordenação do Departamento de Patrimônio Histórico da Prefeitura de Limeira.

Fonte: SEPLAN – Secretaria de Planejamento e Urbanismo, Prefeitura Municipal de Limeira, 2008.

Este modelo de Ficha de Inventário municipal foi o primeiro modelo desenvolvido pela pesquisadora no Departamento de Patrimônio Histórico, da Secretaria Municipal de Planejamento e Urbanismo, da Prefeitura de Limeira. Este modelo, a princípio, foi desenvolvido baseado nas fichas do CONDEPHAAT/SP e do IPPLAP-Piracicaba, além da experiência de construção do modelo da ficha da PUC-Campinas. Neste caso foi criado novo *layout* gráfico de apresentação, porém os dados a serem preenchidos, através das informações básicas disponibilizadas não apresentam muitas novidades. O padrão desta ficha segue muito fielmente o que se conhecia na ocasião. Foram incorporados alguns campos que diferem do CONDEPHAAT e IPPLAP, como a inclusão de mapa do quarteirão onde está localizado o imóvel e número de folha da cidade, que refere-se à informação complementar municipal. Esta ficha preocupava-se também com a quantidade de folhas a serem preenchidas, que assim com as utilizadas de modelo, também possui apenas duas páginas. Observar a análise da ficha na Tabela 2.

3.3.12. Modelo de Ficha de Inventário – CONDEPHALI – Limeira/ SP

INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC	
	
<div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;"> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> CONDEPHALI <small>Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico do Município de Limeira</small> </div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; text-align: center;">  <small>Secretaria Municipal de Cultura</small> </div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; text-align: center;"> <small>Departamento Patrimônio e Histórico</small> Planejamento <small>Plano Municipal de Patrimônio Cultural</small> </div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;">  </div> </div>	
Denominação IGREJA NOSSA SENHORA DA BOA MORTE E ASSUMÇÃO	nº DPH 001
Localização Largo da Boa Morte s/n – Centro	Inscção Cadastrel 1817.001.000
Município Limeira, SP Coordenadas GPS 22°33'47.37" S 47°24'17.15" O Época construção 1867 Uso atual / original Igreja Católica Proteção existente / proposta tombamento provisório/ tombamento definitivo Proprietário Confraria Nossa Senhora da Boa Morte	 <small>Fonte: J. Binotti, 1999.</small>
situação e ambiência	
Igreja católica de propriedade particular, construída em meados do século XIX, tendo sua construção finalizada em 1867. Está localizada no centro da cidade de Limeira, SP.	
 <small>Mapa sem escala</small>	 <small>Fonte: Google Maps, 2009.</small>
Resp. Técnico / Coordenador / equipe Juliana Binotti Pereira Scariato / Cassiana Poletti Francisco	
data maio/2009	

FIGURA 23 – Modelo de Ficha de Inventário

Modelo de ficha desenvolvido pela autora da pesquisa, atualizada, para o Departamento de Patrimônio Histórico da Prefeitura de Limeira.

Fonte: CONDEPHALI – Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico do Município de Limeira, 2009.

Este modelo de Ficha de Inventário municipal (Figura 23) foi o mais recente desenvolvido pela pesquisadora no Departamento de Patrimônio Histórico, da Secretaria Municipal de Planejamento e Urbanismo, da Prefeitura Municipal de Limeira, para atender ao CONDEPHALI – Conselho Municipal de Patrimônio Histórico e Arquitetônico do Município de Limeira. Esta “ficha-referência” foi desenvolvida através do trabalho de pesquisa realizado para este Mestrado, tendo sido fundamental para sua criação. Para o seu desenvolvimento procurou-se adaptar o que de melhor e mais completo foi encontrado nas fichas pesquisadas.

A principal importância deste modelo de Ficha de Inventário é que não se trata apenas da identificação do bem a ser preservado, mas preocupa-se em apresentar de forma clara e legível todas as informações que são encontradas sobre o imóvel, cada detalhe torna-se importante para a compreensão de qualquer intervenção realizada no bem. A “ficha-referência” será utilizado nesta pesquisa para realizar o inventário imobiliário de todas as construções encontradas e identificadas no processo de reconhecimento do território pesquisado.

A ficha do CONDEPHALI-Limeira/SP, sofreu algumas adaptações para melhor compreensão e reconhecimento dos imóveis remanescentes nas “fazendas históricas”. As alterações, referentes ao campo da localização, foram necessárias, uma vez que as fichas do CONDEPHALI referem-se ao imobiliário urbano de Limeira, e as fazendas localizam-se na área rural dos municípios estudados. Por isso, a necessidade de adaptar a ficha “urbana” para inclusão do campo das coordenadas de GPS, para identificar o imóvel rural.

Análise das Fichas de Inventário

Apresenta-se aqui uma comparação técnica entre as fichas de inventário pesquisadas, de forma a contribuir com outros pesquisadores que possam utilizar-se do material disponibilizado para outras pesquisas na área. A colaboração com esta análise possibilita a criação de um modelo único, que possa ser utilizado como modelo único para o estado e quem sabe para o país. Neste sentido, as informações e a formatação podem ser padronizadas de forma criteriosa, para a preservação do patrimônio cultural.

Neste sentido, a tabela comparativa (Tabela 2) pode esclarecer o conteúdo dos modelos das fichas estudadas, servindo de parâmetro para compreender o processo utilizado pelos órgãos de preservação. A ficha criada pela pesquisadora nesta pesquisa utilizou-se das melhores informações apresentadas pelas fichas estudadas para criar uma ficha mais completa, que pudesse integrar qualidade gráfica, informação para localização do imóvel, espaço para inserção de levantamento histórico, gráfico e fotográfico, além de permitir um tamanho mais flexível e adequado de campos para preenchimento dos dados disponíveis.

TABELA 2

Análise comparativa entre as fichas de inventário estudadas

CAMPOS	FICHAS DE INVENTÁRIO	FICHA 1	FICHA 2	FICHA 3	FICHA 4	FICHA 5	FICHA 6	FICHA 7	FICHA 8	FICHA 9	FICHA 10	FICHA 11	FICHA 12
		Portugal	IPHAN	IPHAE (RS)	IEPHA (MG)	IPAC (BA)	INEPAC (RJ)	CONDEPHAAT (SP)	Prefeitura de Itabirito (MG)	Prefeitura de Piracicaba (SP)	PUC-Campinas (SP)	Prefeitura de Limeira (SP) - 2008	Prefeitura de Limeira (SP) - 2009
1	APRESENTAÇÃO												
1.1	Layout e Design Gráfico	2	4	2	3	3	4	2	2	3	3	3	4
2	IDENTIFICAÇÃO												
2.1	Denominação imóvel	2	4	2	4	2	4	2	2	0	2	0	4
2.2	Localização imóvel	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
2.3	Coordenadas GPS	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4
2.4	Nome proprietário	2	4	4	4	0	4	4	4	4	0	4	4
2.5	Proteção existente	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
2.6	Proteção proposta	0	4	0	0	4	4	0	4	0	4	4	4
3	SITUAÇÃO / AMBIÊNCIA												
3.1	Descrição do ambiente	4	4	4	4	4	4	4	4	0	4	4	4
3.2	Mapa da região	0	4	0	0	0	4	0	0	0	0	0	4
3.3	Mapa do local	0	4	0	0	0	0	4	0	0	0	4	4
4	IMPLANTAÇÃO (Identificação gráfica)												
4.1	Implantação geral	0	4	0	0	0	4	0	0	0	0	0	0
4.2	Plantas, cortes e elevações do imóvel	0	2	2	2	2	2	2	0	0	2	0	4
4.3	Croquis de referência	0	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0
5	DESCRIÇÃO ARQUITETÓNICA												
5.1	Época da construção	4	4	0	3	0	4	0	0	4	0	0	4
5.2	Área do terreno	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0	4	0
5.3	Área construída do imóvel	0	0	0	0	4	0	0	0	4	4	4	0
5.4	Estado de conservação	0	2	2	4	2	4	2	3	2	3	2	4
5.5	Utilização inicial	4	4	4	4	0	4	0	0	0	0	0	4
5.6	Utilização atual	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
5.7	Pesquisa histórica	4	0	4	4	2	4	2	3	0	2	0	4
5.8	Identificação (arquiteto/construtor)	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
6	CRONOLOGIA												
6.1		4	0	0	0	4	0	0	3	0	4	0	0
7	TIPOLOGIA												
7.1	Dados tipológicos	4	2	3	3	4	2	2	2	2	4	0	2
7.2	Dados técnicos (materiais construtivos)	4	2	3	3	4	2	2	2	3	4	0	2
8	CARACTERÍSTICAS PARTICULARES												
8.1		4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
9	REGISTRO FOTOGRÁFICO												
9.1		2	4	4	3	2	4	1	1	1	0	1	4
10	BIBLIOGRAFIA												
10.1	Documentação (escrita)	4	0	0	3	4	0	0	4	0	4	0	0
10.2	Documentação (gráfica)	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
10.3	Documentação (fotográfica)	4	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0
11	OBSERVAÇÕES ADICIONAIS												
11.1	Observações Adicionais	4	4	4	0	2	0	0	4	0	2	2	0
11.2	Video	0	0	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0
11.3	Áudio	0	0	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0
12	RESPONSÁVEIS (fichas)												
12.1	Nome dos responsáveis	4	4	4	4	4	4	0	4	4	4	4	4
12.2	Data do preenchimento	4	4	4	4	4	4	0	4	4	4	4	4
12.3	Data de atualização	4	0	0	4	0	4	0	4	0	4	4	0
	TOTAL DE CRÉDITOS	84	80	62	76	63	78	39	62	50	66	56	80

0 = não existe informação a respeito
1 = informação incompleta
2 = informação regular
3 = informação boa
4 = informação excelente

Fonte:

A tabela acima foi elaborada a partir de fichas de inventário de diversas fontes que podem ser analisadas nos anexos desta pesquisa.

Dentre as fichas analisadas apresentadas na Tabela 2, deve-se explicar os critérios que foram utilizados para a pontuação dos campos, listados na coluna à esquerda, de maneira que se esclareçam quais foram as contribuições de cada ficha para a construção do modelo de “ficha-referência” utilizado nesta pesquisa. Para tanto criou-se um critério de pontuação para dar valor a cada item, podendo variar de 0 à 4, representando respectivamente como são as informações apresentadas, sendo 0 (zero) para quando não existe informação nem campo específico para o assunto determinado; 1 (um) para quando a informação, ou campo existe, mas está incompleto; 2 (dois) para quando a informação é regular, pois faltam melhores esclarecimentos, ou o tamanho ou localização do campo não é adequada para a clara visualização da informação; 3 (três) para quando a informação é boa, é adequada, mas ainda não apresenta forma eficiente de utilização; e 4 (quatro) quando a informação está excelente, tendo boa visualização, campos específicos destinados para o determinado assunto, possui um bom tamanho para o preenchimento das informações disponíveis e ainda está adequado em sua localização dentro da diagramação da ficha.

Utilizando-se dos critérios apresentados acima, buscou-se uma maneira adequada para explicar a Tabela 2, que facilitasse a melhor compreensão do leitor. Sendo assim, pode-se iniciar a leitura da tabela pela sua estrutura básica. Nas caixas de texto, localizadas na parte superior, alinhadas pelo nome, estão as fichas que foram estudadas nesta pesquisa. Na primeira coluna à esquerda estão descritos os campos de informação para a coleta de dados, os quais foram encontrados nas fichas pesquisadas. O cruzamento entre esses campos e as fichas estudadas corresponde à uma pontuação, explicada no parágrafo anterior.

Assim compreende-se que as fichas que ficaram com as maiores pontuações, foram fichas que apresentaram a maior quantidade e qualidade de informações, estando entre elas as Ficha de Inventário de Portugal, do IPHAN e a do INEPAC/RJ. A Ficha 12 da Tabela 2 (Figura 23), Ficha do CONDEPHALI-Limeira/SP (2009), embora também apresente boa pontuação, foi idealizada pela pesquisadora após o conhecimento prévio das fichas estudadas, onde elaborou-se o modelo de Limeira com a experiência desta pesquisa. Mesmo assim após a finalização deste estudo, verificou-se que, mesmo a ficha de Limeira tendo sido criada depois de escolhidas as melhores informações, ainda peca pela falta de alguns campos que receberam pontuação 0 (zero) por não aparecer em alguns campos. Por este motivo o modelo-base utilizado para esta pesquisa será a ficha do CONDEPHALI- Limeira/SP (2009), mas com o acréscimo de alguns campos que ficaram faltando

nesta. Esta “ficha-referência” poderá servir no futuro para a utilização como modelo único de padronização na Prefeitura de Limeira, tanto para a área urbana quanto para a rural, além de servir também de modelo para outros pesquisadores.

Observa-se na comparação da tabela, que a maioria das fichas apresenta uma boa quantidade de informações, com exceção para as fichas do IPAC/BA, Prefeitura de Piracicaba, CONDEPHAAT/SP, PUC-Campinas/SP e a da Prefeitura de Limeira/SP (2008). Estas fichas são fichas muito sucintas, possuem apenas uma folha ou duas folhas, onde são apresentadas informações básicas, apenas para a identificação do bem patrimonial, porém não identificam muitas vezes a implantação adequada do imóvel, não possuem campos adequados para plantas do edifício pesquisado, e nem tão pouco fotos detalhadas para melhor conhecimento do imóvel. Estas fichas também pouco apresentam sobre dados históricos ou cronológicos e alterações ocorridas no bem, que possam contribuir como ferramenta para a preservação do imóvel.

Dentre os critérios levantados, analisou-se os campos de informações a partir da primeira impressão reconhecida na ficha, que trata-se da **Apresentação** quanto ao layout e design gráfico (ver Campo 1, item 1.1, da Tabela 2). Para este critério levou-se em conta a separação adequada dos campos, a qualidade das imagens apresentadas, a disposição das informações de forma clara, e as cores utilizadas para o desenho da ficha. Neste caso, as fichas do IPHAN e do INEPAC/RJ receberam as melhores pontuações por apresentarem uma qualidade gráfica superior às demais; a da Prefeitura de Limeira (2009) utilizou-se deste critério para o desenvolvimento de sua ficha-base. A ficha de Portugal recebeu pontuação 3 (três) por não apresentar as informações em forma de campos, mas sim em padrão de texto corrido, que faz com que a leitura das informações não seja muito rápida numa primeira análise. O mesmo acontece na ficha da Prefeitura de Itabirito/MG.

As fichas da PUCC-Campinas/SP, Prefeitura de Piracicaba/SP e Prefeitura de Limeira/SP (2008), apresentam uma boa qualidade gráfica, porém alguns campos possuem maior tamanho que outros mais importantes, por este motivo recebeu a pontuação 3 (três), que embora boa não chega a ser excelente.

No campo de **Identificação** (Campo 2, Tabela 2), que devem estar na primeira folha da ficha, para ser fácil o reconhecimento do imóvel a ser inventariado e a sua localização, as

informações foram divididas em alguns campos individualizados para organização dos dados. Com relação à **Denominação** – Item 2.1 do imóvel (nome pelo qual o imóvel histórico é conhecido), as fichas do IPHAN e do INEPAC/RJ foram as que receberam as maiores pontuações, além da de Limeira (2009), por apresentarem de forma clara e em destaque a denominação do bem. A letra utilizada está em negrito e com o tamanho da fonte maior que as demais, de forma a chamar a atenção. Já as fichas de Portugal, Itabirito/SP e PUC-Campinas/SP apresentam a identificação com mesma fonte e tamanho que a utilizada no restante do documento, sem destaque, tornando difícil a identificação do bem. O mesmo ocorre nas fichas do IPHAE /RS e do CONDEPHAAT /SP. Já as fichas de Piracicaba-SP e de Limeira-SP (2008) não apresentam o campo para denominação do objeto de estudo.

Quanto à **Localização** – Item 2.2 (endereço) do imóvel todas as fichas apresentaram nota 4 (quatro). Já a localização feita por **Coordenadas GPS** – Item 2.3, apenas a ficha do IPHAN apresentou esta informação, seguida pela de Limeira (2009), que copiou o modelo para ser usado em áreas rurais, que não possuem endereço preciso.

O Nome do **Proprietário** – Item 2.4 apresentou nota máxima nas fichas do IPHAN, IPHAE /RS, CONDEPHAAT /SP, Prefeituras de Itabirito/MG, Piracicaba/SP e Limeira/SP (2008 e 2009), apenas a da PUC-Campinas/SP não apresenta esta informação. E a ficha de Portugal, embora apresente o campo do proprietário, recebeu pontuação 2, pois a informação se encontra no meio do documento e não na primeira folha, para melhor indicar a propriedade do imóvel.

As informações referentes à **Proteção**¹ (preservação) **Existente ou Proposta** (Itens 2.5 e 2.6) para avaliar a medida de proteção do imóvel, quer seja de interesse histórico, ou de tombamento, não se apresentou da mesma forma na maioria dos casos. A ficha de Portugal apresenta os números de decretos existentes para proteção do bem. A do IPHAE /RS apenas o grau de proteção existente, mas não propriamente qual a medida de proteção que existe. Na do CONDEPHAAT /SP existe o grau de proteção e uma proposta para revitalização do bem, mostrando que existe apenas a preocupação com a proteção existente e não faz menção a uma proteção futura para um imóvel que

¹ Entende-se por *Proteção* o ato ou efeito de proteger; resguardar, salvaguardar ou defender aquilo que se encontra em perigo, podendo ser efetivado por legislação específica que protege o bem, sendo formado por um conjunto de medidas práticas para fazer valer a *preservação*, com o intuito de impedir a sua destruição. Considera-se ainda como um “processo de guarda ou tombamento de um bem cultural ou natural, feito pelo município, estado ou nação”. Este ato visa *preservar*, com a intenção de conservar, garantindo-lhe a integridade física e a perenidade de algo. Disponível em: www.uol.com.br/biblioteca/houaiss. Acesso em: 20 nov. 2009.

ainda não tenha sido tombado. A de Piracicaba/SP também apresenta apenas o nível de proteção existente, e não possui campo para identificar uma futura proposta de proteção para um imóvel de interesse histórico-cultural. As demais fichas apresentam nota máxima, pois apresentam esses dois campos distintamente.

No Campo 3, **Situação / Ambiência**, encontram-se três itens que fazem referência a descrição do ambiente onde está o bem, e a localização dele no espaço geográfico. Quanto a **Descrição do ambiente** – Item 3.1, todas as fichas receberam pontuação 4 (quatro), pois em todas elas existe algum tipo de descrição do imóvel relacionado com o ambiente onde está inserido. Já com relação à localização do imóvel, como apresentado no Item 3.2 – **Mapa da região**, apenas as fichas do IPHAN e do INEPAC/RJ apresentaram estes mapas, e também a da Prefeitura de Limeira/SP (2009), pelo motivo exposto anteriormente. Todas as outras fichas receberam pontuação 0 (zero), pois nada existe a respeito. O Item 3.3 – **Mapa do local** também só foi encontrado nas fichas do IPHAN, CONDEPHAAT/SP e nas duas fichas de Limeira-SP, as restantes não apresentam nenhum mapa de localização.

O Campo 4, que refere-se à **Implantação** (Identificação gráfica) do imóvel, não houve muita informação na maioria das fichas pesquisadas. Quanto à **Implantação geral** – Item 4.1, que trata de uma pequena implantação do imóvel no terreno onde está inserido, que pode ser tanto com informação gráfica em desenho técnico, como em croqui, apenas as fichas do IPHAN e do INEPAC-RJ apresentam tal descrição. Todas as outras não possuem esta informação. No Item 4.2, referente às **Informações gráficas** de plantas, cortes e elevações do imóvel pesquisado, apenas as fichas do IPHAN, IPHAE-RS, IEPHA/MG, IPAC/BA, CONDEPHAAT/SP e da PUC-Campinas/SP apresentam a informação. Mas receberam a pontuação 2 (dois) e não a nota máxima, porque as informações apresentadas nas fichas estudadas não continham todos os itens, na maioria deles encontra-se apenas a planta baixa da edificação. Apenas a ficha de Limeira/SP (2009) apresenta todo o conteúdo gráfico necessário para a compreensão do bem.

O Campo 5 – **Descrição Arquitetônica** apresenta informações técnicas referentes ao imóvel. Este é um dos campos a serem preenchidos que mais requer um profissional especializado para preenchê-lo, pois além de dados técnicos referentes à construção do bem, como tipos de materiais utilizados, métodos construtivos, avaliação do estado de conservação (daí a importância da

data em que a ficha foi preenchida – ver Item 12.3), ainda deve ser feita uma pesquisa em arquivos e acervos históricos, que tratam do bem em questão. Esta informação muitas vezes necessita de pesquisa junto a bibliotecas, museus, acervos para identificação de documentações históricas e fotográficas para compreender todas as intervenções ocorridas na imóvel.

Neste sentido o Item 5.1, que trata da **Época de construção** do imóvel, foi encontrado em apenas quatro das nove fichas pesquisadas (Portugal, IPHAN, INEPAC/RJ e Piracicaba/SP), não levando-se em conta a ficha de Limeira/SP (2009), pelo motivo já conhecido. A **Área do terreno** – Item 5.2 foi encontrada apenas na ficha de Piracicaba/SP e da Prefeitura de Limeira/SP (2008), as demais não apresentaram informação a respeito. Assim como a **Área de construção** do imóvel – Item 5.3, que só foi apresentada nas fichas de Piracicaba/SP, PUC-Campinas/SP e Prefeitura de Limeira/SP (2008).

O **Estado de Conservação** – Item 5.4 foi encontrado em quase todas as fichas pesquisadas. Apenas a ficha de Portugal não apresenta campo referente a esta informação. As fichas do IPHAN, IPHAE/RS, CONDEPHAAT/SP, Piracicaba/SP e Limeira/SP (2008) apresentam a informação sobre o estado de conservação do bem através de pequenos campos onde deve-se preencher com um “x” a informação encontrada, como por exemplo, se houve substituição dos elementos originais, se a estrutura está ou não estável, se houveram demolições e subtrações, etc., porém não apresentam em forma descritiva quais os problemas encontrados e qual o grau de deterioração verificado; por este motivo estas cinco fichas receberam a nota 2 (dois). As fichas da Prefeitura de Itabirito/MG e da PUC-Campinas/SP, receberam a pontuação 3 (três), pois além de apresentarem o campo específico para a informação, a descrevem de forma textual, embora ainda com pouca informação. Já a ficha do INEPAC/RJ foi a única a receber a nota máxima, pois apresentou um campo específico para o preenchimento desta informação, relatando de forma clara e completa todos os detalhes verificados na vistoria, e ainda ilustra com fotos alguns dos problemas encontrados.

Para os Itens 5.5 e 5.6, referentes à **Utilização Inicial e Atual** dos imóveis estudados, verificou-se que apenas as fichas de Portugal, IPHAN, IPHAE/RS, IEPHA/MG e INEPAC/RJ apresentam os dois itens em campos separados para a informação, e também a ficha de Limeira (2009). As demais fichas apresentam somente a informação para o item de utilização atual do imóvel, a inicial não é informada.

No Item 5.7 – **Pesquisa Histórica** a ficha de Portugal recebeu nota 2 (dois), pois não apresenta um campo específico para esta descrição, mas alguns dos campos preenchidos na ficha necessitaram de informações históricas para serem completados. As fichas do CONDEPHAAT/SP e da PUC-Campinas/SP receberam a pontuação 3 (três), que embora apresentem a informação, o espaço para preenchimento dos dados é muito reduzido. As fichas do IPHAN, IPHAE/RS, INEPAC/RJ e município de Itabirito/MG receberam a pontuação 4 (quatro) por apresentarem de forma adequada o campo específico e o tamanho flexível para o preenchimento dos dados disponíveis.

Com relação à **Identificação** do arquiteto, construtor ou autor do projeto – Item 5.8 encontrou-se esta informação apenas na ficha de Portugal, todas as outras não apresentam informação a respeito.

O Campo 6 faz referência a **Cronologia**, que é uma forma rápida de apresentar a historicidade do imóvel através dos anos. Com esta informação é possível identificar mais rapidamente as intervenções que ocorreram no bem e em que período aconteceram. Esta informação não foi encontrada em muitas das fichas, apenas na de Portugal, com nota 4 (quatro), e nas fichas de Itabirito/MG e PUC-Campinas/SP, com nota 3 (três) por não apresentarem o nome “cronologia”, embora existam resultados da identificação das intervenções ocorridas ou de dados históricos resumidos. Nas demais não existe informação nenhuma a respeito.

Com relação ao Campo 7 – **Tipologia** pode-se destacar que em todas as fichas existe algum tipo de informação a respeito. No caso das de Portugal, IPAC/BA e PUC-Campinas/SP, existe um campo específico para cada uma destas informações, tanto para Dados Tipológicos como para Materiais Construtivos, por este motivo obtiveram a nota máxima. Para o IPHAE/RS existe o campo apropriado, porém ele não é descritivo, apenas é apresentado em formato gráfico para ser avaliado com um “x”. A ficha do IPHAN apresenta estas informações quando faz a descrição arquitetônica do bem, mas não existe um campo específico para estes dados, o mesmo acontece nas fichas do CONDEPHAAT-SP, INEPAC-RJ, Itabirito-MG e Limeira-SP (2009). Na ficha de Limeira-SP (2008) não existe informação a respeito.

No Campo 8 referente as informações complementares sobre **Características Particulares** encontradas durante o processo de pesquisa do imóvel, apenas a ficha de Portugal possui este campo específico, as demais não possuem esta informação. Talvez porque, na maioria das fichas pesquisadas, ou não existia informação a respeito ou não houve interesse em apresentar mais um campo para preenchimento.

Uma nova informação foi apresentada na ficha do IEPHA/MG, que referem-se à registros de **Vídeo e Áudio**. Estas informações foram encontradas somente neste modelo, e são muito importantes para os registros de informações referentes ao patrimônio imaterial. Por este motivo esta ficha recebeu nota 4, pois a informação é muito interessante e merece ser copiada.

O **Registro Fotográfico** – Item 9 da Tabela 2, apresenta informação com pontuação 1 para as fichas do CONDEPHAAT/SP, Itabirito/MG, Piracicaba/SP e Limeira/SP (2008). Estas fichas mostraram fotos apenas da fachada dos edifícios inventariados, por este motivo receberam esta nota. A ficha de Portugal embora apresente uma grande quantidade de fotos, estas estão distribuídas em todas as folhas do documento ao lado direito da ficha, mas a área para a localização das fotos é muito pequena e automaticamente as fotos estão de tamanho reduzido, o que dificulta a visualização das mesmas, por este motivo recebeu nota 2 (dois). Já as fichas do IPHAN, IPHAE/RS, INEPAC/RJ e Limeira/SP (2009) apresentam campos próprios para um levantamento fotográfico adequado, em tamanho flexível que permite a apresentação da quantidade de fotos que forem necessárias, e por este motivo receberam a máxima pontuação.

Para os campos de **Documentações: Escrita, Gráfica e Fotográfica** – Itens 10.1, 10.2 e 10.3, do Campo 10, apenas a ficha de inventário de Portugal possui as três bibliografias apresentadas em campos específicos para cada informação. As fichas de Itabirito/MG e PUC-Campinas/SP apresentam bibliografia para a documentação escrita utilizada, as demais informações gráficas e fotográficas não são citadas. A ficha de Piracicaba/SP embora não apresente a bibliografia consultada faz referência ao crédito da foto mostrada no documento. Todas as outras não apresentam nenhuma informação sobre o assunto.

O Campo 11 – **Observações Adicionais** foi encontrado apenas nas fichas de Portugal, IPHAN, IPHAE/RS, e Itabirito/MG, e apresentaram tamanho de campo flexível, que pode se

preenchido de acordo com a informação disponibilizada, por isto receberam nota máxima. Já nas fichas da PUC-Campinas/SP e de Limeira/SP (2008) embora o campo para a informação exista ele é muito reduzido, por isso receberam nota 2.

Para o último Campo analisado, referente aos **Responsáveis** pelo preenchimento das fichas (ver Campo 12, Itens 12.1, 12.2 e 12.3) apenas a ficha do CONDEPHAAT/SP não possuía estas informações. As fichas de Portugal, IEPHA/MG, INEPAC/RJ, Itabirito/MG, PUC-Campinas/SP e Limeira-SP (2008) apresentam todas estas informações, com pontuação 4 (quatro). Para as fichas do IPHAN, IPHAE /RS, IPAC/BA, Piracicaba/SP e Limeira/SP (2009) a pontuação foi 4 (quatro) para os Itens 12.1 e 12.2, porém para o Item 12.3 receberam nota 0 (zero) por não apresentarem esta informação.

A análise destas fichas permitirá que as informações identificadas nos imóveis desta pesquisa possam ser reconhecidos e catalogados de forma organizada, fazendo com que os dados coletados nas visitas técnicas, possam ser compatibilizados para reconhecer e valorizar o patrimônio.

1. MATERIAL E MÉTODOS

Este capítulo apresenta a abordagem metodológica utilizada para a compreensão, análise e sistematização dos espaços estudados, necessária à execução de levantamentos de campo, pesquisas históricas e adequação de conceitos aplicados à pesquisa.

Para compreensão do território tomado como objeto de estudo foi utilizada a metodologia desenvolvida por Argollo Ferrão (2004), conhecida como Método de Pesquisa Orientada à Processos – “Método POP”, que possibilita o reconhecimento de uma determinada região através da compreensão dos processos nela existentes, em diferentes níveis de abordagem. Este método é apresentado no item 4.1 deste capítulo.

Os levantamentos de campo foram efetuados por meio de visitas técnicas para realização de registros gráficos, fotográficos e medições das edificações, com o intuito de reconhecer o território das sete fazendas históricas. No levantamento fotográfico utilizou-se câmera digital para o registro das imagens; e no levantamento métrico-arquitetônico utilizou-se trena laser, com alcance de 50m, da marca BOSCH, modelo DLE50.

A “ficha-referência” utilizada para a catalogação dos imóveis remanescentes identificados nas fazendas serviu de suporte para as informações colhidas em campo, e compõem um material rico e extenso que pode contribuir para com o estudo de outros pesquisadores (ver Capítulo 5 – Resultados).

1.1. Método de Pesquisa Orientada a Processos – Método POP

Na análise da arquitetura rural da região de Limeira, buscou-se identificar o patrimônio histórico-arquitetônico das fazendas, formado pelas instalações e equipamentos destinados à produção agrícola, buscando compreender a relação entre o conjunto edificado e a paisagem neste contexto territorial.

Foi utilizado nesta pesquisa o Método de Pesquisa Orientada a Processos – Método POP, que vem sendo desenvolvido desde a segunda metade da década de 1990 por Argollo Ferrão (1998, 2004a e 2004b), sendo aplicado desde então em diversas pesquisas da área. Este método consiste na compreensão do território a partir do enfoque “transdisciplinar” e da “visão de processos”, que estuda o ambiente natural e construído em quatro escalas ou níveis de abordagem. No caso do presente trabalho os quatro níveis foram caracterizados de acordo com os seguintes aspectos propostos por Argollo Ferrão (2004b):

1. **Nível Regional:** Este nível está relacionado às regiões agrícolas identificadas através de uma lógica de ocupação geográfica e de um planejamento urbano definido no território, que relacionam-se com a evolução das infra-estruturas de apoio à economia agroindustrial;
2. **Nível da Fazenda:** Refere-se à arquitetura da unidade produtiva, do núcleo industrial da propriedade, relacionado aos edifícios, caminhos, jardins, pomares, plantações, construídos por padrões arquitetônicos específicos para cada ciclo do processo de produção agroindustrial;
3. **Nível do Edifício e do Maquinário:** Está relacionado aos edifícios e máquinas que compõem o conjunto do núcleo agroindustrial, planejados com o intuito de otimizar as operações do processo de produção. Cada edifício e cada máquina utilizada na produção representa um valor como patrimônio industrial;

4. **Nível Agro-ecológico:** Este conceito refere-se à arquitetura da cultura agrícola, ou da plantação, onde o planejamento das instalações e do manejo da lavoura são realizados com o intuito de proteger o plantio de fenômenos climáticos, e facilitar o trato da cultura, a racionalização da colheita, do preparo e do transporte do produto.

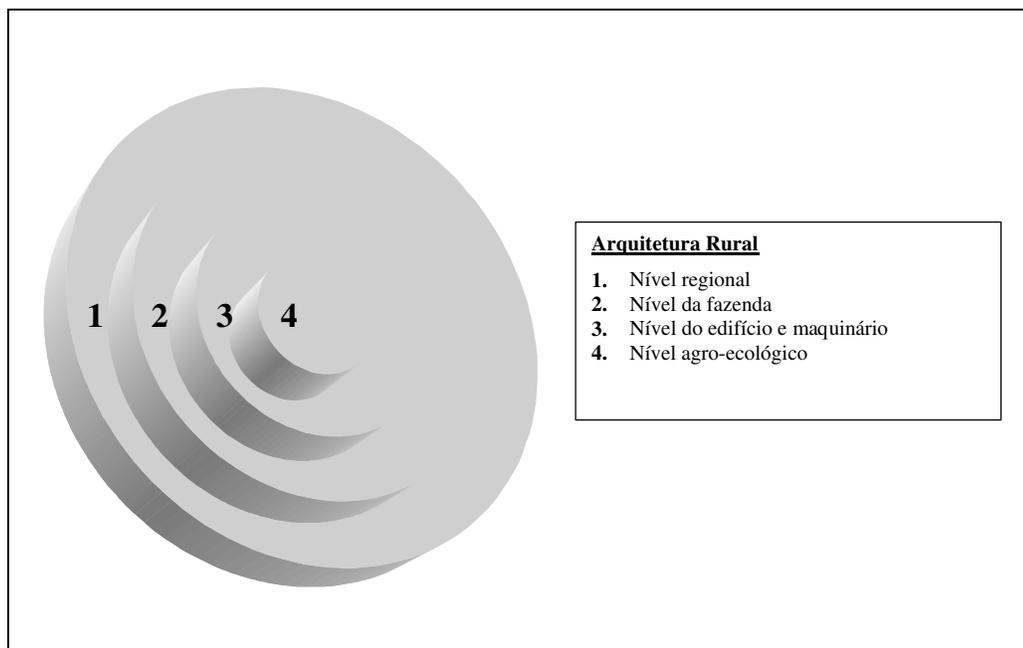


FIGURA 24 – Esquema de representação dos níveis de abordagem dos estudos em arquitetura rural a partir do Método de Pesquisa Orientada a Processos.
Fonte: ARGOLLO FERRÃO, 2004². p.20.

Um esquema representativo do método proposto por Argollo Ferrão (2004) é apresentado nas Figuras 24 e 25, onde compreende-se a arquitetura através da lógica dos processos que interagem no contexto, sendo identificados em três linhas de evolução (ou três “vetores de coevolução”), os quais caracterizam o estudo da “arquitetura rural” no âmbito do complexo produtivo.

² ARGOLLO FERRÃO, André Munhoz de. Arquitetura Rural dentro do contexto dos estudos sobre Patrimônio e Paisagens Culturais. Barcelona [ESP]: ETSAB-UPC, 2004b. 29p. (Relatório de Pesquisa de Pós Doutorado.)

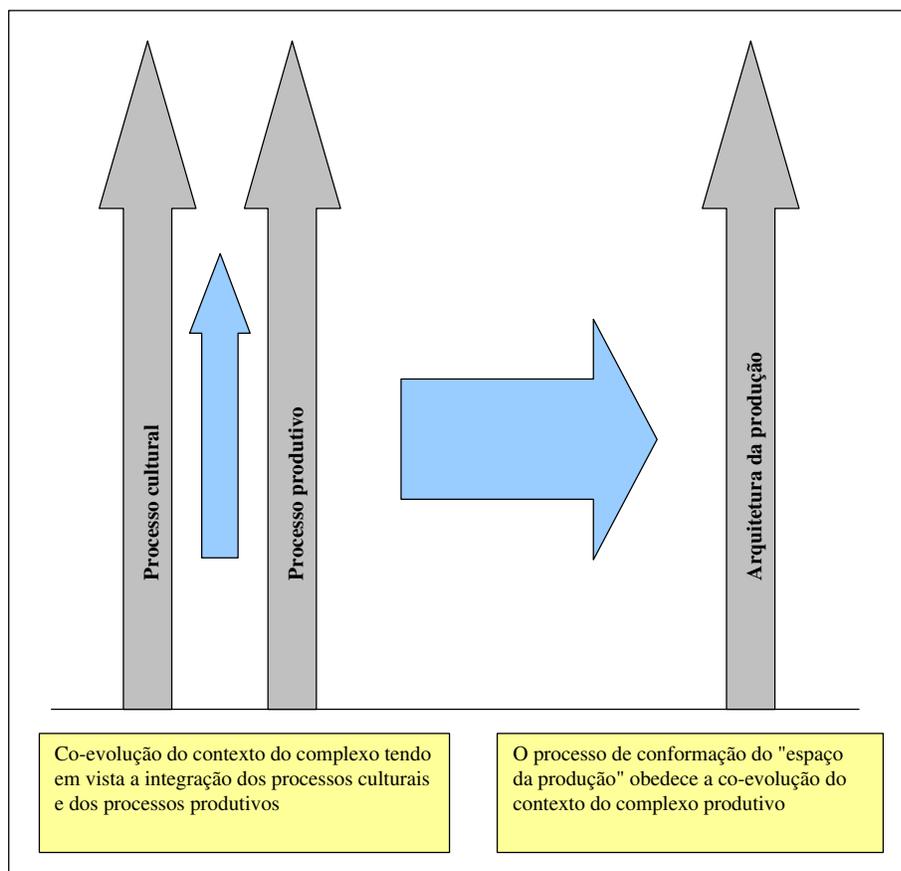


FIGURA 25 – Abordagem sistêmica e visão de processos para o estudo da arquitetura rural
 Fonte: ARGOLLO FERRÃO, 2004³. p.17

Na Figura 25, o primeiro vetor refere-se ao contexto que se pretende estudar. Deve-se compreender a evolução dos processos culturais envolvidos no complexo produtivo, relacionado-os à fatos históricos, características geográficas, sócio-econômicas, ecológicas, dentre outros (ARGOLLO FERRÃO, 2004b, p.17).

O segundo vetor refere-se aos processos produtivos, e compreende a parte do território onde os processos científicos e tecnológicos se desenvolvem, fazendo parte integral do conjunto. Neste contexto os processos produtivos se integram com o universo da produção agroindustrial, ou agroecológica, permitindo mudanças sobre a lógica destes processos.

³ Ibidem, p.17.

Assim, os vetores relacionados aos “processos culturais” e aos “processos produtivos” determinam a **coevolução** do processo de conformação da “arquitetura da produção”, aqui reconhecida como “arquitetura rural”, ou “arquitetura da produção rural”. O resultado da pesquisa consiste em identificar na integração entre os processos culturais e produtivos a valorização das paisagens culturais reconhecidas nas propriedades estudadas..

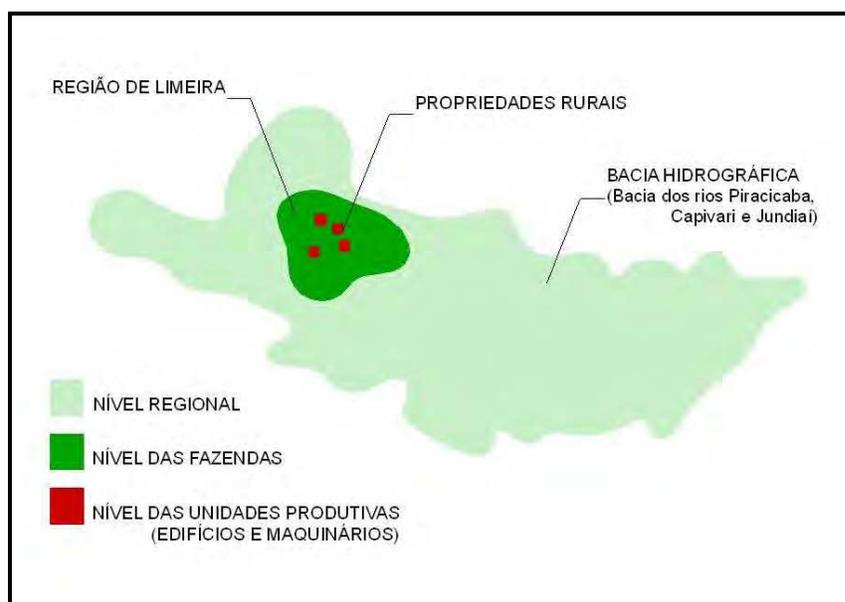


FIGURA 26 – Área de estudos esquematicamente representada dentro da Bacia Hidrográficas dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiá.⁴

Fonte: Adaptação do Método de Pesquisa Orientada à Processos – Método POP (ARGOLLO FERRÃO⁵, 2004b)

Na Figura 26 apresenta-se um esquema representativo adaptado do método de Argollo Ferrão (2004b) para conceituar e compreender esta pesquisa.

O nível regional representa o contexto da região estudada, o território da Bacia Hidrográfica dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiá – Bacia PCJ. Este mesmo nível de abordagem pode ser dimensionado em diferentes escalas, a partir da abordagem sistêmica da lógica de ocupação do

⁴ Este modelo esquemático foi idealizado aplicando-se o Método de Pesquisa Orientada a Processos – Método POP (ARGOLLO FERRÃO, 2004b), para o estudo sobre a arquitetura rural da região de Limeira, apresentado no Congresso Internacional Patrimônio Cultural: Salvaguarda y Gestión, em Havana, Cuba, 2008, [por] SCARIATO, 2008.

⁵ Ibidem.

território. Portanto, é possível considerar como “nível regional”, a região compreendida pelo território dos quatro municípios onde se encontram as sete fazendas estudadas.

O nível das unidades produtivas representa a porção do território referente a cada uma das fazendas, abrangendo o seu complexo arquitetônico, a arquitetura das unidades de produção, do núcleo industrial da propriedade, das residências e construções complementares, etc.

O terceiro nível de abordagem refere-se às construções existentes dentro de cada unidade produtiva, a partir da identificação de cada edifício reconhecido no território, destacando-se os aspectos de engenharia em cada um deles. O “nível 4, ou nível agroecológico” restringe-se à descrição do desenho do cafezal, ou da arquitetura agrícola, das fazendas estudadas através de registros fotográficos, mas que não serão abordados nesta pesquisa.

1.2. Ficha de Inventário do Patrimônio Cultural

Dentre as doze fichas de inventário identificadas como referência para esta pesquisa, foram escolhidos modelos, que serviram de base para a elaboração da “ficha-referência”, desenvolvida para o CONDEPHALI – Conselho Municipal de Patrimônio Histórico e Arquitetônico do Município de Limeira, pelo Departamento de Patrimônio Histórico, da Secretaria Municipal de Planejamento e Urbanismo, da Prefeitura Municipal de Limeira (ver Figura 23), a qual foi utilizada para a catalogação das unidades produtivas estudadas. Este inventário serviu de base para a identificação dos imóveis encontrados dentro das propriedades rurais pesquisadas.

No caso das sete fazendas estudadas, a ficha desenvolvida para o CONDEPHALI-Limeira/SP sofreu algumas alterações para adaptar-se ao contexto da área rural, uma vez que ela faz referência aos imóveis apenas da área urbana do município. Esta ficha foi modificada, acrescentando-se o campo de informação das coordenadas de GPS, padronizando desta forma as fichas urbanas e rurais.

Com a compatibilização das informações foi possível adequar uma melhor qualidade aos dados coletados em todos os níveis a serem catalogados. A utilização de uma ficha única, para as áreas da cidade e do campo, contribuiu para a padronização de procedimentos, tornando mais completa o preenchimento dos dados disponíveis acrescidos ao processo de inventariança. A ficha de Inventário do Patrimônio Cultural das Fazendas - IPAC-Fazendas é apresentada no modelo das Figuras 27 e 28.



**INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC
FAZENDAS HISTÓRICAS DE LIMOEIRA E REGIÃO**

Denominação

nº IPAC- FH

Localização

Inscrição Cadastral

Município

Coordenadas GPS

Época construção

Uso atual / original

Proteção existente / proposta

Proprietário

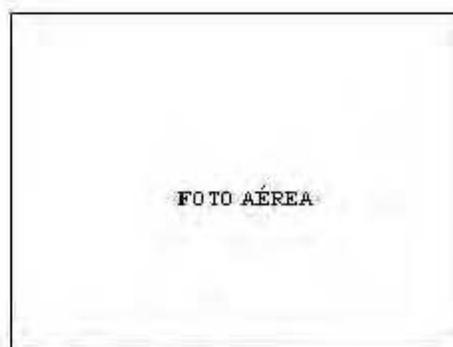
Fonte



situação e ambiência



Mapa sem escala



Fonte: Google Maps, 2009.

Resp. Técnico / Coordenador / equipe

data

FIGURA 27 – Modelo de Ficha de Inventário – Base para pesquisa (folha 01/02)



**INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC
FAZENDAS HISTÓRICAS DE LIMOEIRO E REGIÃO**

Identificação gráfica

Plantas, cortes e fachadas

Descrição Arquitetônica

Época da Construção

Estado de Conservação

1910

bom

regular

precário

em ruínas

Caracterização, tipologia, técnica construtiva e materiais empregados (partido, embasamento, estrutura, paredes externas e internas, esquadrias, cobertura, pisos, forros, instalações elétricas e hidráulicas, entre outros)

Estado de Conservação

Histórico

Registro Fotográfico

Bibliografia

FIGURA 28 – Modelo de Ficha de Inventário – Base para pesquisa (folha 02/02)

Para o preenchimento adequado das fichas de inventário apresenta-se um roteiro que contém informações mínimas necessárias ao cadastro dos bens a serem inventariados. O intuito destas fichas é compor um banco de dados sobre as fazendas históricas da região de Limeira, de forma a organizar os elementos identificados nas paisagens culturais correspondentes, como forma de valorização e reconhecimento do território.

As visitas de campo foram importantes para conhecer as intervenções, reformas, acréscimos ou demolições que ocorreram no ambiente construído das fazendas, que modificaram a paisagem anteriormente reconhecida através de acervos fotográficos antigos, comprovando a mudança no panorama da propriedade. A consulta a acervos particulares e documentos importantes, como livros, documentos escritos e fotográficos, permitiram compreender melhor o cenário pesquisado.

As Figuras 27 e 28 apresentam um conjunto de informações que visam apresentar a localização geográfica da unidade produtiva, além de informações e dados coletados em campo para a identificação do bem. A seguir são descritos, separadamente, os campos de preenchimento da ficha, que podem ser descritos de forma textual, nos espaços denominados para cada campo especificado, de forma a apresentar uma perfeita compreensão do imóvel.

Campo 1

- § **Denominação:** Deverá ser colocado o nome do imóvel (fazenda) ou nome de como é popularmente conhecido o bem;
- § **Nº da Ficha:** Deve-se numerar o imóvel inventariado para organização do acervo e catalogação do patrimônio.

Campo 2

- § **Localização:** Identifica-se o endereço do imóvel ou da fazenda (rodovias, vias de acesso, caixa postal), para facilitar o acesso ao bem;
- § **Inscrição Cadastral:** Este campo deve ser utilizado apenas para imóveis urbanos.

Campo 3

- § **Município:** Colocar o nome do município onde está localizado o bem;
- § **Coordenadas GPS:** Deverá ser utilizado equipamento de GPS para marcação das coordenadas (o ponto marcado pelo GPS denominado é considerada a frente da casa-sede da fazenda), e a informação colhida deve ser inscrita na ficha, para a perfeita localização geográfica do imóvel;
- § **Época construção:** Deve-se identificar o ano de construção da abertura da fazenda, ou no caso de imóveis isolados, apresentar o ano da construção do imóvel.
- § **Uso atual / original** : Indica-se a utilização original da unidade produtiva quando da sua fundação, e qual a utilização atual da propriedade.
- § **Proteção existente / proposta:** Indica-se a existência de algum tipo de proteção de preservação do patrimônio cultural, caso não haja nenhum tipo de proteção, deve-se indicar a proteção a ser realizada para garantir a conservação do bem;
- § **Proprietário:** Indica-se o nome do(s) proprietário(s).

Campo 4

- § **Imagem:** Apresenta-se uma foto da fachada principal do imóvel atualizada, com citação da fonte, para identificar mais claramente o imóvel.

Campo 5

- § **Mapa sem escala:** Apresenta-se mapa de implantação da fazenda, que poderá ser croqui ou desenho de CAD;
- § **Mapa do GOOGLE EARTH:** Apresenta-se mapa da vista aérea da fazenda, através de foto aérea, via satélite, disponibilizada via internet.

Campo 6

- § **Rersp. Técnico / Coordenador / equipe:** Indica-se os nomes de todos os responsáveis técnicos, coordenadores e colaboradores que participaram da pesquisa;
- § **Data:** Indica-se o mês e ano de quando a ficha foi preenchida.

Campo 7

§ **Identificação gráfica:** São relacionados os desenhos gráficos relacionados ao bem inventariado através de plantas, cortes, fachadas e detalhamentos especiais;

Campo 8

§ **Descrição arquitetônica:** Este campo refere-se a descrição arquitetônica atualizada do imóvel, que deverá ser apresentada em forma de texto, caracterizando a edificação através de descrição tipológica, com identificação das técnicas construtivas e materiais empregados no processo construtivo (partido, embasamento, estrutura, paredes externas e internas, esquadrias, cobertura, pisos, forros, instalações elétricas e hidráulicas, entre outros).

§ **Época da construção:** Deve-se indicar o ano em que o prédio foi construído, que não necessariamente é o mesmo ano em que a fazenda foi constituída;

§ **Estado de conservação** – Indica-se o grau de conservação em que o imóvel se encontra, que pode variar:

§ bom – quando o estado de conservação está satisfatório;

§ regular – quando o estado de conservação merece cuidados;

§ precário – quando o estado de conservação apresenta perigo à manutenção do patrimônio, ou encontra-se em avançado estágio de deterioração.

§ em ruínas – quando o patrimônio já apresenta risco de desaparecer, estando em um estágio que torna-se difícil a sua reconstrução.

Campo 9

§ **Histórico:** Apresentam-se as informações históricas referentes ao bem inventariado, com história de todos os proprietários, usos, acréscimos e demolições ocorridas no imóvel. Estas informações são muito importantes para reconhecer o patrimônio arquitetônico remanescente no território.

Campo 10

§ **Registro fotográfico:** Responsável pela identificação visual do imóvel, que pode conter fotos externas e internas da edificação, e também alguns detalhes interessantes de devem ser apresentados. Neste campo poderão ser apresentadas tanto fotos atuais e antigas dos acervos existentes.

Campo 11

Bibliografia: A bibliografia é responsável pela identificação de livros pesquisados, acervos iconográficos e documentais, links e sites via internet utilizados na pesquisa.

Esta ficha terá um número ilimitado de folhas, que deverão ser preenchidas conforme a quantidade de dados e informações disponíveis para a pesquisa. Quanto o imóvel a ser inventariado não possuir muita informação, a ficha torna-se apenas um instrumento de identificação, mas não pode oferecer ao pesquisador um conteúdo importante para consulta. Mesmo assim, não deixa de ser um instrumento para o conhecimento do bem, podendo servir de base para outras pesquisas a serem realizadas.

2. RESULTADOS

Neste capítulo foram realizados estudos que contribuíram para o reconhecimento do território das fazendas históricas.

Através do desenvolvimento de uma tabela (ver Tabela 3) foi possível compreender a lógica de formação das fazendas e dos municípios estudados. Utilizando-se de pesquisas históricas, foram analisados, de forma cronológica, dados temporais de formação e criação das cidades e das propriedades. Esta análise permitiu a leitura do território e o reconhecimento da paisagem cultural correspondente.

Na Tabela 3 pode-se observar que a constituição das fazendas foi anterior à formação dos próprios povoados onde estão localizadas as atuais cidades. É possível identificar que a criação de alguns municípios foi posterior à formação das fazendas, como é o caso das cidades de Cordeirópolis, Iracemápolis e Santa Gertrudes. Pode-se destacar a importância das sete fazendas históricas para o desenvolvimento econômico dos municípios onde elas se localizam, assim como ocorreu em outras regiões do Estado de São Paulo.

TABELA 3
Análise comparativa entre as fazendas estudadas

CIDADES FAZENDAS	CIDADES			FAZENDAS		
	Formação (1) (povoado)	Distrito (1) (criação)	Fundação (3) (município)	Constituição (Fundação) (3) (4)	Construção (Sede) (3) (4)	Produção Agroindustrial
LIMEIRA	início séc. XIX	-	. 1826 .			
Tatu				1820	a partir de 1820	açúcar
Quilombo				1870	1892	café
Itapema				1860	a partir de 1860	café
Citra-Dierberger				1924	-	laranja
CORDEIRÓPOLIS	1890	1899 - Limeira	. 1948 .			
Ibicaba				1817	a partir de 1857	café
IRACEMÁPOLIS	1891	1923 - Limeira	. 1953 .			
Morro Azul				início séc. XIX	1877 (5)	café
SANTA GERTRUDES	1821	1916 - Rio Claro	. 1948 .			
Santa Gertrudes				1854	1890-1910	café

Fonte: Internet

(1) Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/produtos/perfil/perfil.php>>. Acesso em 20/11/2007.

(2) Disponível em: <<http://www.limeira.sp.gov.br>>. Acesso em 25/11/2007.

Disponível em: <<http://www.cordeirópolis.sp.gov.br>>. Acesso em 25/11/2007.

Disponível em: <<http://www.iracemópolis.sp.gov.br>>. Acesso em 25/11/2007.

Disponível em: <<http://www.santagertrudes.sp.gov.br>>. Acesso em 25/11/2007.

(3) Disponível em: <<http://www.fazendaitapema.com.br>>. Acesso em 09/12/2007.

Disponível em: <<http://www.fazendacitra.com.br>>. Acesso em 09/12/2007.

A Figura 29 trata de identificar, num período de 200 anos (de 1800 a 2000), a constituição das fazendas, a fundação dos municípios, e dados históricos importantes que marcaram o processo de formação e crescimento da região. A partir da identificação do cenário histórico da fundação das fazendas e da formação dos povoados da região de Limeira, desenvolveu-se um esquema de “Linha do tempo” (Figura 29), relacionando estes processos ao cenário histórico nacional.

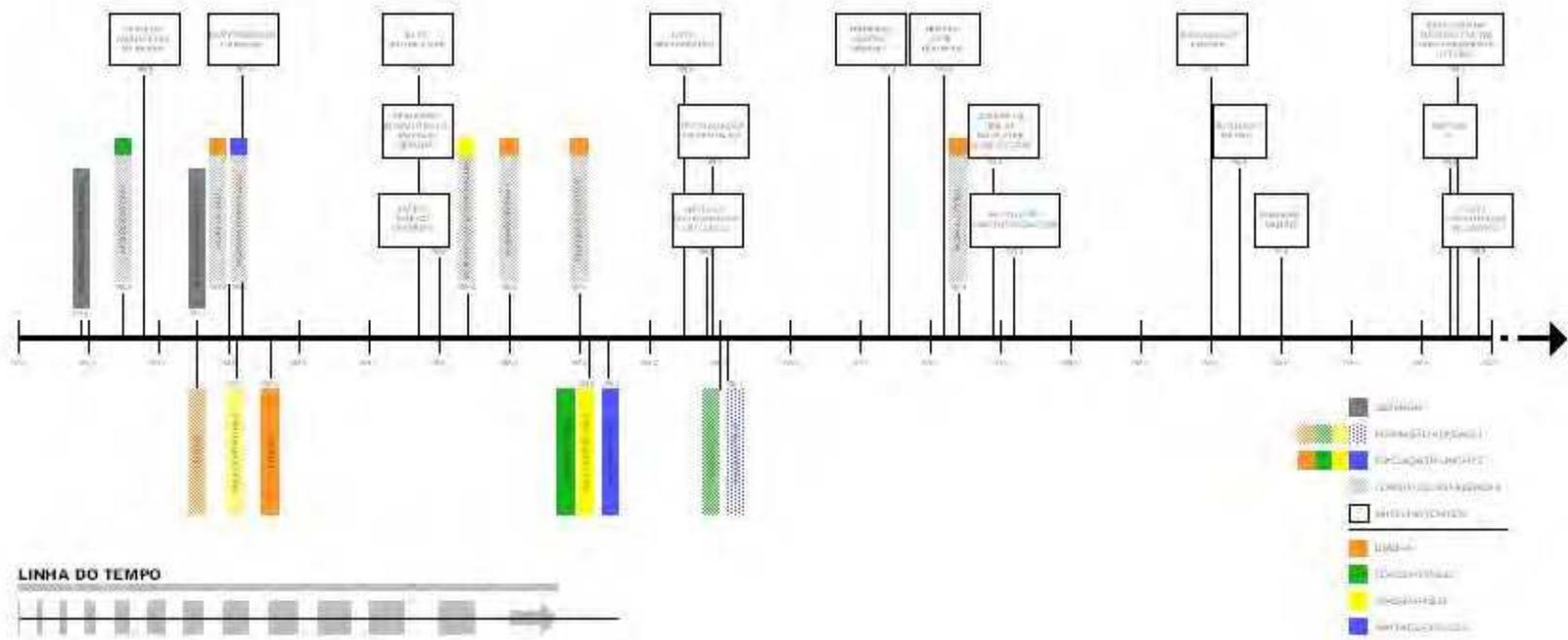


FIGURA 29 – Linha do tempo
 Desenho esquemático desenvolvido pela pesquisadora para identificar o surgimento das fazendas, comparando-as com a criação dos municípios e alguns fatos importantes da história.

Dentre os fatos históricos importantes no cenário nacional, pode-se destacar a proibição do tráfico negreiro a partir de 1850¹, que proporcionou a vinda de imigrantes para o trabalho nas lavouras de café, consolidando a política “imigrantista” (MARTINS: 1973, p.50)² no país, formando um mercado de mão-de-obra que veio substituir o trabalho necessário nas grandes plantações, que agora não mais poderiam contar com o braço do negro escravo.

Na Figura 29 – Linha do Tempo – pode-se observar ainda que a partir de 1799³ com a concessão das sesmarias, desenvolveu-se todo o panorama formado pelas fazendas e municípios estudados, durante um período de mais de 120 anos, desde a doação das terras para os grandes fazendeiros até a formação da Fazenda Citra em 1924.

Segundo o historiador Reynaldo K. Busch (1967), a Fazenda Ibicaba foi criada em janeiro de 1805 e a primeira posse deu-se em 1815, anterior a concessão da Sesmaria do Morro Azul, que é de 1817⁴. Portanto esta fazenda é anterior a formação das próprias cidades estudadas nesta pesquisa (ver Figura 29 e Tabela 3). A formação oficial do povoado de Limeira aconteceu em 1826, através da doação de parte das terras do Engenho do Tatu (atual Fazenda Tatu) para a edificação da futura cidade. A Fazenda Tatu, assim como a Ibicaba, também tem sua formação anterior à cidade de Limeira, possivelmente a partir 1820, após a doação das sesmarias na região. Deste período também é a fundação da Fazenda Morro Azul, que foi aberta em 1820.

Nesta mesma época surge o povoado de Gramada, que mais tarde seria chamado de Santa Gertrudes. A cidade de Santa Gertrudes pertencia às terras da Sesmaria do Morro Azul, que teve como ponto inicial a compra de uma gleba de terras pelo Brigadeiro Manoel Rodrigues Jordão e sua esposa D. Gertrudes Galvão de Moura Lacerda, daí o nome da fazenda, que posteriormente dará nome a própria cidade. A Fazenda Santa Gertrudes, será constituída somente em 1854, enquanto a cidade só será emancipada em 1948 (ver Tabela 3), sendo até este período distrito de Rio Claro.

¹ BEZERRA, Maria Cristina dos Santos. De colonos a proprietários: a saga da formação do Bairro dos Pires. Limeira: Sociedade Pró-Memória de Limeira, Unigráfica, 2002. p.26

² Ibidem, p.32.

³ BUSCH, Reynaldo Kuntz. *História de Limeira*. Limeira: Prefeitura Municipal, 1967.

⁴ Ibidem.

Observar no esquema da Linha do Tempo (Figura 29) que a parte inferior da linha encontra-se apenas a informação sobre as cidades ao longo dos anos. E na parte superior estão as informações sobre a criação das fazendas, e também informações históricas do que estava acontecendo na política e na economia do Brasil.

Na linha esquemática apresentada, cada cidade recebeu uma cor para ilustrar mais claramente sua identificação. As cores mais claras representam quando os povoados surgiram, antes da formação dos municípios. Os quadros de cores mais fortes representam as cidades quando da sua fundação. Deve-se observar também, que na parte superior, na identificação de cada uma das sete fazendas, existe um quadrado colorido, que representa a cor da cidade onde ela está localizada, para facilitar a sua compreensão e organização.

1.1. Inventário do Patrimônio Cultural das Fazendas (IPAC-Fazendas)

A “ficha-referência” desenvolvida para esta dissertação já vem sendo utilizada pela pesquisadora no seu campo profissional, através do desenvolvimento de projetos de preservação da memória cultural do município de Limeira. O Departamento de Patrimônio Histórico, da Prefeitura Municipal de Limeira, está sob sua coordenação desde 2007, e emprega atualmente esta ficha no desenvolvimento do inventário do patrimônio municipal.

A pesquisadora, além do Departamento de Patrimônio Histórico de Limeira é também presidente do CONDEPHALI – Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico e Arquitetônico do Município de Limeira – desde 2004 até a presente data. Este Conselho, em parceria com o Departamento de Patrimônio Histórico, está desenvolvendo o trabalho de inventário municipal, para tombamento dos imóveis mais representativos do município, que correm o risco de desaparecer, devido à falta de conhecimento da comunidade e pela pressão imobiliária. Neste caso a “ficha-referência” tornou-se ferramenta importante para a instrução dos processos de tombamento municipal, servindo de modelo para a identificação dos imóveis e/ou áreas que devem ser preservadas para a manutenção histórica do patrimônio cultural de Limeira.

Portanto, a partir da ficha de Inventário do Patrimônio Cultural de Limeira – IPAC, foi desenvolvida a ficha de Inventário do Patrimônio Cultural das Fazendas Históricas – IPAC-Fazendas, onde estabeleceu-se a padronização de um único modelo (para área urbana e rural), que permitiu a aplicação de um procedimento adequado para inventariar imóveis de interesse histórico, que agora podem ser analisados comparativamente de uma forma integrada..

Este capítulo apresenta o resultado do trabalho exploratório realizado durante as visitas efetuadas nas fazendas, e também dá conhecimento sobre os estudos técnicos e científicos que foram pesquisados para esta dissertação. Através de análises com gráficos, tabelas, desenhos, fotos, documentos de acervos particulares, dentre outros, foram obtidos resultados que permitiram reconhecer o patrimônio das fazendas históricas, por meio dos processos de “coevolução” identificados.

Para alcançar este questão, são apresentadas as Fichas de Inventário IPAC-Fazendas, que foram realizadas para caracterizar a paisagem estudada e reconhecer o patrimônio edificado no território, através de uma avaliação criteriosa e ao mesmo tempo comparativa entre as fazendas estudadas. Esta análise permitiu uma melhor compreensão do panorama destas propriedades e ainda levantou uma grande quantidade de dados que podem contribuir para o desenvolvimento de outras pesquisas correlatas.

As fichas de Inventário – IPAC-Fazendas – são apresentadas cronologicamente:

- § Ficha 001 – IPAC-Fazendas – Fazenda Ibicaba;
- § Ficha 002 – IPAC-Fazendas – Fazenda Tatu;
- § Ficha 003 – IPAC-Fazendas – Fazenda Morro Azul;
- § Ficha 004 – IPAC-Fazendas – Fazenda Santa Gertrudes;
- § Ficha 005 – IPAC-Fazendas – Fazenda Itapema;
- § Ficha 006 – IPAC-Fazendas – Fazenda Quilombo;
- § Ficha 007 – IPAC-Fazendas – Fazenda Citra-Dierberger.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Denominação
Fazenda Ibicaba

nº DPH - Limeira
001

Localização
 Rodovia SP 317 (Limeira-Cordeirópolis) km 02

Contato: tel. (19) 3546-1012
 e-mail: fazendaibicaba@fazendaibicaba.com.br
 www.fazendaibicaba.com.br

Município
 Cordeirópolis, SP

Coordenadas GPS
 22°30'8.25" S 47°28'19.78" O

Época fundação
 1828

Uso atual / original
 Cana-de-açúcar / Engenho de açúcar (depois café)

Proteção existente / proposta
 inexistente/ tombamento

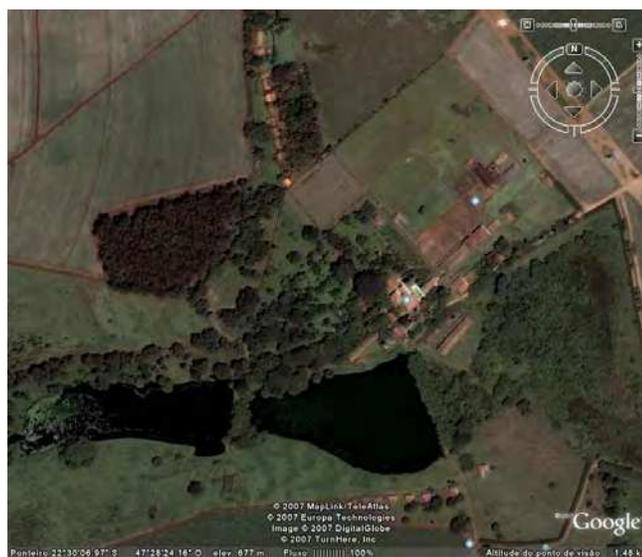
Proprietário
Família Carvalhaes



Fonte: Disponível em: <www.fazendaibicaba.com.br>

situação e ambiência

Fazenda fundada no início do século XIX, que teve seu apogeu com a produção de café. Foi pioneira na substituição de mão-de-obra escrava pelo do imigrante europeu.



Fonte: Google Maps, 2008.

Rersp. Técnico / Coordenador / equipe

Juliana Binotti Pereira Scariato / Desenhos: Bruna Cristina de Araujo

data

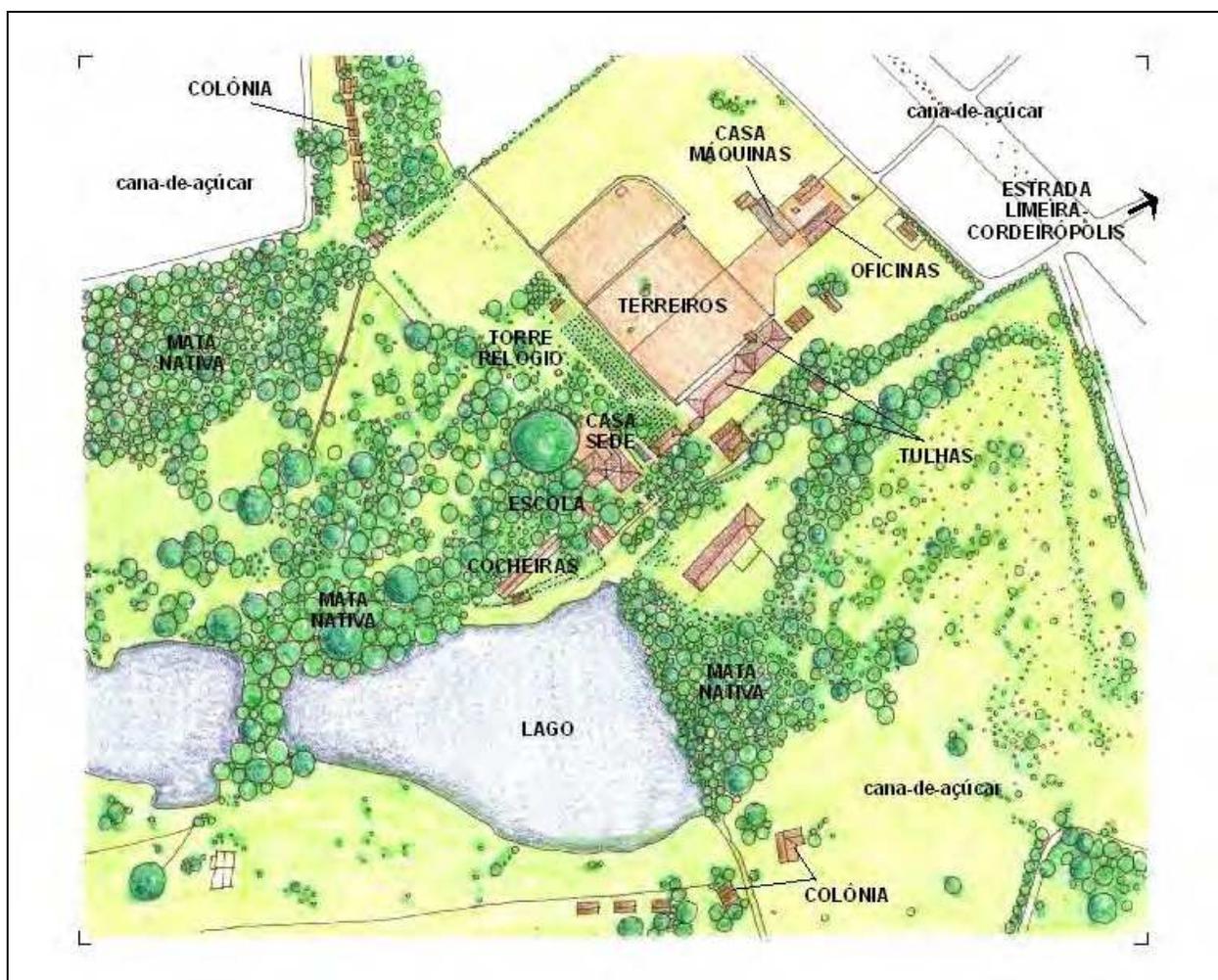
nov/2009



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Identificação gráfica

Implantação, plantas baixas, cortes e fachadas



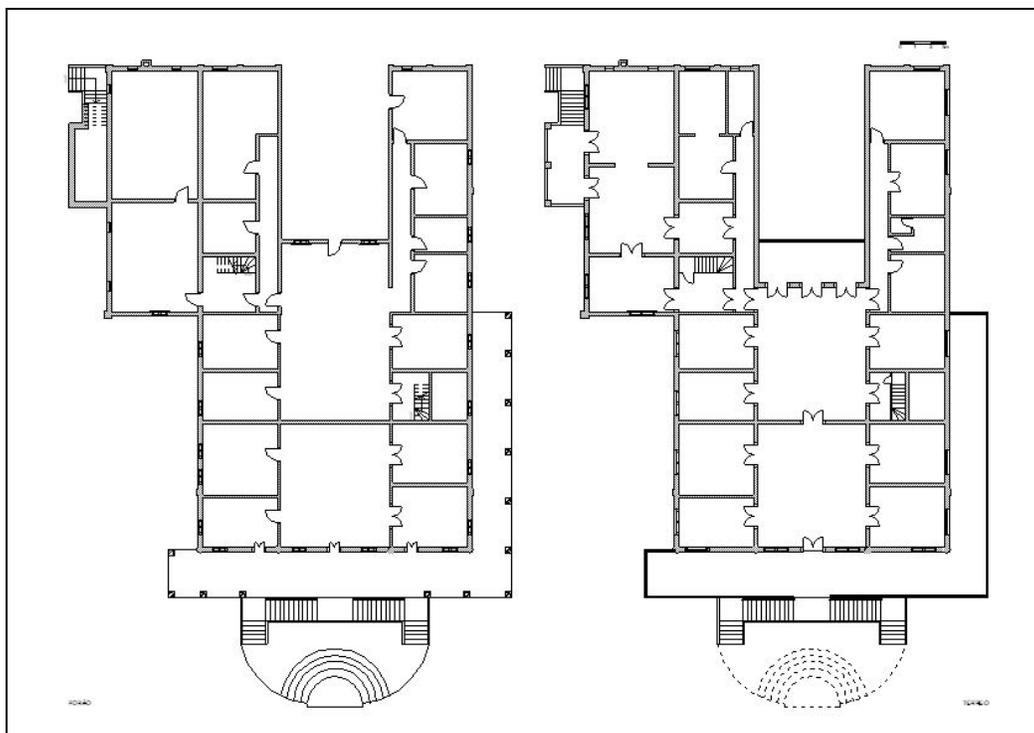
Implantação – Fazenda Ibicaba
Desenho: Juliana B. P. Scariato, 2009.



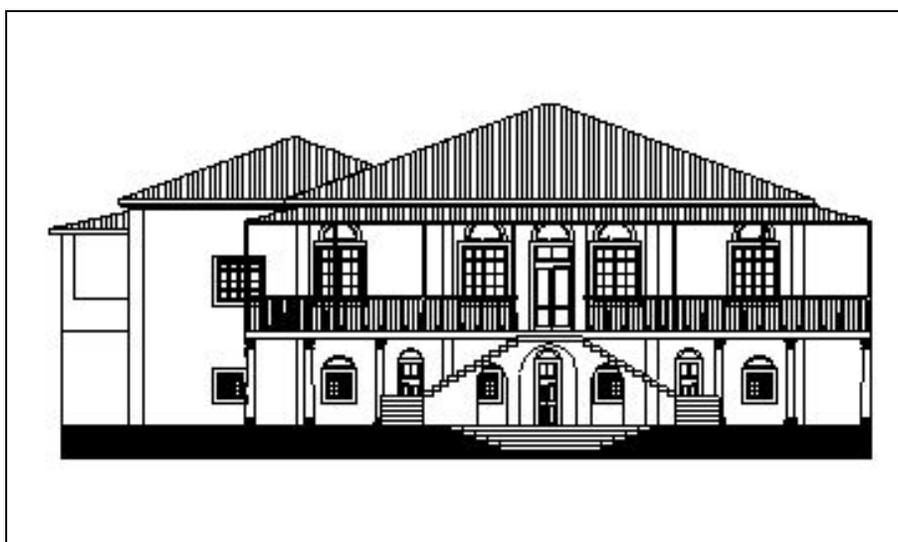
INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Identificação gráfica

Implantação, plantas baixas, cortes e fachadas



Planta baixa – Casa-sede da Fazenda Ibicaba
Fonte: SCARIATO, 2009.



Elevação atual – Casa-sede da Fazenda Ibicaba
Fonte: SCARIATO, 2009.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Identificação gráfica

Plantas, cortes e fachadas

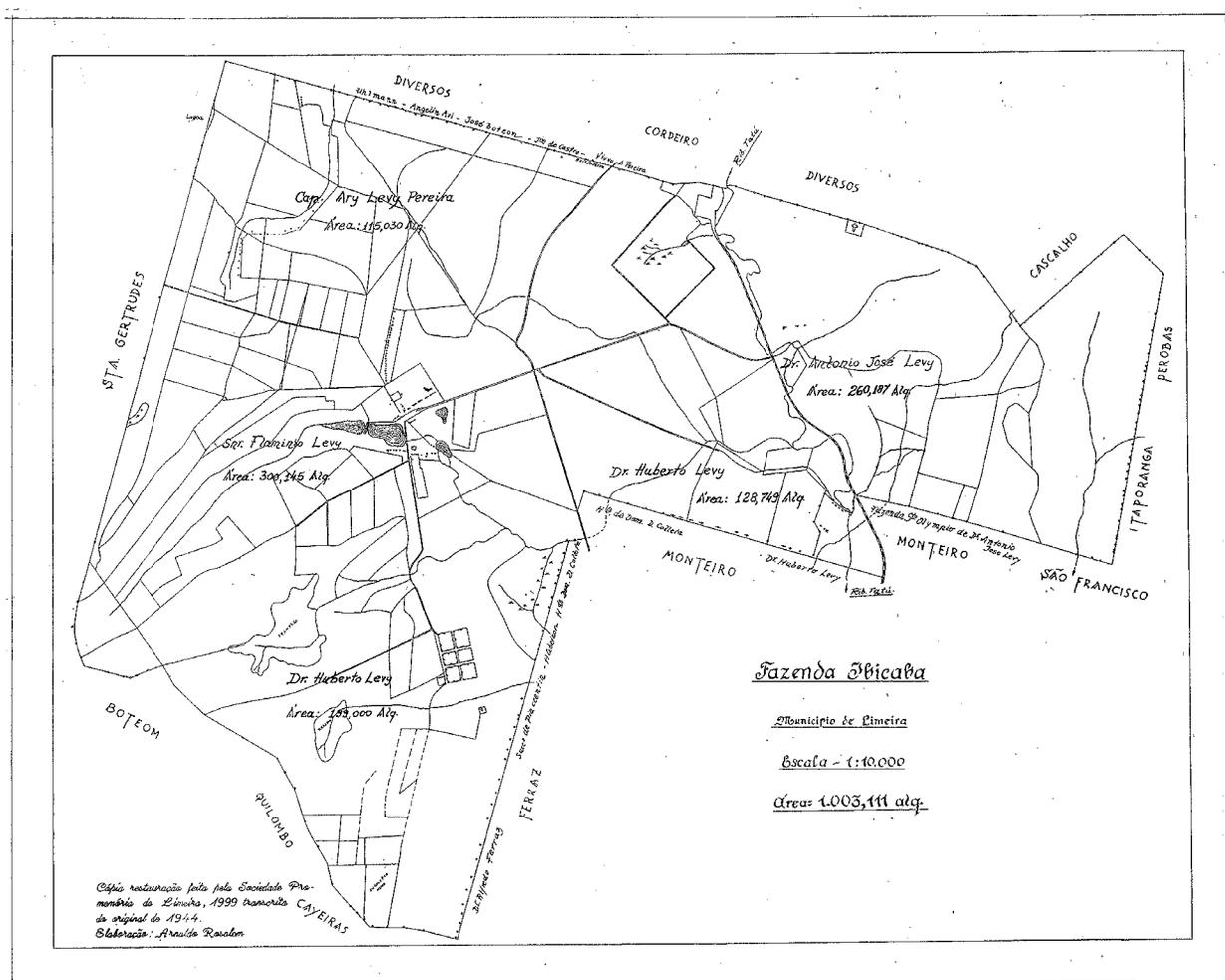


Figura 01 – Mapa da Fazenda Ibicaba, baseado em mapa original de 1944, quando propriedade da família Levy.
 Fonte: Acervo Paulo Masuti Levy.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Descrição Arquitetônica

Época da Construção	Estado de Conservação			
1820	<input type="checkbox"/> bom	<input checked="" type="checkbox"/> regular	<input type="checkbox"/> precário	<input type="checkbox"/> em ruínas

Caracterização, tipologia, técnica construtiva e materiais empregados (partido, embasamento, estrutura, paredes externas e internas, esquadrias, cobertura, pisos, forros, instalações elétricas e hidráulicas, entre outros)

A Fazenda Ibicaba possui grandes construções erguidas durante o processo agrícola de produção de café, que permanecem preservadas até hoje. Embora o ciclo do café não faça mais parte da produção agrícola da fazenda, que hoje tem em suas terras o plantio da cana-de-açúcar, para as usinas sucroalcooleiras, o patrimônio remanescente no território é utilizado para fins turísticos, culturais e festivos.

Estado de Conservação

A maioria dos imóveis analisados encontra-se em bom estado de conservação, embora alguns permanecem ainda sem utilização.

Histórico

A Fazenda Ibicaba foi sede da primeira e uma das mais importantes colônias do Brasil. Fundada em 1817¹ pelo Senador Vergueiro, a fazenda foi, durante um período, a maior produtora de café do Brasil. Ibicaba foi a pioneira na substituição do braço escravo pela mão-de-obra do imigrante europeu. A partir de 1840 chegam os primeiros imigrantes vindos de Portugal, e mais tarde chegariam os alemães e suíços para trabalhar nas lavouras de café.

O sistema criado pelo Senador Vergueiro ficou conhecido como “sistema de parceria”, os imigrantes eram recrutados em seu país de origem e sua viagem era financiada até a chegada na fazenda. O “parceiro” tinha que trabalhar duro para pagar sua dívida, por pelo menos quatro anos.

Neste sistema, cada família recebia uma quantidade de pés de café para cultivar, colher e beneficiar, e ainda podia cultivar mantimentos para o próprio sustento. Com a venda do café o lucro era repartido

¹ Disponível em: <www.fazendacitra.com.br>



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

entre colono e fazendeiro, sendo o mesmo princípio utilizado para as sobras de mantimentos que o colono viesse a vender, este processo possuía até moeda própria de circulação interna.

Foram criadas, através deste sistema, mais de 60 colônias, totalizando aproximadamente 60.000 imigrantes. Este fato contribuiu para que a região resistisse, diferentemente de outras, à grande transformação social, que então se operou no país com a abolição dos escravos.

A Fazenda Ibicaba durante uma década foi modelo de colonização servindo de exemplo para todo o país. Foram cerca de mais de mil imigrantes entre portugueses, suíços e alemães que viviam na fazenda. O movimento de colonização, iniciado em Ibicaba, foi um dos responsáveis pelo progresso paulista, em face de outros estados do Brasil. Segundo Rebouças (1883)² “O grande patriota fez o seu ensaio, na sua Fazenda Ibicaba, transformando-a numa verdadeira escola de ensino agrícola e industrial”.

Ibicaba recebeu grandes personalidades, devido a sua importância na economia de São Paulo e à influência política do Senador Vergueiro, dentre os ilustres que visitaram a fazenda estavam Dom Pedro II, a Princesa Isabel e o Conde D'eu, o naturalista Prussiano, Sellow, Kidder, Fletcher, Hércules Florence, que fez o primeiro retrato à lápis do povoado, o Príncipe da Prússia, Iongkingsing, Embaixador da China, Antonio Prado. A fazenda foi utilizada também como estação militar durante a Guerra do Paraguai.

A extinção do tráfico negreiro em 1850 levou muitos fazendeiros a implantar o mesmo "sistema de parceria" criando pelo Senador Vergueiro. Os imigrantes, além de exercerem grande influência cultural, contribuíram com novas técnicas de produção: utilização de arado (pela primeira vez) na plantação de café, eixo móvel para carroças e demais utensílios agrícolas. A oficina de Ibicaba fornecia máquinas e instrumentos para a região posto que muitos imigrantes não tinham vocação agrícola, mas eram excelentes artesãos. Um dos primeiros motores a vapor de São Paulo foi importado por Ibicaba e hoje encontra-se no Museu Histórico³ de Limeira, SP.

Mas a dificuldade na adaptação ao clima e culturas locais enfrentadas pelos colonos, além da subordinação econômica aos fazendeiros criou-se uma crise que, em 1856, culminou na “Revolta dos Parceiros” ou insurreição dos imigrantes europeus, tendo, como palco, a Fazenda Ibicaba, a maior produtora de café da época. A revolta foi comandada pelo suíço Thomaz Davatz, que fez com que autoridades suíças tomassem conhecimento das condições em que viviam os colonos. Esta revolta foi contada no livro “Memórias de um colono no Brasil”⁴ (DAVATZ, 18-), que coibiu o ciclo da imigração na ocasião.

Com a revolta, as colônias de parceria praticamente desapareceram, e somente em 1877 chega à São Paulo o primeiro grande grupo de italianos com cerca de 2.000 imigrantes. Deste momento em diante o movimento imigratório cresce fazendo com que o estado passasse a apoiar os imigrantes, criando a “Hospedaria do Imigrante”, para hospedá-los até que o fazendeiro os contratasse.

² REBOUÇAS, André. Agricultura nacional, estudos econômicos: propaganda abolicionista e democrática. Rio de Janeiro: Lamoureux. 1883. In: REIS FILHO, Daniel Aarão. *Intelectuais, história e política* (séculos XIX e XX). 7Letras. 289 p.

³ O locomóvel (motor a vapor) utilizado na Fazenda Ibicaba faz parte do acervo do Museu Histórico e Pedagógico Major José Levy Sobrinho, localizado no centro de Limeira, SP.

⁴ DAVATZ, Thomas. *Memórias de um colono no Brasil*. São Paulo:



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Com a crise do café, o Senador Vergueiro vai à falência e a Fazenda é arrematada em 1889, em hasta pública, pela Família Levy, que ali chegaram como colonos em 1847, e após pagarem suas dívidas, tornam-se importantes empresários na cidade de Limeira.

A Fazenda Ibicaba possui um importante conjunto histórico-arquitetônico, formado pela sede centenária (construída por membros da Família Levy), capela, dotada de altar em madeira, senzala, torre do relógio, terreiros, tulhas e aquedutos construídos por escravos e imigrantes. Hoje a propriedade pertence à Família Carvalhaes.

A fazenda faz parte do roteiro turístico da Secretaria de Turismo de Limeira, no programa “Conheça Limeira: Visita às Fazendas Históricas”, sendo um dos instrumentos dos atuais proprietários para garantir a manutenção e preservação do vasto patrimônio cultural.



Figura 02 – Vista aérea da Fazenda Ibicaba

Fonte: Disponível em: <www.fazendaibicaba.com.br>



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico



Figura 03 – Foto da fazenda. Década de 1920.
Fonte: Disponível em: <www.fazendaibicaba.com.br>



Figura 04 – Vista aérea da fazenda
Fonte: Disponível em: <www.fazendacitra.com.br>



Figura 05 – Colonos reunidos à frente da antiga casa-sede
Fonte: HEFLINGER, 2005⁵. p.87.

⁵ HEFLINGER, José Eduardo; LEVY, Paulo Masuti; CANTALICE, Rommel Siqueira Campos. Recordações de infância de Carlota Schmidt no Ibicada. Limeira: Unigráfica, 2005. p.87.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico



Figura 06 – Terreiro de café, com casa-sede ao fundo
Fonte: Disponível em: <www.fazendacitra.com.br>



Figura 07 – Terreiro de café, com casa-sede ao fundo
Fonte: ARAUJO, 2000⁶. p.83.

⁶ ARAUJO, Emanuel (curador). *O café*. Exposição realizada na praça do Banco Real. São Paulo: Hamburg Donnelley Gráfica e Editora, 2000.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico



Figura 08 – Fazenda Ibicaba
Fonte: DAVATZ, 1883⁷

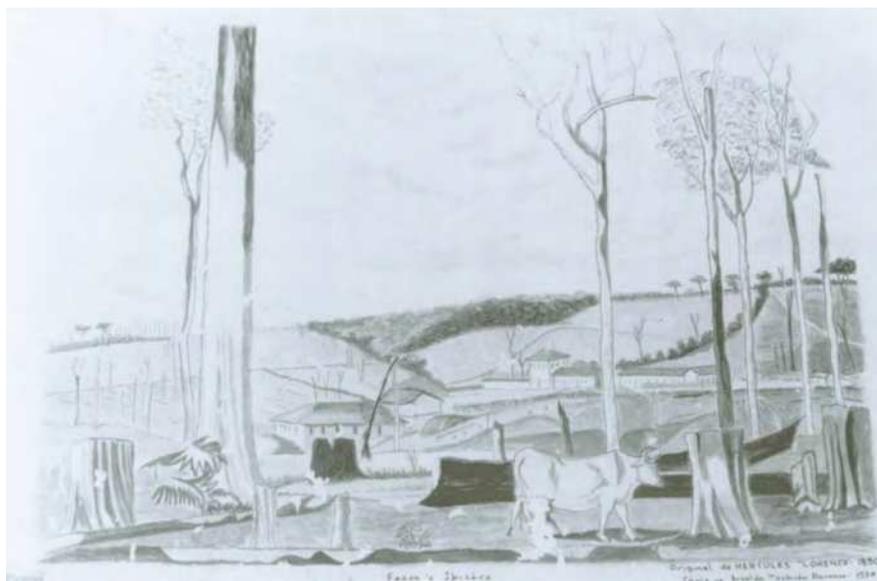


Figura 09 – Desenho de Arnaldo Machado Florence, 1975; a partir do original de Hércules Florence, quando de sua visita à Fazenda Ibicaba em 1830.
Fonte: HEFLINGER, 2005⁸. p.83.

⁷ DAVATZ, Thomas. *Memórias de um colono no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes. In: CADERNO DE MEMÓRIAS. Limeira: Associação Pró-Memória de Limeira, n.3, p.46, out.2008.

⁸ HEFLINGER, José Eduardo; LEVY, Paulo Masuti; CANTALICE, Rommel Siqueira Campos. *Recordações de infância de Carlota Schmidt no Ibicaba*. Tradução português-alemão. Limeira: Unigráfica, 2005. p.83.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico

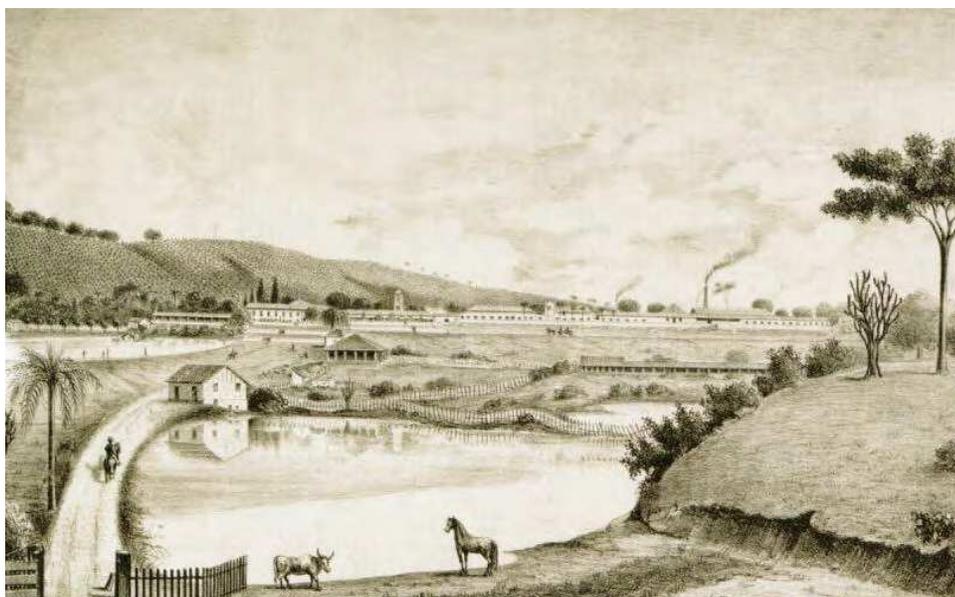


Figura 10 – Vista geral da fazenda
Fonte: ARAUJO, 2000⁹. p.25.



Figura 11 – Colônia Vergueiro
Fonte: FORJAZ, 1924¹⁰

⁹ ARAUJO, Emanuel (curador). *O café*. Exposição realizada na praça do Banco Real. São Paulo: Hamburg Donnelley Gráfica e Editora, 2000.

¹⁰ FORJAZ, Djalma. *O Senador Vergueiro*. Sua vida e sua época (1778-1859). São Paulo: Oficinas do Diário Oficial, 1924.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico



Figura 12 – Trabalho no terreiro de café
Fonte: HEFLINGER, 2005¹¹ . p.106.



Figura 13 – Preparação para secagem do café (terreiro)
Fonte: HEFLINGER, 2005¹². p.106.



Figura 14 – Vista das instalações da fazenda
Fonte: HEFLINGER, 2005¹³ . p.68



Figura 15 – Vista da fazenda
Fonte: HEFLINGER, 2005¹⁴. p.99.



Figura 16 – Vista das instalações da fazenda
Fonte: HEFLINGER, 2005¹⁵ . p.68



Figura 17 – Vista da fazenda
Fonte: HEFLINGER, 2005¹⁶. p.99.

¹¹ HEFLINGER, José Eduardo; LEVY, Paulo Masuti; CANTALICE, Rommel Siqueira Campos. *Recordações de infância de Carlota Schmidt no Ibicaba*. Tradução português-alemão. Limeira: Unigráfica, 2005. p.106.

¹² Ibidem, p.106.

¹³ Ibidem, p.68.

¹⁴ Ibidem, p.99.

¹⁵ Ibidem, p.68.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico



Figura 18 – Vista da varanda da sede, sem cobertura
Fonte: Família Levy: 150 anos, 2007¹⁷. p.109.



Figura 19 – Varanda coberta
Fonte: Família Levy: 140 anos, 1997¹⁸



Figura 20 – Escravos na lavoura de café
Fonte: HEFLINGER, 2005¹⁹. p.66



Figura 21 – Crianças escravas no Ibicaba
Fonte: HEFLINGER, 2005²⁰. p.67.

¹⁶ Ibidem, p.99.

¹⁷ FAMÍLIA LEVY: 150 anos – 1857-2007. Limeira: Unigráfica, 2007. 120p.

¹⁸ FAMÍLIA LEVY: 140 anos – 1857-1997. Limeira, 1997. 46p.

¹⁹ HEFLINGER, José Eduardo; LEVY, Paulo Masuti; CANTALICE, Rommel Siqueira Campos. *Recordações de infância de Carlota Schmidt no Ibicaba*. Tradução português-alemão. Limeira: Unigráfica, 2005. p.66.

²⁰ Ibidem, p.67.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico



Figura 22 – Trabalhadores no terreiro de café do Ibicaba
Fonte: HEFLINGER, 2007²¹ . p.67.



Figura 23 – Aque-dutos de água.
Fonte: HEFLINGER, 2005²² . p.93



Figura 24 – Lavoura de café.
Fonte: HEFLINGER, 2005²³ . p.98

²¹ HEFLINGER JÚNIOR, José Eduardo. Ibicaba: O berço da colonização europeia de cunho particular. Tradução português-alemão. Limeira: Unigráfica, 2007. 198 p. p.67.

²² HEFLINGER, José Eduardo; LEVY, Paulo Masuti; CANTALICE, Rommel Siqueira Campos. Recordações de Infância de Carlota Schmidt no Ibicaba. Tradução português-alemão. Limeira: Unigráfica, 2005. 153p. 93p.

²³ Ibidem, p.98



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico



Figura 25 – Lavador de café
Fonte: Disponível em: <www.fazendacitra.com.br>



Figura 26 – Locomóvel (motor a vapor)
Fonte: Disponível em: <www.fazendacitra.com.br>



Figura 27 – Cédula do Banco do café
Fonte: Disponível em: <www.fazendacitra.com.br>



Figura 28 – Moeda utilizada pela Família Levy
Fonte: Disponível em: <www.fazendacitra.com.br>



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico



Figura 29 – Vista atual da casa-sede
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



Figura 30 – Vista interna da Capela
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



Figura 31 – Vista do terreiro
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



Figura 32 – Vista da tulha 01
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



Figura 33 – Vista interna da tulha 01 (parede enxaimel)
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



Figura 34 – Vista interna da tulha 01
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico



Figura 35 – Vista da tulha 02
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006

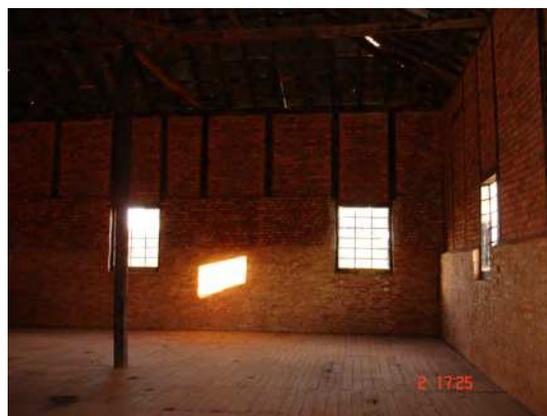


Figura 36 – Vista interna da tulha 02 (parede de tijolos)
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



Figura 37 – Vista interna da tulha 02
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



Figura 38 – Encaixe do madeiramento do telhado (tulha 02)
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



Figura 39 – Edifício de beneficiamento do café
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



Figura 40 – Detalhe para o piso do terreiro (lajota cerâmica)
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico

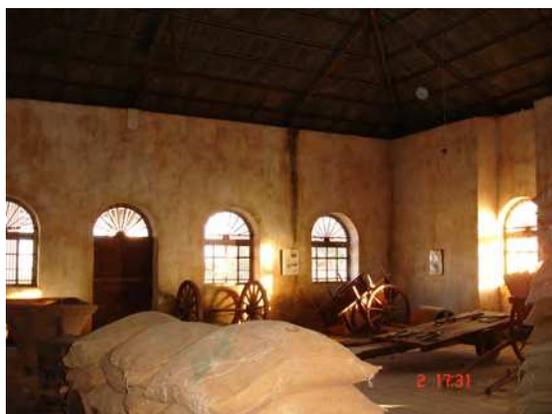


Figura 41 – Vista interna da edificação de beneficiamento
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



Figura 42 – Máquinas de beneficiamento
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



Figura 43 – Motor original de máquina
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



Figura 44 – Torre do relógio
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



Figura 45 – Parte posterior das tulhas
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006

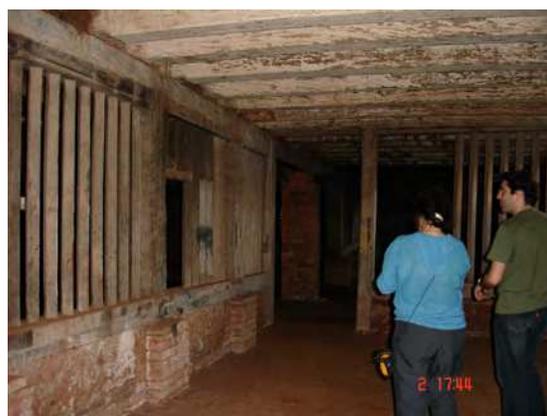


Figura 46 – Vista interna da antiga senzala
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Denominação nº DPH - Limeira
Fazenda Tatu **002**

Localização Contato: tel. (19)
 Via Jurandir Paixão km e-mail:
www.

Município
 Limeira, SP

Coordenadas GPS
 22°38'46.73" S 47°21'19.05" O

Época fundação
 1820?

Uso atual / original
 Cana-de-açúcar / Engenho de açúcar

Proteção existente / proposta
 inexistente/ tombamento

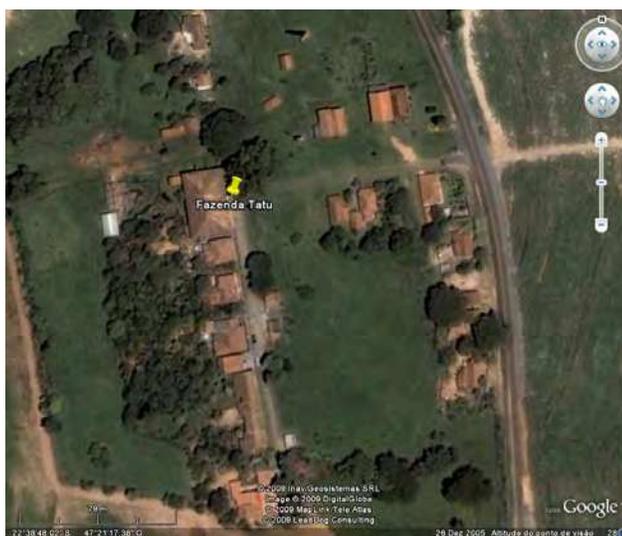
Proprietário
Família Spagnol



Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008.

situação e ambiência

A Fazenda Tatu foi formada a partir da Sesmaria do Salinho por volta de 1820. Seu primeiro proprietário foi O Capitão Cunha Bastos, considerado o fundador da cidade de Limeira.



Fonte: Google Maps, 2008.

Rersp. Técnico / Coordenador / equipe
 Juliana Binotti Pereira Scariato

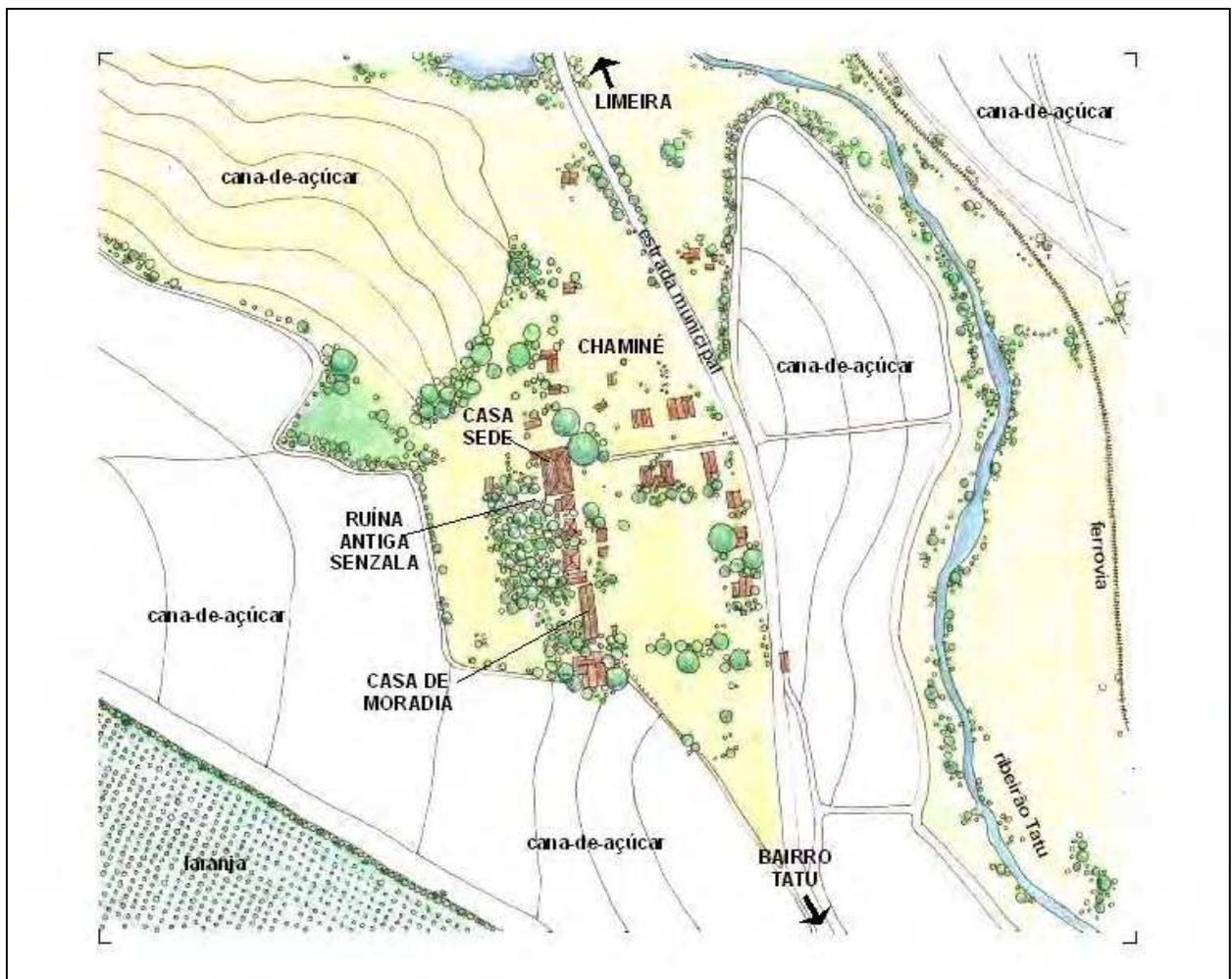
data
 maio/2009



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Identificação gráfica

Plantas, cortes e fachadas



Implantação – Fazenda Tatu
Desenho: Juliana B. P. Scariato, 2009.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Identificação gráfica

Plantas, cortes e fachadas

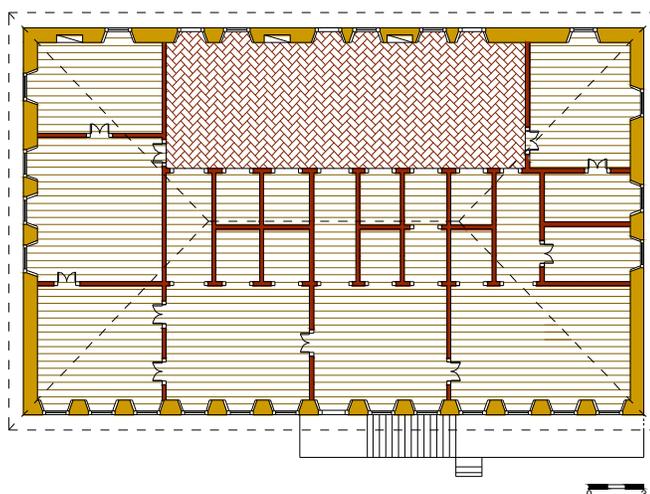


Figura 02 – Planta baixa
 Fonte: Prefeitura Municipal de Limeira, 2008.

Descrição Arquitetônica

Época da Construção	Estada de Conservação			
1820	<input type="checkbox"/> bom	<input checked="" type="checkbox"/> regular	<input type="checkbox"/> precário	<input type="checkbox"/> em ruínas

Caracterização, tipologia, técnica construtiva e materiais empregados (partido, embasamento, estrutura, paredes externas e internas, esquadrias, cobertura, pisos, forros, instalações elétricas e hidráulicas, entre outros)

A Fazenda Tatu é casa assobradada, construída à meia encosta, tendo na parte da frente dois pavimentos, sendo nos fundos terra. A técnica construtiva utilizada para a sua construção foi a taipa de pilão nas paredes externas e a taipa de mão, ou pau-a-pique nas paredes internas. Possui forro de madeira nos cômodos principais (salas, dormitórios e alcovas) e forro do tipo jicara (treliça de palha de coqueiro) na área da cozinha. Alguns cômodos encontram-se sem forro.

Nos cômodos principais, localizados na parte do sobrado, é encontrado piso de madeira, de tábuas largas, originais da época da construção da casa.

Possui pinturas decorativas nas grandes salas existentes, e presença de pintura que imita papel de parede nas alcovas. Nas demais existe apenas pintura plana. Os forros das salas principais são pintados em duas cores. Nos demais é de uma única cor.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

As portas e janelas são de madeira, com largos batentes de madeira. As janelas são do tipo folha cega, e não possuem caixilhos de vidro.

Estado de Conservação

Seu estado de conservação é muito ruim. A casa encontra-se bastante deteriorada. Possui graves problemas no telhado, com diversos pontos de umidade, o que ocasionou em fevereiro de 2009, a queda de uma parte da parede frontal da edificação.

Necessita de um restauro emergencial do telhado para se garantir a integridade física do casarão, evitando que outras chuvas venham a danificar ainda mais a construção centenária.

Histórico

O Casarão do Tatu, como é popularmente conhecido, foi sede do antigo Engenho do Tatu, no atual Bairro do Tatu¹, município de Limeira. É considerado um dos exemplares mais antigos de casa assobrada, construída em meia encosta, do estado de São Paulo, segundo o arquiteto e historiador Carlos A. C. Lemos².



Figura 02 – Fachada principal, década de 1970
Fonte: LEMOS, 1999³. p.90.



Figura 03 – Detalhe para a escada (fachada principal)
Fonte: LEMOS, 1999⁴. p.90.

¹ Ibidem, p.90.

² Ibidem, p.90.

³ Ibidem, p.90.

⁴ Ibidem, p.90.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

O engenho do Tatu foi fundado a partir de 1820⁵, quando seu proprietário, o capitão Luiz Manoel da Cunha Bastos, comprou parte das terras da Sesmaria do Saltinho, do Tte. Ignácio Ferreira de Sá, que recebeu a primeira sesmaria desta região, em 1799⁶. Em suas terras foi formado o povoado, que levou o nome de Rancho da Limeira, e onde também foram formados os primeiros estabelecimentos à beira da recém criada estrada que ligava o Morro Azul à Campinas, e cuja estrada cortava essas terras. O capitão Cunha Bastos é considerado o fundador da povoação de Limeira⁷ onde deu o consentimento para que em 1826 fosse construída a Capela de Nossa Senhora das Dores de Tatuhyby. Este fato foi oficializado anos depois, através de uma escritura pública de doação, em 26 de fevereiro de 1832, por iniciativa do Senador Nicolau de Campos Vergueiro, em seu engenho do Ibicaba⁸.

Neste período, às margens do ribeirão Tatu, nas proximidades do Rancho da Limeira, o Capitão Cunha Bastos funda o engenho do Tatu. Este engenho era um dos maiores da freguesia de Limeira, onde no ano de 1835 obteve uma das maiores safras de açúcar, embora em seu testamento isto não tenha sido levado em conta, segundo nos conta Reynaldo Kuntz Busch, em seu livro da História de Limeira (p.156).

Neste mesmo ano de 1835, Cunha Bastos é assassinado em suas próprias terras. Como não fora casado e não deixara nenhum herdeiro, a propriedade é arrematada em 1837 por Maria Joaquina da Silva. Em 1854 o Tatu passa a ser de propriedade de Cândido José da Silva Serra⁹.

O Casarão do Tatu que chegou até nossos dias, segundo Lemos (1999, p.89), é o mesmo descrito como “morada de casas”, mencionado no inventário de 1835. A construção é típica da época do açúcar. Este tipo de construção, de casa assobrada na frente e térrea nos fundos, é típica do partido de implantação trazido pelos mineiros ao estado de São Paulo, e que viria a satisfazer um novo programa para uma nova sociedade que surgia a partir do século XIX.

O casarão foi construído em taipa de pilão nas paredes externas, que a faz uma construção fora dos padrões da época, tendo nas paredes internas a taipa¹⁰ de mão, ou pau-a-pique¹¹, fato também inédito naquele tempo na bacia do Tietê (LEMOS, 1999).

A casa do Tatu é enorme!

Segundo Lemos (1999) este casarão possui uma enorme importância histórico-arquitetônica, no contexto da arquitetura brasileira. Com traços arquitetônicos simples, não possui enfeites nem adornos em suas paredes externas. Apresenta um porão baixo, com cerca de dois metros de altura, e não possui

⁵ GAZETA DE LIMEIRA. Suplemento histórico: 1826-Limeira-1980. Limeira, SP: Limeira Artes Gráficas, 1980. p.11.

⁶ Ibidem, p.11.

⁷ Ibidem, p.11.

⁸ BUSCH, Reynaldo Kuntz. História de Limeira. 3a. Ed. Limeira, SP: Sociedade Pró-Memória de Limeira, 2007. p. 105.

⁹ LEMOS, Carlos A. C. Casa Paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café. São Paulo: EDUSP, 1999. p.89.

¹⁰ Processo de construção de paredes que utiliza barro amassado para preencher os espaços criados por uma espécie de gradeamento. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=taipa&stipe=k>. Acesso em: 18 mai. 2008.

¹¹ É uma técnica construtiva antiga que consistia no entrelaçamento de madeiras verticais fixadas no solo, com vigas horizontais, geralmente de bambu amarradas entre si por cipós, dando origem a um grande painel perfurado que, após ter os vãos preenchidos com barro, transformava-se em parede. Podia receber acabamento alisado ou não, permanecendo rústica, ou ainda receber pintura de caição. Utilizado no repertório das construções dos séculos XVIII e XIX, período colonial. Sobretudo nas paredes internas de tais edificações. Das técnicas em arquitetura de terra é a mais utilizada, principalmente por dispensar materiais importados. Note-se que seu uso ocorre, em sua maioria, na zona rural. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pau-a-pique>. Acesso em: 18 mai. 2008.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

janelas, é acessado pela fachada principal da edificação. Possui uma escada de alvenaria com gradil de ferro, que substitui a escada original, provavelmente de madeira, que leva ao pavimento principal da casa. Da escada chega-se a uma das salas da residência, que possui grandes dimensões, com uma área de aproximadamente 60 m². A maioria dos cômodos da casa possui assoalho de madeira suspenso do chão por vigas de madeira (barrotes), na porção frontal da edificação. Na porção posterior, onde estão a cozinha e dois cômodos, o piso é de tijolos, assentados sobre chão batido. Os forros são de madeira pintada, com instalação do tipo macho-fêmea, colocados abaixo do telhado, o qual é apoiado sobre as paredes da edificação. As ripas que sustentam as telhas coloniais do telhado, em sua maioria são ainda originais, sendo de tronco de coqueiro. Na área da cozinha, nos fundos da edificação, o forro é de palha trançada (tipo jicara¹²). As salas dão acesso a algumas das muitas alcovas¹³ existentes na edificação. Possui doze alcovas no total, três enormes dependências com mais de 30 m² cada, que provavelmente foram locais de serviços domésticos da casa, uma grande área de cozinha, e ainda quatro dormitórios. As portas e janelas são muito simples, de batentes grossos de madeira pintada. Possui nas salas principais, alcovas e dormitórios vestígios das pinturas internas originais. A bateria de alcovas possui um desenho inusitado nesta construção, e que mais tarde será a norma da arquitetura do café.

Toda esta grande importância histórico-arquitetônica corre o risco de desaparecer, o que será uma perda não só para a história da cidade de Limeira, mas também para a história da arquitetura do Brasil.

Registro Fotográfico



Figura 04 – Fachada frontal
Fonte: SCARIATO, 2008



Figura 05 – Fachada lateral
Fonte: SCARIATO, 2008

¹² JIÇARA — Nome de um coqueiro brasileiro, da do desdobramento dos troncos, faz-se às ripas, que trançadas, formam os forro de palha usados nas construções dos séculos XIX (CORONA e LEMOS, 1972).

¹³ Pequeno quarto de dormir, situado no interior da casa, adjacente a uma sala. Este aposento servia de dormitório para as mulheres da casa. Principalmente nos dias de visita, para que as filhas mulheres não tivessem contato com os estrangeiros que estavam de passagem pelas fazendas. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=alcova&stipe=k>. Acesso em: 18 mai. 2008.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas



Figura 06 – Fachada posterior
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



Figura 07 – Vista para a fachada posterior
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



Figura 08 – Vista geral
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



Figura 09 – Escada (fachada frontal)
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



Figura 10 – Detalhe da fachada frontal
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



Figura 11 – Detalhe da fachada frontal
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas



Figura 12 – Detalhe da fachada frontal
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



Figura 13 – Vista para a rua frontal (acesso à colônia)
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



Figura 14 – Fachada frontal
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



Figura 15 – Escada (fachada frontal)
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



Figura 16 – Detalhe da fachada lateral
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



Figura 17 – Detalhe da pintura interna
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas



Figura 18 – Detalhe da fachada posterior
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



Figura 19 – Fachada posterior
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



Figura 20 – Porão
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



Figura 21 – Detalhe beiral do telhado
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



Figura 22 – Pinturas decorativas
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



Figura 23 – Detalhe da umidade em pintura interna
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas



Figura 24 – Detalhe da escada
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



Figura 25 – Detalhe piso interno
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



Figura 26 – Parede interna sala
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



Figura 27 – Detalhe para a parede de pau-a-pique
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas



Figura 30 – Detalhe para pintura da parede
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



Figura 31 – Detalhe para o abandono da casa
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



Figura 32 – Cômado dos fundos (sem forro)
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



Figura 33 – Antiga cozinha (abandono)
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas



Figura 34 – Detalhe do forro
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



Figura 35 – Detalhe telhado (caibros de coqueiro)
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



Figura 36 – Detalhe a parede lateral comprometida
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



Figura 37 – Detalhe interno do telhado
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



Figura 38 – Vista para a antiga cozinha
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



Figura 39 – Detalhe forro jicara (palha coqueiro trançada)
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

<p>Denominação Fazenda Morro Azul</p>	<p>nº DPH - Limeira 003</p>
<p>Localização Rodovia SP 151 (Limeira-Iracemápolis) km</p>	<p>Contato: tel. (11) 3107-8490 e-mail: orcesi.advogado@uol.com.br www.fazendamorroazul.com.br</p>

Município
Iracemápolis, SP

Coordenadas GPS
22°32'23.38" S 47°29'21.31" O

Época fundação
1820

Uso atual / original
Cana-de-açúcar / Engenho de açúcar

Proteção existente / proposta
inexistente/ tombamento

Proprietário
Família



Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.

situação e ambiência

A formação da fazenda ocorreu por volta de 1820, tendo sido desmembrada da antiga Sesmaria do Morro Azul. Teve como primeiro proprietário o Brigadeiro Manoel Rodrigues Jordão, um dos mais importantes defensores da Independência do Brasil.



Fonte: Google Maps, 2008.

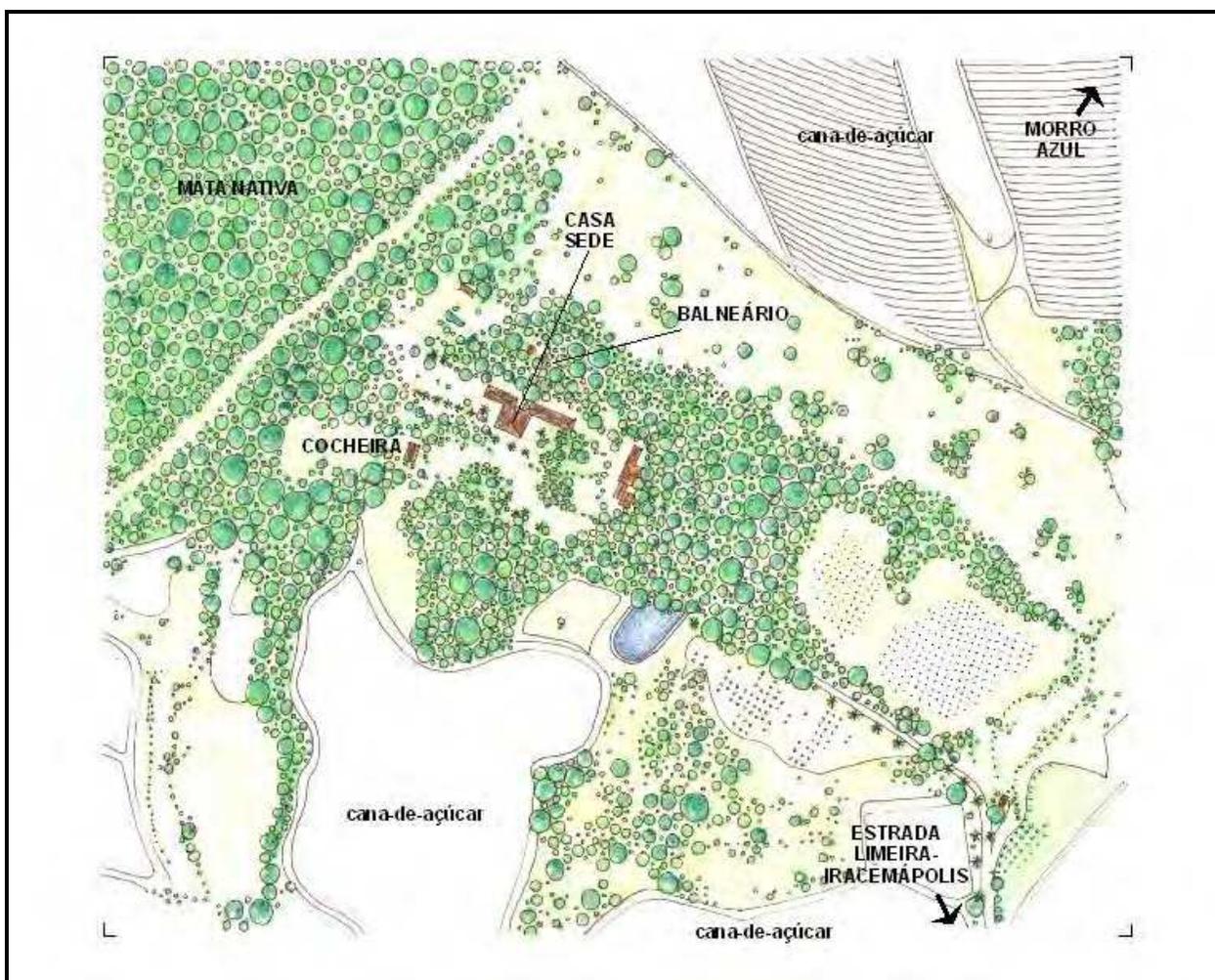
<p>Rersp. Técnico / Coordenador / equipe Juliana Binotti Pereira Scariato / Desenhos: Bruna Cristina de Araujo</p>	<p>data nov/2009</p>
--	--------------------------



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Identificação gráfica

Implantação, plantas, cortes e fachadas



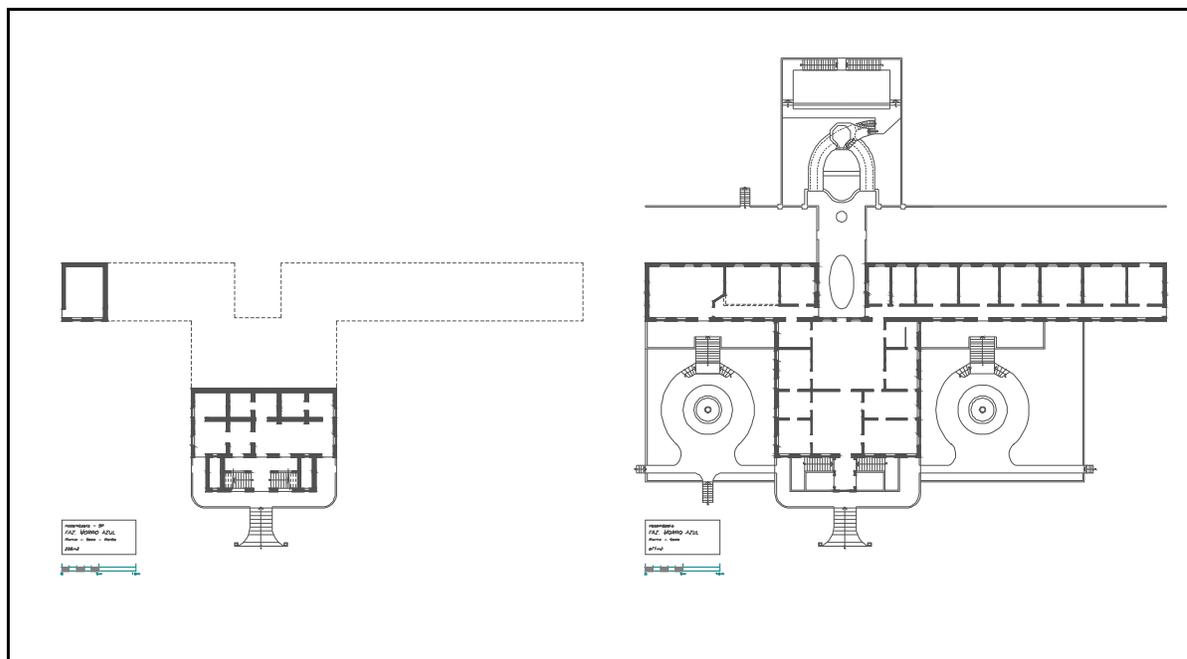
Implantação – Fazenda Morro Azul
Desenho: Juliana B. P. Scariato, 2009.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

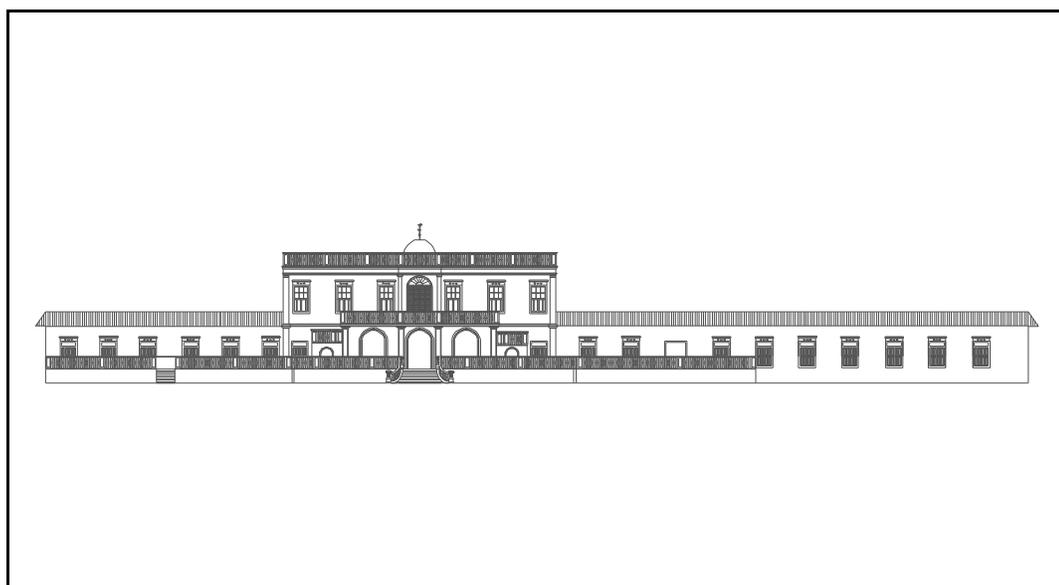
Identificação gráfica

Implantação, plantas, cortes e fachadas



Planta baixa – Casa-sede da Fazenda Morro Azul

Fonte: BENINCASA, 2009.



Elevação atual – Casa-sede da Fazenda Morro Azul

Fonte: SCARIATO, 2009.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Identificação gráfica

Implantação, plantas, cortes e fachadas

Balneário

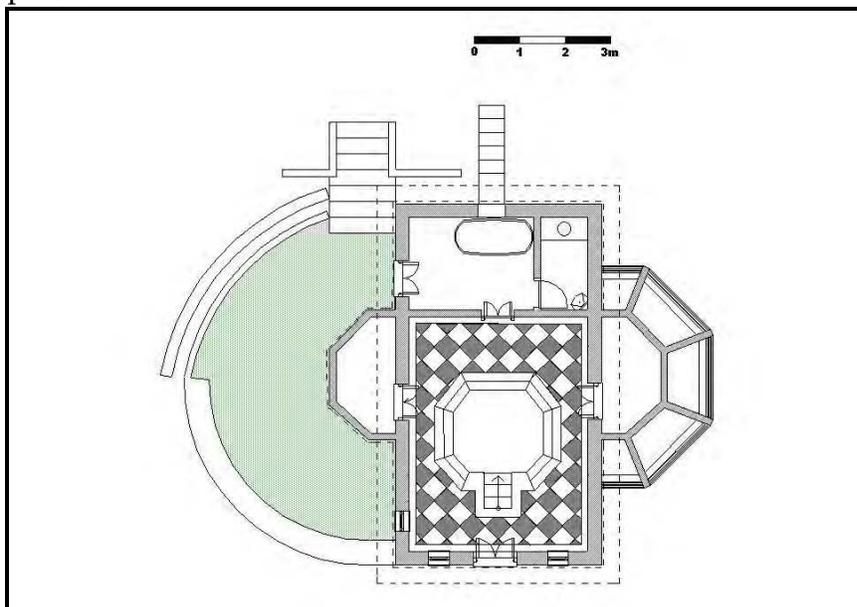
Casa de Banho 01

Casa de Banho 02

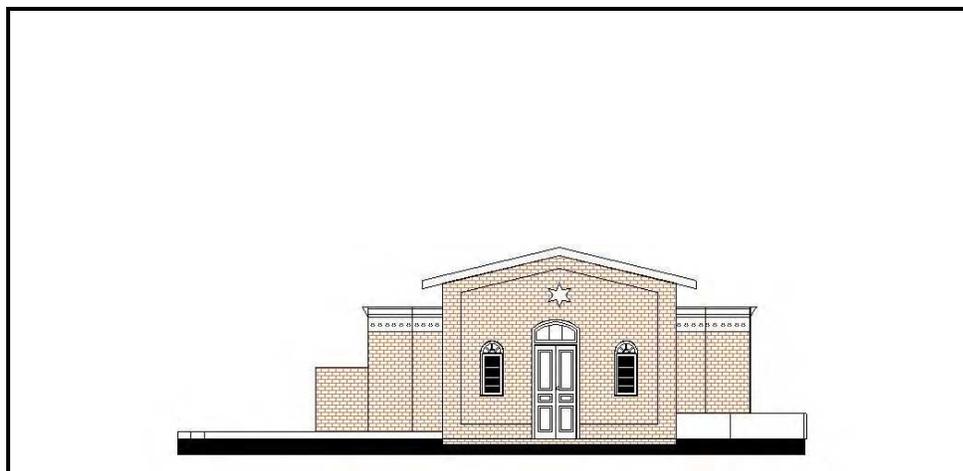
Casinha

Caixa D'água

Oficina e Depósito



Planta Baixa – Casa de Banho 01
Fonte: SCARIATO, 2009.



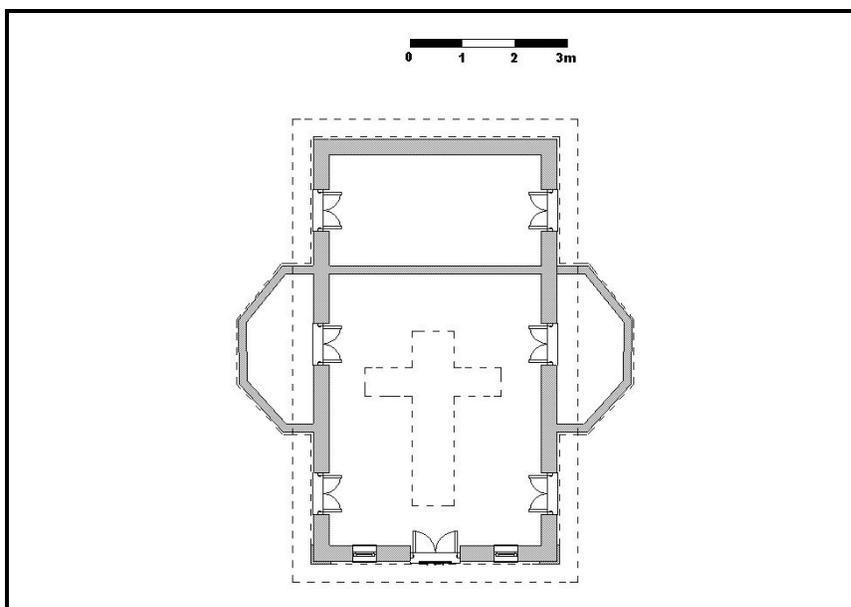
Elevação atual – Casa de Banho 01
Fonte: SCARIATO, 2009.



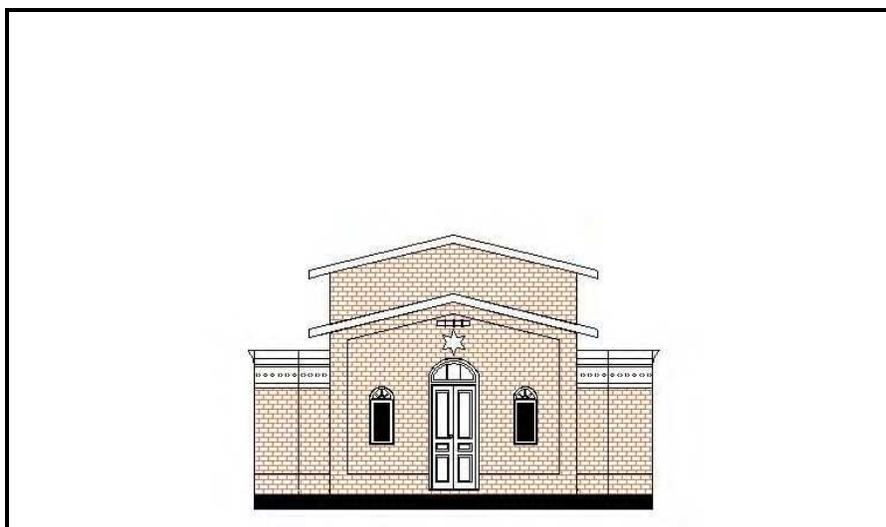
INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Identificação gráfica

Implantação, plantas, cortes e fachadas



Planta Baixa – Casa de Banho 01
Fonte: SCARIATO, 2009.



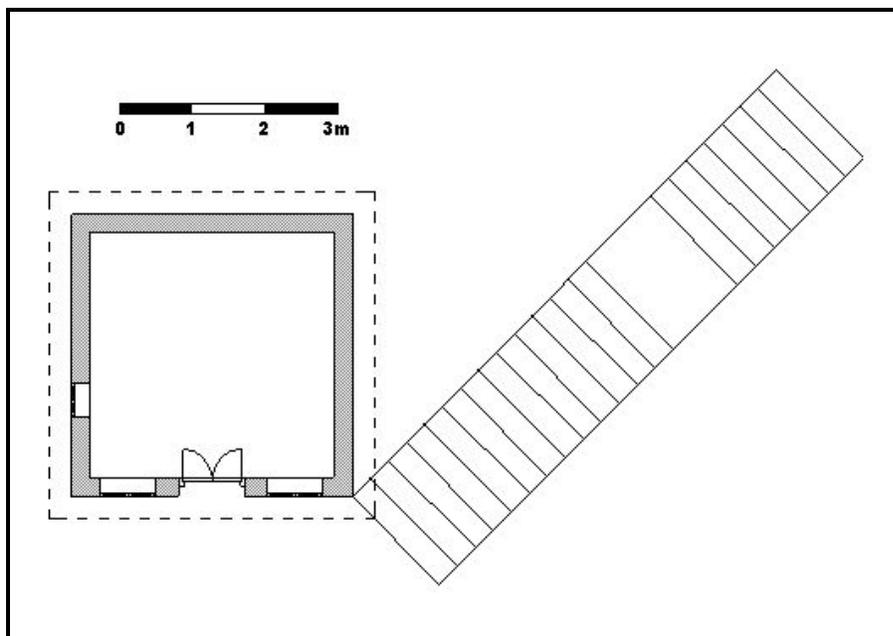
Elevação atual – Casa de Banho 01
Fonte: SCARIATO, 2009.



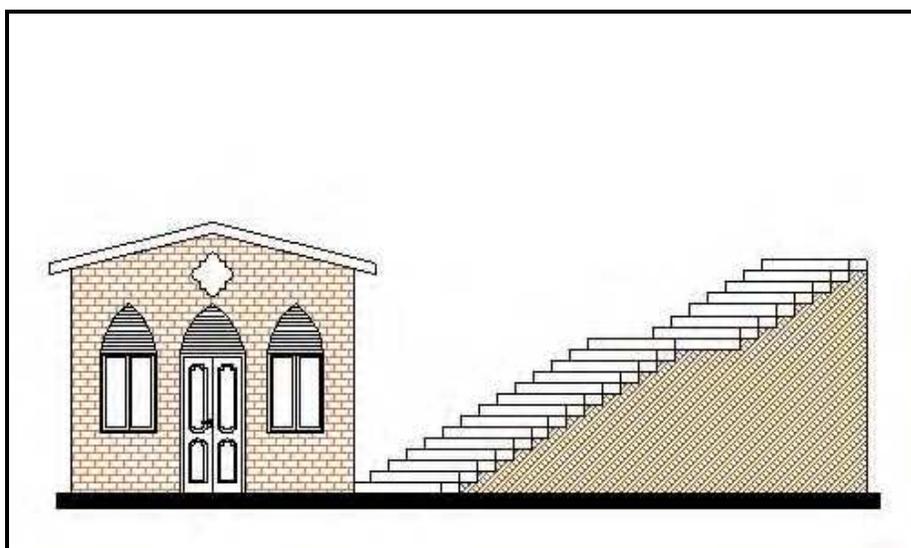
INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Identificação gráfica

Implantação, plantas, cortes e fachadas



Planta Baixa – Casinha
Fonte: SCARIATO, 2009.



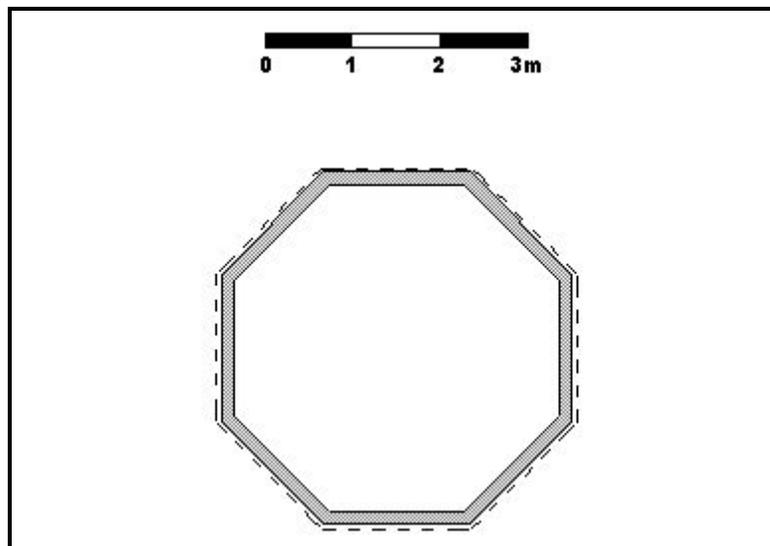
Elevação atual – Casinha
Fonte: SCARIATO, 2009.



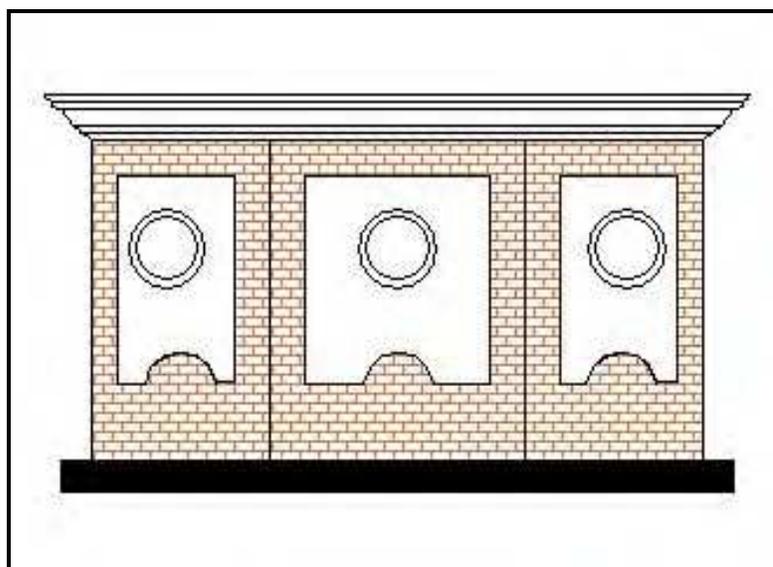
INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Identificação gráfica

Implantação, plantas, cortes e fachadas



Planta Baixa – Caixa D'água
Fonte: SCARIATO, 2009.



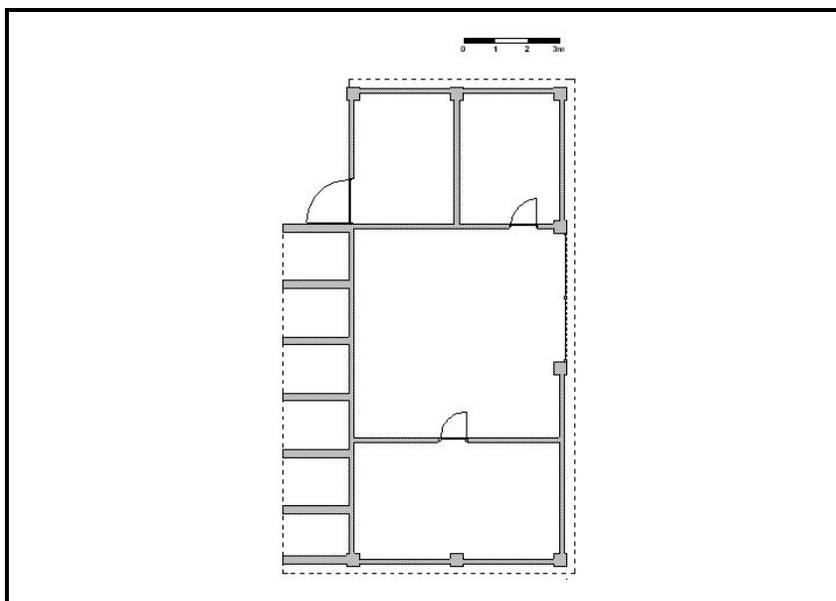
Elevação atual – Caixa D'água
Fonte: SCARIATO, 2009.



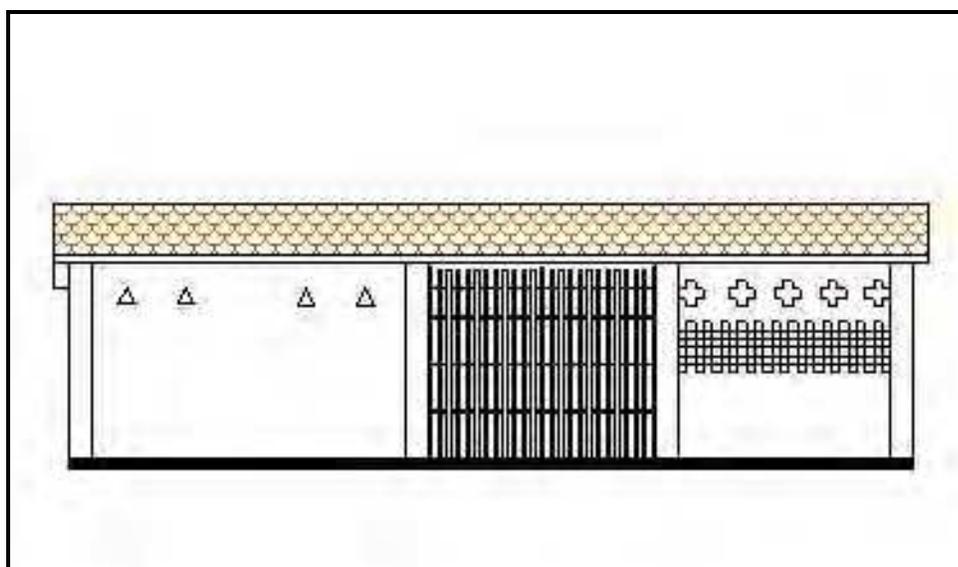
INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Identificação gráfica

Implantação, plantas, cortes e fachadas



Planta Baixa – Oficina e Depósito
Fonte: SCARIATO, 2009.



Elevação atual – Oficina e Depósito
Fonte: SCARIATO, 2009.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Descrição Arquitetônica

Época da Construção	Estado de Conservação			
1820	<input checked="" type="checkbox"/> bom	<input type="checkbox"/> regular	<input type="checkbox"/> precário	<input type="checkbox"/> em ruínas

Caracterização, tipologia, técnica construtiva e materiais empregados (partido, embasamento, estrutura, paredes externas e internas, esquadrias, cobertura, pisos, forros, instalações elétricas e hidráulicas, entre outros)

A Fazenda Morro Azul foi considerada pelo pesquisador Arlindo de Salvo (1973), durante o processo de tombamento, como o “mais requintado exemplar de fazenda do Século XIX”.

A sede da Fazenda foi construída entre 1868 e 1877, pelo filho do Brigadeiro Jordão, Silvério Rodrigues Jordão, tendo todo o material de construção, canos, blocos, vidros, móveis, portas e janelas, vindos da Europa.

O Solar do Morro Azul, se destaca pela excelência de seu projeto arquitetônico e sua forma apalacetada, sendo a única sede rural brasileira com azulejos, portugueses e ingleses, utilizados na decoração de sua fachada.

Estado de Conservação

A sede da fazenda encontra-se em bom estado de conservação, tendo sido restaurada alguns anos atrás. A gruta existente na parte posterior da casa dá acesso às casas de banho do imperador D. Pedro e da imperatriz. Estas casas de banho encontram em avançado estado de degradação, devendo urgentemente ser restaurada para que suas características originais não sejam perdidas.

Histórico

Morro Azul. Este era o nome conhecido já pelos bandeirantes em seus roteiros pelas primitivas vias de acesso aos sertões por eles desbravados.

O “Rancho do Morro Azul” ficava na região conhecida por “Sertão do Tatuhiby”, região a 27 léguas da cidade de São Paulo, onde nascia um ribeirão cujo nome significava rio do tatu pequeno, ou tatuzinho.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Nesta época, até o final do século XVIII, as terras que compõem a região de Limeira e seus municípios vizinhos era uma área despovoada. As primitivas vias de acesso a esses sertões conduziam inicialmente somente a região de Jundiá e Itu.

O itinerário que conduzia esses bandeirantes tinha como tradição de pouso o “Rancho do Morro Azul”, que tinha este nome, pois ao aproximar-se deste rancho, avistava-se uma elevação arredondada e colorida de um azul bem nítido.

Posteriormente essas terras despovoadas foram concedidas pelo governador das capitanias, que seriam demarcadas e divididas em sesmarias, para que viessem os desbravadores povoá-las e desenvolvê-las.

A região do Morro Azul foi alvo de muitos sertanistas, em busca de boas terras para plantarem e colherem em abundância, pois se tratava de uma região rica em terras férteis.

Na região de Limeira, segundo o historiador Reinaldo Kuntz Busch¹, foram encontradas nove cartas de sesmaria concedidas entre 1799 e 1821, que viriam posteriormente a originar várias cidades na região, como Rio Claro, Araras, Santa Gertrudes, Cordeirópolis, Iracemápolis e Limeira.

A Sesmaria do Morro Azul foi concedida em 1817, e dela surgiram quatro importantes fazendas: Paraguassú, Santa Gertrudes, Ibicaba e Morro Azul.

Esta sesmaria foi sem dúvida a mais importante em área, qualidade das terras, produtividade e desenvolvimento populacional do município de Limeira.

Os engenhos do Ibicaba, Morro Azul, Geada e Cascalho, com grande produção de cana-de-açúcar exportável, precisavam de uma estrada que ligasse direto para a Capital da Província. Assim em 1820 foi autorizada a abertura de uma nova estrada de Jundiá para Campinas e desta ao Morro Azul. Em 1823 foi iniciada a primeira estrada de Campinas ao Morro Azul e em 1826 foi aberto ao trânsito, e graças a ela deu-se o aparecimento do povoado de Limeira.

Devido a este fato histórico, deve-se destacar a importância da Fazenda Morro Azul, que juntamente com a Fazenda Ibicaba fez surgir o povoado de Limeira e também o desenvolvimento agrícola do país, e o crescimento das relações com outros países através da exportação.

O Engenho do Morro Azul foi um dos principais exportadores de açúcar de toda região. O enriquecimento da região será acelerado a partir do plantio do café em quase todos os antigos engenhos. E com o café vieram os europeus, que trouxeram grandes melhoramentos às atividades agrícolas locais, e posteriormente às construções.

A Fazenda Morro Azul, situada hoje na divisa de Limeira com a cidade de Iracemápolis, fica quase no ápice do “Morro Azul”, no ponto mais elevado do município. Foi constituída por volta de 1820, e seu proprietário era o Brigadeiro Manoel Rodrigues Jordão.

O Brigadeiro Jordão foi um dos maiores batalhadores pela Independência do Brasil. E como outros patriotas participou oferecendo seu capital para repor o dinheiro do Banco do Brasil, cujos cofres foram esvaziados com a fuga da Família Real à Portugal. Foi ele uma das maiores fortunas do Brasil

¹ BUSCH, Reinaldo Kuntz. *História de Limeira*. Limeira, Prefeitura Municipal, 1967.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Imperial, com terras espalhadas por toda a Província. Sendo construído em suas terras o Museu do Ipiranga, e também a famosa cidade de Campos do Jordão. Com a morte do brigadeiro a fazenda passa a pertencer a seu filho caçula, Silvério Rodrigues Jordão.

O Capitão Silvério, entre os anos de 1868 e 1877, constrói o belíssimo Palacete (casa-sede da fazenda) e o oferece a sua esposa, Dona Maria Benedita Cananea.

Anos depois, em 1886, o imperador D Pedro II e a imperatriz Tereza Cristina foram recepcionados e hospedados no palacete da Fazenda Morro Azul, daí por ser conhecido com “Casa de D. Pedro”.

Em 1911, após a morte do Capitão Silvério, a fazenda é adquirida pelo fazendeiro Luis Bueno de Miranda. A lavoura de café continuou a ocupar as terras da fazenda, com importantes aprimoramentos implantados pelo novo proprietário.

Nesta época, o Palacete já ocupava ilustre papel não só na história da cidade, mas também como obra requintada, que traduz o período áureo do ciclo do café na região, atraindo grande número de pessoas em conhecê-lo.

Em 1974, a sede da Fazenda Morro Azul, assim como toda sua área envoltória, instalações, móveis, peças decorativas e de uso doméstico, relíquias e documentos históricos existentes na propriedade rural foram tombados pelo CONDEPHAAT.

A sede da Fazenda Morro Azul figura entre os mais belos exemplares da cultura cafeeira em todo o país. Seu aspecto de palacete urbano inserido em meio à zona rural faz deste um exemplo único e memorável. Sua arquitetura grandiosa possui riquíssimos detalhes de acabamento, que o torna incomum.

Todo o conjunto de sua construção encontra-se ladeada por belíssimos jardins, onde estão inúmeras palmeiras imperiais, trazidas pelo Marechal Rondon para marcar a importância e a estreita relação da família com a Corte Imperial.

A história do café em São Paulo é a história do Brasil.

Texto adaptado:

SCARIATO, Juliana Binotti Pereira. Fazenda Morro Azul. Texto desenvolvido para o Rotary Clube Morro Azul – Limeira. Limeira, 2003. 3p.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico



Figura 01 – Foto da fazenda. Década de 1920.
Fonte: Disponível em: <www.fazendaibicaba.com.br>



Figura 02 – Vista aérea da fazenda
Fonte: Disponível em: <www.fazendacitra.com.br>



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico



Figura 03 – Fachada principal
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



Figura 04 – Fachada principal
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



Figura 05 – Vista lateral
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



Figura 06 – Detalhe da escada de acesso
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico



Figura 07 – Casa de banho
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



Figura 08 – Casa de banho do “Imperador”
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



Figura 09 – Reservatório de água
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



Figura 10 – Reservatório de água
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Denominação

Fazenda Santa Gertrudes

nº DPH - Limeira

004

Localização

Rodovia Washington Luis km 165

Contato: tel. (19) 3545-1317

e-mail: fsg@fazendasantagertrudes.com.br

www.fazendasantagertrudes.com.br

Município

Santa Gertrudes, SP

Coordenadas GPS

22°28'43.60" S 47°30'50.45" O

Época fundação

1854

Uso atual / original

Engenho de açúcar / Fazenda de café

Proteção existente / proposta

inexistente/ tombamento

Proprietário

Família – Herdeiros do Conde Prates



Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.

situação e ambiência

No ano de 1821 o Brigadeiro Manuel Rodrigues Jordão comprou uma gleba de terras da Sesmaria do Morro Azul. Mais tarde seu filho, o Barão de São João de Rio Claro, fundou em parte desta gleba, em 1854 a Fazenda Santa Gertrudes.



Fonte: Google Maps, 2008.

Rersp. Técnico / Coordenador / equipe
Juliana Binotti Pereira Scariato

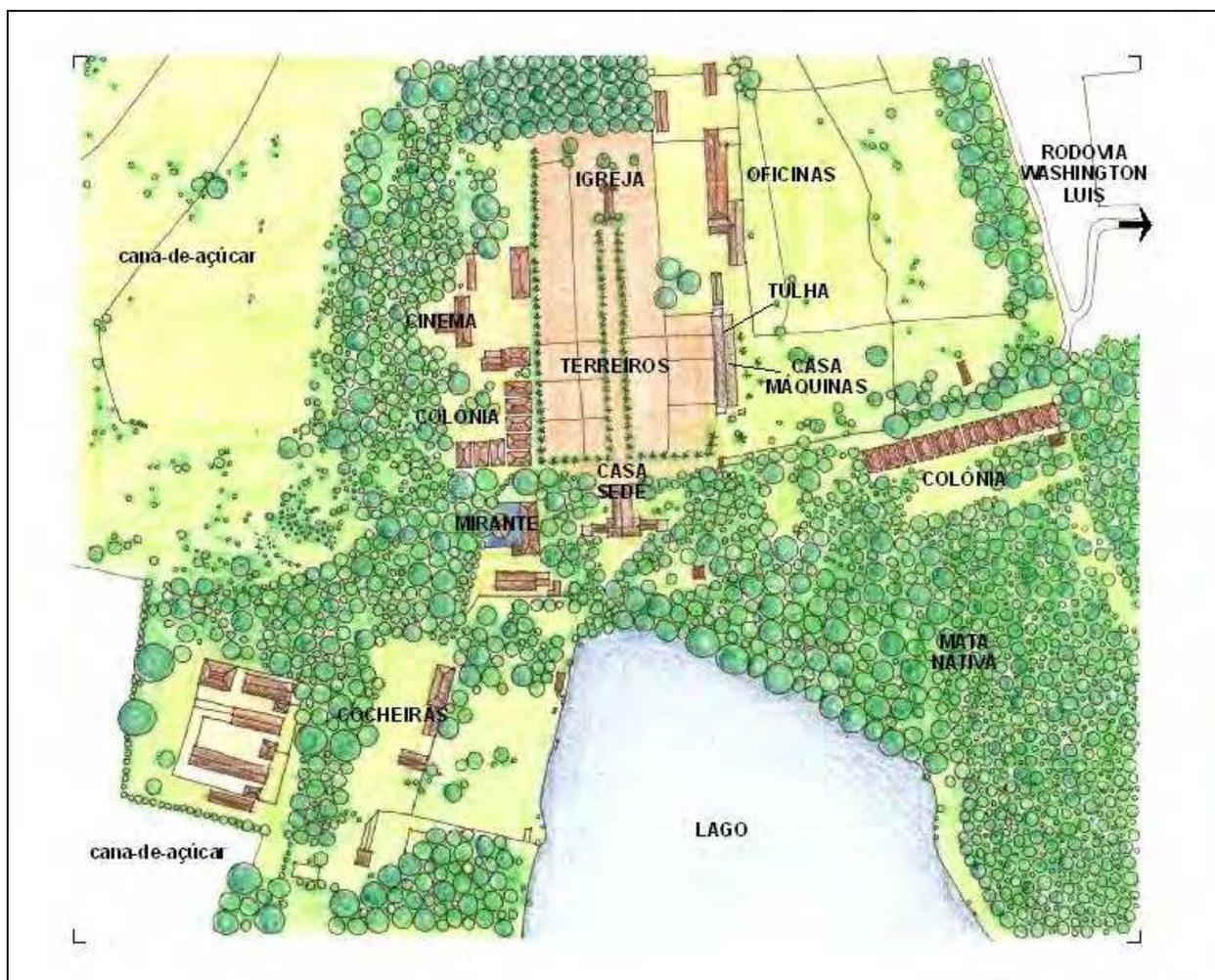
data
nov/2009



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Identificação gráfica

Plantas, cortes e fachadas



Implantação – Fazenda Santa Gertrudes
Desenho: Juliana B. P. Scariato, 2009.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Descrição Arquitetônica

Época da Construção
1854

Estado de Conservação
() bom (X) regular () precário () em ruínas

Caracterização, tipologia, técnica construtiva e materiais empregados (partido, embasamento, estrutura, paredes externas e internas, esquadrias, cobertura, pisos, forros, instalações elétricas e hidráulicas, entre outros)

Estado de Conservação

Histórico



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico



Figura 01 – Colônia
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



Figura 02 – Tulhas e oficinas
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006..



Figura 03 – Vista externa
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



Figura 04 – Vista da casa-sede a partir do terreiro
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006..



Figura 05 – Casa-sede
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



Figura 06 – Vista da entrada principal da casa-sede
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006..



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico



Figura 07 – Vista interna - tulha
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



Figura 08 – Vista interna - tulha
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006..



Figura 09 – Maquinário
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.

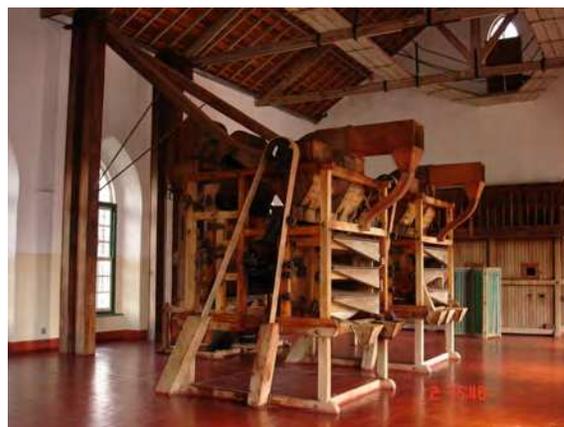


Figura 10 – Maquinário
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006..



Figura 11 – Vista interna
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



Figura 12 – Vista interna
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006..



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico



Figura 13 – Tulha
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



Figura 14 – Vista das oficinas
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006..



Figura 15 – Igreja vista a partir do terreiro
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



Figura 16 – Tulha
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006..



Figura 17 – Detalhe
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



Figura 18 – Vista laterla - tulha
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006..



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico



Figura 19 – Igreja
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



Figura 20 – Torre
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006..



Figura 21 – Casa-sede vista a partir da igreja
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



Figura 22 – Vista interna da igreja
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006..



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico



Figura 23 – Terreiro com vista para a colônia
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



Figura 24 – Terreiro
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006..



Figura 25 – Peça de desvio dos vagonetes
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



Figura 26 – Trilhos dos vagonetes no terreiro
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006..



Figura 27 – Caminho do vagonete até a tulha
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



Figura 28 – Colônia
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006..



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico



Figura 29 – Casa-sede – frente para o lago
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



Figura 30 – Vista interna do terraço
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006..



Figura 31 – Casa-sede
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



Figura 32 – Lateral casa-sede
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006..



Figura 33 – Fachada casa-sede
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



Figura 34 – Piso de ladrilho do terraço de entrada da sede
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006..



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico



Figura 35 – Detalhe para a platibanda decorada
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



Figura 36 – Porta com vidro decorado com iniciais Conde Prates
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006..



Figura 37 – Jardim lateral da sede
Foto: Cassiana P. Francisco, 2008.



Figura 38 – Vista do jardim próximo ao lago
Foto: Cassiana P. Francisco, 2008.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico



Figura 25 – Detalhe para a estátua do lago
Foto: Cassiana P. Francisco, 2008.



Figura 26 – Mirante
Foto: Cassiana P. Francisco, 2008.



Figura 23 – Vista do lago
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.
em: <www.fazendasantagertrudes.com.br>



Figura 24 – Lago
Fonte: Disponível



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Denominação
Fazenda Itapema

nº DPH - Limeira
005

Localização
Rodovia Anhanguera km 150

Contato: tel. (19) 3442-1526
e-mail: fazendaitapema@terra.com.br
www.fazendaitapema.com.br

Município
Limeira, SP

Coordenadas GPS
22°31'12.33" S 47°26'12.42" O

Época fundação
1868

Uso atual / original
Cana-de-açúcar / Cana-de-açúcar

Proteção existente / proposta
inexistente/ tombamento

Proprietário
Família Levy



Fonte: BENINCASA, 2007.

situação e ambiência

Fazenda fundada no início do século XIX, que teve seu apogeu com a produção de café. Foi pioneira na substituição de mão-de-obra escrava pelo do imigrante europeu.



Fonte: Google Maps, 2008.

Rersp. Técnico / Coordenador / equipe
Juliana Binotti Pereira Scariato

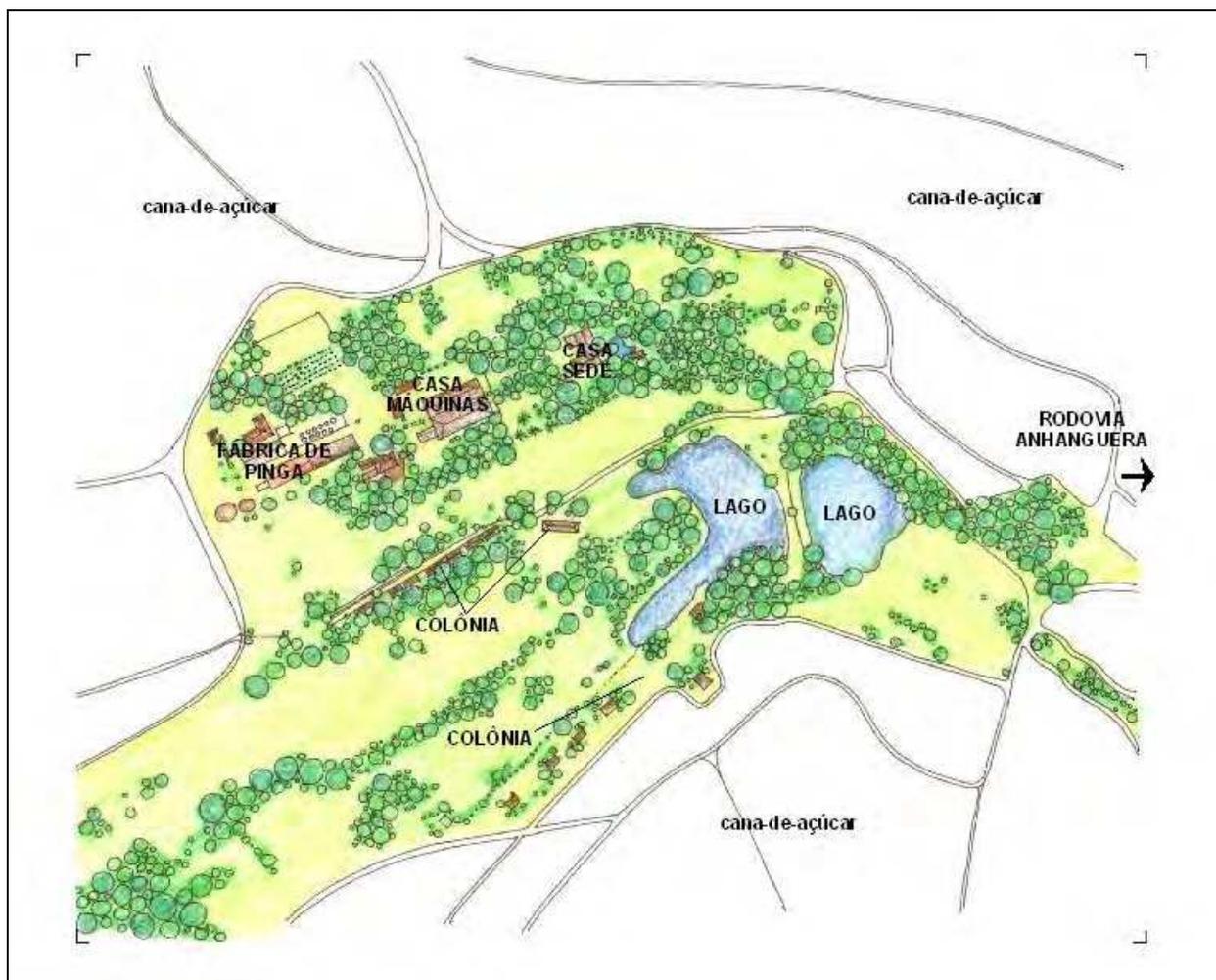
data
nov/2009



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Identificação gráfica

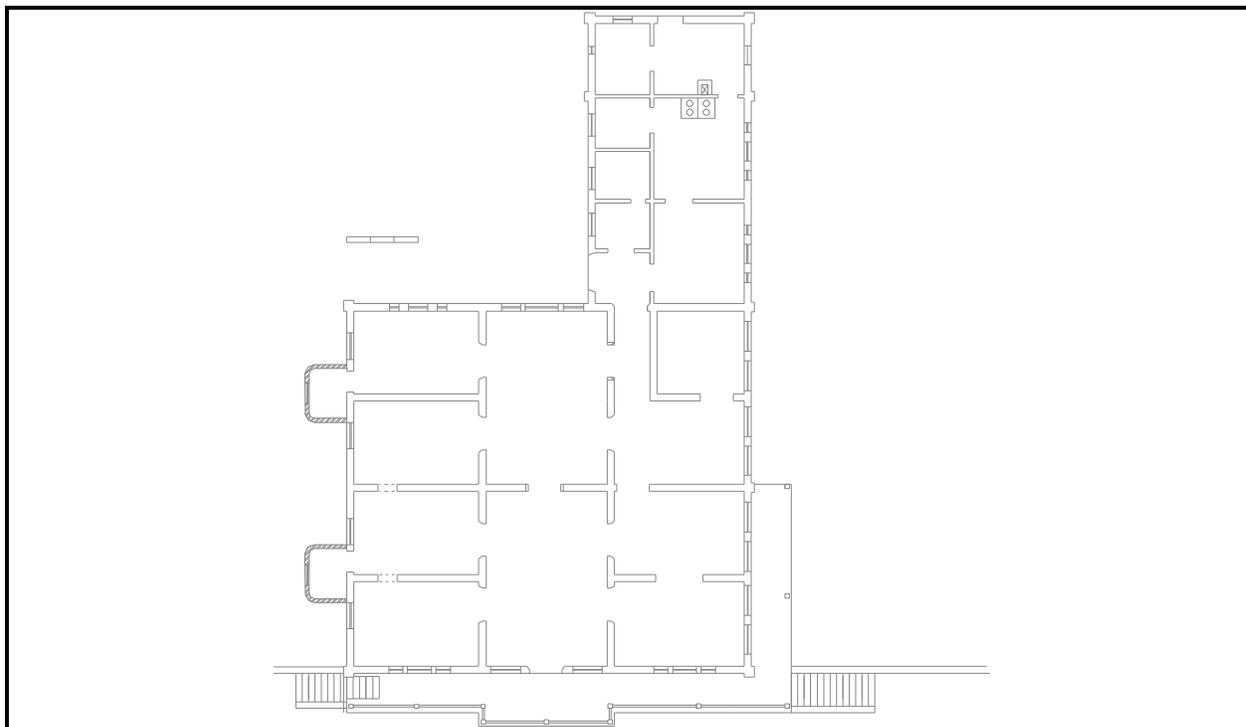
Plantas, cortes e fachadas



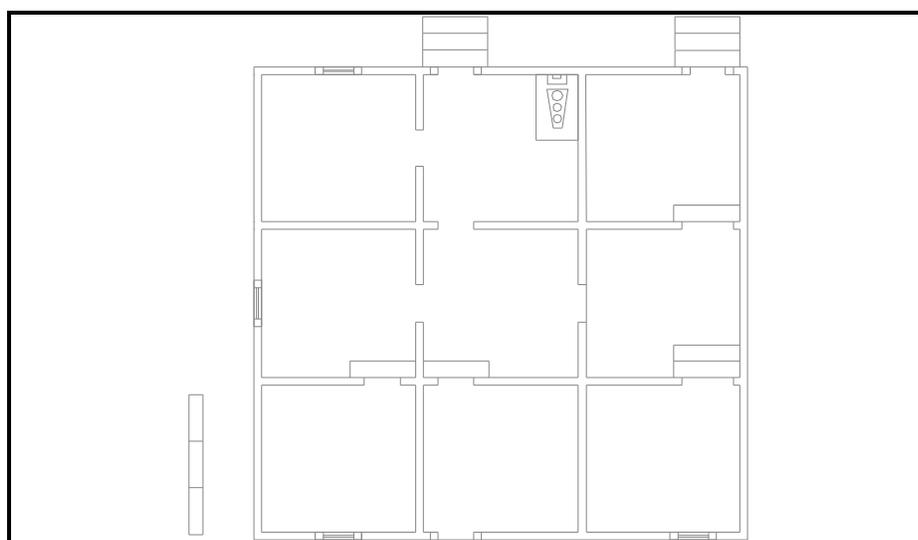
Implantação – Fazenda Itapema
Desenho: Juliana B. P. Scariato, 2009.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas



Planta baixa – Casa-sede da Fazenda Itapema
Fonte: ROSADA, 2003.



Planta baixa – Colônia da Fazenda Itapema
Fonte: ROSADA, 2003.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Descrição Arquitetônica

Época da Construção	Estado de Conservação			
1860	<input type="checkbox"/> bom	<input checked="" type="checkbox"/> regular	<input type="checkbox"/> precário	<input type="checkbox"/> em ruínas

Caracterização, tipologia, técnica construtiva e materiais empregados (partido, embasamento, estrutura, paredes externas e internas, esquadrias, cobertura, pisos, forros, instalações elétricas e hidráulicas, entre outros)

Estado de Conservação

Histórico

A Fazenda Itapema foi fundada em 1860 pelo Coronel Sebastião de Barros Silva que, numa iniciativa idealista e contando com mão-de-obra escrava, desbravou um parte da nativa Mata Atlântica, introduzindo aí a cultura do café. Para tanto, foram construídas a sede, os galpões, a senzala e os terreiros que são, em grande parte, conservados até os dias de hoje.

Nessa mesma época, a Fazenda Ibicaba, próxima à Fazenda Itapema e pioneira na cultura do café na região, pertencia ao Senador Vergueiro que, numa atitude inovadora, começou a substituir a mão-de-obra escrava pela de imigrantes em 1846.

Foi assim que, em 1857, entre os imigrantes alemães, ali chegaram os irmãos José e Simão Levy. Em 1871, estabeleceram-se em Limeira como comerciantes e fundaram a Casa Bancária Levy & Irmão. No início da década de 1900, receberam a Fazenda Itapema como quitação de uma dívida que Sebastião de Barros Silva mantinha com a Casa Bancária.

Major José Levy Sobrinho, filho de Simão, juntamente com sua família, passam a residir na sede da fazenda Itapema. No auge do ciclo do café, tornaram-se grandes exportadores, através do porto de Santos.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Com a crise mundial de 1929, o Major Levy substituiu a lavoura do café pela do algodão.

Na década de 40 passa para o ciclo da cana-de-açúcar e, conseqüentemente, a produzir aguardente. Nos anos 50, iniciou o armazenamento de uma reserva para envelhecimento natural em tonéis de madeira, lançando, assim, um produto especial, denominado Canita. Essa reserva permanece conservada em seus tonéis originais e, atualmente, é comercializada com o nome de Itapema.

Ainda hoje as terras são cultivadas com a plantação de cana-de-açúcar, pelos descendentes do Major José Levy Sobrinho.

Registro Fotográfico



FIGURA 01 – Fachada principal da casa-sede.

Fonte: BENINCASA, 2003.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas



FIGURA 02 – Vista da casa-sede.

Fonte: Site oficial da fazenda Itapema.¹



FIGURA 03 – Vista do lago Brasil.

Fonte: Site oficial da fazenda Itapema.



FIGURA 04 – Conjunto arquitetônico.

Fonte: BENINCASA, 2003.



FIGURA 05 – Vista lateral da sede.

Fonte: Site oficial da fazenda Itapema.



FIGURA 06 – Vista da alameda. Palmeiras imperiais.

Fonte: Site oficial da fazenda Itapema.



FIGURA 07 – Vista interna. Lago aos fundos da sede.

Fonte: Site oficial da fazenda Itapema.

¹ <http://www.fazendaitapema.com.br>.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Denominação

Fazenda Quilombo

nº DPH - Limeira

006

Localização

Rodovia SP 151 (Limeira-Iracemápolis) km 04

Contato: tel. (19) 3451-4005

e-mail: franciscorar@yahoo.com.br

www.fazendaq.hpg.com.br

Município

Limeira, SP

Coordenadas GPS

22°32'36.36" S 47°28'14.18" O

Época fundação

1870

Uso atual / original

Fazenda de café / Fazenda de café

Proteção existente / proposta

inexistente/ tombamento

Proprietário

Família Araújo Ribeiro



Fonte: Disponível em: <www.fazendaq.hpg.com.br>

situação e ambiência

Fazenda fundada no início do século XIX, que teve seu apogeu com a produção de café. Foi pioneira na substituição de mão-de-obra escrava pelo do imigrante europeu.



Fonte: Google Maps, 2008.

Rersp. Técnico / Coordenador / equipe

Juliana Binotti Pereira Scariato / Desenhos: Bruna Cristina de Araujo

data

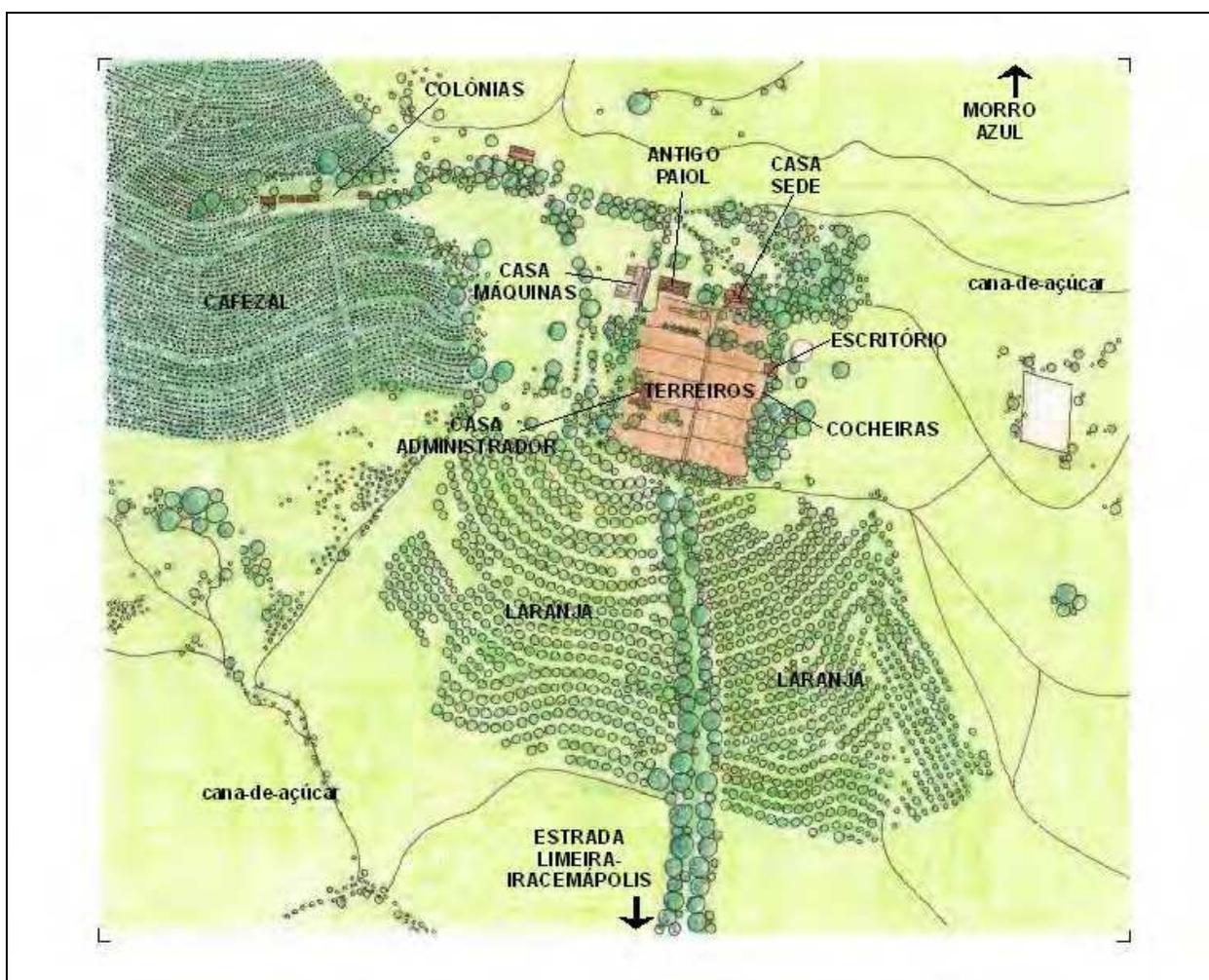
nov/2009



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Identificação gráfica

Implantação, plantas baixas, cortes e fachadas



Implantação

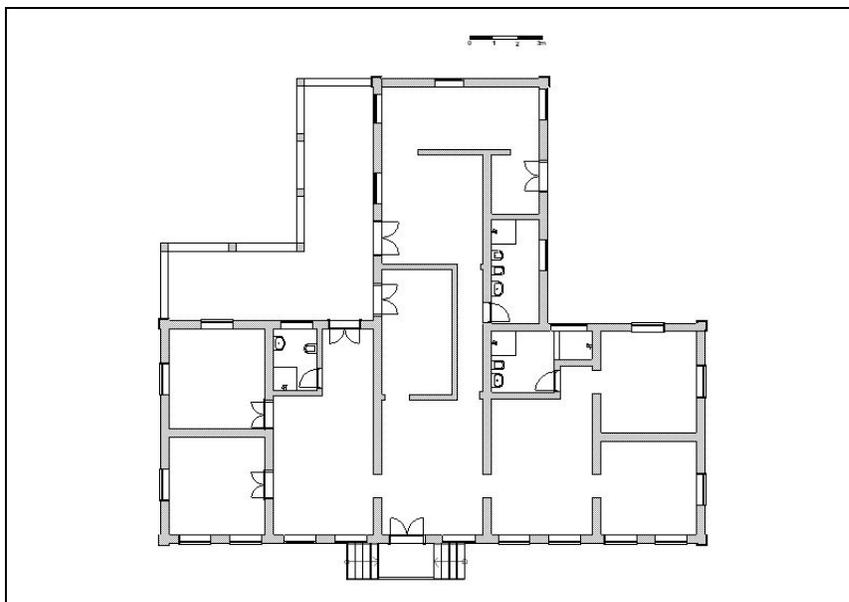
Desenho: Juliana B. P. Scariato, 2009.



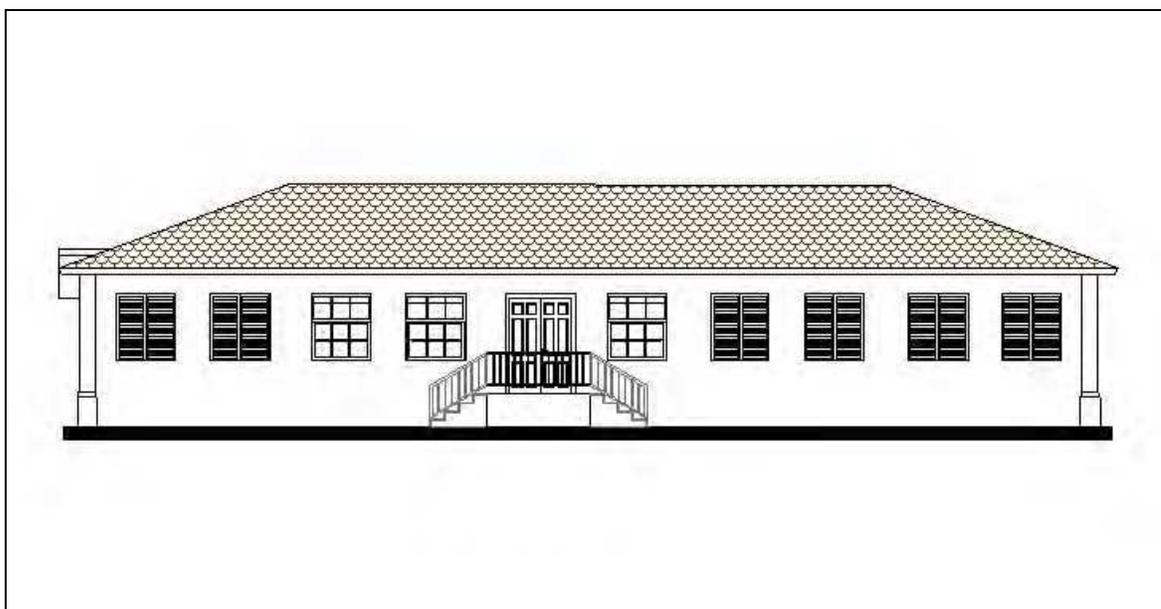
INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Identificação gráfica

Implantação, plantas baixas, cortes e fachadas



Planta baixa – Casa-sede da Fazenda Quilombo
Fonte: SCARIATO, 2009.



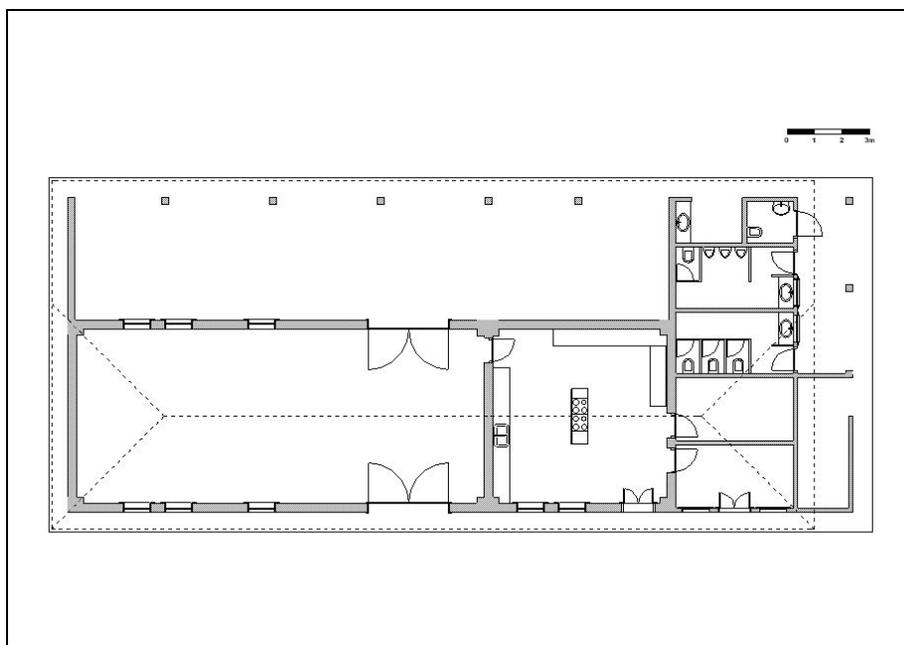
Elevação atual – Casa-sede da Fazenda Quilombo
Fonte: SCARIATO, 2009.



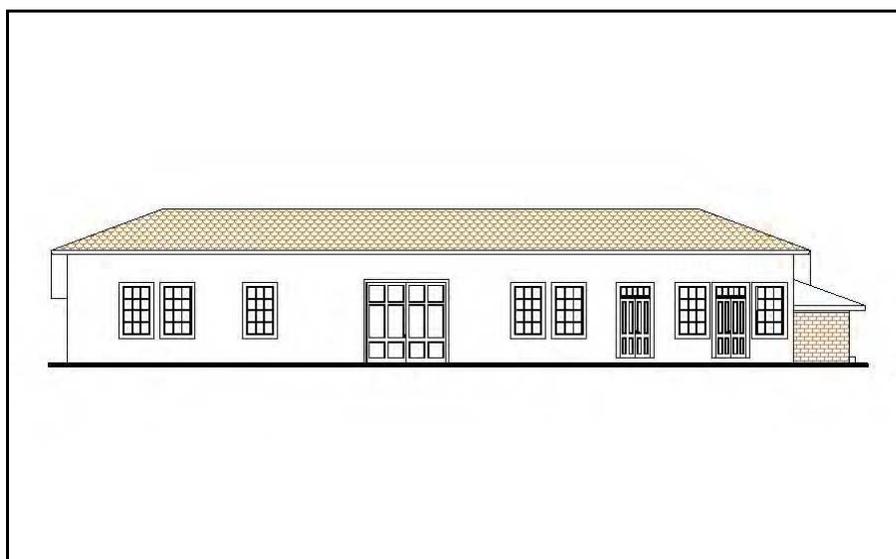
INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Identificação gráfica

Implantação, plantas baixas, cortes e fachadas



Planta baixa – Antigo Paiol
Fonte: SCARIATO, 2009.



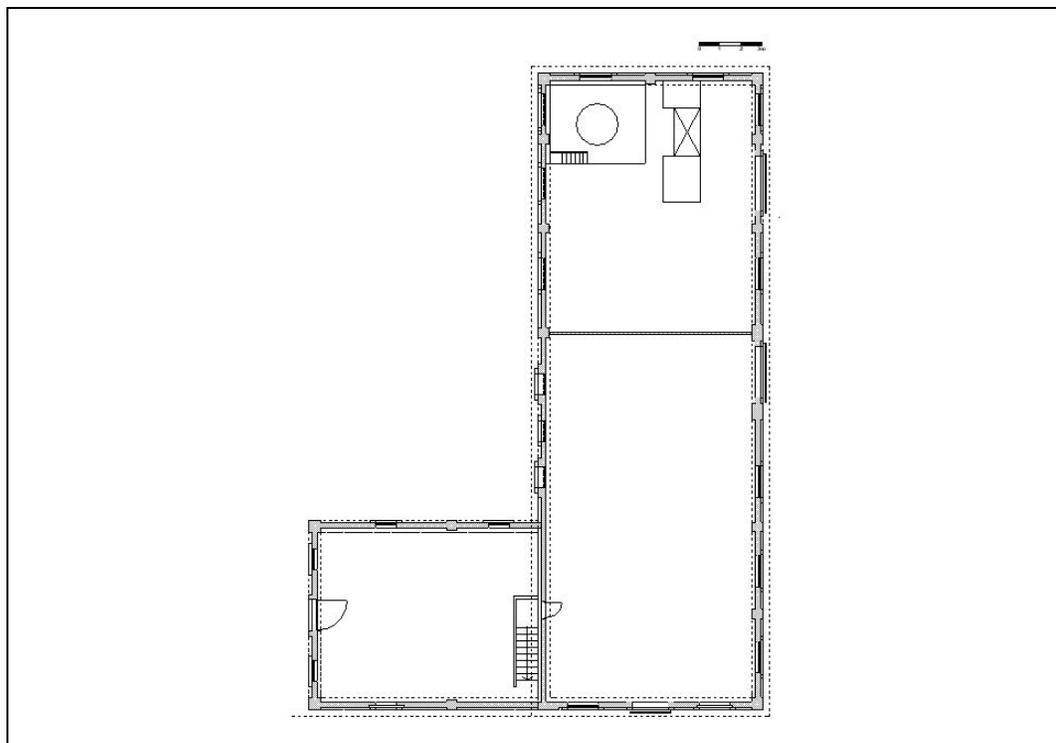
Elevação atual – Antigo Paiol
Fonte: SCARIATO, 2009.



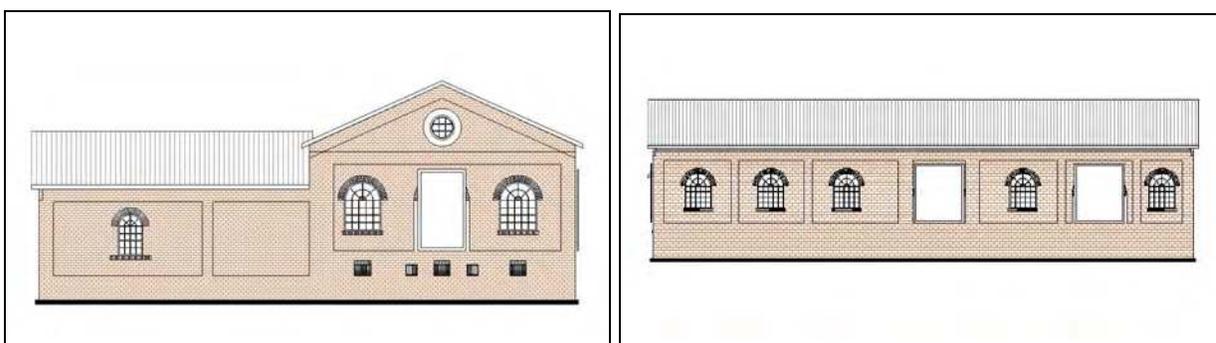
INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Identificação gráfica

Implantação, plantas baixas, cortes e fachadas



Planta baixa – Casa de Máquinas
Fonte: SCARIATO, 2009.



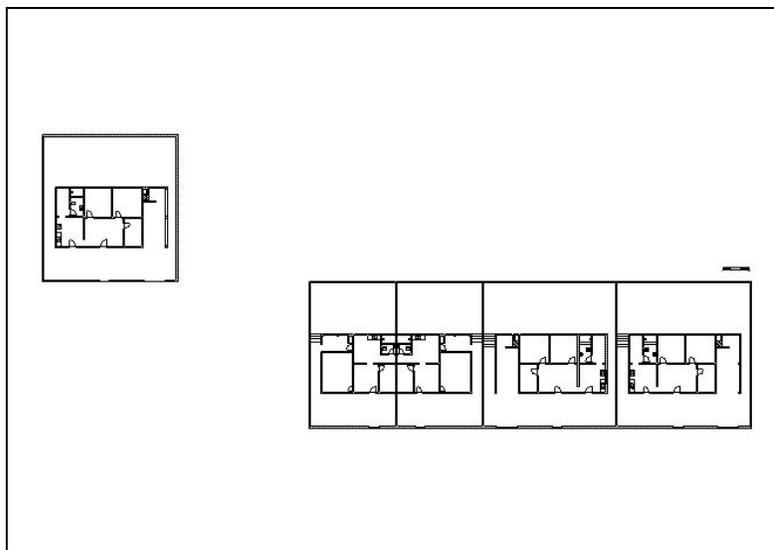
Elevações atuais – Casa de Máquinas
Fonte: SCARIATO, 2009.



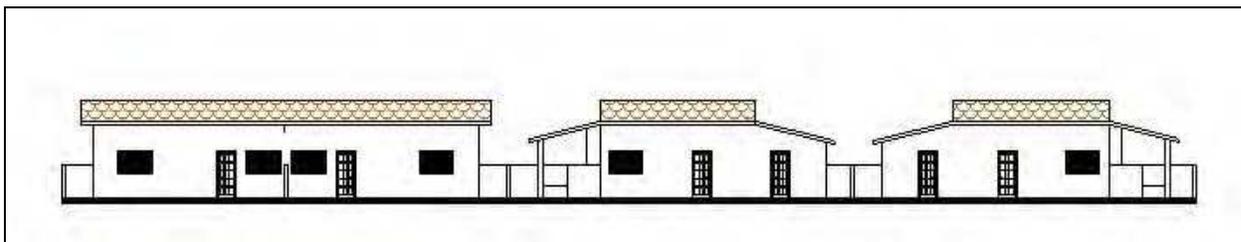
INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Identificação gráfica

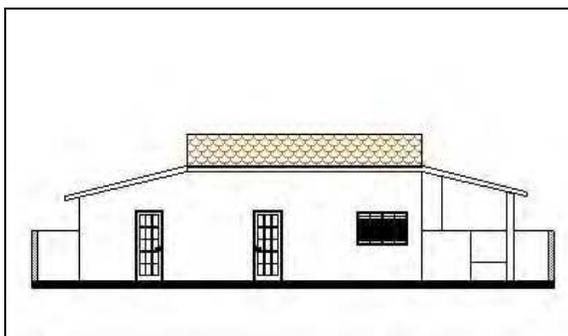
Implantação, plantas baixas, cortes e fachadas



Planta baixa – Conjunto da Colônia
Fonte: SCARIATO, 2009.



Elevação Atual – Conjunto da Colônia
Fonte: SCARIATO, 2009.



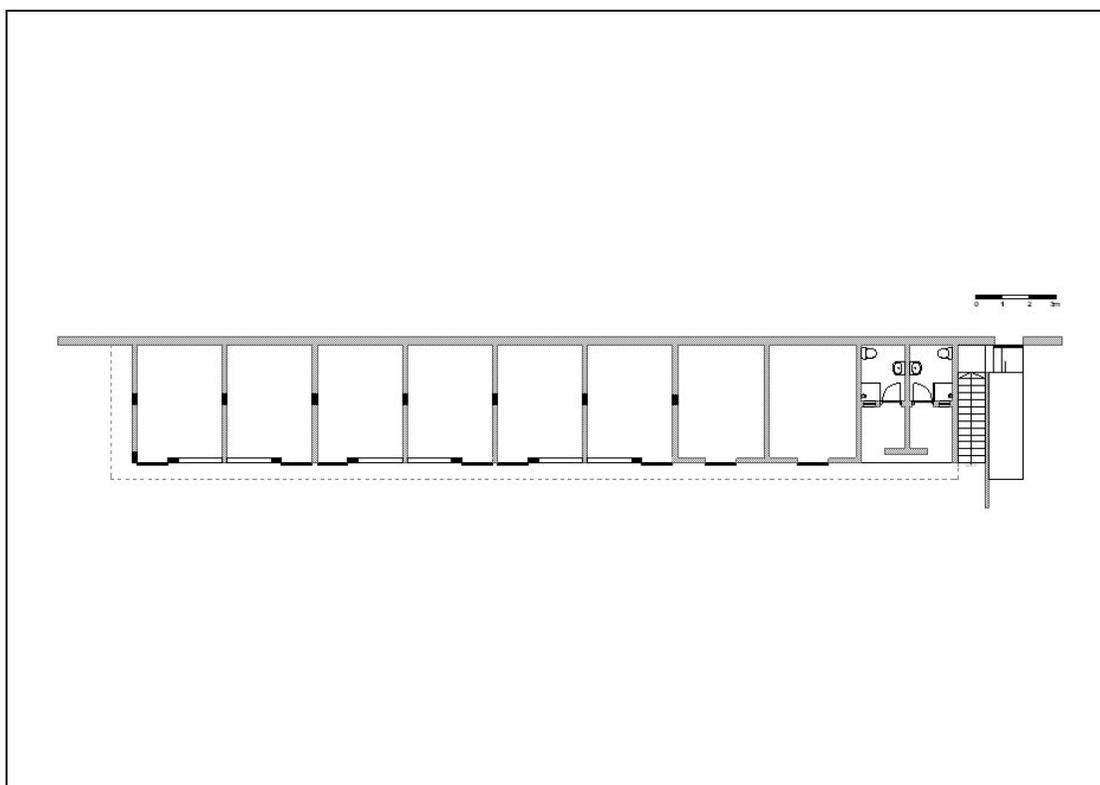
Elevação Atual – Conjunto da Colônia
Fonte: SCARIATO, 2009.



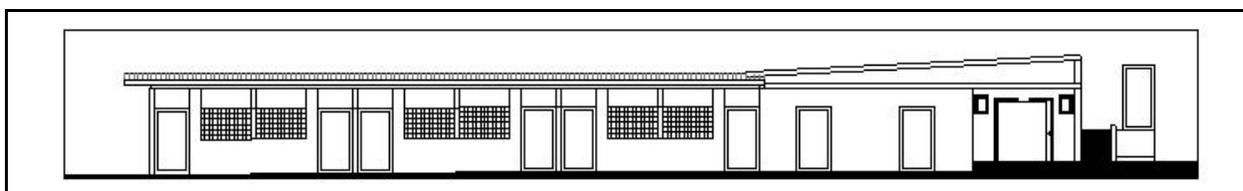
INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Identificação gráfica

Implantação, plantas baixas, cortes e fachadas



Planta baixa – Cavalos
Fonte: SCARIATO, 2009.



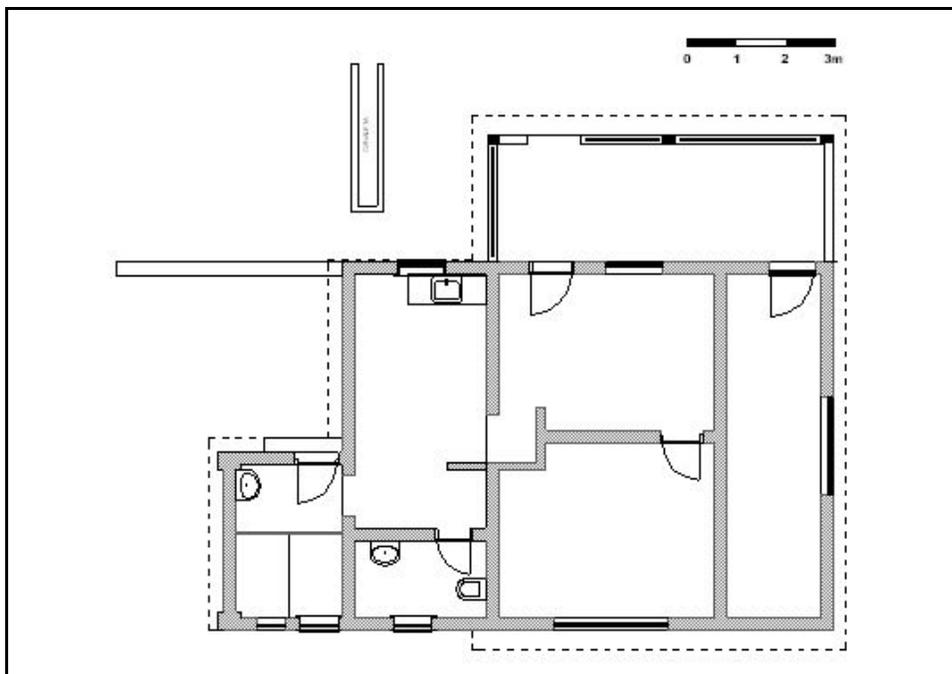
Elevação Atual – Cavalos
Fonte: SCARIATO, 2009.



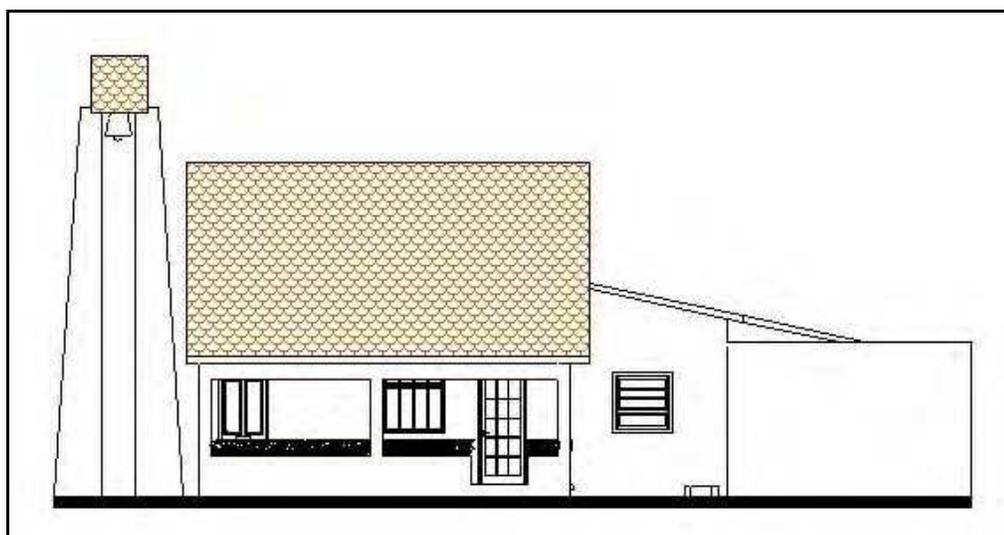
INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Identificação gráfica

Implantação, plantas baixas, cortes e fachadas



Planta baixa – Escritório
Fonte: SCARIATO, 2009.



Elevação Atual – Escritório
Fonte: SCARIATO, 2009.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Descrição Arquitetônica

Época da Construção	Estado de Conservação			
1870	<input checked="" type="checkbox"/> bom	<input type="checkbox"/> regular	<input type="checkbox"/> precário	<input type="checkbox"/> em ruínas

Caracterização, tipologia, técnica construtiva e materiais empregados (partido, embasamento, estrutura, paredes externas e internas, esquadrias, cobertura, pisos, forros, instalações elétricas e hidráulicas, entre outros)

A Fazenda Quilombo possui construções de tijolos erguidas durante o processo agrícola de produção de café, que permanecem preservadas até hoje.

A casa-sede (edifício 01) é uma construção térrea, construída com tijolos, tendo as paredes pintadas na cor branca. Suas esquadrias são de madeira, sendo as janelas do tipo guilhotina envidraçada com folhas cegas de madeira de abrir do lado interno. Nos fundos possui uma ampla varanda em telhado com telhas-vã.

O antigo paiol (edifício 02) foi recentemente restaurado e transformado em salão de festas, com estrutura para atender os turistas, tendo cozinha industrial, banheiros e pequena loja.

O antigo edifício de beneficiamento e maquinário (edifício 03) ainda hoje é utilizado, não somente para o beneficiamento do café, mas também como depósito de materiais. Sua construção é de tijolos aparentes em bom estado de conservação. Suas janelas são de ferro, tendo ainda portões de correr também de ferro. Internamente encontram-se algumas máquinas que ainda hoje são utilizadas, visto que a fazenda ainda produz café para comercialização.

Os terreiros não são mais utilizados como no passado. Seu piso é de lajotas cerâmicas e em alguns trechos está bastante danificado. Em uma parte do terreiro, existia a construção de uma casa do administrador da fazenda, que recentemente foi reformada para ser moradia de um dos filhos do proprietário. Em outra parte, terreiro foi cercado para ser área de treinamento de cavalos, outra das atividades comerciais da fazenda. Que serve também como um dos atrativos da recepção turística.

Há também o edifício da antiga casa de administração, onde funciona o escritório da fazenda e do haras, onde nos fundos deste estão as cocheiras dos cavalos de criação.

Existe ainda uma colônia que moram, onde moram alguns empregados da fazenda.

Estado de Conservação

A maioria dos edifícios da Fazenda Quilombo está em bom estado de conservação.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Histórico

A Fazenda Quilombo foi fundada na década de 1870 pelo Dr. Ezequiel de Paula Ramos e sua esposa Dona Anna Eufrosina Jordão. Ela foi constituída a partir de uma área desmembrada da Fazenda Morro Azul, recebida como herança por Anna, filha de Silvério Rodrigues Jordão, proprietário da Fazenda Morro Azul. Na época a fazenda possuía 300 alqueires (750 hectares).

A exploração econômica da Fazenda Quilombo iniciou-se com a formação de cafezais, utilizando-se a mão-de-obra escrava, que aos poucos foi sendo substituída pelos colonos europeus.

O conjunto composto por terreiros, lavadores, tulhas, casa da administração e casa sede foi concluído em 1892. Seu atual proprietário, bisneto dos fundadores, mantém na propriedade centenária a lavoura de café. Todo este conjunto arquitetônico atendia as funções de secagem e preparo do café, característico das unidades de produção que se estabeleceram a partir da segunda metade do século XIX.

Todas estas construções estão cercadas por muros que as circundam, e possuem dois grandes portais, um na entrada principal e outro aos fundos da sede, que fazia a ligação com a principal colônia da fazenda.

A colônia contava com aproximadamente 40 casas dispostas em forma de uma ferradura. No centro havia um chafariz para abastecimento de água das casas e bebedouro para os animais de trabalho. Vários outros conjuntos menores de casas de colonos localizavam-se em outras áreas da propriedade.

A década de 1890 marca também a importante atuação política do Dr. Ezequiel de Paula Ramos, que foi eleito senador do Estado de São Paulo após a Proclamação da República, ocupando esse cargo por várias legislaturas.

No período de expansão do café foram incorporadas áreas de florestas restando uma pequena faixa de matas nas encostas do Morro Azul encimada pelas palmeiras centenárias, aí plantadas no século passado por Silvério Rodrigues Jordão, que marcavam a linha divisória entre a Fazenda Morro Azul e a Fazenda Ibicaba, propriedade do Senador Vergueiro.

Após a crise do café em 1929, os descendentes do Dr. Ezequiel erradicaram essa lavoura substituindo-a pelo cultivo de cereais, algodão e citros. Continuaram a contar com o concurso dos antigos colonos, alguns já trabalhando num sistema de parceria para exploração dessas novas atividades agrícolas. O pagamento da formação dos pomares de laranja, para famílias de colonos foi feita com a transferências para esses de algumas glebas da propriedade que passaram a constituir vários sítios. Desses resta apenas um, tendo sido os demais adquiridos pelas grandes propriedades canavieiras, que se desenvolveram sobre tudo a partir de 1950.

Na década de 1970 a Fazenda Quilombo volta sua lavoura para o cultivo do. Seu atual proprietário, o engenheiro agrônomo Francisco Raphael de Araujo Ribeiro, bisneto dos fundadores, retomou a cultura e recuperou as instalações dos terreiros e armazéns, casa sede e casas da colônia. Procurou diversificar as atividades desenvolvendo a cultura do algodão, a pecuária leiteira e o cultivo de cereais.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Dessas atividades permanece apenas o café, secundado pela cultura de citros e a criação de ovinos e eqüinos.

A Fazenda Quilombo por se tratar de uma propriedade centenária que continua desenvolvendo a lavoura de café tem atraído o interesse de inúmeras escolas da região e também de visitantes do exterior (França, Alemanha, Suíça, Bélgica, Noruega e EUA). Anualmente recebe a visita de estudantes e professores interessados em conhecer o processo produtivo dessa lavoura que também contribuiu para o desenvolvimento do estado de São Paulo e também do Brasil.



Figura 01 – Vista das instalações da fazenda.
Fonte: Acervo da família Araújo Ribeiro.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico

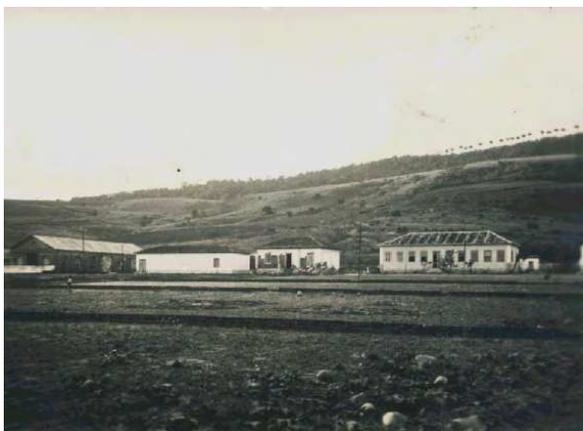


Figura 02 – Vista das instalações da fazenda
Fonte: Acervo da família Araújo Ribeiro.



Figura 03 – Vista dos fundos do antigo paio.
Fonte: Acervo da família Araújo Ribeiro.



Figura 04 – Vista para os cafezais
Fonte: Acervo da família Araújo Ribeiro.



Figura 05 – Paisagem da lavoura
Fonte: Acervo da família Araújo Ribeiro.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico



Figura 06 – Lavador de café
Fonte: Acervo da família Araújo Ribeiro.



Figura 07 – Vista dos fundos do antigo paiol.
Fonte: Acervo da família Araújo Ribeiro.



Figura 08 – Vista da fazenda a partir do Morro Azul
Fonte: Acervo da família Araújo Ribeiro.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico



Figura 09 – Terreiro
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



Figura 10 – Casa-sede
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



Figura 11 – Detalhe da fachada casa-sede
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



Figura 12 – Acesso à sede a partir do portal de entrada
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



Figura 13 – Escritório da fazenda, antiga administração
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



Figura 14 – Antigo paiol, reformado
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico



Figura 15 – PaioI, visto dos fundos
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



Figura 16 – Terreiro, transformado em treinamento de cavalos
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



Figura 17 – Edifício de beneficiamento/ tulha (frente)
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.

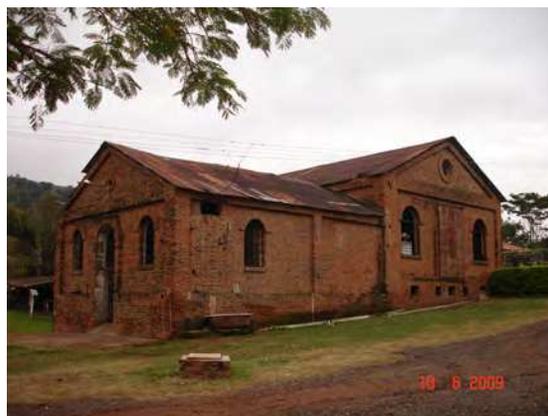


Figura 18 – Edifício de beneficiamento/ tulha (fundos)
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



Figura 19 – Vista interna do edifício beneficiamento/ tulha
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



Figura 20 – Vista interna do edifício beneficiamento
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico



Figura 21 – Máquinas
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



Figura 22 – Máquinas
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.

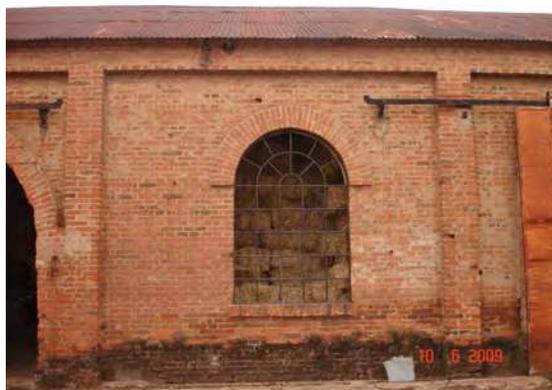


Figura 23 – Detalhe para a parede de tijolos
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



Figura 24 – Lateral do edifício
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico

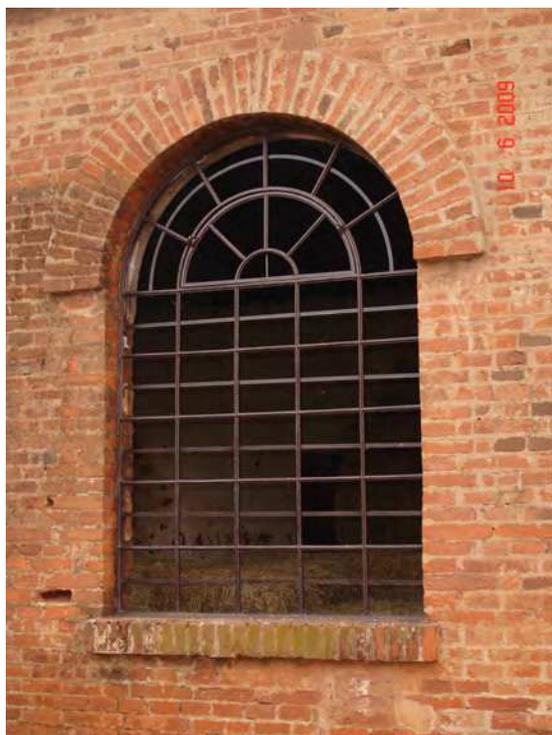


Figura 25 – Detalhe para o caixilho de ferro
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.

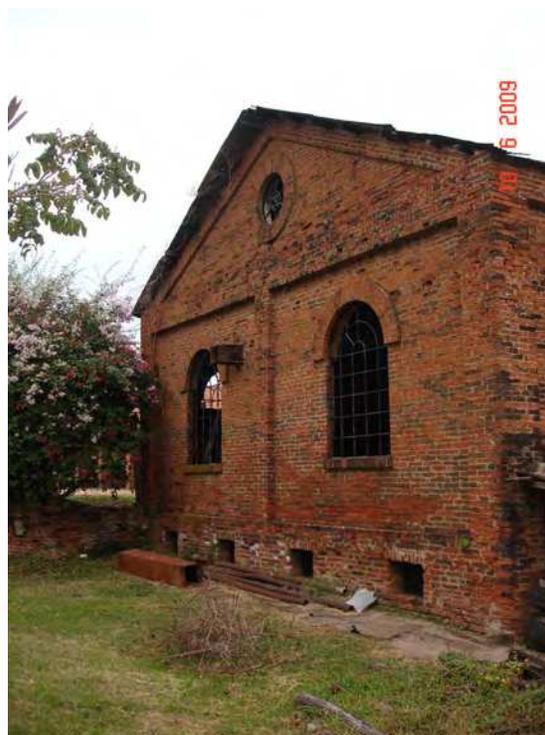


Figura 26 – Lateral do edifício.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



Figura 27 – Detalhe para o óculo com as iniciais EPR
(Dr. Ezequiel de Paula Ramos)
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



Figura 28 – Vista lateral
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico



Figura 29 – Fachada posterior
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



Figura 30 – Vista dos fundos
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



Figura 31 – Vista para o Morro Azul
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



Figura 32 – Vista dos fundos do paiol
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



Figura 31 – Modelos de tijolos e lajotas
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



Figura 32 – Tijolo com as iniciais DRPR
(Dr. Ezequiel de Paula Ramos)
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Denominação Fazenda Citra-Dierberger	nº DPH - Limeira 007
Localização Rodovia SP 147 (Limeira-Piracicaba) km117	Contato: tel. (19) 3451-1221 e-mail: fazendacitra@limeira.com.br www.fazendacitra.com.br

Município
 Limeira, SP

Coordenadas GPS
 22°35'41.96" S 47°27'30.15" O

Época fundação
 1924

Uso atual / original
 Fazenda de laranja / Fazenda Plantas Frutíferas e Ornamentais

Proteção existente / proposta
 inexistente/ tombamento

Proprietário
Família Dierberger



Fonte: Disponível em: <www.fazendacitra.com.br>

situação e ambiência

Fazenda agrícola, dedicada à produção de plantas frutíferas e ornamentais. Foi fundada no início do século XX, para produção de laranja. Está localizada no município de Limeira, às margens da Rodovia Limeira-Piracicaba.



Fonte: Google Maps, 2008.

Rersp. Técnico / Coordenador / equipe Juliana Binotti Pereira Scariato	data nov/2009
--	------------------



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Identificação gráfica

Plantas, cortes e fachadas



Implantação – Fazenda Citra-Dierberger
Desenho: Juliana B. P. Scariato, 2009.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Descrição Arquitetônica

Época da Construção	Estado de Conservação			
1924	<input type="checkbox"/> bom	<input checked="" type="checkbox"/> regular	<input type="checkbox"/> precário	<input type="checkbox"/> em ruínas

Caracterização, tipologia, técnica construtiva e materiais empregados (partido, embasamento, estrutura, paredes externas e internas, esquadrias, cobertura, pisos, forros, instalações elétricas e hidráulicas, entre outros)

A Fazenda Citra possui inúmeras construções dedicadas à produção de mudas e plantas frutíferas e ornamentais. Dentre as edificações encontramos o escritório da fazenda, o museu, os viveiros e as estufas que fazem parte do complexo agrícola.

Estado de Conservação

A maioria dos imóveis analisados encontra-se em bom estado de conservação, isto devido ao contínuo uso e manutenção das atividades da fazenda desde a sua fundação.

Histórico

A Fazenda Citra foi fundada em 1924¹ por João Dierberger para o cultivo de laranja. O objetivo era produzir e comercializar laranja, para o mercado nacional e internacional. Os Dierberger estabeleceram um dos primeiros *agrobusiness* particular do Brasil.

João Dierberger associa-se à João Carlos Batista Levy para, de forma pioneira no país, enviar laranjas para o mercado europeu. O primeiro lote de caixas de laranja foram exportadas, através do Porto de Santos, para a Inglaterra em 1926.

A segunda geração representada por João Dierberger Junior e Reinaldo Dierberger destacou-se nas atividades que se dedicaram nos cultivares da Fazenda Citra. Dois anos depois o mercado se consolidou como uma das maiores riquezas do país, devido à guerra, crises econômicas e praças em outros setores agrícolas.

¹ Disponível em: <www.fazendacitra.com.br>



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Reinaldo se destaca na área de Paisagismo, tendo sido um figura de expressão na história dos jardins no Brasil. Dando prosseguimento à tradição de seu fundador, que tinha como objetivo introduzir, aclimatar e propagar espécies exóticas no Brasil, a Dierberger é responsável pela comercialização e divulgação de plantas ornamentais, aromáticas e frutíferas de grande valor.

Para a Fazenda foram trazidas e aclimatadas várias espécies de árvores e arbustos, muitos deles raros e exóticos, constituindo um verdadeiro jardim botânico. A Fazenda Citra possui ainda uma grande produção de noz macadâmia, noz pecãn e frutas cristalizadas, que comercializam diretamente com o consumidor. É responsável direta pela introdução e propagação de inúmeras espécies no país, e a comercialização de seus produtos é sua principal atividade.

O turismo vem sendo outra atividade, recentemente incorporada às atividades da Fazenda. Possui um roteiro de visita que inclui uma caminhada pelas dependências dos viveiros, onde os visitantes tem a oportunidade de conhecer algumas espécies de plantas exóticas e raras. São demonstradas alguns serviços agrários que são desenvolvidos, como o enxerto de mudas, método de formação de mudas, beneficiamento de nozes, e uma visita ao museu, onde é conhecida a história e evolução da produção agrícola da fazenda.



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico



Figura 01 – Foto aérea da fazenda

Fonte: Disponível em: <www.fazendacitra.com.br>

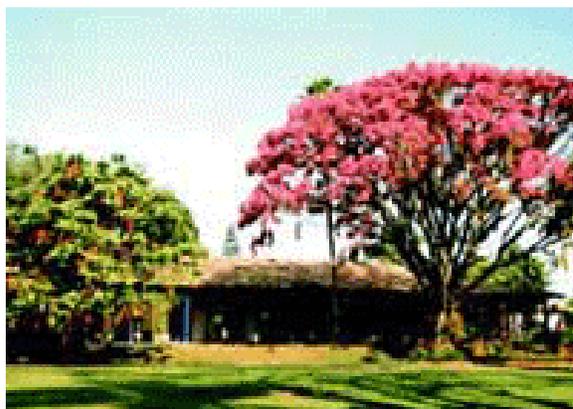


Figura 02 – Escritório da fazenda

Fonte: Disponível em: <www.fazendacitra.com.br>



Figura 03 – Viveiro de mudas para comercialização

Fonte: Disponível em: <www.fazendacitra.com.br>



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico



Figura 04 – Vista interna do museu
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



Figura 05 – Vista interna do museu
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006

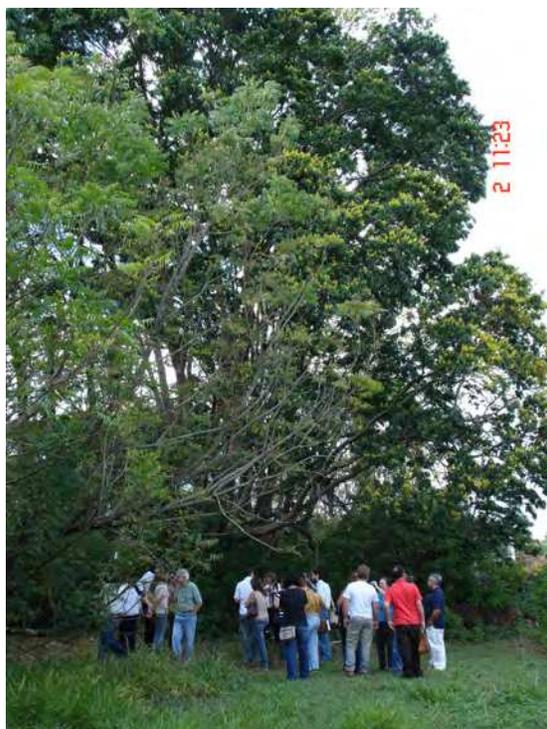


Figura 06 – Produção de noz pecãn
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



Figura 07 – Vista da produção de mudas ornamentais
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



INVENTÁRIO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – IPAC . Fazendas

Registro Fotográfico



Figura 08 – Vista de um dos viveiros
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



Figura 09 – Produção de noz macadâmia
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



Figuras 10
Produção plantas ornamentais e exóticas
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



Figura 11



Figura 12



Figuras 13
Produção plantas ornamentais e exóticas
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006



Figura 14



Figura 15

6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir dos resultados obtidos com as Fichas de Inventário, tendo em vista as informações reunidas nesta pesquisa, procedeu-se a um estudo comparativo entre a arquitetura rural das sete fazendas inventariadas, com o intuito de ampliar o conhecimento sobre o território em que elas estão implantadas. Para isso foram desenvolvidos “croquis” que retratam as implantações das fazendas, servindo de base para a análise. Essa iniciativa possibilitou identificar a paisagem através da vegetação remanescente encontrada nas propriedades, bem como as edificações referentes ao “processo produtivo” (arquitetura industrial).

As propriedades analisadas nesta dissertação compõem o projeto de turismo “Conheça Limeira – Visita às Fazendas Históricas”, da Prefeitura de Limeira – SP, mas ainda não são de fato conhecidas pela comunidade da região. Por este motivo não são preservadas como patrimônio cultural dos municípios a que pertencem, nem tampouco do Estado. O reconhecimento deste patrimônio pela sociedade e autoridades municipais e estaduais, como bens de importância histórica, arquitetônica, artística e cultural é fundamental para a valorização da cultura e do próprio turismo, que vem sendo realizado, ainda de forma muito tímida.

Estas centenárias fazendas foram responsáveis por uma parcela significativa da produção agrícola do estado de São Paulo, e comercializaram não só o café, mas também outros produtos, sendo alguns exportados ainda hoje, como a laranja, por exemplo. A herança deixada por essas fazendas no território é parte integrante da história das cidades da região. Atualmente o plantio da

cana-de-açúcar para a produção do álcool etanol, vem tomando cada vez mais o espaço agrário das cidades do interior de São Paulo. A preocupação com a manutenção e preservação do patrimônio remanescente nas “fazendas históricas” aumenta na medida em que cresce a área para o plantio da cana, destruindo colônias, ocupando terreiros, e na maioria dos casos modificando o cenário destas belas paisagens culturais.

Este panorama é um alerta para que os proprietários de patrimônios tão importantes busquem alternativas para sua manutenção e preservação, como por exemplo, as parcerias público-privadas, a exploração do turismo e de atividades de cunho cultural para garantir esses verdadeiros ícones da engenharia e da arquitetura rural de uma região que se destaca no cenário histórico e agroindustrial do Brasil. O estado de São Paulo, por sua vez, é um dos grandes responsáveis pelo desenvolvimento industrial do país, cujo processo iniciou-se no século XIX com a cafeicultura.

Na região de Limeira, os imigrantes europeus foram usuários de técnicas agrícolas empregadas na lavoura do café. O seu conhecimento aliado ao trabalho no campo impulsionou o desenvolvimento de novas técnicas e máquinas agrícolas. A partir desse movimento, foram criadas diversas empresas no ramo industrial, que contribuíram para o progresso da região.

As pesquisas de campo permitiram uma boa compreensão sobre as construções remanescentes no território, base para a interpretação das relações de trabalho e dos processos produtivos nas sete fazendas. Os materiais e os métodos construtivos utilizados nos edifícios específicos para abrigar funções e procedimentos próprios do processo produtivo do café, deixaram marcas significativas nas respectivas propriedades.

A escolha da área para a construção da sede era uma questão fundamental na implantação das fazendas, principalmente aquelas destinadas ao cultivo do café. A maneira de se escolher o local onde se assentava a residência e o próprio modo de agenciar a propriedade, dava-se principalmente pela preferência de um ponto situado *a meia altura da paisagem*¹ (SAIA, 1972, p.67). Pode-se identificar este procedimento observando-se as sedes das fazendas próximas à região do Morro Azul. Além da qualidade da terra, a região favorecia uma excelente visualização do território, em meio a uma

¹ SAIA, Luis. *Morada Paulista*. Coleção Debates. São Paulo: Perspectiva, 1972.

depressão periférica, sendo o Morro Azul o ponto mais elevado. Deste modo, era possível a partir da sede, controlar a propriedade toda, o trabalho na terra, a lavagem do grão e seu beneficiamento, enfim todo o processo produtivo, e ainda avistar ao longe a imensidão da paisagem.

O mapa esquemático apresentado na Figura 30 mostra a localização das sete “fazendas históricas”, marcando as três grandes rodovias que cortam o território (Anhangüera, Bandeirantes e Washington Luis), e o Morro Azul, além de identificar a antiga estrada que ligava Campinas ao Morro Azul (hoje parte da avenida Campinas), e que hoje corta o município de Limeira.

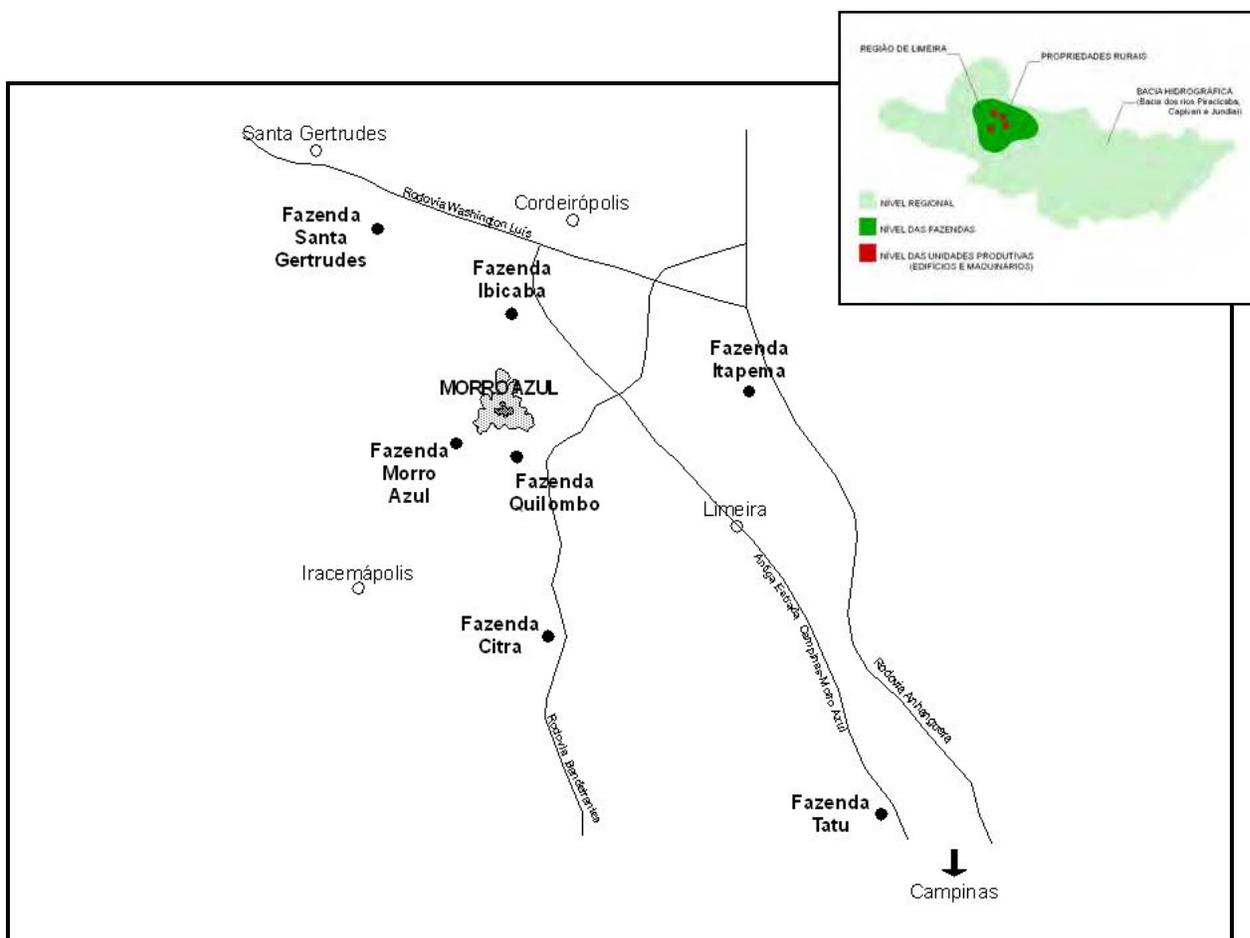


FIGURA 30 – Mapa esquemático de localização das sete “fazendas históricas”
Desenho ilustrativo idealizado pela pesquisadora, através de fotos aéreas de satélite.

6.1. Análise comparativa das fazendas

As sete fazendas históricas foram divididas em quatro grupos, e analisadas a partir da identificação de suas construções remanescentes, conforme a Tabela 4. Da época dos engenhos nada foi identificado, o trabalho focou apenas as construções a partir do período cafeeiro.

O primeiro grupo identifica o conjunto de fazendas que ainda apresentam grande número de edificações do período cafeeiro, tendo o terreiro como elemento centralizador e organizador do espaço formado pelo processo agroindustrial desenvolvido na fazenda. O segundo grupo é formado por fazendas deste mesmo período, mas que possuem poucas edificações da época. O terceiro grupo é identificado por apresentar construções antigas de outras atividades agrícolas que não somente o café. O quarto grupo é identificado por apresentar construções posteriores ao período cafeeiro.

TABELA 4
Grupos para a análise comparativa das sete fazendas históricas da região de Limeira

GRUPOS	FAZENDAS	Constituição (Fundação)	CIDADES	Formação (povoado)
Grupo 1	Ibicaba	1817	Cordeirópolis	1890
	Santa Gertrudes	1854	Santa Gertrudes	1821
	Quilombo	1870	Limeira	início séc. XIX
Grupo 2	Tatu	1820	Limeira	início séc. XIX
	Morro Azul	1820	Iracemápolis	1891
Grupo 3	Itapema	1860	Limeira	início séc. XIX
Grupo 4	Citra-Dierberger	1924	Limeira	início séc. XIX

Fonte:

A tabela acima foi elaborada a partir dos dados apresentados da Tabela 3.

Entre as décadas de 1820 a 1850, as fazendas iniciavam a sua produção cafeeira, substituindo paulatinamente a cana-de-açúcar. Este período é marcado também pela substituição do trabalho escravo pelo do imigrante europeu, que fincou raízes nestas terras e facilitou o desenvolvimento da agricultura no estado.

6.1.1. Fazendas do Grupo 1

Fazenda Ibicaba

A Fazenda Ibicaba, a mais antiga das sete fazendas históricas, foi formada 53 anos antes da Fazenda Quilombo, em 1817. Dentre os remanescentes mais antigos encontrados na fazenda está uma de suas tulhas, edificada a partir de um sistema construtivo misto, de taipa, sistema enxaimel (técnica trazida pelos imigrantes alemães), e tijolos, sendo referência na história da arquitetura (talvez uma das únicas construções deste porte que possui este tipo de construção). Seu telhado possui grande inclinação, construído com madeiras de lei sustentando caibros e ripas de palmeiras, conservados até hoje. A outra tulha foi construída com tijolos maciços de barro queimado, num período pouco posterior, ao lado da primeira tulha. Os edifícios da casa de máquinas e oficinas são mais recentes do que as tulhas, tendo sido construídos após um incêndio que os destruiu, no início do século XX.

A casa-sede também não é a original, foi construída, após um surto de tuberculose que atingiu a família Levy, proprietária da fazenda na época. A família Levy, chegou à fazenda em 1857 como imigrante para trabalhar na lavoura de café. Quinze anos depois de muito trabalho, adquirem a fazenda que foi posta em leilão depois da falência do Senador Vergueiro. A Fazenda Ibicaba não foi implantada na encosta do Morro Azul, assim como as fazendas Morro Azul e Quilombo. Ela situa-se numa área mais plana. A localização da casa-sede é próxima ao terreiro e ao espaço destinado ao processo de beneficiamento do café. Do antigo Engenho Ibicaba nada sobrou. Porém, a maioria das construções destinadas à produção do café, ainda podem ser identificadas no seu território. As primeiras colônias de imigrantes encontravam-se espalhadas pelas lavouras de café para facilitar o seu cultivo e preparo da terra. Delas, também nada sobrou. A Colônia Vergueiro (maior e mais importante dentre as colônias da Fazenda Ibicaba), foi destruída, após o arrendamento da terra para plantio da cana-de-açúcar, por usinas sulcroalcooleiras, já na segunda metade do século XX. Atualmente existem poucas casas de colônia, remanescentes dispersos que podem ser localizados na Figura 30.

Os terreiros, ainda sobreviventes, não possuem mais a sua função original. Caracterizam-se como espaços culturais, sendo que alguns deles foram transformados em “campinhos de futebol” e

outras áreas de lazer. Canaletas ainda podem ser vistas próximas aos terreiros. Existe também na fazenda uma torre de relógio em alvenaria de tijolos, que também era um mirante para o fazendeiro observar a sua indústria.

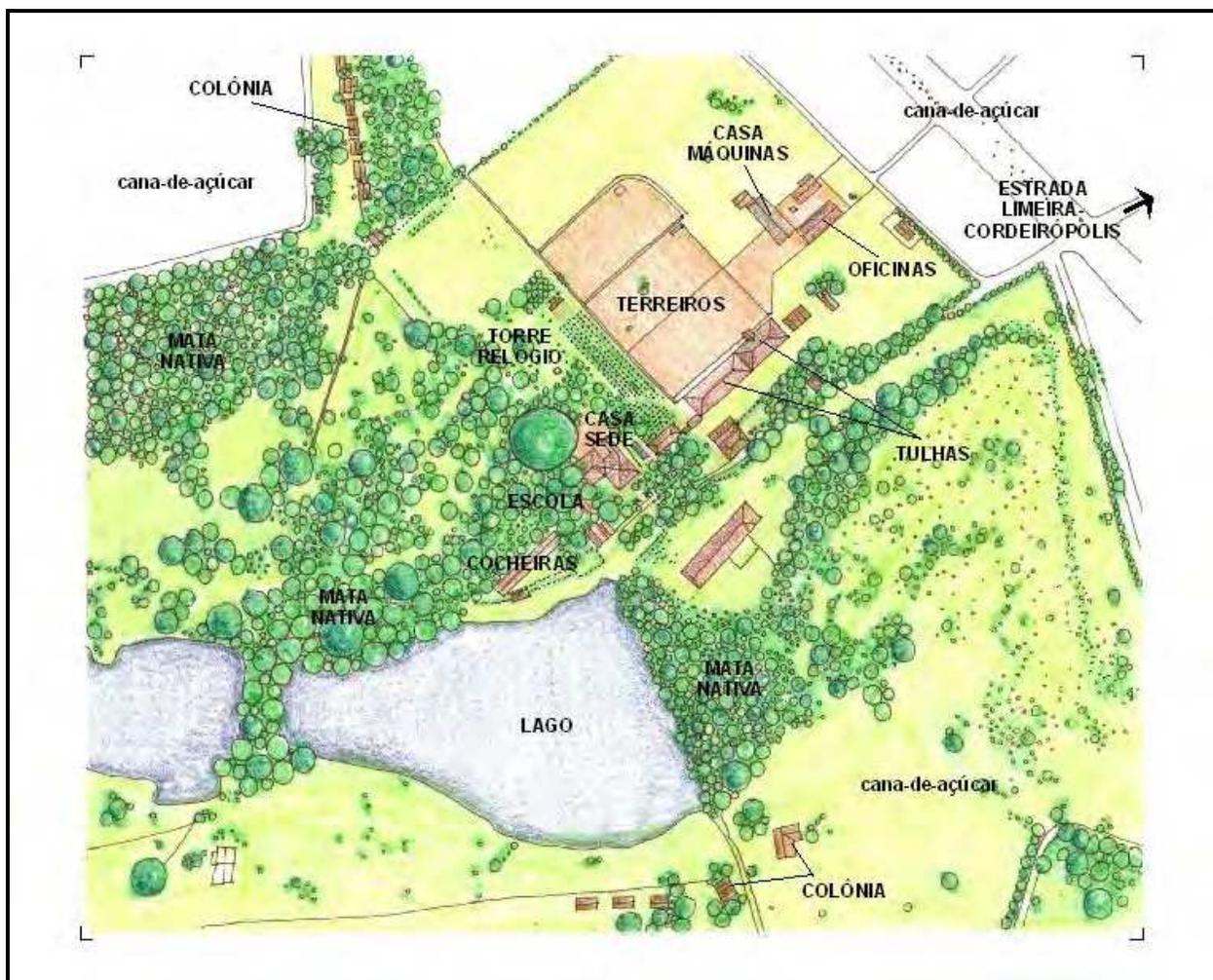


FIGURA 31 – Croqui da implantação da Fazenda Ibicaba.

Desenho ilustrativo idealizado pela pesquisadora, através de fotos aéreas de satélite.

O terreiro é o elemento central do núcleo industrial da fazenda, ao seu redor localizam-se as edificações utilizadas no processo de beneficiamento do café. A Fazenda Ibicaba conserva registros da época e sua paisagem permanece relativamente bem preservada. O complexo produtivo ainda permanece intacto, como um memorial do período cafeeiro.

As Figuras 32 a 64 apresentam uma coletânea de imagens da Fazenda Ibicaba. Atualmente a propriedade é palco de eventos sociais, culturais e turísticos, que utilizam seus cenários e espaços, de forma a valorizar sua história e possibilitar o seu reconhecimento.



FIGURA 32 – Vista geral da fazenda, década de 1920.
Foto: Acervo de Paulo Masuti Levy.



FIGURA 33 – Vista geral da fazenda.
Fonte: Site oficial da fazenda Ibicaba².



FIGURA 34 – Implantação da fazenda.
Fonte: Site oficial da fazenda Ibicaba³.

² Disponível em: <<http://www.fazendaibicaba.com.br>>

³ Ibidem.



FIGURA 35 – Antiga casa-sede da fazenda (demolida).
Foto: Acervo de Paulo Masuti Levy.



FIGURA 36 – Atual casa-sede da fazenda.
Fonte: Site oficial do município de Limeira.⁴

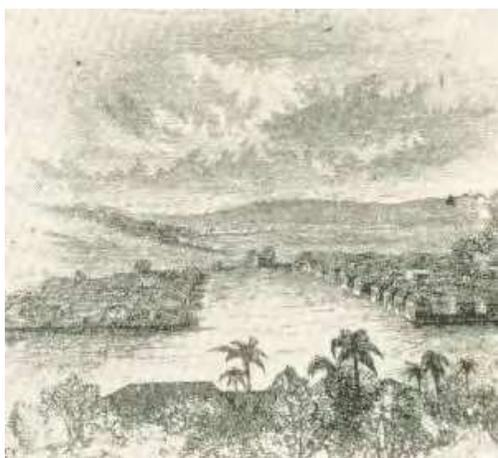


FIGURA 37 – Colônia Vergueiro (demolida).
Fonte: FORJAZ, 1924.



FIGURA 38 – Carnaval na fazenda, década de 1930.
Foto: Acervo de Paulo Masuti Levy.



FIGURA 39 – Vista da garagem e oficinas.
Foto: Mateus Rosada, 2003.



FIGURA 40 – Vista posterior da casa-sede.
Foto: Mateus Rosada, 2003.

⁴ Disponível em: <<http://www.limeira.sp.gov.br/secretarias/turismo/files/ibicaba/index.htm>>



FIGURA 41 – Vista do terreiro com casa de máquinas ao fundo.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



FIGURA 42 – Tulha nova.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



FIGURA 43 – Tulha velhas, com vista das passarelas.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



FIGURA 44 – Sistema construtivo "enxaimel".
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



FIGURA 45 – Vista interna da casa de máquinas.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



FIGURA 46 – Vista da senzala (subsolo das tulhas).
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



FIGURA 47 – Torre do relógio.
Foto: Juliana B.P. Scariato, 2006.



FIGURA 48 – “Locomóvel”, primeiro motor utilizado na fazenda.
Fonte: Site oficial da fazenda Ibicaba.⁵



FIGURA 49 – Canal, localizado no meio da mata.
Fonte: HEFLINGER, 2005.



FIGURA 50 – Cafezal da fazenda.
Fonte: HEFLINGER, 2005.



FIGURA 51 – Escravos na lavoura de café.
Fonte: HEFLINGER, 2007.



FIGURA 52 – Moeda utilizada na Fazenda Ibicaba
Fonte: Site oficial da fazenda Ibicaba.⁶

⁵ Disponível em: <<http://www.fazendaibicaba.com.br>>

⁶ Ibidem.



FIGURA 53 – Processo de secagem do café (terreiro).
Fonte: HEFLINGER, 2005.



FIGURA 54 – Colonos no terreiro da fazenda.
Fonte: HEFLINGER, 2005.



FIGURA 55 – Beneficiamento de café.
Fonte: HEFLINGER, 2005.



FIGURA 56 – Terreiros, canais e peneiras.
Foto: Vladimir Benincasa, 2003.



FIGURA 57 – Lavagem do café.
Fonte: Site oficial da fazenda Ibicaba.⁷



FIGURA 58– Sistema de canais, em ruínas.
Foto: Vladimir Benincasa, 2003.

⁷ Disponível em: <<http://www.limeira.sp.gov.br/secretarias/turismo/files/ibicaba/index.htm>>



FIGURA 59 – Aqueduto para transporte de água e café.
Foto: Mateus Rosada, 2003.



FIGURA 60 – Cocheira e paiol.
Fonte: Site oficial da fazenda Ibicaba⁸.



FIGURA 61 – Vista geral da garagem.
Foto: Vladimir Benincasa, 2003.



FIGURA 62 – Escola da colônia.
Foto: Vladimir Benincasa, 2003.



FIGURA 63 – Vista geral de uma das colônias.
Foto: Vladimir Benincasa, 2003.



FIGURA 64 – Casa-tipo de uma das colônias.
Foto: Mateus Rosada, 2003.

⁸ Disponível em: <<http://www.fazendaibicaba.com.br>>

Fazenda Santa Gertrudes

A Fazenda Santa Gertrudes também possui diversos remanescentes que compunham o complexo produtivo do café no século XIX, tendo sido fundada em 1854, trinta e sete anos depois da Fazenda Ibicaba, (ver Tabelas 3 e 4). Suas edificações foram implantadas a partir de um plano diretor que visava o cultivo, beneficiamento e comercialização do café. No caso da Fazenda Santa Gertrudes o terreiro é o elemento central do complexo produtivo. A partir dele se articulam todas as funções desempenhadas no processo de beneficiamento do café, estando ao seu redor a casa-sede, a tulha, a casa de máquinas, as oficinas, e até mesmo edificações que abrigavam atividades culturais (como o cinema) e religiosas (como a igreja), conforme pode ser identificado na Figura 65.

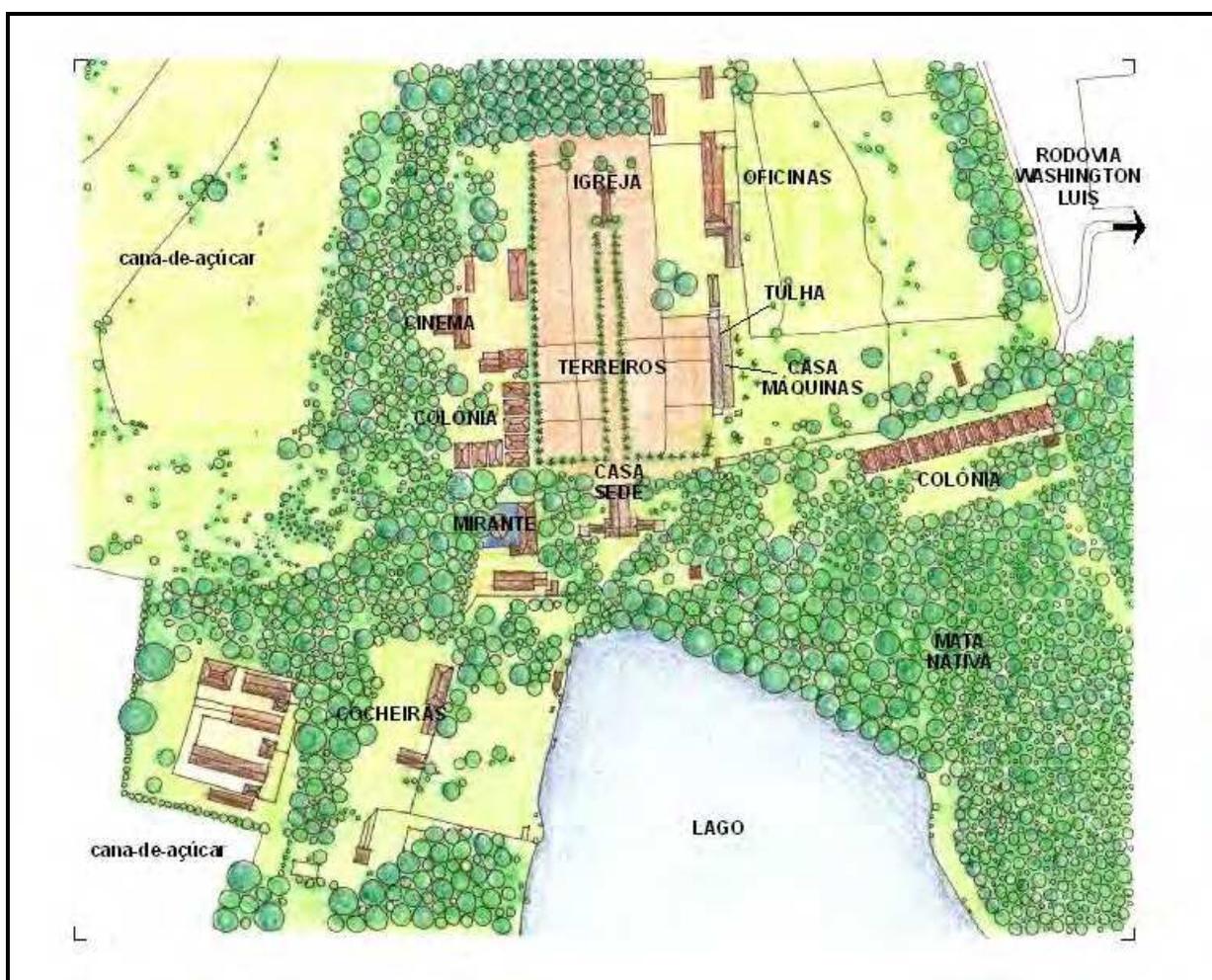


FIGURA 65 – Croqui da implantação da Fazenda Santa Gertrudes.
Desenho ilustrativo idealizado pela pesquisadora, através de fotos aéreas de satélite.

A implantação da fazenda, provavelmente seguindo algum manual agrícola, como o proposto por Laborie⁹, estabeleceu que *“a casa de moradia do senhor, deveria ser posicionada de forma privilegiada para resultar em domínio visual das instalações, permitindo o controle efetivo das atividades”* (ROCHA, 2008)¹⁰. O trabalho de Laborie serviu de base para muitos cafeicultores do século XIX, já que apresentava todas as informações necessárias à produção e beneficiamento do café, como por exemplo, a escolha do terreno onde seria construída a sede e o núcleo industrial, o detalhamento das operações e equipamentos de produção, o dimensionamento das edificações utilizadas no beneficiamento, etc.

A partir de 1895, com a administração de seu novo proprietário, Eduardo da Silva Prates (Conde Prates), a fazenda receberá benfeitorias e incorporações às suas terras, que quase dobram de tamanho, proporcionando grande desenvolvimento mesmo frente aos sucessivos períodos de crise que prejudicaram muitas outras fazendas na época. As Figuras 66 a 78 apresentam uma coletânea de imagens da Fazenda Santa Gertrudes.



FIGURA 66 – Vista aérea da fazenda, com o terreiro como elemento organizador do território.
Fonte: Site oficial da fazenda Santa Gertrudes.¹¹

⁹ LABORIE cit. em ROCHA, 2008. p.22.

¹⁰ ROCHA, 2008. p.22.

¹¹ Disponível em: <<http://www.fazendasantagertrudes.com.br>>



FIGURA 67– Vista da casa-sede a partir do terreiro.
Foto: Juliana B.P. Scariato, 2006.



FIGURA 68 – Vista da casa-sede a partir do lago.
Foto: Juliana B.P. Scariato, 2006.



FIGURA 69– Vista da tulha e casa de máquinas.
Foto: Juliana B.P. Scariato, 2006.



FIGURA 70 – Vista das oficinas.
Foto: Juliana B.P. Scariato, 2006.



FIGURA 71– Vista interna da tulha.
Foto: Juliana B.P. Scariato, 2006.



FIGURA 72 – Vista interna da casa de máquinas.
Foto: Juliana B.P. Scariato, 2006.



FIGURA 73– Vista da capela.
Foto: Juliana B.P. Scariato, 2006.



FIGURA 74 – Vista interna da capela.
Foto: Juliana B.P. Scariato, 2006.



FIGURA 75– Vista do terreiro, com colônia à direita.
Foto: Juliana B.P. Scariato, 2006.



FIGURA 76 – Sistema de trilhos para vagonetes, com cinema aos fundos (direita)
Foto: Juliana B.P. Scariato, 2006.



FIGURA 77– Vista da colônia.
Foto: Juliana B.P. Scariato, 2006.



FIGURA 78 – Vista posterior da casa de máquinas e tulha.
Fonte: Site oficial da fazenda Santa Gertrudes¹².

¹² Disponível em: <<http://www.fazendasantagertrudes.com.br>>

O que se pode perceber pelas imagens é que a Fazenda Santa Gertrudes possui um patrimônio histórico-arquitetônico de extrema importância, que é preservado pela família proprietária, através de gerações, desde a época do Conde Prates. A Fazenda Santa Gertrudes, assim como a Fazenda Ibicaba, também utiliza atualmente parte de suas edificações para atividades culturais, sociais e turísticas, servindo inclusive de cenário para novelas de época.

Fazenda Quilombo

Na década de 1870 é constituída a Fazenda Quilombo a partir do desmembramento de uma parte das terras da Fazenda Morro Azul. A fazenda inicia sua formação com o plantio de café, acompanhando a economia lucrativa da época. Mais tarde se diversifica com outros produtos para comercialização, como a laranja. Ainda hoje a fazenda produz café, sendo a única dentre as sete estudadas nesta pesquisa, que mantém a tradição do plantio e comercialização, além de vender aos turistas o café produzido na fazenda.

A Fazenda Quilombo possui parte do seu complexo cafeeiro preservado, assim como as fazendas Ibicaba e Santa Gertrudes. Na Quilombo, o terreiro também é elemento centralizador que organiza a implantação das edificações. A casa-sede, embora esteja edificada na encosta do Morro Azul (semelhante à Fazenda Morro Azul), não é uma construção assobradada. Seu partido arquitetônico é simples, seguindo o padrão do modelo de construções mineiras. A sede possui planta em “L” (ver Ficha de Inventário – IPAC-Fazendas, da Fazenda Quilombo, no Capítulo 5) e sua fachada principal é simétrica, com porta de entrada e pequena escada centralizada, que dão acesso à edificação. A Figura 112 apresenta a implantação da fazenda.

Além da sede, todo o conjunto composto por terreiros, lavador, tulha, casa de máquinas, paiol e casa da administração foram concluídas em 1892¹³, vinte e dois anos depois da formação da fazenda, que é de 1870. A entrada principal é marcada por uma fila de centenárias palmeiras imperiais plantadas ainda no século XIX. Observa-se na Figura 79 que o terreiro é elemento ordenador do espaço. Ao seu redor estão localizados os edifícios que compunham o processo de beneficiamento do café: tulha e casa de máquinas. O lavador de café, o paiol (transformado em espaço cultural para receber turistas), o escritório e a casa-sede estão localizados à montante do terreiro, de onde podia-se avistar as atividades de beneficiamento, estando o café plantado na encosta do Morro Azul, aos fundos da casa.

¹³ Disponível em: <http://www.limeiraonline.com.br/historia_pontos_historicos_fazenda_quilombo.html>

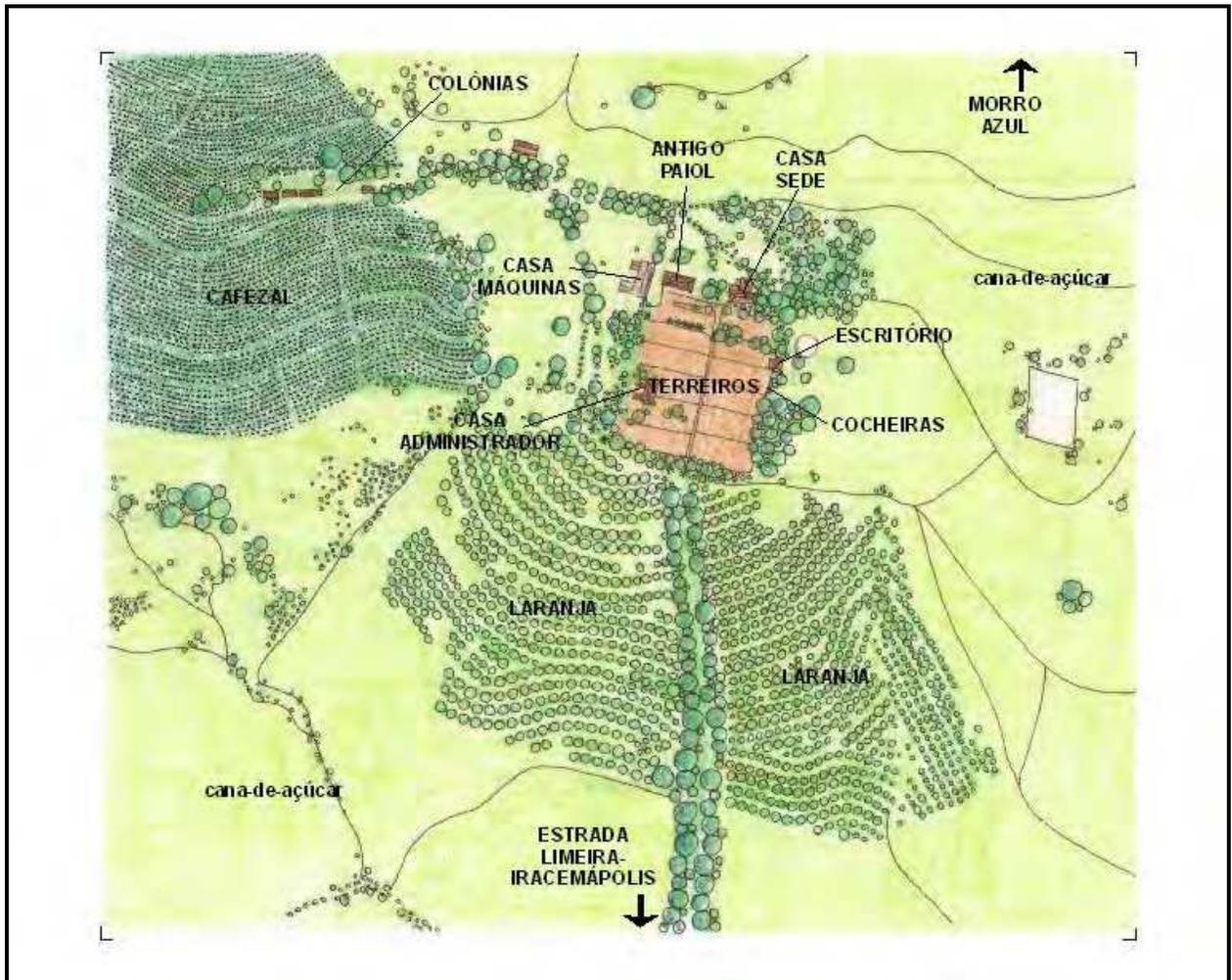


FIGURA 79 – Croqui da implantação da Fazenda Quilombo.
 Desenho ilustrativo idealizado pela pesquisadora, através de fotos aéreas de satélite.

A Fazenda Quilombo é a única das sete fazendas onde os proprietários ainda residem em sua sede. Todas as demais são utilizadas apenas pelas famílias proprietárias nos finais de semana, como nos casos das fazendas Morro Azul e Ibicaba, embora em Ibicaba o proprietário resida na fazenda, mas não na casa-sede, a qual é utilizada apenas para eventos familiares e outros especiais como festas ou atividades culturais e turísticas. Nas fazendas Itapema, Citra-Dierberger e Santa Gertrudes os proprietários não moram na fazenda. Na Fazenda Tatu os proprietários moram na fazenda, mas não na casa-sede.

A Quilombo, assim como a Santa Gertrudes e a Ibicaba, também utiliza parte de suas estruturas para promover ações de cultura, educação e turismo. Algumas edificações encontram-se adaptadas para atender a demanda turística, preservando o patrimônio de forma sustentável. As Figuras 80 a 104 apresentam uma coletânea de imagens da Fazenda Quilombo.

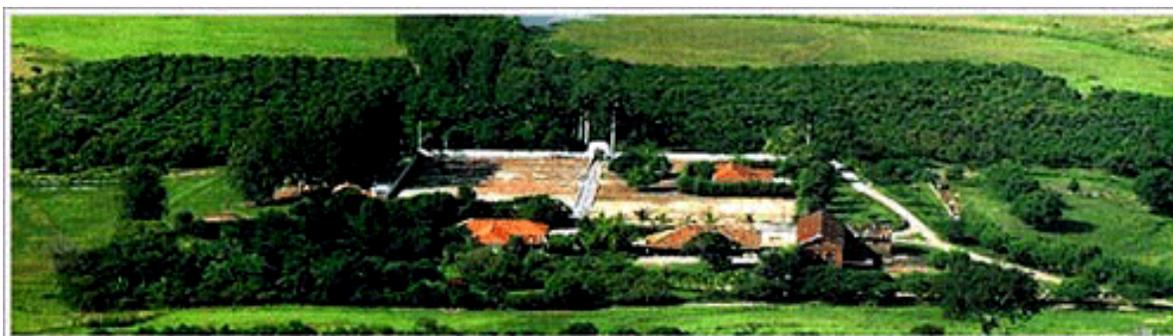


FIGURA 80 – Vista aérea da fazenda, a partir do Morro Azul.
Fonte: Site oficial da fazenda Quilombo¹⁴.

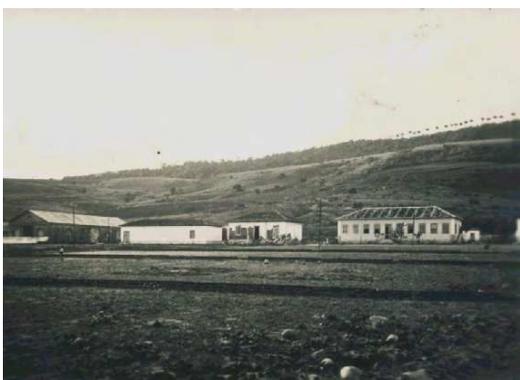


FIGURA 81 – Vista geral da fazenda.
Foto: Acervo da família Araújo Ribeiro. Sem data.



FIGURA 82 – Vista geral da fazenda, a partir do terreiro, com Morro Azul ao fundo.
Foto: Acervo da família Araújo Ribeiro. Sem data.

¹⁴ Disponível em: <<http://www.fazendaquilombo.com/por/>>



FIGURA 83– Vista da antiga colônia.
Foto: Acervo da família Araújo Ribeiro. Sem data.



FIGURA 84 – Vista do lavador de café.
Foto: Acervo da família Araújo Ribeiro. Sem data.



FIGURA 85– Vista geral do terreiro.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



FIGURA 86 – Vista do terreiro, ao fundo pórtico de entrada.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



FIGURA 87 – Palmeiras imperiais, pórtico entrada.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



FIGURA 88 – Alameda da entrada da fazenda.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



FIGURA 89 – Casa-sede.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 90 – Lateral da casa-sede.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 91 – Vista do paiol, atual salão cultural.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 92 – Casa do antigo administrador (reformada),
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.
Fonte: SCARIATO, 2009.

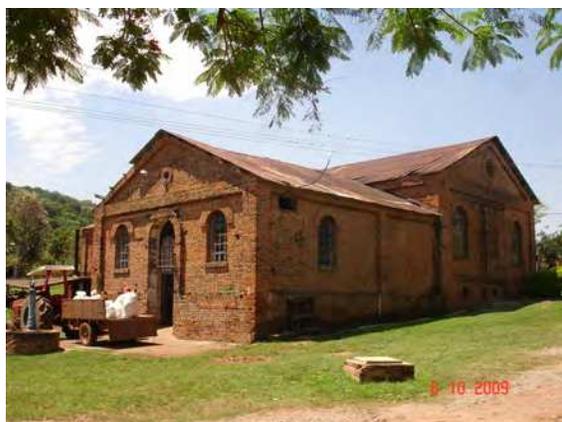


FIGURA 93 – Casa de máquinas e tulha.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 94 – Casa de máquinas e tulha, fachada posterior.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 95 – Interior casa de máquinas.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 96 – Vista interna da tulha.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 97 – Casa da colônia.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 98 – Colônia. Casa geminada.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 99 – Oficina.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 100 – Lavador de café.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 101 – Vista do escritório, com torre sineira.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 102 – Vista posterior do escritório.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 103 – Cocheira.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 104 – Placa do Centro de Memória Histórica II.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.

Desde outubro de 2001, a Fazenda Quilombo está sob a guarda do Centro Municipal de Memória Histórica II, da cidade de Limeira, formado pelo acervo documental do Fórum Spencer Vampré. O material do acervo encontra-se localizado no prédio do escritório, junto à torre do sino.

6.1.2. Fazendas do Grupo 2

Fazenda Tatu

A Fazenda Tatu foi responsável pela formação de um pequeno povoado, às margens da estrada Campinas-Morro Azul, que mais tarde determinaria a formação da cidade de Limeira. A fazenda era ponto de parada de viajantes, que passavam pelo território com destino a outros povoados do Centro-Oeste paulista. Sua localização geográfica coincide com o que identificou Luis Saia (1972)¹⁵ sobre a implantação da sede da fazenda situada a meia encosta. Assim como Saia, Carlos Lemos (1999)¹⁶ também menciona o partido mineiro, assumido na construção da casa da Fazenda Tatu. A contribuição dos mineiros para a arquitetura daquele período foi muito marcante durante a fase da produção açucareira pelos engenhos da região, no início do século XIX. Sobre a casa do antigo Engenho do Tatu, Lemos comenta:

“Casa assobrada na frente e térrea nos fundos satisfazendo a um novo programa de uma nova sociedade em que paulistas e mineiros se aliaram e se irmanaram na nova frente de lavoura. Desse tipo de casa o exemplar mais antigo que conhecemos é a sede do Engenho do Tatu, no município de Limeira. É quase certo que seja construção do primeiro quartel do século XIX.” (LEMOS, 1999)

O esquema de casa mineira semi-assobradada, encontrado na Fazenda Tatu, além de ser um documento de extrema importância para a história da arquitetura, sendo um remanescente da época do engenho de açúcar. Existe ainda apenas um conjunto de casas de moradia, e uma ruína localizada nos fundos da casa-sede, que segundo relato dos atuais proprietários, trata-se de uma parede da antiga senzala, mas não se pode comprovar a sua veracidade. Do conjunto arquitetônico do antigo engenho e de construções da época do café não existe nenhum vestígio no território.

¹⁵ SAIA, Luis. Morada Paulista. Coleção Debates. São Paulo: Perspectiva, 1972.

¹⁶ LEMOS, CARLOS A. C. Casa Paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café. São Paulo: EDUSP, 1999.

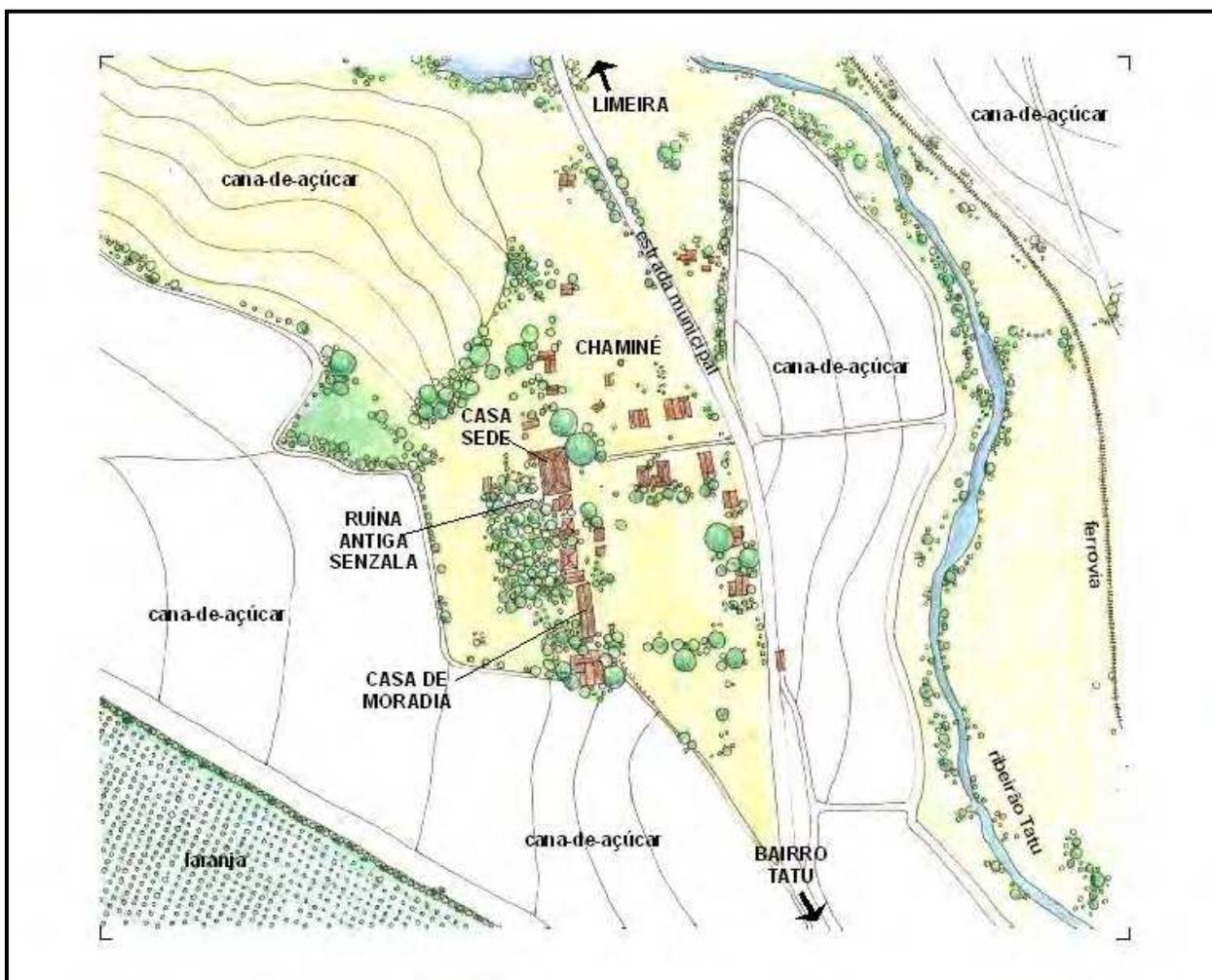


FIGURA 105 – Croqui da implantação da Fazenda Tatu.
Desenho ilustrativo idealizado pela pesquisadora, através de fotos aéreas de satélite.

A implantação da Fazenda Tatu (Figura 105) apresenta edificações construídas na segunda metade do século XX. São moradias dos atuais proprietários, garagens de automóveis, casas de antigos colonos, e uma chaminé com vestígios das estruturas de fundação de um antigo engenho para produção de aguardente, do início século XX, já demolido. A fazenda está localizada à montante do ribeirão Tatu. Bem à frente da casa-sede encontra-se a estrada municipal que dá acesso à cidade de Limeira, cortando a propriedade. A área da fazenda, como mostra a Figura 105, está totalmente cercada pelo plantio da cana-de-açúcar, sendo que quase a totalidade da área foi arrendada para usinas de produção de álcool etanol. As Figuras 106 a 117 apresentam uma coletânea de imagens da Fazenda Tatu.



FIGURA 106 – Vista da fachada principal da casa-sede.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



FIGURA 107 – Vista interna de uma das salas da casa-sede.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



FIGURA 108 – Vista geral da fazenda (parte posterior da casa-sede).
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



FIGURA 109 – Ruína da parede da antiga senzala.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 110 – Vista das antigas casas de moradia.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.

Apesar da importância arquitetônica e histórica do casarão da Fazenda Tatu, ele hoje encontra-se em estado precário de conservação. A foto apresentada na Figura 106 infelizmente não representa mais a realidade, pois em fevereiro de 2009, parte da parede frontal da edificação ruiu com as fortes chuvas da época, levando janelas e pinturas parietais existentes em seu interior (Figura 111). Atualmente a fazenda está num impasse judicial entre a família Spagnol, proprietária da área, e a Prefeitura Municipal de Limeira, que em 2009 através de um Decreto¹⁷ (Decreto n.157, 29/05/2009) declarou o imóvel do Casarão da Tatu, de utilidade pública do município, com fins de preservação.



FIGURA 111 – Vista da fachada principal da casa-sede da fazenda, após a queda parede de taipa.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.

Portanto, na Fazenda Tatu, não há registros do antigo engenho açucareiro nem tampouco do processo agroindustrial do café. Os poucos remanescentes encontram-se abandonados e sem qualquer indício de ações de conservação e proteção do patrimônio. As residências dos atuais proprietários são construções de meados do século XX, que formam um conjunto que muito lembra aqueles de casas urbanas existentes na maioria das cidades do interior paulista, mas que não possuem qualquer ligação com o passado, modificando a paisagem característica dos tempos do engenho de açúcar e do período do café.

¹⁷ Decreto 157, de 29 de maio de 2009, que declara o imóvel do Casarão da Fazenda Tatu como de utilidade pública para fins de desapropriação para a preservação e conservação de bem de valor histórico, cultural urbanístico e social



FIGURA 112 – Casa de proprietário.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 113 – Casa de proprietário.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 114 – Casa antiga de colono
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 115 – Vista do conjunto de casas de moradia.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.

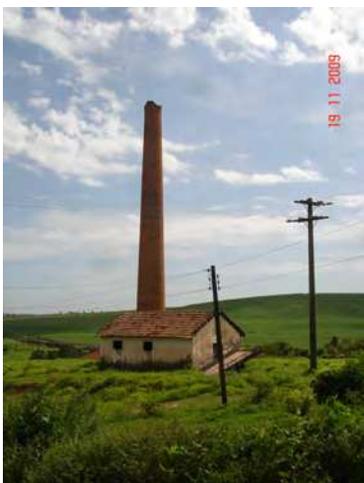


FIGURA 116 – Antiga chaminé.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 117 – Fundação da antiga fábrica de aguardente (demolida)
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.

Fazenda Morro Azul

A Fazenda Morro Azul encontra-se localizada na vertente do Morro Azul, e assim como a casa do antigo Engenho do Tatu, sua sede também foi construída a meia encosta. O estilo arquitetônico da construção nada tem em comum com o estilo da sede da Fazenda Tatu. Enquanto nesta encontra-se uma construção típica do tempo do açúcar, sendo um exemplar simples de construção da época, sem nenhum detalhe decorativo, na Fazenda Morro Azul ocorre o contrário. Também edificada em meia encosta, a sede da Morro Azul seguiu um projeto arquitetônico francês, tendo todo o material utilizado na obra sido importado de Portugal, Itália e França.¹⁸

Embora a fazenda tenha sido formada por volta de 1820, a construção da sede só foi iniciada em 1860, tendo sido finalizada dezessete anos depois, em 1877. O Engenho do Morro Azul, que na época de sua fundação, teve como primeiro proprietário o Brigadeiro Manuel Rodrigues Jordão, foi um dos principais produtores de açúcar da região. O segundo proprietário da fazenda foi seu filho Silvério Rodrigues Jordão, que será o responsável pela construção da sede, que no período teve como principal atividade agrícola da fazenda a lavoura de café. A família Jordão foi muito influente na política do estado de São Paulo, e em outubro de 1886, a fazenda recebe a visita do Imperador D. Pedro II e da Imperatriz Tereza Cristina¹⁹.

¹⁸ COSTA, Carlos Celso O. A Fazenda Morro Azul do Brasil. Texto traduzido publicado na Universidade de Paul-Vallery de Montpellier, França. In: MORAIS, Ludmila R. e CHECOLI, Suelene. *Análise de uma obra arquitetônica do século XIX: Fazenda Morro Azul*. (Texto). PUC-Campinas, SP. 1997.

¹⁹ Este fato foi relatado no diário de D Pedro II, que se encontra no Museu de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro.

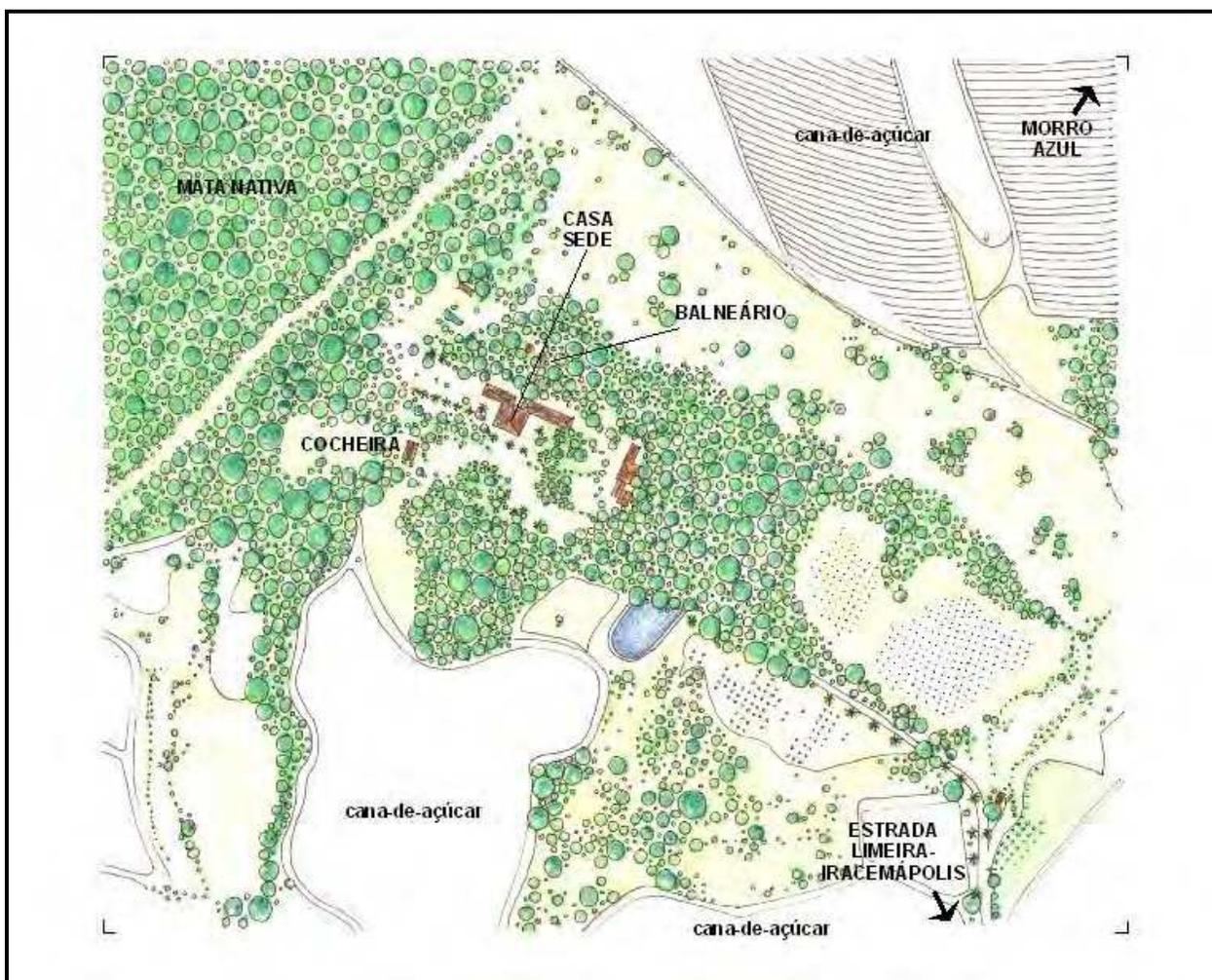


FIGURA 118 – Croqui da implantação da Fazenda Morro Azul.

Desenho ilustrativo idealizado pela pesquisadora, através de fotos aéreas de satélite.

Em 1911, a Fazenda Morro Azul é vendida para Luiz Bueno de Miranda, mas a lavoura de café ainda continuou a ocupar as áreas da fazenda, e foi o novo proprietário o responsável por muitos aperfeiçoamentos no cultivo e beneficiamento do café. Mas, infelizmente, não se encontra um único remanescente daquela época.

O terreiro de café era localizado muito longe da sede, e não se encontra nenhum registro dele; a localização das colônias, dos terreiros e das edificações responsáveis pelo processo de beneficiamento do café, também não foram identificadas, pois toda a região ao redor da fazenda é constituída hoje por plantações de cana-de-açúcar, arrendadas por usinas de álcool.

Na propriedade só restou a casa-sede, conhecida como Palacete do Morro Azul, uma construção urbana edificada na área rural, com belíssimos azulejos portugueses em sua fachada. Além da sede, existe uma gruta artificial de pedras, que dá acesso ao balneário, localizado aos fundos da casa. No balneário encontram-se as construções remanescentes das casas de banho e os reservatórios de água que abasteciam o balneário e a própria sede da fazenda.

Na implantação, pode-se ainda observar a importante alameda de palmeiras imperiais, conhecida como Avenida Marechal Rondon, que teve uma palmeira plantada pelo próprio Marechal em visita à fazenda. Esta avenida é o caminho de entrada para a propriedade, e toda a área envoltória da fazenda é formada por um grande bosque, que possui muitas espécies vegetais, além de uma infinidade de plantas ornamentais e árvores frutíferas que ajudam a formar dois grandes jardins ao redor da edificação. A fazenda também é bem servida de água corrente, que abastece os reservatórios, localizados a montante da casa-sede, onde a força da gravidade proporciona a facilidade de abastecimento, funcionando ainda hoje. As Figuras 119 a 138 apresentam uma coletânea de imagens da Fazenda Morro Azul.



FIGURA 119 – Fachada principal da Fazenda Morro Azul.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2008.



FIGURA 120 – Detalhe da fachada principal.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



FIGURA 121 – Lateral da casa-sede.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



FIGURA 122 – Avenida Marechal Rondon.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 123 – Avenida Dona Laura.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 124 – Detalhe da fachada posterior, com detalhe para o pátio interno dos fundos que dá acesso à gruta de pedras.



FIGURA 125 – Gruta de pedras, vista a partir do salão principal.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 126 – Vista interna da grande sala dos fundos.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 127 – Vista interna da sala de visitas.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 128 – Vista interna da capela.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 129 – Detalhe para os móveis de época.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.

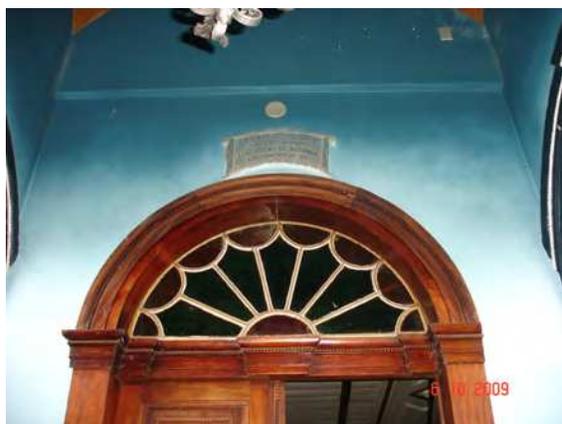


FIGURA 130 – Bandeira da porta de entrada principal.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 131 – Bandeira externa (em ferro), da porta que dá acesso ao pátio nos fundos. Iniciais de Silvério Jordão.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 132 – Vista da casa de banho, em ruínas.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 133 – Casa de banho, detalhe para a declividade.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 134 – Vista da “Casa de banho do Imperador”.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 135 – Detalhe para a banheira de mármore carrara.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 136 – Vista de um reservatório de água.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.



FIGURA 137 – Vista do outro reservatório de água.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2009.

Os terreiros e os edifícios para produção do café foram demolidos, e algumas das edificações destinadas à moradia ocupavam a própria sede, ficando os serviçais no porão e os proprietários no piso superior. Hoje existem ao lado da sede algumas casas de moradia contemporâneas, onde habitam funcionários da fazenda. As colônias dos imigrantes que vieram trabalhar na fazenda estavam dispersas pela propriedade, estando sempre próximas às lavouras, facilitando o acesso ao trabalho. Estas também não existem mais. Na Figura 138 vê-se uma imagem de um antigo cafezal ainda novo, hoje inexistente, tendo aos fundos a casa de máquinas e a tulha, que foram demolidas.



FIGURA 138 – Vista do cafeeiro novo, tendo ao fundo a casa de máquinas e tulha (demolidas).
Foto: Acervo da fazenda Morro Azul, 1908.

6.1.3. Fazendas do Grupo 3

Fazenda Itapema

A Fazenda Itapema foi formada no ano de 1860, durante o período do café, tornando-se grande exportadora no auge do ciclo cafeeiro. Mais tarde, com a queda da Bolsa de Nova York, e a conseqüente crise do café, a lavoura foi substituída pelo cultivo do algodão. Na década de 1940 passa a produzir cana-de-açúcar para a produção de aguardente, com o nome de “Canita”, muito famosa naquele período. Atualmente a fazenda possui uma grande quantidade estocada em tonéis de carvalho, que voltou a ser vendida, agora com o nome de “Itapema”, após um longo período sem comercialização.

Assim como as fazendas Ibicaba, Santa Gertrudes e Quilombo, a Fazenda Itapema também apresenta muitas construções remanescentes da época do café. Na fazenda não foi encontrado nenhum registro sobre a localização do terreiro, embora as edificações que formavam o complexo do processo produtivo do café, ainda permanecem em sua área.

Como pode-se observar na Figura 139, a Fazenda Itapema nos dias de hoje também encontra-se ilhada pela cultura da cana-de-açúcar, que aos poucos vem ocupando uma parcela cada vez maior de seu território. Os atuais proprietários, antigos descendentes da Família Levy, da Fazenda Ibicaba, estão desenvolvendo um projeto de loteamento próximo à área da fazenda. Serão dois loteamentos, chamados Residencial Itapema I e II, que ocuparão parte das terras localizando-se muito próximo à área histórica. As represas existentes farão parte do complexo residencial e não mais à propriedade da fazenda. Na Figura 139 identifica-se a implantação da fazenda.

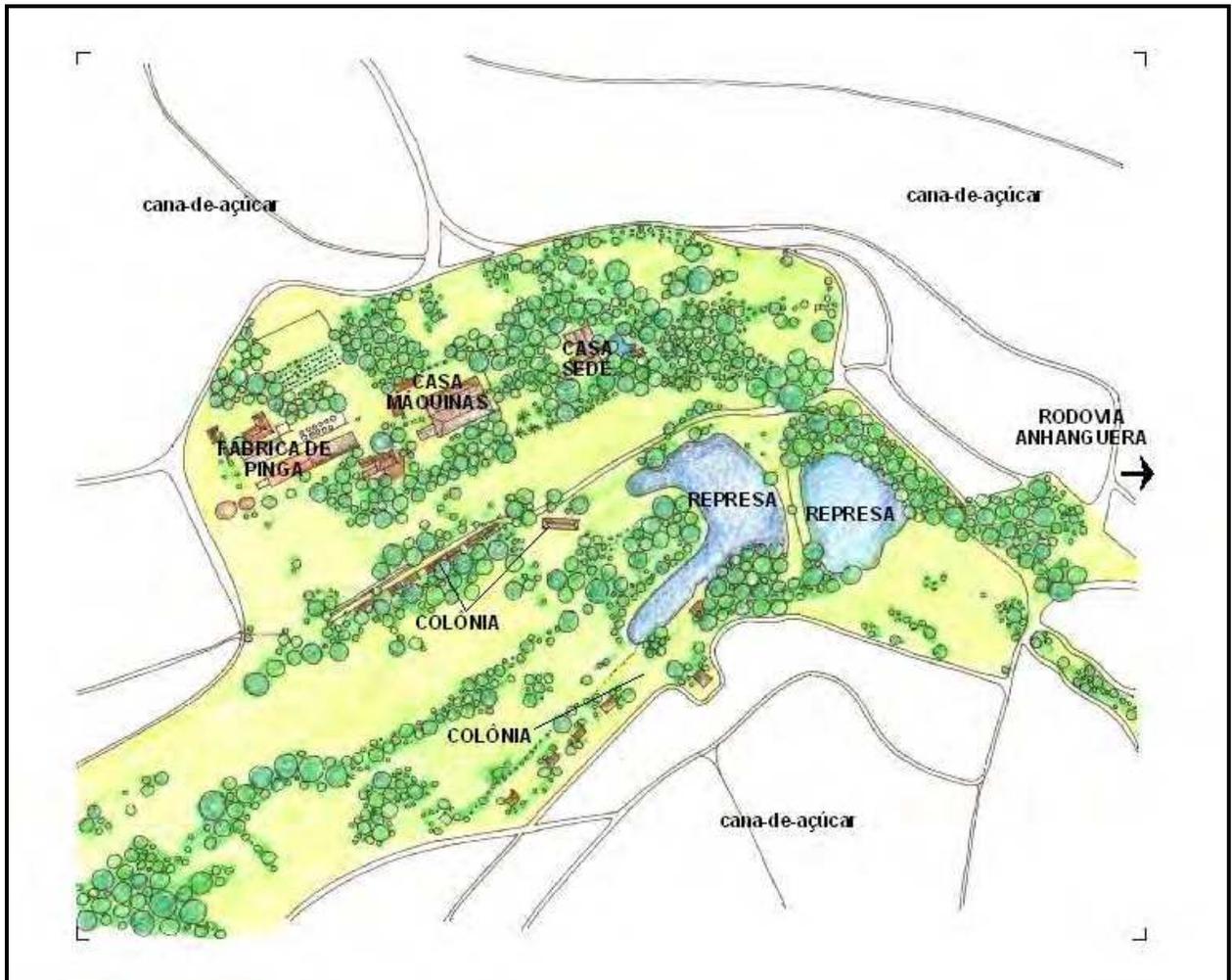


FIGURA 139 – Croqui da implantação da Fazenda Itapema.
Desenho ilustrativo idealizado pela pesquisadora, através de fotos aéreas de satélite.

Na Fazenda Itapema são identificadas algumas edificações típicas das construções criadas para otimizar a produção e permitir o beneficiamento do café. A casa-sede apresenta o partido arquitetônico da casa mineira, com planta em forma de quadrilátero, simetria na fachada principal, porta centralizada, com escada que dá acesso à casa, além de um pequeno alpendre que protege a entrada principal, embora o interior da casa e alguns detalhes decorativos da fachada não representem o estilo mineiro. A casa é assobradada e foi construída em área de pequeno desnível topográfico, possui porão de pequena altura apenas na parte frontal da edificação. Próximo à casa encontra-se um pequeno lago rodeado de vegetação, que forma um belo jardim.

O galpão do café, a antiga senzala, e o complexo formado pela casa de máquinas, carpintaria e marcenaria encontram-se bem preservados até hoje. Há remanescentes da antiga fábrica de aguardente, que funcionou por muitos anos. Outras construções mais modernas foram catalogadas para nas fichas de inventário, porém são obras mais contemporâneas, como a casa do administrador. As Figuras 140 a 160 apresentam uma coletânea de imagens da Fazenda Itapema.



FIGURA 140 – Fachada principal da casa-sede.
Fonte: Site oficial da fazenda Itapema.²⁰



FIGURA 141 – Vista da casa-sede.
Fonte: Site oficial da fazenda Itapema²¹



FIGURA 142 – Vista do lago Brasil.
Fonte: Site oficial da fazenda Itapema.²²

²⁰ Disponível em: <<http://www.fazendaitapema.com.br>>

²¹ Ibidem.

²² Ibidem.



FIGURA 143 – Fachada principal da sede.
Foto: Vladimir Benincasa, 2003.



FIGURA 144 – Detalhe para o alpendre.
Foto: Vladimir Benincasa, 2003.



FIGURA 145 – Conjunto arquitetônico da fazenda.
Foto: Vladimir Benincasa, 2003.



FIGURA 146 – Vista lateral da sede.
Fonte: Site oficial da fazenda Itapema.²³



FIGURA 147 – Lago da sede.
Foto: Vladimir Benincasa, 2003.



FIGURA 148 – Vista da varanda.
Fonte: Site oficial da fazenda Itapema.²⁴

²³ Disponível em: <<http://www.fazendaitapema.com.br>>

²⁴ Ibidem.



FIGURA 149 – Antiga senzala.
Foto: Vladimir Benincasa, 2003.



FIGURA 150 – Tulha.
Foto: Vladimir Benincasa, 2003.



FIGURA 151 – Escritório.
Foto: Vladimir Benincasa, 2003.



FIGURA 152 – Detalhe para o telhado da oficina.
Foto: Vladimir Benincasa, 2003.



FIGURA 153 – Vista interna da antiga tulha.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



FIGURA 154 – Locomóvel.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



FIGURA 155 – Vista interna da casa de máquinas.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



FIGURA 156 – Máquinas de café.
Foto: Juliana B. P. Scariato, 2006.



FIGURA 157 – Fábrica de pinga.
Foto: Mateus Rosada, 2003.



FIGURA 158 – Interior da fábrica de pinga.
Foto: Mateus Rosada, 2003.



FIGURA 159 – Laboratório.
Foto: Mateus Rosada, 2003.



FIGURA 160 – Torre de prospecção de petróleo.
Fonte: Site oficial da fazenda Itapema.²⁵

²⁵ Disponível em: <<http://www.fazendaitapema.com.br>>

6.1.4. Fazendas do Grupo 4

Fazenda Citra-Dierberger

A Fazenda Citra-Dierberger é a mais nova das sete fazendas pesquisadas. Sua formação é de 1924, cinco anos antes da crise do café. A Fazenda Citra é a única delas que nunca plantou café em suas terras. A constituição da fazenda iniciou-se com o cultivo de mudas de laranja para comercialização da fruta.

João Dierberger, o proprietário na época, associado a João Carlos Baptista Levy, irmão do Major Levy, proprietário da Fazenda Itapema, iniciou de forma pioneira no país a exportação de laranja para a Europa em 1926 (um lote de caixas padronizadas, do Porto de Santos para a Inglaterra). Atualmente a fazenda dedica-se à produção de mudas de árvores especiais e flores ornamentais, além de ser uma das maiores produtoras de noz macadâmia do estado de São Paulo.

A Fazenda Citra não possui qualquer construção ou conjunto arquitetônico de importância histórica em sua propriedade. Desde a sua criação a fazenda dedicou-se exclusivamente à produção de mudas de laranja e outros produtos da citricultura, além de espécies exóticas e ornamentais. As culturas desenvolvidas na propriedade não necessitam de grandes espaços construídos, sendo utilizados apenas viveiros e estufas para o processo de formação das mudas. A maior parte da propriedade é formada por plantações das mais variadas espécies arbóreas.



FIGURA 161 – Croqui da implantação da Fazenda Citra.

Desenho ilustrativo idealizado pela pesquisadora, através de fotos aéreas de satélite.

A fazenda é reconhecida internacionalmente pela produção e comercialização de milhares de espécies, entre plantas, frutíferas e ornamentais. A importância da fazenda, é também a preservação de grande quantidade de documentos e acervos originais dos jardins produzidos pelos Dierberger na área de paisagismo. Foram eles os responsáveis pela execução de muitos jardins residenciais realizados para ilustres cidadãos da elite cafeeira de São Paulo e de outros estados do país. São deles os jardins das residências do Conde Crespi, Henrique Villares, parques como do Araxá, Poços de Caldas, Jardim do Ipiranga, Praça de Tiradentes em Belo Horizonte dentre outros. A tradição da família era introduzir, aclimatar e propagar espécies exóticas no Brasil. Muitas espécies frutíferas foram introduzidas de forma pioneira, caindo bem ao paladar da população brasileira, estando entre

elas as seguintes frutas: abacate, pêsego, maçã, ameixa, caqui, manga, lichia, etc. A Fazenda Citra poderia ser considerada como um verdadeiro “Jardim Botânico”. As Figuras 162 a 174 apresentam uma coletânea de imagens da Fazenda Citra-Dierberger.



FIGURA 162 – Casa-sede da fazenda.
Fonte: SCARIATO, 2006.



FIGURA 163 – Pequeno museu, com guarda de documentos.
Fonte: SCARIATO, 2006.



FIGURA 164 – Viveiro de mudas para comercialização.
Fonte: SCARIATO, 2006.



FIGURA 165 – Castanheira.
Fonte: SCARIATO, 2006.



FIGURA 166 – Mudas exóticas.
Fonte: SCARIATO, 2006.



FIGURA 167 – Produção de noz Macadâmia.
Fonte: SCARIATO, 2006.



FIGURA 168 – Viveiro de mudas exóticas e ornamentais.
Fonte: SCARIATO, 2006.



FIGURA 169 – Espécies arbóreas.
Fonte: SCARIATO, 2006.



FIGURA 170 – Árvores e mudas exóticas.
Fonte: SCARIATO, 2006.



FIGURA 171 – Espécie 1.
Fonte: SCARIATO, 2006.



FIGURA 172 – Espécie 2.
Fonte: SCARIATO, 2006.



FIGURA 173 – Espécie 3.
Fonte: SCARIATO, 2006.



FIGURA 174 – Espécie 4.
Fonte: SCARIATO, 2006.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visando aumentar o rol de fazendas reconhecidas como de interesse histórico no panorama da região de Limeira, foi pesquisada a existência de outras fazendas, também históricas, para compor um conjunto patrimonial que possa identificar um ciclo histórico-econômico na região. Esta identificação poderia comprovar a existência de bens patrimoniais significativos que pudessem ser apresentados dentro de um programa conhecido como “Parque Patrimonial”, formado por um conjunto de ações para preservação e conservação do patrimônio cultural dos municípios de uma determinada região, de forma sustentável.

Para compor o universo deste estudo, resolveu-se identificar, num primeiro momento, apenas as fazendas que integram a Microrregião Administrativa de Limeira (ver Figura 174), formada por oito municípios, sendo eles: Araras, Conchal, Leme, Santa Cruz da Conceição, Cordeirópolis, Itacemópolis, Limeira, e Santa Gertrudes.

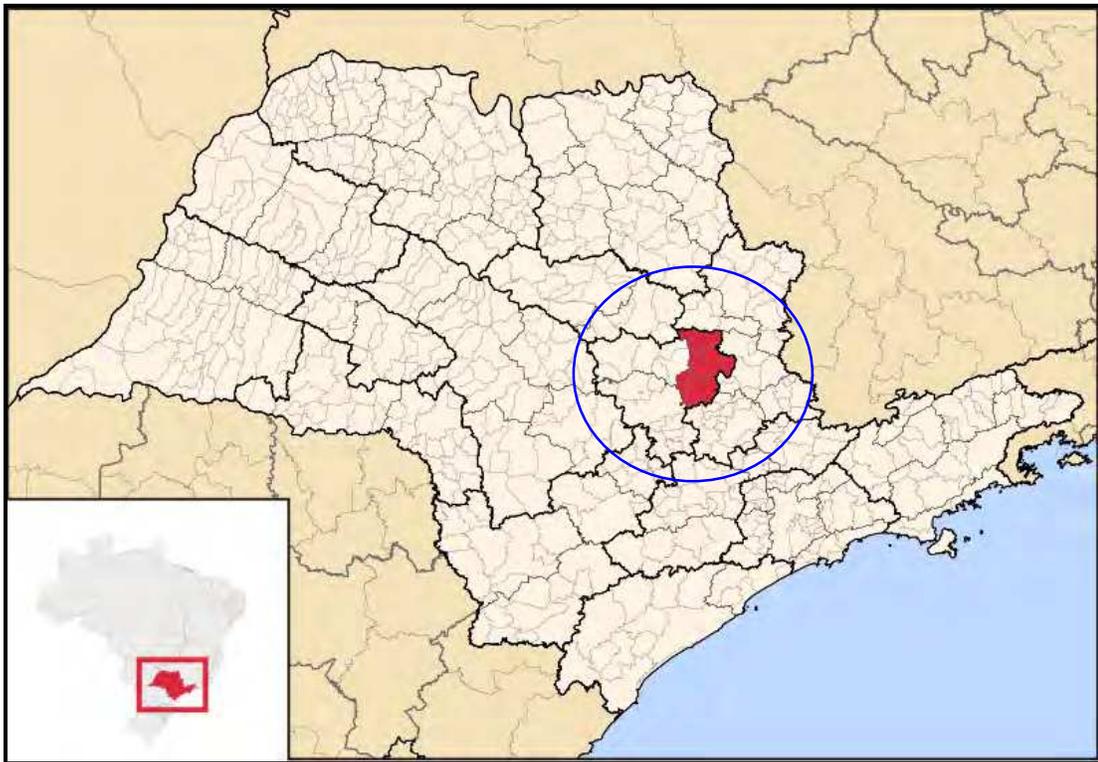


FIGURA 175 – Mapa da Microrregião de Limeira, formada por oito municípios: Araras, Conchal, Cordeirópolis, Iracemápolis, Leme, Limeira, Santa Cruz da Conceição e Santa Gertrudes.
Fonte: Disponível em:
<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/75/SaoPaulo_Micro_Limeira.svg>

Assim, pôde-se identificar algumas propriedades que, bem poderiam representar um conjunto patrimonial de relevante interesse histórico, arquitetônico e cultural, e formar um “Parque Patrimonial”, que teria como objetivo comum o desenvolvimento regional associado às funções de promoção da educação patrimonial e da preservação de elementos importantes para a cultura local. A Tabela 5 apresenta a relação das fazendas com potencial patrimonial significativo para o programa que se pretende desenvolver em futuros trabalhos.

TABELA 5
Relação das fazendas com potencial patrimonial da Microrregião Administrativa de Limeira

	MUNICÍPIOS (MICRORREGIÃO DE LIMEIRA)	FAZENDAS COM POTENCIAL PATRIMONIAL	SETE FAZENDAS HISTÓRICAS
1	Araras	Fazenda São Joaquim	
		Fazenda Montevideó	
		Fazenda Campo Alto	
		Fazenda Morro Alto	
		Fazenda Santo Antonio	
2	Conchal	Nenhuma fazenda identificada nesta pesquisa	
3	Cordeirópolis		Fazenda Ibicaba *
4	Iracemápolis		Fazenda Morro Azul *
5	Leme	Fazenda Palmeiras	
		Fazenda Emyreó	
6	Limeira	Fazenda Canguçu	
			Fazenda Citra-Dierberger *
			Fazenda Itapema *
			Fazenda Quilombo *
		Fazenda Santo Antonio do Valongo	
			Fazenda Tatu *
7	Santa Cruz da Conceição	Nenhuma fazenda identificada nesta pesquisa	
8	Santa Gertrudes		Fazenda Santa Gertrudes *

* Pertencente ao conjunto das “sete fazendas históricas” da região Limeira, objeto desta dissertação.

As Figuras 176 a 183 apresentam uma pequena coletânea de imagens das fazendas identificadas com potencial patrimonial neste estudo preliminar.



FIGURA 176 – Casa-sede da Fazenda Santo Antonio.

Fonte: Disponível em: < http://futebolarense.sites.uol.com.br/Cidade/Fazendas/sto_antonio.htm>

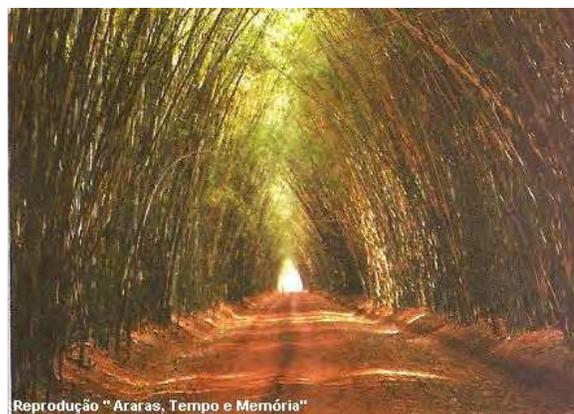


FIGURA 177 – Via Carola – Fazenda Santo Antonio.



FIGURA 178 – Casa-sede da Fazenda Montevidéu.
Fonte: Disponível em:
<<http://futebolareense.sites.uol.com.br/Cidade/Fazendas/montevidéu.htm>>



FIGURA 179 – Casa-sede da Fazenda Empyreo
Fonte: Disponível em:
<<http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.coisasdafazenda.com.br/fotos/Empyreo.jpg>>



FIGURA 180, 181 e 182 – Tulha e casa de máquinas da Fazenda Canguçu.
Fonte: Disponível em: <http://futebolareense.sites.uol.com.br/Cidade/Fazendas/sto_antonio.htm>



FIGURA 183 – Casa-sede da Fazenda Santo Antonio do Valongo
Fonte: Disponível em: <
<http://www.flickr.com/photos/mateusrosada/369863751/in/photostream/>>

Pode-se concluir, portanto, que a análise realizada para identificar as sete “fazendas históricas” da região de Limeira serviu nesta pesquisa para caracterizar elementos da paisagem cultural intrínseca em cada uma delas. Foi possível reconhecer que as sete fazendas foram formadas como unidades agrícolas distintas e únicas, dentro de um contexto em que prevaleciam processos produtivos compreendidos pela cultura do café, direta ou indiretamente, pois as fazendas Ibicaba e Tatu foram formadas na época do açúcar (anterior ao período do café), e a Fazenda Citra-Dierberger foi formada já no século XX (após o período do café).

Embora independentes entre si, possuem ainda hoje características marcantes que as diferem. Suas implantações são diferenciadas, a tipologia de suas construções não segue um padrão único e os métodos construtivos não foram os mesmos, nem tampouco os materiais utilizados. A princípio buscou-se informações que confirmassem a existência de algum padrão de similaridade entre implantações e partidos arquitetônico utilizados por elas, mas nada foi encontrado a esse respeito. Estes diferenciais são identificados principalmente ao se analisar o período de tempo que decorreu entre a formação de cada uma das fazendas e a construção de seus respectivos núcleos industriais. Assim, pode-se dizer que não existiam regras nem tampouco diretrizes para que os fazendeiros implantassem suas fazendas.

O reconhecimento de seu patrimônio de engenharia e arquitetura rural está relacionado, principalmente, à valorização da própria história de cada uma das sete propriedades, que são atualmente referenciadas pelo alto valor de seu patrimônio edificado. O turismo cultural está sendo explorado, ainda que timidamente, e pode proporcionar aos proprietários destas “fazendas históricas” um caminho para utilização sustentável dos seus espaços. A paisagem cultural das sete fazendas está relacionada, portanto, à valorização do seu patrimônio histórico e arquitetônico.

Neste sentido, estas fazendas compõem um conjunto patrimonial heterogêneo, quer pelo tamanho de suas propriedades e de suas construções, pelo modelo de implantação no território, pelas técnicas e tipologias diferentes utilizadas, pela ordenação dos espaços, e ainda pelo reconhecimento de suas “paisagens culturais únicas”, como de importância histórica e arquitetônica, para o conhecimento de uma pequena parcela da história da região de Limeira.

A escolha das sete fazendas históricas como objeto de estudo serviu para comprovar que estas fazendas merecem ser reconhecidas pelo seu valor cultural. Portanto, seria interessante que seus proprietários unissem esforços para integrar ações que permitam garantir a manutenção e a preservação destas propriedades. Admitir a valorização do patrimônio de engenharia e arquitetura rural das sete fazendas permite que planos de ação sustentáveis possam ser implantados na região, de forma a conservar as referências da memória para a evolução e crescimento dos municípios envolvidos.

A Ficha de Inventário do Patrimônio Cultural das Fazendas – IPAC-Fazendas poderá ser utilizada como modelo para outros órgãos de preservação, e ainda contribuirá com outros pesquisadores a partir do conjunto de informações apresentadas. Além disso, outros desdobramentos poderão surgir a partir desta, como por exemplo, diversificar a aplicação das fichas em outras áreas, não somente a rural, mas também o patrimônio industrial, a arte religiosa, os bens móveis, dentre outros. E ainda proporcionar uma maior ampliação das qualidades apresentadas por estas, sobre outras fichas atualmente utilizadas pelos órgãos e conselhos de defesa do patrimônio cultural.

Pesquisas correlatas poderão surgir para identificar outros remanescentes identificados não somente em fazendas históricas, mas também em patrimônios industriais ou religiosos, da Microrregião Administrativa de Limeira. O Método de Pesquisa Orientada a Processos – Método POP, permitiu reconhecer e valorizar a região de Limeira, mas pode ser aplicado também em outras porções territoriais, assim como já vem acontecendo em outras pesquisas da área, podendo contribuir de forma a ser aplicado sobre qualquer outro território, quer seja ele urbano ou rural.

“Fazendas históricas” vem sendo objeto de estudo em muitas pesquisas, mas por tratar-se de um campo bastante diversificado, merece ser ainda mais explorado. Embora nesta dissertação procurou-se levantar o maior número de edificações remanescentes no território das sete fazendas, sabe-se que ainda são necessárias muitas horas de levantamento de campo para realizar-se àquilo que se almejou no início pesquisa. Isto, infelizmente, não foi possível, devido ao tempo que foi-se esvaindo, e à grande quantidade de edificações que foram sendo reconhecidas, permitindo assim que novos estudos possam dar prosseguimento à este começado aqui...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Antonio Luiz Dias de. *Vale do Paraíba, Sistemas Construtivos*. Dissertação de Mestrado. Orientador: Benedito Lima de Toledo. 1984. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1984.

ANDRADE, Antonio Luiz Dias de. *Um Estado Completo Que Pode Jamais Ter Existido*. 1993. Tese de doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1993.

ANDRADE, Antonio Luiz Dias de. *Arquitetura Vernacular. Vale do Paraíba*.

ARANTES, Antonio Augusto (org.). *Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ARAÚJO, Emanuel (curador). *O café*. São Paulo, 2000. Catálogo de exposição, 28 ago. – 20 out. 2000, Praça do Banco Real. São Paulo: Hamburg Donnelley Gráfica e Editora, 2000.

ARGOLLO FERRÃO, André Munhoz de. *Técnica & Arquitetura: A evolução do espaço produtivo das fazendas de café de São Paulo condicionada à dinâmica de integração entre engenharia e arquitetura*. Orientador: Sylvio Barros Sawaya. 1998. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo. 2008.

ARGOLLO FERRÃO, André Munhoz de. *Colonos na Fazenda Ibicaba, empresários em Piracicaba: a evolução sócio-econômica de um grupo de imigrantes alemães (1850-1880)*. In: III Congresso Brasileiro de História Econômica [e] IV Conferência Internacional de História de Empresas, 1999, Curitiba, PR. Anais (em CD). Curitiba, PR: UFPR / Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica, 1999. p. 1-20.

ARGOLLO FERRÃO, André Munhoz de. *Arquitetura agrícola dentro do contexto das construções rurais*. In: FREIRE, W.J. & BERALDO, A.L. *Materiais alternativos e tecnologias apropriadas*. Campinas, Ed. Unicamp, 2003a.

ARGOLLO FERRÃO, André Munhoz de. O potencial turístico da arquitetura rural no Brasil. In.: FREIRE, W.J. & BERALDO, A.L. Materiais alternativos e tecnologias apropriadas. Campinas, Ed. Unicamp, 2003b.

ARGOLLO FERRÃO, André Munhoz de. *Arquitetura do Café*. Campinas, Ed. Unicamp. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004a. 295p.

ARGOLLO FERRÃO, André Munhoz de. *Arquitetura Rural dentro do contexto dos estudos sobre Patrimônio e Paisagens Culturais*. Barcelona [ESP]: ETSAB-UPC, 2004b. 29p. Relatório de Pesquisa de Pós Doutorado.

ARGOLLO FERRÃO, André M. de e SCARIATO, Juliana B. P. *Fazenda Ibiaba: a partir do café a imigração no Brasil*. II Seminário de história do café: história e historiografia. Itu, nov.2008.

BARROS, Gilberto Leite de. *A cidade e o planalto – Processo de Dominância da Cidade de São Paulo*. Tomo II. São Paulo: Martins, 1967.

BASSANEZI, Maria Silvia C. B. *Fazenda Santa Gertudes. Uma abordagem quantitativa das relações de trabalho, em uma propriedade rural paulista 1895-1930*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Rio Claro, 1973.

BASSINELO, Patrícia Zaczuk. *A estratégia dos clusters na viabilização do turismo rural – Uma experiência de fazendas históricas no Estado de São Paulo: Região de Limeira*. PUCC – Campinas.

BENICASA, Vladimir. *Velhas fazendas: arquitetura e cotidiano nos campos de Araraquara 1830-1930*. São Carlos: Ed UFSCar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003. 403 p.

BENICASA, Vladimir. *Fazendas paulistas: arquitetura rural no ciclo cafeeiro*. Orientadora: Maria Ângela Pereira de Castro e Silva Bortolucci. 2008. Tese (Doutorado em Teoria e história da arquitetura e do urbanismo). Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos – SP. 2008. Disponível em <http://www.teses.usp.br/>.

BEZERRA, Maria Cristina dos Santos. *De colonos a proprietários: a saga da formação do Bairro dos Pires*. Limeira: Sociedade Pró-Memória de Limeira, Unigráfica, 2002. 306p.

BIVAR, Antonio. *Yolanda*. São Paulo: A Girafa, 2004. 430 p.

BOTELHO, Cândida Maria de Arruda. *Fazendas paulistas do ciclo do café: 1756-1928*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BUSCH, Reynaldo Kuntz. *História de Limeira*. Limeira, Prefeitura Municipal, 1967.

BUSCH, Reynaldo Kuntz. *História de Limeira*. 3ª. Ed. Limeira-SP, Sociedade Pró-Memória de Limeira: Unigráfica, 2007. 402p.

CALMON, Pedro. *História social do Brasil: volume 2 – espírito da sociedade imperial*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

- CAMARGO, Haroldo Leitão. Patrimônio histórico e cultural. São Paulo: Aleph, 2002.
- CARRILHO, Marcos J. *As Fazendas de Café no Caminho Novo da Piedade*. São Paulo. Dissertação de mestrado. Orientador: Prof. Dr. Carlos Lemos. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1994.
- CARRILHO, Marcos J. *Fazendas de café oitocentistas no Vale do Paraíba*. vol.14, n. 001, São Paulo. Anais do Museu Paulista. São Paulo: Museu Paulista, jun. 2006. p.59-80.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: UNESP, 2001.
- CONSTANTINO, Norma Regina Truppel. *A construção da paisagem de fundos de vale: o caso de Bauru*. Tese de Doutorado. Orient. Profa. Dra. Maria Angela Faggin Pereira Leite. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – USP. São Paulo, 2005.
- DAVATZ, Thomas. *Memórias de um colono no Brasil*. São Paulo: Itatiaia-EDUSP, 1980.
- D’AVILA, Luiz Felipe. *Dona Veridiana*. São Paulo: A Girafa, 2004.
- DEAN, Warren. *Rio Claro: Um Sistema Brasileiro de Grande Lavoura 1820-1920*. Trad. Waldívnia Marchiori Portinho. Ed. Paz e Terra, 1977.
- DEGREAS, Helena Napoleon. *Paisagem e Proteção Ambiental: do Conceito ao Desenho*. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1991.
- FAMÍLIA LEVY: 140 anos – 1857-1997. Limeira, 1997. 46p.
- FAMÍLIA LEVY: 150 anos – 1857-2007. Limeira: Unigráfica, 2007. 120p.
- FERNANDES, Liliana Laganá. *Bairros Rurais do Município de Limeira*. Tese de Doutorado. Orientador: Prof. Dr. Pasquale Petrone. Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1972. Tombo: 119190 SBD – FFLCH –USP.
- FERNANDES, Rosalina Lemos. *Dos Barões do Café a Rio Claro Moderna: A contribuição dos Italianos*. Pignataro, Vol.4, 1988.
- FORJAZ, Djalma. *O Senador Vergueiro*. Sua vida e sua época (1778-1859). São Paulo: Oficinas do Diário Oficial, 1924.
- FRANÇA, Júnia Lessa. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. Colaboração: Maria Helena de Andrade Magalhães e Stella Maris Borges. 8ª. ed. ver. E ampl. por Júnia Lessa França e Ana Cristina de Vasconcellos. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.
- FREIRE, Cristina. Badalação zero. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 25 out. 2009. Caderno Mais, p.6.
- FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Fundo de cultura, 1961.

GONÇALVES, Fábio Mariz. *O Desenho da Paisagem – A relação entre os padrões de urbanização e o suporte físico*. Tese de Doutorado. Orient. Sílvio Soares Macedo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998. (texto)

GOYA, Cláudio Roberto y. *Desenho e Representação da Paisagem*. Tese de Doutorado. Orient. Dra. Élide Monzéglio. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999.

HEFLINGER JÚNIOR, José Eduardo; LEVY, Paulo Masuti. *O Senador Vergueiro e a imigração européia*. Caderno de Memórias. Limeira: Sociedade Pró-Memória de Limeira, 1999. 63p.

HEFLINGER JÚNIOR, José Eduardo; LEVY, Paulo Masuti; CANTALICE, Rommel Siqueira Campos (org.) *Recordações de Infância de Carlota Schmidt no Ibicaba*. Trad. português-alemão. Limeira, SP: Unigráfica, 2005. 153p.

HEFLINGER JÚNIOR, José Eduardo. *Ibicaba: O berço da colonização européia de cunho particular*. Tradução português-alemão. Limeira: Unigráfica, 2007. 198 p.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *As colônias de parceria*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (dir.) *História geral da civilização brasileira*. 3º. vol. São Paulo: DIFEL, 1967, Tomo II, p.245-260.

HÖRMEYER, Joseph. *O que Jorge conta sobre o Brasil*. Tradução de General Bertholdo Klinger. Rio de Janeiro: Presença, 1966.

HUTTER, Lucy Maffei. *Imigração Italiana em São Paulo (1880-1889). Os primeiros contactos do imigrante com o Brasil*. Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1972.

INVENTÁRIO de Proteção do Acervo Cultural de Minas Gerais (IPAC/MG). Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA/MG). 2005.

IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br>> .

ISNARD, Hildebert. *O Espaço Geográfico*. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.

KAMIDE, Edna Hiroe Miguita e PEREIRA, Terza Cristina Rodrigues Epitácio. *Patrimônio cultural paulista: CONDEPHAAT, bens tombados 1968-1998*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

KIDDER, D. P. e FLETCHER, J. C. *O Brasil e os brasileiros*. vol. 1 e 2. Tradução de Elias Dolianit. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

KOCH, Wilfried. *Dicionário dos estilos arquitetônicos*. Tradução de Neide Luzia de Rezende. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LAMBERG, Mauricio. *O Brazil*. Tradução de Luiz de Castro. Rio de Janeiro, 1896.

LAPA, José Roberto do Amaral. *A Economia Cafeeira*. 4ª. ed. Ed. Brasiliense. São Paulo, 1987.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão... (et al.). 5ª. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LEITE, Maria Angela Faggin Pereira. *Política Urbana x Política Ambiental 1964-1984*. Paisagem e Ambiente. Ensaios II. (texto)

LEITE, Maria Angela Faggin Pereira. *Análise Geossistêmica em Geografia como subsídio ao Planejamento Paisagístico*. Dissertação de Mestrado. Orient. Prof. Dr. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1983.

LEITE, Maria Angela Faggin Pereira. *O Território Imaginário*. (texto)

LEITE, Maria Angela Faggin Pereira. *Os Lugares Invisíveis*. Paisagem e Ambiente. Vol.11. São Paulo, dez 1998. p.99-107. (texto)

LEITE, Maria Angela Faggin Pereira. *Paisagem: Estudo Geográfico – Processo Metodológico*. (texto)

LENCIONI, Sandra. *Região e Geografia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. *São Paulo – Sua Arquitetura: Colônia e Império*. Desenhos de Renée Lefèvre. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1974.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. *Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. *História da Casa Brasileira*. São Paulo: Contexto, 1989.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. *Altenaria Burguesa*. 2ª. ed. São Paulo: Nobel, 1989.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. *Casa Paulista: história das moradias anteriores ao eclétismo trazido pelo café*. São Paulo: EDUSP, 1999.

MAGNOLI, Miranda Martinelli. *Paisagem: Pesquisa sobre o desenho do Espaço*. Paisagem e Ambiente. Ensaios I. (texto)

MAGNOLI, Miranda Martinelli. *Ambiente, Espaço, Paisagem*. Paisagem e Ambiente. Ensaios II. (texto)

MAGNOLI, Miranda Martinelli. *Recursos Humanos e Meio Ambiente*. Paisagem e Ambiente. Ensaios II. (texto)

MAGRI, Eloisa. *Arquitetura Rural Paulista do ciclo do café – Estudo de caso*. Trabalho de Graduação Interdisciplinar – TGI. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999.

MARTINS, Ana Luiza. *Império do Café. A grande lavoura no Brasil 1850-1890*. 13ª. ed. Maria Helena Simões Paes, Marly Rodrigues (coord.). São Paulo: Atual, 1990. (História em Documentos)

MARTINS, José de Souza. *O Cativo da Terra*. São Paulo: Hucitec, 1986.

- MELLO, João Manuel Cardoso de. *O Capitalismo Tardio*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MENDES, J. E. Teixeira. *Lavoura Cafeeira Paulista* (Velhas Fazendas do Município de Campinas). Instituto Agrônômico de Campinas, Seção de Café. São Paulo.
- MENDES SOBRINHO, O.T. *Planejamento da Fazenda de Café*. Secretaria da Agricultura. Imprensa Oficial do Estado. São Paulo, 1962.
- MILLIET, Sérgio. *Roteiro do café e outros ensaios*. 25^o. vol. São Paulo: Departamento de Cultura, 1941.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. *Meio ambiente e ciências humanas*. 4^a. ed. São Paulo: Annablume, 2005.
- MORAIS, Ludmila R. e CHECOLI, Suelene. *Análise de uma obra arquitetônica do século XIX: Fazenda Morro Azul*. (Texto). PUC-Campinas, SP. 1997.
- MÜLLER, Daniel Pedro. *Ensaio d'um Quadro Estatístico da Província de São Paulo*. São Paulo: Governo do Estado, 1978.
- PELLEGRINO, Paulo Renato Mesquita. *A ecologia da paisagem*. Cap. II. Tese de Doutorado – “Paisagens temáticas: Ambiente virtual”. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995. (texto)
- PEREIRA, Eduardo Carlos. *Núcleos coloniais e construções rurais*. São Paulo: Atrativa Indústria Gráfica, 2006. Patrocínio: Eletrobrás. Lei de Incentivo à Cultura, Ministério da Cultura.
- PIRES, Cornélio. *Conversas ao Pé do Fogo*. São Paulo: Imesp, edição fac-similar, 1987.
- PIRES, Fernando Tasso Fragoso. *Fazendas: as grandes casas rurais do Brasil*. Fotografias de Nicolas Sapiéha. Tradução para o inglês de Gregory Rabassa. Nova York: Abbeville Press, 1995.
- PUPO, Celso Maria de Mello. *Campinas, Seu Berço e Juventude*. Campinas: Academia Campinense de Letras, 1969.
- PUPO, Celso Maria de Mello. *Campinas, Município no Império*. São Paulo: Imesp, 1983.
- REDONDANO, Dynorah Cappi e outros. *Atlas municipal escolar*. 1^a.ed. Limeira, SP: Unigráfica, 2000.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- REVISTA DO DEPARTAMENTO NACIONAL DO CAFÉ. Rio de Janeiro: v.I, set. 1933.
- REVISTA LABOR & ENGENHO. *Patrimônio cultural – engenharia e arquitetura*. 1^a. ed. CMU- Publicações – GEPCEA – UNICAMP. Campinas, SP: Arte Escrita Editora, 2007.
- RIBEIRO, Rafael Winter. *Paisagem cultural e patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

ROCHA, Alexandre Luiz. *Fazenda Santa Gertrudes: modelo de produção cafeeira no Oeste Paulista. 1895-1930: Contribuição de Eduardo Prates à definição de novos parâmetros produtivos.* Orientador: Benedito Lima de Toledo. 2008. 451f. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ROZESTRATEN, Artur Simões. *Arquitetura Rural do Planalto Paulista – Fazendas de Açúcar e Café Séc. XVIII e XIX.* Iniciação Científica Programa CNPq/USP. Orientador: Prof. Dr. Júlio Roberto Katinsky. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1993.

ROZESTRATEN, Artur Simões. *Estudo sobre a Evolução do Maquinário de Benefício do Café no Estado de São Paulo no Século XIX e Início do Século XX.* Relatório Final de Iniciação Científica Programa CNPq/USP. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1994.

SABATÉ BEL, Joaquín. *Paisajes culturales y desarrollo local ¿ Alta costura o prêt a porter? Labor & Engenho: Patrimônio Cultural – Engenharia e Arquitetura.* Campinas: CMU –Publicações – Gepcea – Unicamp. Arte Escrita Editora, n.1, 2007.

SABATÉ BEL, Joaquín. *Paisajes culturales, consecuencia de la postmodernidad? II Seminari Internacional sobre Paisatge.* CUIMPB, 2004.

SAIA, Luis. *Morada Paulista.* Coleção Debates. São Paulo: Perspectiva, 1972.

SAIA, Luis. *Notas sobre a Arquitetura Rural Paulista do Segundo Século.* Revista do SPHAN, n.8, 1944.

SAIA, Luis. *Notas sobre a Evolução da Morada Paulista.* Revista Acrópole. São Paulo, 1957.

SAIA, Luis. *Notas Preliminares sobre a Fazenda Pau D’Alho.* Revista de História. São Paulo, 1975.

SAINT-HILAIRE. *Viagem à Província de São Paulo e Resumo das Viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai.* São Paulo: Martins, 1940.

SAINT-HILAIRE. *Segunda Viagem a São Paulo e Quadro Histórico da Província de São Paulo.* Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo. São Paulo, 1953.

SANDEVILLE JUNIOR, Euler. *A Herança da Paisagem.* Dissertação de Mestrado. Orient. Profa. Dra. Miranda Martinelli Magnoli. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1993.

SANTOS, Ademir Pereira dos. *Arquitetura Industrial: São José dos Campos.* São Paulo: A. P. Santos, 2006.

SAUER, Carl O. *A morfologia da paisagem.* In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

SCARIATO, Juliana Binotti Pereira. *Fazenda Morro Azul.* Texto desenvolvido para o Rotary Clube Morro Azul – Limeira. Limeira, 2003. 3p. (texto)

SCARIATO, Juliana Binotti Pereira; LIMA, André Luis; SANT'ANA, João Moreno. *O que é paisagem cultural?* Campinas, SP: UNICAMP, 2007. 13 p. (Artigo não publicado).

SCARIATO, Juliana Binotti Pereira. *Fazendas de café de Limeira e região e suas paisagens culturais*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL PATRIMÔNIO CULTURAL: SALVAGUARDIA Y GESTION, 7º., 2008, Habana, Cuba.

SCARIATO, Juliana Binotti Pereira. Fazenda Tatu. *Caderno de Memórias*. Limeira, n.3, p.59-63, out.2008.

SETUBAL, Maria Alice (coord). *Terra Paulista: Trajetórias contemporâneas*. São Paulo: CENPEC, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008. 188 p.

SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro. Turismo e Arqueologia. São Paulo: Aleph, 2005.

SCOTT, Ana Silvia Volpi. *As duas faces da imigração portuguesa para o Brasil* (décadas de 1820-1930). Paper apresentado ao Congresso de História Económica de Zaragoza, 2001. Sesión: Las Migraciones a America. Org. Vicente Pérez Moreda, Universidad Complutense e Blanca Sánchez Alonso, Universidade de São Paulo – Faculdade de Ciências Econômicas e Empresariais. 2000.

SIMONSEN, Roberto. *História Econômica do Brasil: 1500-1820*. 2ª. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1944.

SMITH, Herbert H. *A História do Café*. Cap. XVIII da obra “Brasil – The Amazons and the coast”, New York, 1879. Revista do Departamento Nacional do Café. Rio de Janeiro, 1940.

SOUZA, Saide Kahtouni Proost de. *Sistemas de engenharia como fatores de mutação ambiental e paisagística no Vale do Tietê*. Dissertação de Mestrado. Orient. Prof. Dr. Sílvio Soares Macedo. Vol. I. USP, 19-.

SPINDEL, Cheywa R. *Homens e Máquinas na Transição de uma Economia Cafeeira*. Prefácio de Paul Singer. Ed. Paz e Terra, 1980.

TOLEDO, Benedito Lima de. *São Paulo: três cidades em um século*. 4.ed. rev. São Paulo: Cosac Naify, Duas Cidades, 2007.192 p.

TOLEDO, Benedito Lima de. *O real corpo de engenheiros na Capitania de São Paulo, destacando-se a obra do Brigadeiro João da Costa Ferreira*. São Paulo: João Fortes Engenharia, 1981. (Tese de doutoramento – FAU-USP).

TOLEDO, Benedito Lima de. Sinfonia da metrópole. In: FARIA E SILVA, Rodrigo de (org.). *Inspiração: obra coletiva*. São Paulo: FS Editor, 2004. p. 9-21.

UNESCO. *Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention*. UNESCO, Paris, France, 1997. Disponível em: <http://whc.unesco.org/documents/publi_wh_papers_06_en.pdf>. Acesso em: 18 abril 2007.

UNESCO. *Cultural Landscapes: The Challenges of Conservation*. Shared Legacy, Common Responsibility. Associated Workshops, 11–12 November 2002, Ferrara, Italy. World Heritage papers

7. Paris, UNESCO World Heritage Centre. Disponível em: <http://whc.unesco.org/documents/publi_wh_papers_07_en.pdf> . Acesso em: 18 abril 2007.

UNESCO. *Conserving Cultural and Biological Diversity: The Role of Sacred Natural Sites and Cultural Landscapes*. by UNESCO Division of Ecological and Earth Sciences 1, Paris, France, 2005.

WITTER, José Sebastião. *Ibicaba, uma experiência pioneira*. 2^a. ed. ver. e ampl. São Paulo: Arquivo do Estado, 1982.

WITTER, José Sebastião. *A Revolta dos Parceiros*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

YÁZIGI, Eduardo. *Devaneio e Crítica – Preliminares ao Papel: da Fantasia na Paisagem*. Paisagem e Ambiente. Vol.12. São Paulo, dez 1999. p.253-287. (texto)

YÁZIGI, Eduardo. *A Fisiografia e sua Paisagem – Na Busca da Personalidade do Lugar*. Paisagem e Ambiente. Paisagem e Ambiente. Vol.11. São Paulo, dez 1998. p.71-98. (texto)

ZALUAR, A. Emílio. *Peregrinação pela província de São Paulo (1860-1861)*. Rio de Janeiro: Livraria B. L. Garnier.

Fonte das fotografias:

* Algumas fotos utilizadas nesta dissertação pertencem aos arquivos particulares dos seguintes pesquisadores, Maria José de Araújo Ribeiro, Mateus Rosada, Paulo Mazutti Levy e Vladimir Benincasa, aos quais a pesquisadora agradece.